

PUCRS

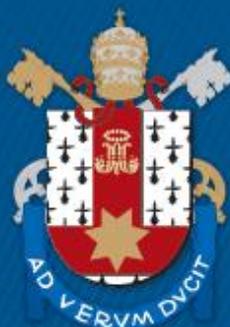
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

GUILHERME IGNÁCIO FRANCO DE ANDRADE

**DISPUTAS GERACIONAIS NO FRONT NATIONAL (RASSEMBLEMENT NATIONAL): A
MODERNIZAÇÃO REACIONÁRIA DE MARINE LE PEN (2007 – 2015)**

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES

GUILHERME IGNÁCIO FRANCO DE ANDRADE

**DISPUTAS GERACIONAIS NO FRONT NATIONAL (RASSEMBLEMENT
NATIONAL): A MODERNIZAÇÃO REACIONÁRIA DE MARINE LE PEN (2007 –
2015)**

Porto Alegre

2019

Ficha Catalográfica

F825d Franco de Andrade, Guilherme Ignácio

Disputas geracionais no Front National (Rassemblement National) : A modernização reacionária de Marine Le Pen (2007 – 2015) / Guilherme Ignácio Franco de Andrade . – 2019.

235.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Helder Volmar Gordim Da Silveira.

1. Extrema direita. 2. História do Tempo Presente. 3. Front National. 4. Rassemblement National. 5. França. I. Da Silveira, Helder Volmar Gordim. II. Título.

GUILHERME IGNÁCIO FRANCO DE ANDRADE

DISPUTAS GERACIONAIS NO FRONT NATIONAL (RASSEMBLEMENT NATIONAL): A MODERNIZAÇÃO REACIONÁRIA DE MARINE LE PEN (2007 – 2015)

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Helder Volmar Gordim Da Silveira

Porto Alegre

2019

GUILHERME IGNÁCIO FRANCO DE ANDRADE

DISPUTAS GERACIONAIS NO FRONT NATIONAL (RASSEMBLEMENT NATIONAL): A MODERNIZAÇÃO REACIONÁRIA DE MARINE LE PEN (2007 – 2015)

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Helder Volmar Gordim Da Silveira (PUC/RS) – Orientador

Prof. Dr. Gilberto Grassi Calil (UNIOESTE-PR)

Prof. Dr. Jefferson Rodriguez Barbosa (UNESP- Marília)

Prof. Dr. Antonio, de Ruggiero (PUC/RS)

Prof. Dr. Luciano Aronne, de Abreu (PUC/RS)

Porto Alegre

2019

À Diana, ao Linus, Júlio e Denis, com todo meu amor.

Quando se quer escrever a história de um partido político, deve-se enfrentar na realidade toda uma série de problemas muito menos simples do que aqueles imaginados, por exemplo, por Robert Michels, considerado um especialista no assunto. O que é a história de um partido? Será a mera narração da vida interna de uma organização política, de como ela nasce, dos primeiros grupos que a constituem, das polêmicas ideológicas através das quais se forma seu programa e sua concepção do mundo e da vida? Tratar-se-ia, nesse caso, da história de grupos intelectuais restritos e, em alguns casos, da biografia política de uma individualidade singular. Portanto, a moldura do quadro deverá ser mais ampla e abrangente. Será preciso escrever a história de uma determinada massa de homens que seguiu os iniciadores, sustentou-os com sua confiança, com sua lealdade, com sua disciplina, ou que os criticou "realisticamente", dispersando-se ou permanecendo passiva diante de algumas iniciativas. Mas será que esta massa é constituída apenas pelos adeptos do partido? Será suficiente acompanhar os congressos, as votações, etc., isto é, todo o conjunto de atividades e de modos de existência através dos quais uma massa de partido manifesta sua vontade? Evidentemente, será necessário levar em conta o grupo social do qual o partido é expressão e a parte mais avançada: ou seja, a história de um partido não poderá deixar de ser a história de um determinado grupo social. Mas este grupo não é isolado; tem amigos, afins, adversários, inimigos. Somente do quadro global em todo o conjunto social e estatal (e, frequentemente, também com interferências internacionais) é que resultará a história de um determinado partido; por isso, pode-se dizer que escrever a história de um determinado partido significa nada mais do que escrever a história geral de um país a partir de um ponto de vista monográfico, pondo em destaque um seu aspecto característico. Um partido terá maior ou menor significado e peso precisamente na medida em que sua atividade particular tiver maior ou menor peso na determinação da história de um país.

Desse modo, é a partir do modo de escrever a história de um partido que resulta o conceito que se tem sobre o que é um partido ou sobre o que ele deva ser. O sectário se exaltará com os pequenos fatos internos, que terão para ele um significado esotérico e o encherão de entusiasmo místico; o historiador, mesmo dando a cada coisa a importância que tem no quadro geral, acentuará sobretudo a eficiência real do partido, sua força determinante, positiva ou negativa, sua capacidade de contribuir para a criação de um acontecimento e também para impedir que outros acontecimentos se verificassem.

(Antonio Gramsci)

RESUMO

Investigamos, nessa tese, o processo de transformação do partido francês, Frente Nacional, a partir da aposentadoria política de Jean-Marie Le Pen e da ascensão de Marine Le Pen à presidência do partido. Durante a pesquisa, procuramos evidenciar o processo de nascimento dos movimentos de extrema direita na França, bem como pudemos investigar como se deu o desenvolvimento do projeto fascista na França, que durou quase três décadas para se concretizar e se unificar através de uma legenda política, a Frente Nacional. Os diversos grupos apresentados no percurso de nossa pesquisa nos dão evidências suficientes para acreditar no projeto fascista francês enquanto movimento articulado por parcelas da pequena burguesia e da classe média, assim como foi demonstrado por outros pesquisadores entre esses grupos específicos e o movimento fascista. Em nossa tese, o objetivo principal foi investigar a transição política do partido Frente Nacional e as mudanças em seu programa político, liderado por Marine Le Pen e apoiado pelos militantes mais jovens do partido. Para entendermos o período atual em que se encontra a Frente Nacional, investigamos o processo de construção do partido e os diferentes programas políticos criados ao longo de sua existência. Assim, conseguimos analisar, comparativamente, os diferentes projetos inseridos em suas condições concretas e históricas, visto que o partido, ao longo dos seus 40 anos, apresenta posições extremamente antagônicas em relação a outros partidos ou movimentos fascistas. A “nova” Frente Nacional, conforme elaboramos como tema de análise principal, nos demonstra que o partido, durante sua atividade política, sempre se preocupou em ser uma alternativa ao capitalismo e ao socialismo, ainda que nunca tenha rompido com as relações capitalistas ou acabado com a luta de classes. A Frente Nacional teve sempre como questão principal a defesa dos interesses dos pequenos burgueses, da classe média e dos profissionais liberais, ainda que nessa trajetória tenha defendido o ultraliberalismo e as privatizações e se inserido na defesa do avanço neoliberal na França, postura modificada na atualidade, como vimos em nossa pesquisa. Ao analisar a Frente Nacional, chegamos à conclusão de que, no nível discursivo, se tornou mais sensível aos problemas sociais e tentou se aproximar dos trabalhadores, reelaborando todo seu discurso para mascarar seu projeto político.

Palavras-chave: Frente Nacional; Marine Le Pen; fascismo; França; História do Tempo Presente.

RESUMÉ

Ce travail résulte d'une étude sur le processus de transformation du Front National, parti politique français, à partir de la retraite politique de Jean-Marie Le Pen et de la montée de Marine Le Pen à la présidence du parti. Au cours de cette recherche, nous avons identifié le processus de naissance des mouvements d'extrême droite en France. Nous avons examiné comment s'est développé le projet fasciste en France, qui a pris près de trois décennies pour devenir, par l'intermédiaire d'une légende politique, le Front National. Les différents groupes présentés dans le cadre de notre recherche nous ont fournis des preuves suffisantes pour considérer le projet fasciste français comme un mouvement articulé par des membres de la petite bourgeoisie et de la classe moyenne, en alliance avec le propre mouvement fasciste comme cela a été démontré par d'autres chercheurs. Dans ce travail, l'objectif principal a été d'étudier la transition politique du Front National et les changements de son programme, dirigé par Marine Le Pen et soutenue par les militants les plus jeunes du parti. Pour comprendre la période actuelle dans laquelle se trouve le Front National, nous avons étudié le processus de construction du parti et les différents programmes politiques qui ont été créés tout au long de son existence. Ainsi, nous avons pu analyser comparativement les différents projets dans leurs conditions historiques concrètes, qui se sont succédés dans un parti qui, durant 40 ans, présente des positions extrêmement antagonistes par rapport aux autres partis ou mouvements fascistes. Le nouveau Front National, au centre de ce travail, se révèle être un parti qui, au cours de son activité politique, est toujours soucieux de représenter une alternative au capitalisme et au socialisme même s'il n'a jamais proposé de rupture avec les relations capitalistes ou mettre fin à la lutte des classes. Le Front National, en ce qui concerne son histoire, a toujours privilégié les intérêts de la petite bourgeoisie, de la classe moyenne et des professions libérales. Ainsi le parti a, par le passé, défendu l'ultralibéralisme, les privatisations et a défendu le néolibéralisme en France, posture qui a désormais changé comme nous l'avons identifié. En analysant le Front National, nous concluons que, dans le discours, le Front National est devenu plus sensible aux problèmes sociaux et a essayé de s'approcher des travailleurs. Le parti a retravaillé tout son discours pour masquer son projet politique.

Mots-clés: Front National; Marine Le Pen; fascisme; France; Histoire du Temps Présent.

ABSTRACT

In this study, we have focused on the process of transformation regarding the French party

Front National, from the political retirement of Jean-Marie Le Pen to the rise of Marine Le Pen to the leadership of that group. During the research, we have tried to explain how far-right movements emerged in France. Our investigation shows how the fascist project developed in the next three decades after the WW II until its outcome and final unification under a political label, that is, the Front National. The great number of political groups we have dealt with in the course of our work allow us to believe that the French fascism project while articulate movement by minority sharing of the small bourgeoisie and the middle class, as showed by other researchers this relation between this specific groups and the fascism movement. In this study, our main goal is to discuss the political transition regarding the Front National and the changes noted in the political program of that party under the leadership of Marine Le Pen, who has counted on the support offered by the youngest militants of the party. In order to understand the current Front National, we tried to outline the process concerning the formation of that political party, as well as many political projects that existed during FN's lifetime. Therefore, we could take different projects into comparison among each other, considering the concrete historical conditions marked by extremely different viewpoints inside the party itself along its 40 years of existence, unlike other fascist movements and parties. The new Front National aims, according to our elaboration as main analyzed theme, to place itself as an alternative for both capitalism and socialism, though their political leaders never really tried to break up with capitalism relationships or to put an end to class struggles. Concerning FN's historical principles, it can be said that the party's main issue was to defend the interests of the wealthy, the middle class and liberal professional workers in French society. Because of that, they have long been supporting ultra-liberal solutions, such as privatization, putting themselves in favor of neoliberal advance in France. Nevertheless, over the last few years that attitude has undergone a notable change, as we point out in our work. To sum up, we conclude that the party, in an ideological sense, has never given up its Nazi-fascists convictions; despite that, it is possible to note that the Front National, in the discursive level, has become more sensitive to social issue. That explains why in recent times the party have turned to the working class. Although FN's has kept xenophobic and racist convictions, party leaders reformulated their political agenda in order to mask the political project.

Keywords: Front National; Marine Le Pen; fascism; France; History of Present Time.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Símbolo do MSI	29
Figura 2. Símbolo do FN.....	29
Figura 3. Nationaldemokratische Partei Deutschlands	35
Figura 4. Aurora Dourada	48
Figura 5. Waffen-SS	49
Figura 6. Ação Francesa	81
Figura 7. Os marinistas que querem todo o poder	140
Figura 8. Alexander Gabriac – saudação nazista	144
Figura 9. Reportagem <i>Paris Match</i>	145
Figura 10. Marion Marechal Le Pen com neonazistas.....	145
Figura 11. Marine Le Pen em Lyon.....	146
Figura 12. Resultados do primeiro turno das eleições francesas	160

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FEN	Fédération des Etudiants Nationalistes (Federação dos Estudantes Nacionalistas)
FN	Front National (Frente Nacional)
FNJ	Front National de la Jeunesse (Frente Nacional da Juventude)
JN	Jeune Nation (Jovem Nação)
LR	Les Républicanes (Os Republicanos)
MJL	Mouvement pour la Justice et Liberté (Movimento pela Justiça e Liberdade)
MNR	Mouvement National Républicain (Movimento Nacional Republicano)
MSI	Movimento Social Italiano
NPD	Partido Nacional-Democrático da Alemanha
NR	Nacionalismo Revolucionário
OAS	Organisation Armée Secrète (Organização Armada Secreta)
PCF	Parti Communiste Français (Partido Comunista Francês)
PCI	Partito Comunista d'Italia (Partido Comunista Italiano)
PFN	Parti Forces Nouvelles (Partido das Forças Novas)
PS	Parti Socialiste (Partido Socialista)
PSF	Parti Social Français (Partido Social Francês)
RBM	Rassemblement Bleu Marine (Reunião Azul Marine)
RI	Républicains Indépendants (Republicanos Independentes)
RPR	Rassemblement pour la République (União dos Democratas pela República)
TSM	Tout sauf Mégret (Tudo menos Mégret)
UDCA	Union de Défense des Commerçants et Artisans (União de Defesa dos Comerciantes e Artesãos.)
UDF	Union pour la Démocratie Française (União pela Democracia Francesa)
UE	União Europeia
UMP	Union por un Mouvement Populaire (União por um Movimento Popular)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FASCISMO E EXTREMA DIREITA.....	19
1.1 A relação entre o fascismo e a extrema direita	28
1.2 As direitas, o nacionalismo e a xenofobia	40
1.2.1 Extrema direita	40
1.2.2 Direita populista, nacionalismo e direita nacionalista	51
1.2.3 Direita populista	51
1.2.4 Nacionalismo.....	54
1.2.5 A direita nacionalista e a xenofobia.....	59
1.3 Considerações sobre os estudos de partidos políticos	65
2. JEAN-MARIE LE PEN (1972-2002).....	79
2.1 A extrema direita no pós-guerra.....	80
2.2 A formação do Front National	88
2.3 A formação do Front National e a política de Jean-Marie Le Pen	95
2.4 A imigração como projeto central do Front National	100
2.5 Os projetos políticos e seus conflitos	105
2.6 A trajetória do Front National (1972-1998).....	121
3. MARINE LE PEN E O “NOVO” FRONT NATIONAL.....	129
3.1 Ascensão à liderança do partido	130
3.2 Campanha política e eleições de 2012-2014	148
3.3 As eleições de 2012 e 2014.....	158
4. DIFERENÇAS IDEOLÓGICAS DO FRONT NATIONAL	175
4.1 A ideologia de Jean-Marie Le Pen	177
4.1.1 A imigração como problema social e político	178
4.1.2 Outros aspectos ideológicos do período de Jean-Marie Le Pen	188
4.2 A ideologia de Marine Le Pen	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS	206
FONTES.....	215
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	221

INTRODUÇÃO

Caros compatriotas. Por duas décadas a esquerda e a direita alternaram o poder entre eles. E eles disseram tudo e prometeram tudo. Eles não fizeram nada e falharam... Mulheres e homens do Front National, eu quero devolver à França sua vitalidade e seu poder, e para o povo seu orgulho e sua prosperidade. Eu acredito na França.

(Front National, discurso de campanha para as eleições legislativas de 1997)

No dia 02 de setembro de 1945, quando foi anunciado o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo finalmente retornaria ao seu estado de paz. Os efeitos devastadores dessa guerra ainda continuam na memória dos sobreviventes e das pessoas que sofreram as consequências do maior conflito armado já visto em nossa história. A Segunda Guerra Mundial é, com certeza, a maior tragédia histórica que conhecemos até agora. Neste conflito, mais de 50 milhões de pessoas morreram e outras milhões padeceram de traumas profundos, tanto físicos como psicológicos; famílias foram dizimadas, crianças ficaram órfãs, sem falar nos milhões de sobreviventes que presenciaram os regimes mais cruéis da história da humanidade, os regimes fascistas.

Em 2002, na França, Jean-Marie Le Pen, presidente do Front National, avançou ao segundo turno das eleições presidenciais. Quase 70 anos após o final da Segunda Guerra Mundial, vemos novamente um político racista, homofóbico, ultranacionalista e antisemita ganhando destaque no cenário político. Ironicamente, em um país como a França — mundialmente conhecida por suas posições progressistas e pelas instituições democráticas fortemente estabelecidas —, a extrema direita deixa sua primeira marca em uma eleição democrática. Mais irônico ainda é ver a extrema direita se fortalecendo em um país que lutou contra a opressão nazista e sentiu a trucidância do período de ocupação nazista em território francês, durante o governo de Vichy. Talvez a história não nos sirva de alerta para evitarmos os mesmos erros do passado, talvez ela sirva para comprovar que a humanidade não se reconhece na sua própria história.

O marco das eleições de 2002, de Jean-Marie Le Pen, criou uma nova

demanda por estudos sobre a extrema direita. Incapazes de responder durante os acontecimentos, pesquisadores se debruçariam para compreender o “retorno” dos movimentos de extrema direita. O que podemos perceber através das centenas de estudos é que a extrema direita sempre esteve presente nas sociedades ocidentais; mesmo marginalizada, ela estava ali, apenas aguardando o momento de retornar. Após os pesquisadores iniciarem seus estudos sobre os movimentos extremistas, rapidamente localizaram partidos de extrema direita em quase todos os países europeus, bem como perceberam que esses pequenos partidos também apresentavam crescimentos substanciais desde a queda do muro de Berlim.

Passados dez anos da eleição que colocou o FN no mapa político francês, novamente vimos a filha de Jean-Marie, Marine Le Pen, avançar para o segundo turno das eleições presidenciais, em 2012 e em 2017. Assustados, os partidos tradicionais franceses não sabem o que fazer para evitar uma possível eleição de Marine Le Pen em 2022. Pensávamos que seria improvável a eleição de um extremista ao cargo de presidente de uma nação democrática ocidental. Porém, em dois anos, vimos grupos extremistas ascenderem ao cenário político, nos Estados Unidos da América e no Brasil, representados, respectivamente, por Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro, algo que até pouco tempo atrás seria inimaginável.

Enquanto sociedade, fica a pergunta — como chegamos nesse nível? A resposta não é óbvia nem fácil. Considerando nosso objeto de estudo, localizado na França, podemos dizer que o FN tem trabalhado arduamente para se transformar em um partido bem-sucedido, hoje um dos principais partidos da política francesa. Desde que Marine Le Pen assumiu as rédeas do FN, em 2011, ele tem sido bem-sucedido eleitoralmente.

Em primeiro lugar, em termos de opinião pública, Marine Le Pen conseguiu transformar a imagem do partido, e parte significativa do eleitorado francês se transferiu para o FN. Hoje, 25% dos eleitores declaram seu voto e apoio a Marine Le Pen. Embora esse sucesso seja notável, eleitoralmente o FN ainda não alcançou a representatividade política, em números de cargos políticos, para dar prosseguimento ao seu projeto de poder. Certamente, 25% do voto popular é impressionante, mas, exceto nas eleições europeias e regionais, esse sucesso eleitoral não se traduziu em representação.

Em termos de número de deputados, em qualquer nível, o FN estava em sexto lugar na França até agosto de 2015, demonstrando que mantém uma força política

pequena. Em termos políticos, o partido foi efetivo em cidades pequenas do interior e em algumas cidades médias. Portanto, ainda falta uma vitória emblemática do partido em uma cidade importante.

Independentemente ou não das vitórias simbólicas do partido, temos que ficar atentos à sua constante evolução e perguntar o que tem feito com que parte da população vote em um partido extremista. Sabemos que a crise econômica que atingiu a Europa e a crise de imigração são fatores importantes para o crescimento do FN, mas só eles não explicam o apoio em uma política xenófoba, racista e islamofóbica. Mesmo a descrença nos partidos tradicionais e na democracia representativa não é suficiente para pensarmos como o conservadorismo e o extremismo têm avançado rapidamente entre as camadas jovens.

O objetivo dessa tese foi tentar compreender como foi possível um partido marginalizado ter uma ascensão tão rápida, em duas eleições presidenciais seguidas (2012 e 2017), e avançar ao segundo turno. Da mesma forma, parte dos brasileiros tem olhado para as eleições de 2018 sem compreender a vitória de Jair Bolsonaro e a multiplicação de políticos eleitos do até então inexpressivo PSL.

O objetivo do nosso estudo foi tentar entender como o FN de Marine Le Pen conseguiu emplacar um sucesso eleitoral, depois de ter amargado 40 e poucos anos de profunda marginalidade, ou seja, um partido que sempre foi relacionado à xenofobia e ao racismo conseguiu cooptar muitos jovens na França. Procuramos entender tal crescimento a partir do processo de “desdiabolização”¹ do partido, aprofundado por Marine Le Pen, e considerando as diferenças geracionais que envolvem a velha guarda do FN e a nova geração de militantes.

Para o desenvolvimento da tese, foi necessário fazer um recorte temporal, a fim de analisarmos as supostas mudanças ideológicas do FN e também como poderíamos comparar os diferentes projetos políticos. Como melhor forma de comparação, fizemos um balanço sobre a história institucional do partido, como se deu sua formação, quais suas características no período de sua fundação, quais eram seus elementos, qual era sua ideologia e as condições determinantes que favoreceram seu surgimento.

A tese ficou estruturada em 4 partes: (1) uma revisão conceitual sobre o fascismo e a extrema direita; (2) uma revisão historiográfica sobre a extrema direita

¹ A “desdiabolização” é um termo utilizado pela mídia e pela academia francesa, para tratar o processo de transformação do partido, após ascensão de Marine Le Pen.

no pós-Segunda Guerra Mundial na França e a formação do Front National; (3) a ascensão de Marine Le Pen; e (4) uma análise comparativa entre Jean-Marie Le Pen e Marine Le Pen e seus conflitos geracionais.

No primeiro capítulo, discutimos como nasceram as primeiras pesquisas sobre o nazismo e o fascismo, logo após o final da Segunda Guerra Mundial, com o intuito de compreender esses movimentos de massa. A partir desses primeiros trabalhos, o estudo sobre os movimentos extremistas começou a crescer e a se expandir em várias correntes e formas de conceituação. Portanto, no início da tese, procuramos fazer uma revisão conceitual sobre o tema tratado e determinamos em qual aparato teórico iríamos nos apoiar para enquadrar o Front National.

No segundo capítulo, focamos nos processos históricos que colaboraram com a formação de um pensamento extremista de direita na França, quais suas raízes e motivações políticas, quais grupos influenciaram a criação do FN. Neste sentido, procuramos demonstrar como o FN é resultado de uma unificação de diversos grupos ideologicamente alinhados ao pensamento da extrema direita. Segundo Gramsci, os partidos políticos, assim como os movimentos sociais, não surgem do nada, eles são resultado de uma vontade coletiva de classe. Portanto, demonstramos que o FN resulta disso, ou seja, ele resulta de mais de duas décadas de esforços dos movimentos extremistas, que fracassaram no pós-Segunda Guerra Mundial até 1972, quando foi fundado o partido. Neste mesmo capítulo discutimos as condições de fundação do FN e seus principais articuladores e militantes, bem como fizemos um balanço da sua história institucional e de suas primeiras tentativas eleitorais.

No terceiro capítulo, discutimos a ascensão de Marine Le Pen à vida política, como foi sua trajetória até ingressar no partido de seu pai, seu processo de amadurecimento político e seu primeiro contato com o processo eleitoral, quando articulou a campanha do pai para a eleição presidencial. Também exploramos o processo eleitoral que colocou Marine Le Pen à frente da presidência do FN e seu projeto de desdiabolização. Tal processo debate as principais mudanças implementadas por ela. No entanto, nossa maior motivação foi focar no processo de transformação do partido, visto que, desde que ascendeu ao poder, o FN se tornou um dos maiores partidos da França. Neste sentido, tinha várias perguntas a responder sobre esse processo de remodelação.

Quais mudanças ideológicas o FN fez após Marine Le Pen assumir a presidência do partido, em 2011? Essa é a pergunta que procuramos responder em

nossa tese, se realmente existe uma ruptura entre a ideologia que fundou o FN e o processo de reformulação liderado por Marine Le Pen. Através dos programas políticos do partido, e da análise textual qualitativa de outros documentos e pesquisas relacionadas ao FN, conseguimos concluir que tem havido pouca mudança na ideologia e no programa do FN entre Jean-Marie Le Pen e Marine Le Pen. Em mais detalhes, avaliamos o grau em que há continuidade ou mudança efetiva em seu projeto de poder.

O FN era e continua sendo o protótipo do partido fascista, continua sendo um partido com chavões simplistas, apoiado nos sentimentos nacionalistas, anti-imigrantes e *anti-establishment*. Como tal, retrata a sociedade francesa contaminada por influências estrangeiras e governada por elites corruptas que adotam políticas governamentais frouxas na área de segurança pública. O FN incorpora esses vícios em uma visão de mundo etnocêntrica que apresenta o argumento de que a nação deve ser reservada principalmente para um certo tipo de pessoas — aquelas que compartilham a mesma etnia, história, religião e identidade.

A única grande mudança no programa de Marine Le Pen é um maior alinhamento para programas assistencialistas e pautas de cunho popular em questões econômicas; no rescaldo da sua eleição para a presidência do partido, o FN tornou-se um partido essencialmente nacionalista e “assistencialista”.² Usando as estratégias de defesa da identidade francesa e do nacionalismo, sobretudo criticando a elite burguesa francesa (embora Jean-Marie também defendesse essas questões), Marine Le Pen tentou apelar para os trabalhadores e indivíduos de classe média, círculos eleitorais que, indiscutivelmente, sofrem mais com a globalização econômica e com o sistema econômico mundial de livre mercado. Provavelmente ainda mais importante: houve uma mudança na forma e na retórica que o FN usa para transmitir sua mensagem e avançar em suas posições. Ao contrário do antigo FN, o novo FN usa linguagem aceitável, condena o antissemitismo e situa suas declarações dentro de um discurso republicano. Essa mudança é particularmente visível no nível de liderança.

Por último, em nosso quarto capítulo, nos dedicamos a uma análise comparativa entre Jean-Marie Le Pen e Marine Le Pen — seus estilos de liderança, as elites partidárias ao seu redor e suas relações com a mídia. Analisando

² Cf. Ivaldi, 2015.

principalmente a literatura secundária, bem como algumas fontes primárias, encontro novamente mais continuidade do que mudança na forma como os dois presidentes executaram o FN.

Ambos são líderes carismáticos que criaram um culto à personalidade em torno de seus nomes e governaram o FN com mãos de ferro. A liderança interna do partido sempre consistiu em membros da família e seguidores fiéis dos líderes. Indivíduos que representaram um perigo para o poder absoluto dos líderes ou não seguiram a linha oficial do partido foram expulsos. No entanto, ao contrário de seu pai, e de acordo com a reorientação retórica do partido, Marine Le Pen se descreve como uma líder moderada que não apenas usa linguagem moderada, mas também tenta criar listas eleitorais inclusivas, expandindo o partido e procurando aliados dentro das universidades e na mídia, ou seja, procurando simpatizantes com alto grau de escolaridade que contribuam para a profissionalização do partido.

Na verdade, essas estratégias se assemelham àquelas adotadas por Jean-Marie Le Pen na década de 1980, quando ele tentou construir um FN mais convencional e moderado. No entanto, ele abandonou essa ideia na década de 1990. Além das diferenças de retórica entre os dois líderes, a diferença mais importante entre Jean-Marie Le Pen e Marine Le Pen é a relação deles com a mídia. Ainda que o FN tenha se tornado um partido político dominante nos anos 1990, em parte, graças à mídia, Jean-Marie Le Pen sempre teve um relacionamento tenso com esse meio de comunicação, para dizer o mínimo.

Ele sempre percebeu seu partido como uma vítima da propaganda da mídia anti-FN. No entanto, ele também alimentou essa imagem negativa usando a mídia para suas provocações e declarações antissemitas. Em contraste, Marine Le Pen normalizou seu relacionamento com a mídia. Vista como uma mulher jovem e dinâmica, ela é uma das favoritas da mídia, sendo regularmente convidada para aparecer em *talk shows*, programas políticos e noticiários.

Essas mudanças no programa partidário e no estilo de liderança, embora pareçam de menor importância, atraem possíveis apoiadores, já que o partido conseguiu aumentar significativamente sua base de membros e de apoio eleitoral.

Essa nova “roupagem” do FN faz com que o partido atraia principalmente os militantes mais jovens. Historicamente, o FN era composto de um grupo de velhos e tradicionais homens de direita, e de membros com uma ideologia decididamente de extrema direita, como os neonazistas e neofascistas. Porém, hoje seus membros

mudaram, de modo que o partido não consiste mais exclusivamente de membros com uma longa tradição familiar de ativismo e indivíduos com pouca instrução, que não conseguem mais lidar com os problemas da modernização. Ao contrário, o FN mobilizou e recrutou para suas fileiras indivíduos de todas as idades, classes sociais e origens. Em vez de apelar para um grupo definido, Marine Le Pen encontra seguidores entre os trabalhadores, os membros educados e insatisfeitos da direita moderada, indivíduos que tiveram experiências negativas com os imigrantes e membros da sociedade francesa que se tornaram mais conservadores ou de direita.

Esses grupos formam uma comunidade bastante próxima ao FN. No entanto, o partido também é composto de membros que preferem manter seu envolvimento em segredo para não enfrentarem alguma discriminação social. Isso demonstra que, apesar de todos os esforços de Marine Le Pen para fazer do FN um partido aceitável, ele ainda tem muita rejeição.

O foco renovado do FN nas classes médias e baixas deu certo; em 2012, a maior parcela de votos destinados ao FN resultou de indivíduos com baixa escolaridade, trabalhadores e indivíduos insatisfeitos com a forma como a democracia funciona na França. Além desses grupos, o FN de Marine Le Pen fez algumas incursões entre os eleitores mais jovens e fortaleceu a base de eleitores no campo. Apesar desses ganhos, o eleitorado do FN ainda está bastante restrito a grupos específicos, o que demonstra que ele não se tornou um partido popular.

1. FASCISMO E EXTREMA DIREITA

Neste capítulo, pretendemos discutir a construção dos conceitos desenvolvidos pelas literaturas, tanto da ciência política quanto da história, sobre os movimentos extremistas, bem como quais seriam as principais discussões e caracterizações dos partidos de extrema direita. Como o campo de pesquisa é muito amplo e existem diversas categorias e formas de analisar esses partidos e sua atuação política, é necessário caminharmos nessa direção, para compreender as discussões que permeiam o objeto de pesquisa deste trabalho, o Front National (FN).

Embora esse campo de pesquisa seja extremamente debatido na academia, não existe consenso entre os diversos pesquisadores em definir uma categoria de análise suficiente para agrupar esses partidos. Por ser um objeto de estudo atual e em constante transformação e ressignificação, localizado dentro da perspectiva historiográfica — chamada história do tempo presente ou história imediata —, ele é bastante extenso e controverso.

Segundo Jean-Yves Camus, podemos compreender o aparecimento da extrema direita no século XX através de “três ondas” históricas.³ Partimos então da “primeira onda” histórica, que é o início dos movimentos extremistas e a consolidação do seu modelo, através de sua implantação nos regimes nazifascistas na década de 1930. A “segunda onda” corresponde aos movimentos neofascistas que procuram se reorganizar na Europa durante a Guerra Fria, principalmente na França, Espanha, Portugal e Itália. Além dos movimentos neofascistas e negacionistas surgidos na Europa na década de 1960, as ditaduras em Portugal e Espanha, que pertenciam à primeira onda da extrema direita, remodelaram-se e serviram de exemplo para inspirar alguns grupos da segunda onda. Em ambos os países, a transformação do modelo de governo se afastou um pouco da ideologia do fascismo clássico, como o abandono do corporativismo e das questões raciais. Ambos os governos tentavam legitimar seus governos autoritários, com base na defesa nacional, bem como conter o avanço do

³ CAMUS, J-Y. Metamorfoses políticas na Europa. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 01/05/2002. Disponível em: <<http://diplo.org.br/2002-05,a299>>. Acesso em: 10/05/11.

comunismo na Europa, característica que também marcava os movimentos de extrema direita em outros países europeus — na França, através dos grupos *Jeune Nation*⁴ (JN) e *Fédération des Etudiants Nationalistes*⁵ (FEN); na Itália, através do Movimento Social Italiano (MSI).⁶

A “terceira onda” dos partidos extremistas corresponde ao momento em que realmente voltam a ter espaço político, o que acontece durante a década de 1980, quando os partidos de extrema direita passam a assumir um projeto econômico ultraliberal, protestando contra a imigração africana e asiática na Europa, assumindo uma postura de defesa “cultural”, de cunho xenófobo e nacionalista.

Os estudos sobre a extrema direita estão diretamente ligados ao estudo clássico do fascismo, podendo ser considerados uma variação moderna do mesmo. E as variações conceituais que existem sobre esses partidos podem ser vistas de diferentes prismas. Podemos verificar aproximadamente quatro correntes de pensamento dominantes, ou mais utilizadas, que pesquisaram sobre o tema desde 1950 até o tempo presente, sendo elas: a escola marxista; a ciência política, surgida na década de 1960; um grupo chamado de “teoria da modernização”; e a “nova história política”, surgida na década de 1990, com René Rémond⁷ e outros pesquisadores que ingressaram nesse campo de pesquisa a partir do século XXI.

A corrente marxista busca interpretar o fascismo como um agente a serviço da burguesia nacional e internacional — dependendo das particularidades de cada país

⁴ Jovem Nação.

⁵ Federação dos Estudantes Nacionalistas. A FEN surgiu no meio universitário durante os anos da Guerra da Argélia. Ela era ultranacionalista, racista, xenófoba, antissemita e antiliberal. Seu objetivo principal durante o conflito argelino era conseguir disseminar o seu programa antidemocrático no meio universitário. Ela foi fundada por estudantes da Universidade de Sorbonne, que se colocavam enquanto “vanguarda”. O objetivo da FEN era desenvolver um projeto político para a extrema direita. Os fundadores da FEN utilizavam os pseudônimos de François d’Orcival e Fabrice Laroche para assinar os textos produzidos por Amaury de Chaunac-Lanzac e Alain de Benoist, respectivamente. Sua criação aparentemente foi uma resposta dos estudantes conservadores à crescente vertente dos marxistas na academia francesa e dos movimentos estudantis, em particular a *Union Nationale des Étudiants de France* (UNEF).

⁶ O MSI surgiu no cenário político italiano logo após a Segunda Guerra Mundial, fornecendo, anos adiante, corpo à *Alleanza Nazionale*. As duas agremiações, com trajetória em comum, auxiliam a compreender o processo e possibilidade de definição conceitual de neofascismo. Criado inicialmente a partir dos quadros do *Partito Nazionale Fascista* e da própria burocracia do regime fascista italiano, o MSI buscava arregimentar o capital político e mobilização fascista após a queda do fascismo, mantendo alguns de seus referenciais e postulando a herança fascista de modo explícito. Cf. MARCHI, Riccardo. Movimento Sociale Italiano, Alleanza Nazionale, Popolo della Liberta: do neofascismo ao pós-fascismo em Itália. *Análise Social*, v. XLVI (201), 2011, p. 697-717.

⁷ MUDDE, Cas. The War of Words: Defining the Extreme Right Party Family. *West European Politics*, v. 19, iss. 2, 1996, p. 240.

—, trabalhando de forma virulenta para a manutenção do sistema capitalista e dominação burguesa dos meios de produção. Tal corrente também trabalha com a visão de que os movimentos de extrema direita seriam uma alternativa reacionária à defesa do imperialismo em caso de tentativas de revoluções socialistas, como última opção para garantir a dominação do sistema político.⁸ Inicialmente para a corrente marxista tradicional, os novos partidos que surgiriam no pós-guerra seriam tanto uma reação da direita às disputas geradas pela Guerra Fria, como a linha de frente em um possível combate ao avanço do comunismo. Muito embora os marxistas modernos já possuam outra perspectiva no que diz respeito à extrema direita, seria uma forma intermediária entre a direita tradicional e o fascismo. A diferença entre a direita e a extrema direita seria a intensidade com que ambas trabalhariam sua ideologia e sua linha discursiva, visto que a direita tradicional já estaria estabelecida politicamente, com base eleitoral consolidada, diferente da extrema direita, que tem a necessidade de alcançar um nicho eleitoral. Por essa questão, a extrema direita tem que ser mais agressiva na sua retórica, principalmente nas suas críticas ao liberalismo econômico — embora defenda o capitalismo em sua forma atual —, em defesa dos valores morais conservadores. Outra diferença seria o combate ao comunismo, pois, ao passo que a direita tradicional não precisa carregar a bandeira do anticomunismo, a extrema direita precisa ter isso em sua pauta política.

O segundo grupo de análise desses movimentos localiza-se dentro do campo das ciências políticas e surgiu na Alemanha durante a segunda metade do século XX.⁹ Os cientistas políticos que integravam tal grupo desenvolveram um conceito — chamado “teorias extremistas” — para investigar aqueles movimentos. Além disso, eles definiam os partidos de extrema direita como uma antítese à democracia; nessa classificação, categorizavam tanto extrema direita quanto extrema esquerda como partidos antissistêmicos.¹⁰ Tal análise, segundo Betz, apresenta diversos problemas interpretativos, sobretudo porque tenta homogeneizar partidos de extrema direita e extrema esquerda como constituintes de uma polarização política.¹¹

⁸ Ibidem, p. 241.

⁹ Podemos citar, como responsáveis por essa corrente científica, autores como: Uwe Backes (1992), Jesse Eckhard (1989), Gunter Bartsch (1975) e Reinhard Kuhnl (1992).

¹⁰ BETZ, Hans-Georg. The Two Faces of Radical Right-Wing Populism in Western Europe. *The Review of Politics*, v. 55, n. 4, 1993, p. 663-685.

¹¹ BETZ, Hans-Georg. *Radical Right-Wing Populism in Western Europe*. New York: St. Martin's Press, 1994, p. 104.

O terceiro grupo que explora a temática sobre a extrema direita parte do pressuposto de que ela seria um fenômeno da modernidade (embora não rejeite o fascismo como elemento básico de inspiração desses grupos), ou seja, a extrema direita seria uma reação direta ao processo de modernização e transformação da sociedade no final do século XX e início do XXI.¹² O terceiro grupo credita o avanço do discurso extremista e o retorno do nacionalismo como uma reação às políticas progressistas, aos programas assistencialistas e ao avanço dos debates sobre as minorias, os direitos LGBT, o feminismo, a laicidade do Estado, dentre outros, que invadiram o cotidiano do mundo ocidental nos últimos anos. Para Turner Jr. “A extrema direita seria uma ideologia reacionária ao processo modernizador da sociedade, ao individualismo, ao Estado de bem-estar social e à imigração mundial”.¹³

Roger Eatwell, um dos pesquisadores pertencentes a esse terceiro grupo, coloca que os grupos de extrema direita não reconhecem nenhuma forma de pertencimento na atual sociedade. Nessa concepção, tais grupos teriam sido derrotados no processo de modernização, não possuindo espaço para manifestação de suas ideias, consideradas ultrapassadas.¹⁴ Paul Hainsworth, que também partilha da teoria da modernização, coloca que a extrema direita funcionaria como contrapeso em relação aos partidos socialistas (sociais-democratas) que obtiveram sucesso eleitoral na Europa a partir de 1980. Portanto, o crescimento desses grupos na década de 1980 teria relação direta com o avanço dos partidos socialistas em alguns países da Europa Ocidental, a exemplo do Parti Socialiste¹⁵ (PS), na França.¹⁶

Ernst Nolte, um dos pioneiros em estudar o nacional-socialismo e o fascismo, buscou compreender o desenvolvimento dos movimentos fascistas de massa na década de 1930, tentando verificar o porquê de seu crescimento e aceitação. Nolte foi um dos primeiros pesquisadores a relacionar extremismo político e modernização da sociedade e a perceber como o fascismo foi uma reação direta às ideias socialistas.¹⁷

¹² TURNER JR, Henry Ashby. Fascism and Modernization. *World Politics*, v. 24, n. 4, 1972, p. 547-564.

¹³ Ibidem, p. 549.

¹⁴ EATWELL, Roger & MUDDLE, Cas. *Western Democracies and the New Extreme Right Challenge*. New York and London: Routledge, 2004.

¹⁵ Partido Socialista.

¹⁶ HAINSWORTH, Paul. *The Politics of the Extreme Right: From the Margins to the Mainstream*. London: Pinter, 2000.

¹⁷ NOLTE, Ernst. *Three Faces of Fascism*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966.

Para Pierro Ignazi, essa nova extrema direita, surgida em 1980 e 1990, avança paralelamente ao crescimento da esquerda-liberal. Na França, o FN e o crescimento do seu eleitorado teriam relação direta com a eleição presidencial de 1980, vencida por François Mitterrand do PS, que governou a França por 14 anos consecutivos. Esse sucesso da esquerda-liberal foi fundamental para o crescimento dos partidos de extrema direita na Europa.¹⁸

Por fim, temos a quarta corrente que se propôs a estudar a extrema direita, cujos pesquisadores iniciaram suas pesquisas a partir da metade da década de 1990 até os dias atuais. Jean-Ives Camus, Taguieff, Olivier Dard, dentre outros, partem de princípios semelhantes aos dos três grupos acima apresentados. A diferença de interpretação da nova corrente que busca ampliar o conhecimento dos partidos de extrema direita reside no fato de ela ter à disposição muita bibliografia sobre o tema, o que permite uma visão ampla de como o fenômeno se construiu e quais são seus resultados no século XXI. Os anos que se passaram — desde a década de 1960, quando os primeiros estudiosos publicaram seus primeiros livros, até hoje — permitem uma perspectiva maior desse processo histórico. Assim, é possível analisar o crescimento eleitoral desses partidos e a atuação política nos cargos conseguidos por eles, saindo da esfera ideológica para acompanhar a prática política deles em seus mandatos políticos.

Nessa nova perspectiva, parece que a questão da modernização é algo consolidado, o que é consenso entre os atuais pesquisadores do tema. Dentro dessa linha de pensamento, podemos separar dois grupos, ambos partem do princípio de que a esquerda-liberal e os partidos de centro-direita seriam os vencedores do processo modernizador, ao passo que os partidos extremistas — não apenas a extrema direita, mas também os partidos socialistas mais extremistas — seriam os perdedores nesse processo político atual.¹⁹ No sentido de vencedor, os autores colocam o sucesso político obtido. O que divide alguns pesquisadores é a categorização dos partidos, alguns defendem a seguinte classificação: extrema direita

¹⁸ IGNAZI, Pierro. *Extreme Right Parties in Western Europe*. New York and Oxford: Oxford University Press, 2003.

¹⁹ TAGGART, Paul. *New populist parties in Western Europe*. *West European Politics*, v. 18, n. 1, 1995. p. 34-51. Cf. BETZ, Hans-Georg & IMMERFALL, Stefan (Eds.) *The New Politics of the Right: Neo-Populist Parties and Movements in Established Democracies*. New York: Palgrave, 1998.

enquanto partidos étnicos nacionalistas e partidos de esquerda como multiculturais.

A extrema direita, como podemos verificar, tem tido, desde a metade do século passado, importante relevância acadêmica, sendo cada vez mais alvo de pesquisa de diversos campos das ciências humanas, sobretudo historiadores, filósofos, cientistas sociais e políticos, em especial após o ressurgimento de plataformas políticas chauvinistas e xenóforas no final do século XX e início do século XXI.

A primeira dificuldade encontrada no estudo sobre a extrema direita parte do ponto de vista conceitual, pois existe uma ampla literatura que trata esses movimentos políticos desde 1960. As diferentes formas de categorizações e interpretações sobre essa literatura nos chamam a atenção para o primeiro problema: qual categoria define concretamente essa classe política? Os especialistas no tema a categorizam de diferentes formas: direita radical, ultradireita, extrema direita, direita nacionalista, ultranacionalista, extremistas de direita, além de outras formas e expressões que buscaram na tentativa de denominar esses partidos. O segundo problema que dificulta a categorização desses partidos são as divergências e influências políticas. Os grupos de extrema direita possuem uma literatura própria, com questões históricas, políticas e nacionais específicas, o que torna difícil homogeneizar todos esses grupos em uma mesma categoria de análise.

Outro ponto que chama a atenção é que, em mais de 50 anos de pesquisa sobre a extrema direita, a academia anglo-saxônica não conseguiu chegar a uma terminologia comum, problema já citado acima, visto que representa um campo de disputa intelectual, ou seja, a quantidade de termos e de diferentes conceituações sobre o objeto de pesquisa em si também sofre de disputas entre diferentes correntes de pensamento acadêmicos, o que colabora mais ainda com a dissidência terminológica:

Quando o processo de avanço científico está muito ligado às condições políticas, e a atual definição do problema se torna o principal critério para sua relevância, existe o agudo perigo de reflexão trivial, sem fôlego e não-histórica. A finalidade política domina ou, pelo menos, prejudica o nível de conhecimento e as análises se tornam empiricamente anuladas.²⁰

²⁰ BACKES, Uwe. Nationalpopulismus und rechtsextremismus im westlichem Deutschland. Kritische Betrachtungz zu neuerlichem "hoch" in Politik und Literatur. *Neue Politische Literatur*, 1990, p. 443-471. ["When the process of scientific catch-up is linked too much to the political conditions, and the topicality of the definition of the problem becomes the main criterion for its relevance, the acute danger of trivial, breathless, non-historical reflection exists. Political purposiveness dominates or at least harms the level of knowledge of empirically crashed analyses" – tradução livre].

Esse conjunto de questões constitui uma das duas grandes problemáticas existentes no campo de pesquisa sobre a direita radical. Analisar e discutir detalhadamente as principais terminologias, definições e classificações empregadas neste campo são os objetivos do capítulo.

As diferentes formas e terminologias utilizadas para caracterizar os partidos de extrema direita servem também como um campo de batalha científico, visto que essas variedades conceituais representam um campo político em constante disputa e demarcação de território intelectual entre diferentes áreas das ciências humanas.

Dentre as diversas terminologias disponíveis, citaremos as duas que são mais utilizadas e encontradas com maior frequência, principalmente no que diz respeito ao estudo de nosso objeto central. Dentre sua literatura específica, uma das terminologias mais utilizadas para tratar o FN é “extrema direita”,²¹ a qual também mais aparece na mídia, talvez por ter sido uma das primeiras que surgiram para classificar esses grupos na metade do século XX. Tal terminologia ainda tem muita força e aparece constantemente na academia e fora dela.

Outra forma muito utilizada pelas ciências sociais e políticas, para fazer referência a políticos como Jorg Haider e Silvio Berlusconi, é “direita populista nacionalista”.²² Vale ressaltar que a conceituação de populismo utilizado por esses pesquisadores é muito diferente do conceito de populismo desenvolvido no Brasil para tratar do governo de Getúlio Vargas.²³

O rótulo de direita populista nacionalista, do ponto de vista europeu, abrangeria partidos com propostas de estima da comunidade étnica, defesa da cultura e língua materna. Todavia, só isso não pode caracterizar uma direita populista, tendo em vista que o FN, por exemplo, apresenta propostas econômicas de certo típico específico de classe social, com um determinado projeto econômico voltado para um setor de classe

²¹ EATWELL, Roger & MUDDLE, Cas. *Western Democracies and the New Extreme Right Challenge*. New York and London: Routledge, 2004; FLECKER, Jörg. *Changing Working Life and the Appeal of the Extreme Right*. Great Britain: Ashgate, 2007; HAINSWORTH, Paul. *The Politics of the Extreme Right: From the Margins to the Mainstream*. London: Pinter, 2000; IGNAZI, Piero. *Extreme Right Parties in Western Europe*. New York and Oxford: Oxford University Press, 2003; MUDDE, Cas. *The ideology of the extreme right*. Manchester and New York: Manchester University Press, 2000; SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York: Routledge, 2007.

²² RYDGREN, Jens. *The populist challenge: Political protest and ethno-nationalist mobilization in France*. New York and Oxford: Berghahn Books, 2004; BETZ, Hans-George. *Radical Right-Wing Populism in Western Europe*. New York: St. Martin's Press, 1994; BETZ, Hans-George. The New Politics of Resentment: Radical Right-Wing Populist Parties in Western Europe. *Comparative Politics*, v. 25, n. 4. New York, 2011, p. 413-427.

²³ WEFORT, Franciso. 1989. *O populismo na política brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

média e pequena burguesia. Portanto, o populismo, como o conceito chama, não tem o significado que existe no Brasil, como populismo das massas.²⁴ Nesse caso, o FN, como grande parte dos partidos de extrema direita, não tem uma conexão direta com as massas e não consegue ter um apoio popular efetivo.²⁵

O objeto de pesquisa, o FN, também carece do mesmo problema na academia francesa, não sendo um consenso a terminologia para classificar o partido, como Jean-Yves Camus, Nicholas Lebourg, Paschal Perrineau, Peter Davis, James Shields, Rene Monzat, Jean-Christian Petitfills, dentre outros, que definem o partido atrás do conceito de extrema direita.²⁶

Outro grupo de pesquisadores, do qual Peter Davis²⁷ faz parte, trabalha com a perspectiva do FN enquanto um partido neofascista. Para outro grupo, integrado por Michel Winock, Nonna Mayer e Mariette Sineau,²⁸ o partido se insere em uma longa trajetória da direita francesa, desde a Revolução Francesa. Dentre as diversas caracterizações do FN, podemos citar a de Charlot, que o define como um partido estritamente anti-imigração. Outra abordagem na França, que difere das outras tipificações do FN, é proposta por Taguieff, Delwit e Pierre Milza, que o caracterizam como uma mistura entre extrema direita e fascismo, rejeitando ambas as rotulações para o partido, pois ele seria uma alternativa diferente dentro do extremista de direita, ao passo que o poder de marginalização desses rótulos seria utilizado pelos adversários políticos do FN. Isto posto, deixaremos o debate sobre as questões

²⁴ Cf. o debate sobre o populismo no Brasil, também em IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. [1º edição de 1968]. IANNI, Octavio. *A formação do Estado populista na América Latina*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

²⁵ KARAPIN, Roger. Radical-Right and Neo-Fascist Political Parties in Western Europe. *Comparative Politics*, v. 30, n. 02, 1998, p. 213-234. DECLAIR, Edward G. *Politics on the Fringe: The People, policies and organization of the French National Front*. London: Duke University Press, 1999.

²⁶ CAMUS, Jean-Yves. *Les Familles de L'extrême-droite*. Paris: Projet, 1985; CAMUS, Jean-Yves. *L'extrême Droite Aujourd'Hui*. Paris: Editions Milan, 2003; LEBOURG, Nicolas. *Le monde vu de la plus extrême droite: Du fascisme au nationalisme-révolutionnaire*. P U DE PERPIGNAN edition, 2010; MONZAT, Rene. *Enquêtes sur la droite extreme*. Paris: Le Monde-Éditions, 1992; PETITFILS, Jean-Christian. *L'Extrême droite en France*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

²⁷ DAVIES, Peter. *The Extreme Right in France, 1789 to the Present: From the Maistre to Le Pen*. New York and London: Routledge, 2002.

²⁸ WINOCK, Michel. Nationalisme, antisémitisme et fascisme en France. Paris: Éditions du Seuil, 1990; WINOCK, Michel. *Histoire de l'extrême-droite en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1994; WINOCK, Michel. Populismes français. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 56, 1997, p. 77-91; WINOCK, Michel. *Nationalism, Anti-Semitism, and Fascism in France*. California, Stanford University Press, 1998; MAYER, Nonna & PERRINEAU, Pascal. *Le Front National à découvert*. Paris: Presses de la FNPS, 1989; MAYER, Nonna & SINEAU, Mariette. *France: The Front National in Helga Amsberger. Rechtsextreme Parteien*. Leverkusen, Leske & Budrich, 2002.

exclusivas do FN para os capítulos finais.²⁹

Em suma, os diversos conceitos utilizados têm maior convergência e aproximações conceituais do que grandes divergências acadêmicas. No que tange às características fundamentais para compreender o que representam os partidos de extrema direita, a escolha de uma terminologia indica por qual caminho e com qual arcabouço teórico o objeto de pesquisa será trabalhado.

Cada uma das conceituações apresenta características próprias, devido à particularidade de cada objeto, e também ocorre dentro da subjetividade em relação à escolha do recorte temporal e da temática que será retratada. Tais escolhas se constroem dentro de um conjunto de coisas, que perpassam pelas escolhas de fontes e suas abordagens metodológicas, bem como pela sua compreensão teórica.

Dessa forma, podemos dizer que o duelo terminológico pode ocorrer em detrimento das diferentes perspectivas epistemológicas e metodológicas, mas também por uma simples escolha convencional e textual, mantendo seu enquadramento dentro de uma tradição conceitual. Portanto, podemos imaginar como essa disputa entre os termos pode ser confusa para pesquisadores que estão iniciando suas pesquisas, imagine então para as pessoas que são leigas no assunto.

O problema em questão — sobre as diversas tipologias utilizadas para definir um conjunto de partidos heterogêneos e com condições materiais diferentes — coloca-se da mesma forma que utilizar um único critério que aproxima a gama desses partidos, para ter um ponto de partida científico? O problema emerge quando um autor pode empregar a mesma tipologia para três ou quatro partidos, e os mesmos terem discordâncias gritantes ideologicamente. O cerne da questão quanto a esse problema epistemológico é que diferentes autores podem utilizar também termos diferentes para categorizar um mesmo partido, ou um conjunto de movimentos extremistas, como grupos neonazistas e de skinheads, mas ideologicamente existem ramificações complexas em cada pequena família política. Em suma, o problema da guerra da terminologia é que muitas vezes autores sofrem enquanto tentam problematizar as diversas formas de classificar um partido e acabam deixando o objeto principal de fora, que é a análise real do grupo e o estudo da cultura política e partidária.³⁰

²⁹ TAGUIEFF, P. A. *Le Nouveau National-Populisme*. Éditions CNRS, 2012; MILZA, Pierre. *Fascisme français: passé et présent*. Paris: Flammarion, 1987; DELWIT, Pascal. *Le Front national. Mutations de l'extrême droite française*. Bruxelles: Université de Bruxelles, 2014.

³⁰ MUDDE, Cas. *The war of words: defining the extreme right party family*. West European Politics, 1996,

1.1 A relação entre o fascismo e a extrema direita

O fascismo, enquanto ideologia, teve papel fundamental para dar início ao corpus ideológico dos movimentos extremistas, principalmente daqueles que surgiram logo após a Segunda Guerra Mundial. Tendo como base o fascismo e o nacional-socialismo, tais movimentos adaptaram parte dos programas econômicos e políticos e os incorporaram em seus projetos. Outro ponto que vale ressaltar é que os partidos e movimentos de extrema direita (formados na década de 1950 e 1960) têm em sua base muitos membros que participaram da Segunda Guerra Mundial. Portanto, já têm como inspiração o modelo dos regimes fascistas enquanto ideal político. As gerações seguintes que ingressam nesses partidos também têm ligações familiares, ou até mesmo uma posição de saudosismo e simpatia em relação aos regimes totalitários. Portanto, em primeiro momento, o Fascismo teve grande influência na formação desses grupos, pois era o conceito mais concreto e real desse tipo de governo. Entretanto, os movimentos políticos estão em constante conflito e renovação, pois a todo momento eles precisam ser significativos e fazer sentido para seus militantes.

Logo após o aparecimento do MSI (na Itália) e do NPD (na Alemanha)³¹ — primeiros partidos de extrema direita surgidos no cenário político europeu —, alguns pesquisadores passaram a estudar esse fenômeno. O MSI, partido que deu continuidade ao fascismo italiano, foi a grande inspiração para os partidos de extrema direita, muitos copiaram seu símbolo e o repaginaram em seus movimentos, a exemplo do FN, que utilizou o logo do MSI, alterando as cores para fazer referência as bandeiras da França.

p. 225-248.

³¹ O Partido Nacional-Democrático da Alemanha é um partido neonazista, fundado em 28 de novembro de 1964. É considerado o sucessor do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) de Adolf Hitler. Cf. MUDDE, Cas. *The ideology of the extreme right*. Manchester and New York: Manchester University Press, 2000, p. 55.



Figura 1. Símbolo do MSI

Fonte: <http://www.destranazionale.org/?page_id=286>



Figura 2. Símbolo do FN

Fonte: <[http://powerbase.info/index.php/Front_National_\(France\)](http://powerbase.info/index.php/Front_National_(France))>

Paralelamente, com a abertura dos primeiros arquivos da Segunda Guerra Mundial, muitos estudiosos buscavam compreender esse fenômeno de massas que quase destruiu a Europa por completo. Nesse período, as investigações buscavam

compreender as causas dos conflitos e suas consequências, principalmente a disputa de memória entre vencedores e perdedores. Minkenberg resume e enumera as dificuldades de compreender o fascismo, além de refletir como o termo é instrumentalizado para a marginalização de alguns líderes políticos e também de partidos de extrema direita:

Em primeiro lugar, apesar de um amplo arcabouço literário sobre o tema, ainda há ampla discordância na academia sobre a natureza do fascismo. Ele foi reacionário ou progressista? Um movimento de massa ou um movimento de classe? Segundo, alguns observadores insistem que o fascismo é exclusivo ao período entre guerras na Europa. Enquanto outros pesquisadores encontram indícios que ele está vivo e teria migrado para o terceiro mundo. Finalmente, para muitas pessoas a palavra fascista dificilmente tem tom neutro. Tornou-se uma maldição, um termo para ofender políticos, partidos políticos ou governos que alguns consideram ofensivos, quase que utiliza o usuário considera ofensivo, independente da natureza da ação.³²

Os primeiros pesquisadores dos movimentos de extrema direita na década de 1960 adotaram a terminologia neofascista para descrevê-los. Obviamente esse termo foi utilizado pela relação direta com o fascismo. Embora o termo *neo* seja utilizado para caracterizar algo novo, ou uma atualização de um projeto político, no caso desses movimentos, *neo* é utilizado no sentido de continuidade, considerando que esses grupos que se formaram no pós-guerra eram ex-militantes saudosistas, não havia relação entre projeto político e sociedade, o objetivo era simplesmente o retorno dos governos autoritários, como foram antes da guerra.³³

No que diz respeito à literatura do pós-guerra, a grande maioria dos pesquisadores utilizavam o termo neofascista como forma de categorização dos partidos surgidos nessa época. Os pesquisadores naquele tempo acreditavam que os grupos que foram surgindo durante esse período dariam continuidade ao pensamento fascista. Em vários aspectos poderia ser uma continuidade, em virtude de questões estéticas e de algumas pautas políticas, eles poderiam em primeira medida ser considerados neofascistas, mas apenas em primeiro momento a comparação poderia ser feita. A partir do momento que esses grupos foram amadurecendo, forçar a categorização deles se tornou obsoleto, porque a formulação de análise não se

³² MINKENBERG, Michael. *The radical right in Europe: a overview*. Bielefeld: Verlag Bertelsmann Stiftung, 2011.

³³ ALGAZY, Joseph. *La Tentation néo-fasciste en France de 1944 à 1965*. Paris, Fayard, 1984; ALGAZY, Joseph. *L'Extrême-droite en France de 1965 à 1984*. Paris: L'Harmattan, 1989.

encaixava mais, sendo colocada em cheque a tese de continuidade do fascismo através de alguns movimentos de extrema direita.³⁴

Segundo Algazy, à medida que novos partidos de extrema direita surgiam, mais eles se afastavam do fascismo original, porque as condições políticas teriam sido alteradas com o clima de Guerra Fria, transformando a forma de pensamento e de militância dos partidos de extrema direita, assim como problemas locais e nacionais ajudariam a reconfigurar esse panorama.³⁵ Para Mudde, a década de 1960 é um período de transição dos movimentos de extrema direita, temos os grupos ligados ao fascismo e ao nazismo e aqueles novos que vão surgindo sem ligação nenhuma com a Segunda Guerra Mundial. Essa transição fez com que os primeiros partidos perdessem espaço até caírem no ostracismo e deixarem de existir. Assim, os novos movimentos ocuparam os espaços deixados, apresentando características distintas.³⁶ Com esse relativo distanciamento e separação entre os primeiros partidos e os novos partidos, o conceito neofascismo foi perdendo força, já que as diferenças entre os novos partidos foram ficando mais evidentes, muito embora o termo neofascismo ou neonazismo seja comumente empregado pela mídia. Na academia, ainda que pouco usado, o neofascismo perdeu seu espaço — embora o termo neofascista apareça em pesquisas de cunho marxista —, e uma gama de terminologias surgiram, redefinindo o campo de pesquisa entre essas novas terminologias; direita radical e extrema direita substituíram o neofascismo.

Todavia, nas correntes marxistas alguns pensadores defendem o uso do conceito de fascismo como categoria de análise central, e a partir dela, enquanto gênese ideológica, da qual todos os partidos de extrema direita se alimentam. O conceito de fascismo deve ser visto como um ponto de partida comum, ou seja, devemos partir do conceito geral para os casos específicos de cada partido. Em outras palavras, todos os partidos de extrema direita são derivações, crias, frutos do fascismo. Segundo o cientista político Jefferson Rodrigues Barbosa:

[...] A generalidade da concepção de “fascismos” ou de extrema direita pode ser operativa em âmbito jornalístico e para o embate político na identificação de grupos nacionalistas radicais, como apontado, mas como critério científico

³⁴ ALGAZY, Joseph. *L'Extrême-droite en France de 1965 à 1984*. Paris: L'Harmattan, 1989, p. 160.

³⁵ Ibidem, p. 168.

³⁶ MUDDE, Cas. *The ideology of the extreme right*. Manchester and New York: Manchester University Press, 2000.

de investigação está ausente de fornecer critérios de análise que ressaltem as particularidades dos agrupamentos chauvinistas.³⁷

[...] No mesmo sentido abstrato e generalizante do conceito de totalitarismo a expressão extrema direita não possibilita a compreensão sobre as particularidades dos objetos investigativos em análise, pois, o caráter gnosiológico e generalizador da expressão extrema direita também obstrui a compreensão das manifestações políticas em seus aspectos de historicidade e particularidade.³⁸

[...] o ressurgimento de movimentos genericamente denominados de extremistas de direita, e de vitórias eleitorais ou votos representativos em proporção numérica de políticos ligados a plataformas políticas chauvinistas e xenófobas no final do século XX e início do século XXI, geraram grande repercussão nos meios midiáticos e levaram pesquisadores a reverem as análises do conceito Fascismo, que eram relacionadas diretamente ao contexto do pós Primeira Guerra Mundial.³⁹

Obviamente, como já citado, existem diversas abordagens e críticas a respeito do neofascismo e do próprio conceito de fascismo, inclusive a crítica à leitura marxista. Conforme Eatwell, a leitura marxista foi e continua sendo importante para o campo de conhecimento, tendo elencado e percebido diversas relações que ajudam a compreender o fascismo e a extrema direita. Os autores marxistas também não conseguiram definir concretamente o que seria o fascismo, e dentro da própria corrente marxista⁴⁰ não existiria um consenso entre seus pesquisadores sobre o fascismo, sobre sua formação, sua natureza ideológica, suas questões estéticas e, se existir um conceito geral, como utilizá-lo em casos específicos fora da Europa.⁴¹

Para De Felice, o termo fascismo só deve ser utilizado quando nos referimos ao fascismo italiano, ao nacional-socialismo alemão e aos regimes aliados desses

³⁷ BARBOSA, Jefferson R. *Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma*. Marília, 2012, p. 40.

³⁸ Ibidem, p. 199.

³⁹ Ibidem, p. 192.

⁴⁰ Para maiores informações sobre os pesquisadores marxistas e seu debate sobre a fascismo cf. KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1991; LOFF, Manuel. *O Nosso Século É Fascista! O Mundo Visto por Salazar e Franco (1936-1945)*. Porto: Campo das Letras, 2008; POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura: a III internacional face ao fascismo*. Volume I. Porto: Portucalense Editora, 1972; POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura: a III internacional face ao fascismo*. Volume II. Porto: Portucalense Editora, 1972.

⁴¹ EATWELL, Roger. Towards a new model of generic fascism. In: *Journal of Theoretical Politics*, v. 4, n. 2, 1992, p. 161-194.

partidos.⁴² Nessa mesma linha, Ernst Nolte⁴³ acredita que o fascismo deveria ser empregado exclusivamente para citar os regimes italianos e alemães, recusando o uso do rótulo para os casos de Portugal e Espanha.⁴⁴

Conforme Jefferson Barbosa, tanto o uso da terminologia fascismo, como neofascismo e extrema direita, têm um apelo midiático, pois existe um certo *fetichismo* no uso desses termos, para causar impacto midiático e chamar a atenção para um caso específico, procurando engrandecer um fato histórico que não tem a proporção devida.⁴⁵ Um exemplo da repercussão midiática em torno do neofascismo é quando um grupo de skinheads comete um ato violento, a mídia aborda o caso como se um novo Reich estivesse em formação.⁴⁶ Nas comunicações, os termos neonazismo e neofascismo também são utilizados para rotular partidos com posições políticas nacionalistas e conservadoras, com a intenção de marginalização de um grupo político, constantemente sendo utilizados de forma pejorativa, retórica, discriminatória, sem qualquer rigor teórico. É por esse fato também que partidos como o FN, desde sua fundação, procuraram rejeitar os rótulos de partido neonazista e de extrema direita, utilizados pela imprensa francesa e mundial, pela carga negativa associada a esses termos e nível de rejeição que esses movimentos possuem na sociedade.

Entende-se que o uso do conceito de neofascismo e neonazismo é problemático do ponto de vista conceitual. Em primeiro lugar, porque quando utilizamos tais termos significa que existe um novo Fascismo, uma modernização do projeto, uma relação processual que não foi interrompida e que seria uma atualização, remodelação da ideologia, quando vemos que a realidade é um descompasso, falta de materialidade dos grupos com a realidade política e social. Segundo porque *neo* é

⁴² DE FELICE, Renzo. O fascismo como problema interpretativo. In: GENTILE, Emílio & DE FELICE, Renzo. *A Itália de Mussolini e a origem do fascismo*. São Paulo: Ícone, 1988, p. 74-75.

⁴³ NOLTE, Ernst. *Three Faces of Fascism*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966. No livro, Ernst Nolte, coloca que a Action Française teve papel fundamental para a construção do pensamento fascista, influenciando o fascismo e o nacional-socialismo.

⁴⁴ Na questão sobre o Regime Salazarista, António Costa Pinto e Manuel Braga da Cruz, rejeitam a classificação da ditadura de Salazar enquanto governo fascista. Cf.: PINTO, Antonio Costa. *Salazar's dictatorship and European Fascism. Problems of Interpretation*. New York: SSM-CUP, 1995. CRUZ, Manuel Braga da. *O Partido e o Estado no Salazarismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1988. Enquanto também existe uma corrente oposta que afirma que o Salazarismo é fascista cf. LOFF, Manuel. *O Nosso Século É Fascista! O Mundo Visto por Salazar e Franco (1936-1945)*. Porto: Campo das Letras, 2008.

⁴⁵ BARBOSA, Jefferson R. *Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma*. Marília, 2012, p. 192.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 193.

empregado para se referir a pequenos grupelhos que politicamente apresentam pouco, com pouca retórica na argumentação, não apresentam nada de novo no que diz respeito ao projeto político e pouco conhecem sobre o significado desses movimentos na década de 1930.⁴⁷

O uso inapropriado do conceito cria um problema de compreensão do processo de transformação da extrema direita, pois acaba negando a legitimidade e originalidade desses novos partidos, que apresentam rupturas com as tradições do pensamento fascista. O uso impróprio dos termos compromete uma análise mais profunda do fenômeno, pois esse engessamento no campo de visão acaba por tentar enquadrar um objeto em um formato em que ele não se encaixa, perdendo de vista as inovações desses partidos. Quando o que se busca é fazer comparações forçadas dos partidos de extrema direita com o fascismo, forçando argumentos e comparações ideológicas que não existem, essa tentativa de aproximação mais empobrece o trabalho do que qualifica a pesquisa, porque esse enquadramento, retirando o objeto do seu contexto e o analisando separadamente, retira sua especificidade e realidade histórica, da qual ele é produto.⁴⁸

O FN, por exemplo, é um dos partidos de extrema direita que obtiveram sucesso em sua trajetória, alcançando sucessos eleitorais — se comparado com os outros partidos de extrema direita na Europa —, tornando-se um exemplo dessa categoria política. Esse sucesso pode ser comparado com outros partidos na própria França, que preferiram manter suas raízes fascistas e não conseguiram demonstrar evolução, caso do Parti Forces Nouvelles⁴⁹ (PFN). Os grupos considerados neofascistas, a exemplo do MSI, na Itália, não conseguiram durante sua existência se livrar do passado fascista, perdendo espaço na política italiana. Na Alemanha o NPD está à margem do sistema político, nunca conseguiu respeito da sociedade e é motivo de piada entre os alemães, o partido nunca conseguiu ser levado a sério e até hoje só conseguiu eleger apenas um candidato em toda sua história.⁵⁰

⁴⁷ HAINSWORTH, Paul. *The Extreme Right in Europe and the USA*. London: Pinter, p. 7.

⁴⁸ SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York: Routledge, 2007.

⁴⁹ Partido das Forças Novas.

⁵⁰ HAINSWORTH, Paul. *The Extreme Right in Europe and the USA*. London: Pinter, p. 11.



Figura 3. Nationaldemokratische Partei Deutschlands

Fonte: <https://de.wikipedia.org/wiki/Nationaldemokratische_Partei_Deutschlands>

Outros pontos também são importantes para elencarmos as diferenças entre o Fascismo e a extrema direita. O fascismo enquanto movimento de massas é forjado durante a reconstrução dos países após a Primeira Guerra Mundial, em meio à maior crise econômica do século XX, às tensões sociais e aos perigos do avanço comunista, principalmente na Alemanha e Itália, onde existiam intelectuais e partidos socialistas e comunistas bem organizados. Já a extrema direita vive em condições totalmente diferentes, em um mundo pós-industrialização, globalizado e pretensamente multicultural, que são as forças motrizes que regem a sociedade atual.

Neste sentido, de acordo com Mann, os partidos da direita populista, cuja principal bandeira política é o nacionalismo, têm como objetivo a defesa de seu grupo étnico e a manutenção do país homogêneo. Dessa forma, eles apostam em uma “limpeza étnica” através de deportações organizadas dos imigrantes ilegais, sejam voluntárias ou compulsórias.⁵¹ De acordo com Hainsworth:

A extrema direita contemporânea surgiu em circunstâncias sociopolíticas e históricas muito diferentes da extrema direita pré-guerra e durante a da guerra. Notavelmente, a democracia liberal e capitalista tornou-se mais embutida na Europa Ocidental e o clima internacional evoluiu da Guerra Fria

⁵¹ Ibidem, p. 489.

para o degelo, para aceitar a “queda do muro” e a retirada do comunismo.⁵²

Em termos políticos, pode-se comparar quatro características essenciais que diferenciam a extrema direita do fascismo — a visão econômica, o posicionamento político, o nacionalismo supremacistas e o militarismo. Neste sentido, a extrema direita rompeu com alguns dos paradigmas que caracterizam o fascismo. No plano econômico, os novos partidos radicais se posicionam a favor do neoliberalismo e do livre mercado, não se colocam mais enquanto terceira via, ou se apresentam como uma alternativa entre o capitalismo e o socialismo. No começo da década de 1980, o FN, por exemplo, pregava o ultraliberalismo, que depois foi alavancado por Ronald Reagan e Margareth Thatcher.⁵³ Nas questões sociais, a extrema direita defende a ampliação de políticas assistencialistas, porém com ressalvas, ela só deve ser implementada a população “genuína”, limitações a partes específicas da população. Na concepção do Estado, essa nova direita abandonou a centralização do poder de um governo com um único partido — embora seja importante dizer que não temos nenhum exemplo de partidos de extrema direita em um cargo presidencial ou posição majoritária, legitimidade e apoio das massas para imprimir um golpe. A parte mais radical desses partidos se verifica nas questões de segregação étnica, controle rígido da imigração e moral cristã e em posicionamentos conservadores em relação às minorias.⁵⁴

Outra diferença é o abandono do militarismo e das formações de brigadas paramilitares como as SS e SD, que eram de vital importância para os regimes fascistas, a fim de garantir a manutenção do poder e o controle sobre a sociedade, e também em se diferencia da visão expansionistas dos fascistas. O que não ocorre com os partidos de extrema direita, cuja posição é extremamente nacional, em defesa da sua nação e pelo controle das fronteiras, não existindo um projeto internacionalista ou alinhamento político com outras nações em um grande projeto extremista.⁵⁵

⁵² HAINSWORTH, P. *The Extreme Right in Western Europe*. New York: Routledge, 2008, p. 2. [“The contemporary extreme right has emerged in socio-political and historical circumstances that are very different to the pre-war and war-time ones. Notably, liberal and capitalist democracy has become more embedded in Western Europe, and the international climate has evolved from Cold War to thaw, to take in the “fall of the wall” and the retreat from communism” – tradução livre].

⁵³ BASTOW, Steve. *Front National economic policy: from neo-liberalism to protectionism? Modern and Contemporary France*, v. 5, n. 1, 1997, p. 61-73.

⁵⁴ Ibidem, p. 70.

⁵⁵ Ibidem, p. 72.

Dentre as características que comumente são ligadas ao fascismo e também à direita radical está o nacionalismo.⁵⁶ Em ambos os movimentos o nacionalismo é um fator importantíssimo, muito embora as concepções de nação e nacionalismo sejam bastante diferentes.

Diferente do nacional-socialismo, cujo projeto de 1000 anos era expandir sua ideologia para outras nações “arianas”, a extrema direita atual sequer planeja projetos expansionistas, o nacionalismo entendido por eles é algo estritamente regional, próprio, é uma relação quase que de inversão do expansionismo, algo que deve ser protegido como um animal em extinção, deve existir em um espaço geográfico definido, não deve expandir fronteiras. Diferente do que acontecia na Segunda Guerra Mundial, quando os movimentos nacionalistas lutavam por questões territoriais, limites de fronteiras, resgate de território perdido ou anexado por outros países, até mesmo disputas por colônias, os partidos de direita radical na Europa não têm em sua agenda tais pautas. Do ponto de vista internacional, por exemplo, o FN defende a autonomia de cada país europeu, dentro de seus limites geográficos, para que os mesmos possam exercer seus costumes culturais e linguísticos, demonstrando simpatia pelas individualidades culturais, desde que elas fiquem a uma boa distância de seu país.⁵⁷

Outra diferença crucial, no que tange ao nacionalismo da extrema direita na atualidade, é que ela não é orientada por uma questão eugênica, de supremacia racial, ela aparece mais voltadas para as questões culturais, linguísticas e comportamentais. Muito embora o racismo, antissemitismo e a xenofobia sejam características presentes nesses partidos, não existe um programa de purificação racial, cujo sucesso seria essencial para o futuro do país, como era o caso do nazismo na Alemanha.⁵⁸

Segundo Wieviorka, a atual extrema direita se orienta menos pelas questões biológicas do que outrora, não existe um programa eugenista, ou de purificação racial no programa político dos partidos que a integram. O preconceito que existe se orienta por questões que dizem respeito a um senso de inferioridade a tudo aquilo que não se encaixa categoricamente no padrão nacional, ou seja, quando a relação é de inferioridade cultural, religiosa, linguística, econômica, não está associada à questão étnica, mas sim a posições sociais.⁵⁹

⁵⁶ Discutiremos o nacionalismo no subitem 1.2.2.

⁵⁷ TAGUIEFF, Pierre-Andre. *O racismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

⁵⁸ WIEVIORKA, Michel. *La France Raciste*. Paris: Le Seuil, 1992.

⁵⁹ WIEVIORKA, Michel. *Une société fragmentée? Le multiculturalisme en débat*. Paris: La Découverte,

Por fim, o militarismo, que foi base fundamental para a ascensão do nacional-socialismo e também do fascismo, hoje e pouco acentuado nos partidos radicais. Ainda que exista uma exaltação das forças repressivas em grupos neonazistas e skinheads, e que o visual estético seja uma forma de geração do medo, o militarismo é mais associado aos neonazistas e neofascistas, é pouco cultuado no dentro dos partidos políticos.⁶⁰ Muito embora o FN tivesse em suas fileiras vários ex-combatentes da Guerra da Coreia e da Argélia, o partido nunca possuiu milícias de combate ou relação direta com o exército francês.⁶¹ Esse ponto remete de novo à questão do nacionalismo. Como no fascismo, o nacionalismo estava intimamente associado ao exército e seus feitos históricos, na exaltação dos heróis de guerra. No que tange à extrema direita, obviamente existe um respeito pelas forças armadas, mas nada além do respeito pelos soldados que defendem a nação, como em qualquer outro país.⁶²

Existem opiniões diferentes em relação à aproximação ideológica da extrema direita e do fascismo. Para Kitschelt,⁶³ os novos partidos não correspondem à tradição do pensamento fascista, principalmente aqueles criados a partir da década de 1980, pois eles teriam uma composição social diferente dos partidos fascistas, cuja formação integrava militares e ex-combatentes.

Eles também se distanciam em sua composição social, visto que, segundo Kitschelt, o eleitorado da extrema direita se encontra nas regiões rurais e cidades do interior, diferente dos partidos fascistas, cuja base eleitoral se concentrava nas grandes cidades e capitais, nas demandas políticas e principalmente no eleitorado.⁶⁴

Kitschel reitera que embora a extrema direita e o fascismo tenham propostas

1997.

⁶⁰ SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York: Routledge, 2007, p. 122.

⁶¹ Sobre o período das Guerras Colônias cf.: JAUFFRET, J-C. & VAÏSSE, M. *Militaires et guérilla dans la guerre d'Algérie*. Bruxelles: André Versaille éditeur, 2012, p. 461; MONNERET, J. *La guerre d'Algérie en trente-cinq questions*. L'Harmattan, 2008, p. 144-145; MONTAGNON, P. *La Guerre d'Algérie: genèse et engrenage d'une tragédie*. Paris: Pygmalion/Gérard Watelet, 1984, p. 127-128; STORA, B. *Les mots de la guerre d'Algérie*. Presses Universitaires du Mirail, 2005, p. 25; ERVILLE, G. *Pour une histoire de la guerre d'Algérie*. France: Picard, 2002.

⁶² SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York: Routledge, 2007, p. 127.

⁶³ KITSCHELT, H. Review Article: Growth and Persistence of the Radical Right in Postindustrial Democracies: Advances and Challenges in Comparative Research. *West European Politics*, v. 30, n. 5, 2007, p. 1176-1206.

⁶⁴ KITSCHELT, H. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. University of Michigan Press, 1995, p. 35.

políticas diferentes, ambos se localizam em uma posição ao extremo do espectro político de direita.⁶⁵ Nesse viés, o autor estabelece que uma das questões fundamentais que separam fascismo e extrema direita é a questão temporal, ou seja, cada qual tem condições sociais e históricas distintas, mas a conjuntura em que cada partido está situado é o principal fator que norteia seus projetos políticos.

Já Griffin⁶⁶ observa que o nacional-socialismo e o fascismo, enquanto projeto político, dispunham-se a romper com a atual ordem social e desenvolver uma nova sociedade, baseada em elementos raciais, com outra lógica produtiva e social. No caso da extrema direita, por exemplo, Rydgren compreende que embora seu programa seja extremamente conservador e segregacionista, não existem ainda em seus projetos políticos pontos que indiquem a criação de uma nova ordem mundial, ou algum projeto de cunho reacionário de tomada do poder pela força. Os partidos de extrema direita, na Europa, desejam o retorno de uma tradição moral, religiosa e nacionalista, visto que se sentem ameaçados pelos avanços dos projetos progressistas.⁶⁷

Para Roger Griffin,⁶⁸ as modificações existentes na extrema direita não a redimem completamente do passado fascista, pelo contrário, ainda que haja rupturas e negações a uma tradição fascista, esses movimentos reescreveram novas formas de manter nas entrelinhas suas verdadeiras intenções. Para Shields, o abandono das questões raciais (supremacia étnica), substituídas pela defesa de uma suposta cultura nacional, bem como as posições tomadas por líderes de alguns partidos — como Jean-Marie Le Pen em relação a eventos históricos, a exemplo da negação ou banalização do Holocausto e do colaboracionismo dos franceses durante o governo de Vichy — demonstram a face real das organizações de extrema direita. Griffin também aponta que existe um lado ainda obscuro da extrema direita que a conecta com o fascismo — a exaltação de soldados e batalhões que lutaram a favor dos nazistas, a participação em eventos ou encontros de grupos neonazistas e o fato de haver neonazistas filiados ao partido.

⁶⁵ Ibidem, p. 36.

⁶⁶ GRIFFIN, Roger. Studying Fascism in a Postfascist Age. From new consensus to New Wave? *Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies*, v. 1, n. 1, 2012, p. 1-17.

⁶⁷ RYDGREN, Jens. Immigration Sceptics, Xenophobes or Racists? Radical Right-Wing in Six West European Countries. *European Journal of Political Research*, v. 47, n. 6, 2008, p. 737-765.

⁶⁸ GRIFFIN, Roger. Studying Fascism in a Postfascist Age. From new consensus to New Wave? *Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies*, v. 1, n. 1, 2012, p. 1-17.

Neste sentido, tais pontos, essenciais para o fascismo, não têm o mesmo peso e a mesma relevância para a extrema direita atual, embora possamos questionar que as tensões sociais e condições históricas do início do século são os fatores que tornaram essas pautas importantes. Para a extrema direita, principalmente o FN, o grande inimigo é o terrorismo e os muçulmanos, conforme veremos mais adiante.

1.2 As direitas, o nacionalismo e a xenofobia

A partir daqui iremos procurar discutir sobre as diferenças entre os conceitos e as formas de se utilizar extrema direita, como elas foram desenvolvidas, quais os debates entre os pesquisadores e quais critérios eles utilizam para classificar partidos políticos com projetos extremistas. Assim como as características da extrema direita, abordaremos algumas questões de expressiva importância para a nossa pesquisa, aprofundando as características que definem nosso objeto, o FN, tais como o nacionalismo, o populismo e a xenofobia.

1.2.1 Extrema direita

Desde o início dos anos 1980 a 1990, os trabalhos de pesquisa voltados para a compreensão da extrema direita⁶⁹ tiveram um crescimento considerável. Uma nova geração de partidos e também de pesquisadores procuraram dar novos significados para a existência desses partidos e para seu crescimento eleitoral. Na França, nas eleições presidenciais de 1988, Jean-Marie Le Pen recebeu mais de quatro milhões de votos, terminando em quarto lugar nas eleições, o que representou uma eleição histórica para o partido. Tal fenômeno não aconteceu exclusivamente na França, em outros países também se identificava a presença da extrema direita.

Nessa euforia acadêmica, com os avanços eleitorais de grupos radicais, a academia se propôs a estudar esse novo fenômeno, para entender o porquê desses

⁶⁹ O termo extrema direita está, em alguma medida, associado ao conceito de fascismo, uma vez que sua origem reside nas teorias e nos estudos sobre o fascismo histórico. A extrema direita é compreendida como uma posição política, o termo está associado à rigidez de pensamento, à xenofobia, à segregação étnica e a um total desprezo pelas políticas progressistas e pela ajuda às minorias.

resultados eleitorais, se seriam votos de protesto e quais as motivações políticas ou sociais de votar em partidos extremistas. Assim, se procurou encontrar elementos concretos de análise, para entender o porquê desse retorno a elementos que, em um primeiro momento, remetiam ao fascismo, tendo em vista que a primeira reação do público leigo era fazer a ligação automática entre nazismo e extrema direita.⁷⁰

Diferente dos primeiros estudos sobre a direita radical, em que os pesquisadores utilizavam a terminologia neofascista, na década de 1990 a terminologia já está relegada a uma cultura marginal, sendo utilizada para skinheads, gangues urbanas e torcidas organizadas de futebol. No meio acadêmico, procurou-se redefinir esse campo de estudo; logo, as primeiras obras começaram a ser concluídas e novas terminologias e conceitos apareceram, os quais se consolidariam como as principais formas de referenciar tais famílias políticas, seriam eles: extrema direita e direita radical. Não estamos querendo dizer que tais nomenclaturas não haviam sido utilizadas anteriormente, mas é importante pontuar que a partir da década de 1980-1990 em diante, elas seriam consolidadas como as principais terminologias utilizadas pelos pesquisadores. Na atualidade, o emprego das mesmas é consenso entre os pesquisadores.⁷¹

Nesse processo de ressignificação dos conceitos, muitos pesquisadores, como Jean-Yves Camus,⁷² reforçavam o argumento das três ondas do extremismo político no século XX, visando demonstrar a ruptura dos partidos da terceira onda com o fascismo. Esse argumento, segundo Ignazi,⁷³ teria como objetivo criar um ponto de partida para analisar os novos partidos de extrema direita, sem a necessidade de estar

⁷⁰ Podemos verificar o debate em: BOURSEILLER, Christophe. *Extrême Droite: l'enquête*. Paris: Editions François Bourin, 1991; CAMUS, Jean-Yves. *Les Familles de L'extrême-droite*. Paris: Projet, 1985; DAVIES, Peter. *The Extreme Right in France, 1789 to the Present: From the Maistre to Le Pen*. New York and London: Routledge, 2002; DAVIES, Peter & LYNCH, Derek. *The Routledge Companion to Fascism and the Far Right*. London: Routledge, 2002; DELWIT, Pascal. *Le Front national. Mutations de l'extrême droite française*. Bruxelles: Université de Bruxelles, 2014; IGNAZI, Piero. *Extreme Right Parties in Western Europe*. New York and Oxford: Oxford University Press, 2003; MINKENBERG, Michael & PERRINEAU, Pascal. The Radical Right in the European Elections 2004. *International Political Science Review / Revue internationale de science politique*, v. 28, n. 1, 2007, p. 29-55; RYDGREN, Jens. *The populist challenge: Political protest and ethno-nationalist mobilization in France*. New York and Oxford: Berghahn Books, 2004; WILLIAMS, Michelle. *The Impact of Radical Right-Wing Parties in West European Democracies*. New York: Palgrave, 2006.

⁷¹ HAINSWORTH, Paul. *The Politics of the Extreme Right: From the Margins to the Mainstream*. London: Pinter, 2000.

⁷² CAMUS, Jean-Yves. *Les Familles de L'extrême-droite*. Paris: Projet, 1985.

⁷³ IGNAZI, Piero. *Extreme Right Parties in Western Europe*. New York and Oxford: Oxford University Press, 2003.

a todo momento fazendo referências ao fascismo, tanto em virtude da ausência de vínculo ideológico com a tradição fascista, como para corroborar o argumento de que a direita radical é uma nova família política.

Partindo desses pressupostos de superação com a tradição fascista, os pesquisadores se debruçaram sobre os estudos da nova direita radical, procurando apontar os novos conceitos políticos, sua estruturação hierárquica e a forma como ela se relacionava com os outros partidos, inclusive com os de oposição. No sentido geral, essas pesquisas procuravam demonstrar como a nova direita radical se comportava no cenário político das repúblicas representativas europeias.

Entre os termos relacionados, daqui em diante, o conceito extrema direita será a base para a investigação, embora direita radical seja um termo bastante utilizado. Estamos nos apoiando em Mudde e Eatwell, que também justificam o uso do termo — em primeiro lugar, por existir um consenso entre os pesquisadores em relação ao seu uso; em segundo, por considerar que ele é amplamente utilizado na academia anglo-saxônica (a maioria dos pesquisadores que são referência em nosso objeto de estudo utilizam o termo); por último, pelo seu apelo e reconhecimento internacional. Embora seu uso ainda seja alvo de críticas dentro da academia, ele é o que, em nossa opinião, melhor se enquadra para aplicação de nosso estudo.

Mudde observa as diferentes formas de definir o espectro político de extrema direita:

Diferenças de opinião sobre qual termo usar e como definir as características essenciais deste fenômeno não são, elas mesmas, um grande problema. Em vez disso, a falta de definições claras e o uso permutável de termos diferentes para fenômenos idênticos enfraquecem a capacidade de comparar insights entre estudos e, assim, aprofundar o conhecimento geral sobre esse tópico.⁷⁴

Ainda que os próprios partidos não aceitem a terminologia — como o FN, que recusa o rótulo de extrema direita (pois este é carregado de significados), clamando para si o termo “nacionalistas” —, seu uso é relevante para podermos dissociar a

⁷⁴ MUDDE, C. *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 6. [“Differences of opinion on which term to use and how to define the core characteristics of this phenomenon are themselves not a big problem. Rather, the lack of clear definitions and the differences of opinion on which term to use and how to define the core characteristics of this phenomenon are themselves not a big problem. Rather, the lack of clear definitions and the interchangeable use of different terms for identical phenomena undermine the ability to compare insights between studies and thereby further the general knowledge on this topic interchangeable use of different terms for identical phenomena undermine the ability to compare insights between studies and thereby further the general knowledge on this topic” – tradução livre].

direita liberal (centro-direita) e direita conservadora (direita clássica) dos partidos que só colocam à “direita das direitas”.

Embora ainda existam pesquisadores que coloquem em cheque o uso do termo extrema direita, eles não conseguem formular uma nova concepção que supere ou que dê conta de abarcar essas famílias políticas, não apresentam evidências suficientes para que o termo deixe de ser utilizado. Embora Eatwell utilize o termo, ele também é um dos que questiona sua durabilidade, em virtude de sua carga negativa quando empregado, lembrando o fascismo.

Os autores que preferem o termo direita radical em detrimento de extrema direita abdicam do termo, por sua significação e relação com o extremismo, que pode vulgarmente ser relacionado ao terrorismo, a milícias, a grupos paramilitares e a outras práticas violentas. O debate que define as diferenças entre direita radical e extrema direita começa pela livre interpretação dos termos. Para Pippa Norris, a direita radical (radical right ou far right) seria como uma direita “mais” à direita, o que representaria o FN, ou seja, uma direita diferente dos partidos tradicionais, a exemplo do Union pour un Mouvement Populaire⁷⁵ (UMP), antigo partido de centro-direita. Já a extrema direita (extreme right) seria a subfamília do campo da direita, cujas posições e pautas seriam mais extremistas.⁷⁶ De qualquer forma, para Norris, deve haver separação entre direita radical e extrema direita, pois o termo extrema direita remete à violência, sendo utilizado por milícias e grupos neonazistas.⁷⁷

Embora a extrema direita seja categorizada enquanto partido inserido no cenário político, respeitando a legitimidade da democracia, isso não significa que seu programa deixe de apresentar um caráter autoritário. Os partidos de extrema direita defendem valores tradicionais e moralistas, bem como um programa de valores autoritários ou com tendência ao autoritarismo. Conforme Mudde coloca, o autoritarismo é definido aqui como uma crença baseada em uma sociedade estritamente organizada e centrada no poder do Estado, de modo que as violações das leis e a rejeição à autoridade do Estado devem gerar punições severas. Nesta interpretação, o autoritarismo significaria uma organização social, construída sobre

⁷⁵ União por um Movimento Popular.

⁷⁶ NORRIS, Pippa. *Radical right: voters and parties in the electoral market*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

⁷⁷ Ibidem.

três pilares: a lei, a ordem e a moral.⁷⁸

Para Camus, o que definiria os partidos de extrema direita europeus, enquanto uma família partidária, seria, em um primeiro momento, uma matriz ideológica em comum, constituída pelo nacionalismo (étnico), pelo autoritarismo e pelo programa político de cunho “populista-nacionalista”.⁷⁹ Embora existam diferenças nas pautas políticas de cada partido que compõe essa família, a ideologia que a constitui é a principal característica de aproximação entre esses partidos. Conforme reitera Mudde,⁸⁰ o primeiro critério utilizado para categorizar os partidos de extrema direita é a matriz ideológica e política, são essas aproximações que os definem enquanto membros dessa subfamília política.

Os partidos de extrema direita estão inseridos no cenário democrático e agem dentro dos limites impostos pelas democracias ocidentais. Portanto, o uso do termo extremo não está associado à violência ou a qualquer referência ao fascismo, mas remete às concepções e posicionamentos políticos, ao contrário do que aponta Norris.

Nesse mesmo sentido, Taguieff e Rydgren reforçam o argumento que dissocia a extrema direita do fascismo tradicional, indo no sentido contrário colocado por Norris.⁸¹ Portanto, a extrema direita é assim denominada por se enquadrar no extremo do espectro político e ideológico dos partidos de direita.

Em termos políticos, os partidos de extrema direita compartilham das seguintes características: rejeição ao multiculturalismo e ao pluralismo e oposição ao liberalismo econômico e ao autoritarismo no sentido social e cultural. No sentido religioso, embora o FN tenha uma ligação enorme com o catolicismo, ele defende a laicidade do Estado. Nos outros partidos de extrema direita predominam as religiões católicas e protestantes. Para Mudde, podemos definir a extrema direita a partir de três pontos: o nacionalismo, o autoritarismo e a xenofobia.

Para Carter, a extrema direita caracteriza-se, por um lado, por sua rejeição aos “valores fundamentais (direitos humanos), procedimentos e instituições (eleições

⁷⁸ MUDDE, C. *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 23.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 17.

⁸⁰ MUDDE, C. *The ideology of the extreme right*. Manchester and New York: Manchester University Press, 2000, p. 45.

⁸¹ TAGUIEFF, P. A. *Le Nouveau National-Populisme*. Éditions CNRS, 2012; RYDGREN, Jens. *The populist challenge: Political protest and ethno-nationalist mobilization in France*. New York and Oxford: Berghahn Books, 2004.

livres, iguais, diretas e secretas, competição partidária, pluralismo, Estado de direito, separação de poderes) do Estado democrático constitucional”; por outro, distingue-se pelo que abraça: absolutismo e dogmatismo.⁸²

Os partidos de extrema direita vão além na sua compreensão de Estado e nação, o sentimento de pertencimento étnico e de nacionalismo transforma a relação de como o Estado deve atuar. Neste sentido, o Estado é percebido enquanto organismo que deve controlar e suprir as necessidades da população, ou seja, para a extrema direita, o Estado é responsável por garantir privilégios à população local frente aos estrangeiros; privilégios que não se limitam ao ponto de vista econômico, mas que objetivam a prioridade de empregos, o acesso à moradia, a ampliação do Estado de bem-estar social, a educação e saúde públicas, todos garantidos pelo Estado. Segundo Rydgren, tais preocupações e mudanças no projeto político da extrema direita constituem uma das características principais que a separam da tradição fascista.⁸³

Para Carter, “O extremismo de direita enfatiza a noção de desigualdade dos indivíduos e os modelos de extrema direita da ordem política e social estão enraizados na crença na necessidade de desigualdade social e política”.⁸⁴ Neste sentido, percebemos que o projeto político da extrema direita acredita que a desigualdade faz parte das democracias liberais e do processo natural da sociedade, de modo que a função do Estado é garantir sua institucionalização.

Para Minkenberg, um dos grupos intelectuais que mais influenciaram o pensamento dos partidos de extrema direita foi o movimento Nouvelle Droite,⁸⁵ de Alain Benoist. Esse grupo, pertencente à extrema direita da terceira onda, teve papel importante para a transição dos movimentos de extrema direita, da base do fascismo, para a mudança ideológica dos anos 1980. Segundo Minkenberg, a Nouvelle Droite

⁸² CARTER, Elisabeth. *The extreme right in Western Europe: success or failure?* Manchester: Manchester University Press, 2005, p. 16.

⁸³ RYDGREN, Jens. *Movements of exclusion: radical right-wing populism in the Western World*. New York: Nova Science Publishers, 2005.

⁸⁴ CARTER, Elisabeth. *The extreme right in Western Europe: success or failure?* Manchester: Manchester University Press, 2005, p. 16. [“Institutionalized right-wing extremism emphasizes the notion of inequality of individuals and extreme right-wing models of political and social order are rooted in a belief in the necessity of institutionalized social and political inequality” – tradução livre].

⁸⁵ Nova Direita, movimento político intelectual francês, criado por Alain de Besnoit, que criticava o multiculturalismo e defendia a incompatibilidade entre as culturas (ocidentais x orientais), defendendo a necessidade legítima de resistência e segregação cultural. Tal movimento teve enorme aceitação na Europa, inclusive no FN, sendo a base ideológica para o racismo culturalista.

defendia que o multiculturalismo era um câncer para as culturas europeias e que existia incompatibilidade entre as culturas ocidentais e a cultura dos imigrantes, principalmente os de origem africana (muçulmanos). A Nouvelle Droite foi um dos responsáveis pela transição do racismo étnico para o preconceito cultural, o que foi amplamente aceito pela extrema direita, inclusive pelo FN.

Ao analisar esta terceira onda de extremismo, é importante reconhecer o papel do movimento intelectual dos anos 1970 até 1990, como uma força para a renovação ideológica de direita. A formulação do conceito de “etnopluralismo” pela Nouvelle Droite rompeu com o pensamento antigo da extrema direita sobre as ideias antiquadas de racismo biológico e superioridade branca. Ao apropriar-se diretamente do conceito de “direito a ser diferente” da esquerda política, a Nouvelle Droite enfatizou a incompatibilidade das culturas e etnias e defendeu a legitimidade da resistência europeia à mistura cultural. O etnopluralismo é uma segregação politicamente forçada de culturas e etnias segundo critérios geográficos (essencialmente, uma espécie de apartheid global) e o contra-modelo da nova direção ao multiculturalismo, funcionando como uma estratégia modernizada contra a imigração e a integração. Ele precede e se funde nas mensagens xenófobas, promulgadas por políticos e autores do *mainstream*. Sobre a Nouvelle Droite, o historiador Odilon Caldeira Neto coloca que:

A perspectiva dominante dessa *nova direita*, apesar das correntes internas existentes, consistia em buscar uma atuação metapolítica, isto é, para além do imediatismo políticopartidário, ou mesmo em sentido contrário a ele. Segundo os intelectuais da *Nouvelle Droite* (e em especial o filósofo Alain de Benoist, espécie de tutor e norteador ideológico dessa geração), a perspectiva metapolítica viria a construir um aparato sistêmico e intelectual, destinado a refundar uma cultura e um mito de uma nova (velha) Europa, com possibilidade de mobilizar os “bons europeus” e construir uma Nação-Europa.⁸⁶

Muito embora a Nouvelle Droite se apresentasse como um novo movimento político — procurando se desvincular dos outros movimentos de extrema direita, apresentando um novo corpus ideológico —, o grupo ainda demonstrava aspectos que o ligavam à tradição fascista. Conforme Odilon Caldeira Neto:

Essas seriam, portanto, as principais tendências do que Roger Griffin chamou de “nova face do fascismo” (ou fascismo sem faces). Apesar da negativa da

⁸⁶ CALDEIRA NETO, Odilon. “Nosso nome é Enéas!”: Partido de Reedificação da Ordem Nacional (1989-2006). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, p. 40.

enunciação fascista, esses movimentos e organizações primam por postulados que os aproximam a alguns referenciais do fascismo histórico, seja pelo viés extremista, um racismo (mais velado/“cultural” que científico) e a defesa da necessidade de um espaço vital por direito (para constituição de uma verdadeira identidade), anti-igualitarismo, antiliberalismo, além da utilização de autores e cânones fascistas (ou que tiveram alguma relação com o aparelho ideológico fascista), etc.⁸⁷

Para Ignazi,⁸⁸ devemos definir alguns critérios para poder credenciar um partido dentro da família da extrema direita. Os critérios que devem ser definidos são políticos, ideológicos e espaciais. O primeiro critério está ligado à posição política do partido no atual cenário político, onde ele se encontra nesse espectro. Além disso, como ele se posiciona em relação aos partidos de centro-direita e quais as críticas e posicionamentos adotados em relação a esse tipo de governo. Ignazi ainda argumenta que existe um problema em relação a isso, como conseguir medir o nível de extremismo de um partido, porque, dentre os diversos partidos de extrema direita existentes, temos desde partidos conservadores católicos a partidos neonazistas, com direcionamentos econômicos e abordagens culturais diferentes. Portanto, a fim de chegar a um denominador comum, temos que relevar algumas diferenças, para poder categorizar, pois, embora existam partidos com pautas políticas parecidas — que serviriam de elemento para poder classificar dois grupos em uma mesma categoria — não são suficientemente fortes para serem nominados de extrema direita.⁸⁹

O segundo critério, de acordo com Ignazi, é o fator ideológico, visto que, da década de 1930 até a década de 1970, o fascismo foi a maior influência e o principal produtor de material ideológico dentro da tradição extremista. Ainda que movimentos na França na década de 1970 tenham procurado desenvolver material político, eles não podem ser comparados com a enorme quantidade de material intelectual do fascismo e do nazismo. Tal influência é vista em alguns partidos de extrema direita — como o Jobbik, da Hungria, e a Aurora Dourada, da Grécia —, em que podemos perceber a influência estética, as simbologias e pautas parecidas em seus programas políticos, com ideias praticamente iguais às do fascismo — a exemplo do corporativismo e de projetos de segregação racial —, além, é claro, do posicionamento desses partidos em relação ao próprio nazismo, fazendo alusões a

⁸⁷ Ibidem, p. 42.

⁸⁸ IGNAZI, Piero. The silent counter-revolution: hypotheses on the emergence of extreme right-wing parties in Europe. *European Journal of Political Research*, v. 22, 1992, p. 3-34.

⁸⁹ Ibidem, p. 4.

grupos fanáticos como as Waffen-SS.⁹⁰



Figura 4. Aurora Dourada

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Logo_Aurora_Dourada.png>

Os símbolos da Waffen-SS, bem como suas roupas, tatuagens, revistas e insígnias, são ressimbolizados e utilizados até hoje pelos movimentos de extrema direita.

⁹⁰ SHIELDS, James G. *The Extreme Right...*, op. cit., p. 197.



Figura 5. Waffen-SS

Fonte: <<https://worldwarera.com/en/uniform-charts-etc/waffen-ss-division-map/>>

O problema com o critério ideológico é que são poucos os partidos que assumem sua postura fascista, ou seja, a maioria deles procuram se distanciar desse passado — embora existam elementos suficientes para aproximá-los do fascismo —, em virtude das questões de marginalidade e de outros elementos citados anteriormente.

Por fim, segundo os postulados de Ignazi, o terceiro critério seria a localização desses partidos na política. Nesse critério, ele define que os partidos de extrema direita devem manifestar certas posições políticas, como oposição aos valores e às instituições democráticas, posicionamento conhecido como *anti-establishment*, isto é, contra o sistema atual, seja ele político ou econômico. Noutros termos, esses partidos devem se opor à forma como são feitas as eleições e como são distribuídos o dinheiro público para os grandes partidos, uma crítica à polaridade política entre os partidos pragmáticos e a esquerda liberal. Para que esses partidos se enquadrem nessa categoria eles devem minar as crenças no sistema econômico, criticando a forma como o neoliberalismo opera. No caso dos partidos de extrema direita, o principal fator

questionador é em relação à União Europeia (UE). Parte significativa dessas agremiações questionam a legitimidade do bloco europeu. Para Ignazi, três atitudes são fundamentais — o questionamento antiparlamentarismo, antipluralismo e antipartidarismo.⁹¹

Neste sentido, mesmo que um partido de extrema direita tenha ativa participação no processo político democrático e não tenha como projeto geral o rompimento com as vias democráticas, o discurso antissistêmico é aceito para caracterizá-lo como de extrema direita. Mesmo nessa direção, a contrariedade ao sistema político não precisa ser, necessariamente, derrubar uma República, mas a simples oposição à tradição eleitoral, à cultura política nacional e ao controle de certas elites ou grupos hegemônicos que dominam o cenário político.

Para Betz, os partidos de extrema direita são compostos por elementos ideológicos conflituosos, como, por exemplo, o apoio ao neoliberalismo e às lógicas de mercado e, ao mesmo tempo, o protecionismo do comércio nacional.⁹² Eles têm se transformado e procurado novos elementos para agregar em seu programa político, abrangendo as classes desprivilegiadas e os trabalhadores rurais e pequenos proprietários de terra, ou seja, procurando se aproximar de novos grupos. Tal projeto visa ampliar suas bases eleitorais, atraindo eleitores ressentidos com a política tradicional e trabalhadores desempregados que convivem com a concorrência dos imigrantes.

No sentido de ampliação do eleitorado, a extrema direita também se coloca contrária às elites e à polaridade que atualmente existe na maioria dos países, em que os dois maiores partidos se revezam no governo. Assim, a extrema direita se coloca contra uma forma específica de democracia que cada vez mais vem sofrendo críticas pelas disparidades econômicas. Tal ponto ficou muito evidenciado com a crise de 2008, quando a maioria dos estados precisaram salvar empresas privadas, evitando a falência de entidades financeiras, às custas de cortes e subsídios da população. Outro ponto que virou plataforma para a extrema direita é atacar a forma como os planos de austeridade econômica são executados, mesmo com a reprovação da população.

⁹¹ IGNAZI, Piero. The silent counter-revolution: hypotheses on the emergence of extreme right-wing parties in Europe. *European Journal of Political Research*, v. 22, 1992, p. 3-34.

⁹² BETZ, Hans-George. The New Politics of Resentment: Radical Right-Wing Populist Parties in Western Europe. New York, *Comparative Politics*, v. 25, n. 4, 2011, p. 413-427.

1.2.2 Direita populista, nacionalismo e direita nacionalista

Nesse subcapítulo veremos conceitos que são utilizados para caracterizar partidos de extrema direita como populistas. É uma corrente que propõe uma abordagem diferente para o uso do conceito de extrema direita. O populismo utilizado por alguns pesquisadores, como veremos a seguir, propõe uma nova interpretação para o fenômeno do extremismo político, embora não concordemos com seu uso. Uma das principais bandeiras do FN é o nacionalismo, portanto faz-se necessário discorrer sobre sua importância para a direita nacionalista e como ele é utilizado e incorporado aos projetos políticos e às pautas dos partidos. No mesmo sentido do nacionalismo, vamos também ver outra característica que fundamenta os partidos de extrema direita, a xenofobia.

1.2.3 Direita populista

Nas produções sobre a extrema direita, vemos constantemente o uso do termo direita populista, empregado para caracterizar políticos e partidos europeus. Vale ressaltar que a forma como o termo populismo é utilizado na América Latina — para tratar de políticos como Getúlio Vargas, no Brasil, e Hugo Chaves e Nicolás Maduro, na Venezuela — distancia-se bastante de seu significado empregado na Europa, pois na América Latina, o discurso populista está atrelado a governos de cunho progressista, enquanto na Europa o populista está ligado aos partidos da extrema direita.

Para Taguieff, o populismo, enquanto ideologia política, significa uma forma de governo em que haveria participação popular e defesa da soberania nacional, de modo que a política daria preferência às vontades do povo, em oposição à elite.⁹³ Para Mudde, no entanto, o populismo de direita seria uma ideologia que colocaria a população no centro do governo, a fim de romper com o status quo e com o governo das elites financeiras e capitalistas.

O populismo pode ser definido como uma característica de liderança política, como forma de atuação dos líderes dos grupos de extrema direita. Tal característica

⁹³ TAGUIEFF, P. A. *Le Nouveau National-Populisme*. Éditions CNRS, 2012, p. 37.

geralmente aparece em políticos que buscam apelo nacional, adotando chavões políticos e estratégias para marcar território com opiniões extravagantes. O populismo, assim, pode ser considerado uma adição ao repertório da extrema direita. Para Betz, o populismo pode ser definido como uma estrutura de argumentação política para as massas, como um estilo político centrado na “vontade popular”; também seria uma estratégia eleitoral para ganhar votos das massas e uma estratégia política; por último, seria utilizado como ideologia. Para Mudde, a direita populista é uma forma moderada do fascismo, porque existem diferenças fundamentais entre os dois: a direita radical é democrática, mesmo que se oponha a alguns valores fundamentais da democracia liberal, ao passo que o fascismo é, em essência, antidemocrático.⁹⁴

Para Rydgren, a direita populista, ou, ao mesmo tempo o populismo, seriam ideologias demagogas, representadas por partidos oportunistas, cujo discurso e forma de atuação de seus líderes se alternariam de acordo com as necessidades do *mainstream* político. Mais do que um simples estilo ou estratégia, segundo Sternhell, o populismo procura se apresentar como governo popular, podendo se apresentar facilmente tanto a partir da direita quanto da esquerda, ou nem da direita nem da esquerda, como o próprio Jean-Marie Le Pen fez em sua campanha política pelo FN.⁹⁵

Para Mudde, o populismo de direita seria uma característica ideológica, não meramente um estilo político. De acordo com isso, o populismo é entendido como uma ideologia centrada que considera a sociedade finalmente separada em dois grupos homogêneos e antagônicos — “as pessoas puras” versus “a elite corrupta” —, e a política deve ser uma expressão da vontade geral do povo.⁹⁶

Na visão da direita populista, em seu projeto político, o povo é visto como um agrupamento coletivo e homogêneo. Tal dicotomia separava a população em dois lados de uma moeda — de um lado, o líder em defesa do povo; do lado contrário, a elite. Neste sentido, podemos perceber que a direita populista também está inserida no grupo do *anti-establishment*, pois se vê contra o sistema vigente.

Embora para Shields o populismo de direita não tenha vínculos diretos com o

⁹⁴ MUDDE, Cas. *Populist radical right parties in Europe*. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 31.

⁹⁵ STERNHELL, Zeev. *Ni droite ni gauche. L'idéologie fasciste en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1983; MARECHAL, Samuel. *Ni droite, ni gauche... Français! Contre la pensée unique: l'autre politique*. Paris: Première Ligne, 1994.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 32.

fascismo, ele tende a pegar alguns elementos utilizados durante os governos fascistas, como a personificação de um grande líder popular, carismático e representante das classes operárias. O líder populista “pretende” ser o próprio povo incorporado em um indivíduo e no poder político. Tal característica, de ligação ao caráter proletário, permite que os partidos de direita populista abandonem o caráter intelectual, rejeitando os intelectuais acadêmicos, porque essa é uma característica elitista dos partidos políticos. Portanto, tem que se manter ligado às camadas mais baixas da sociedade e procurar desenvolver um linguajar próprio das massas. Não são apenas os partidos populistas de direita que rejeitam a academia, diversos partidos de extrema direita rejeitam os intelectuais e a academia, talvez por isso apareçam bordões “nem direita, nem esquerda”, para que não seja necessário fazer uma análise da conjuntura, ou também em virtude da falta de conexão com a materialidade.⁹⁷

Segundo Sternhell, o populismo se apresenta com programas simples e ideias econômicas e políticas simplistas, por rejeitar a postura científica arrogante, rejeitando a eficácia da ciência para resolver problemas do homem. Ainda conforme Sternhell, o populismo de direita, embora se coloque dentro do âmbito democrático, tem total desprezo pelo caráter técnico e burocrático das instâncias governamentais, das instituições e do aparelhamento político, vistos como espaços elitizados, que colaboram com a doutrinação e alienação da população, considerando que o povo não tem representação nessas instâncias.⁹⁸

Para Taggart, o populismo de direita não tem uma literatura suficiente para ser analisada, como, por exemplo, muitos partidos de extrema direita que têm diversos livros e revistas publicadas mensalmente. A direita populista é pobre de fontes para análise com maior profundidade. Neste sentido, para Taggart, é difícil poder se aproximar de um conceito mais concreto sobre o populismo de direita. O populismo é um conceito difícil e escorregadio, ele carece de recursos que o tornem mais tangível. Por estas razões, é profundamente difícil construir uma descrição generalizada e muito menos uma definição universal e abrangente do populismo como uma ideia ou como um movimento político.⁹⁹

⁹⁷ STERNHELL, Zeev. *Ni droite ni gauche. L'idéologie fasciste en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1983, p. 57.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 64.

⁹⁹ TAGGART, Paul. *Populism and representative politics in contemporary Europe*. *Journal of Political*

Outro elemento que é incorporado à postura *anti-establishment* é o fato de a direita populista construir um caráter heroico para seu movimento, apresentando os problemas nacionais e seus “inimigos”. Nessa caracterização, segundo Meny, o apelo nacionalista existe em escala importante na direita populista. Para isso tem que se criar um movimento popular embasado em questões simples, como a cultura popular, que transmitam um sentimento de pertencimento. A direita populista precisa trabalhar com questões emocionais, porque estas são abstratas, não precisam fazer sentido do ponto de vista científico e nem como programa político; elas têm que fazer sentido para a população, mesmo que não apresentem intenções significativas de romper com o status quo.¹⁰⁰

Nesse mesmo sentido, a existência de inimigos reais ou ilusórios e teorias conspiratórias são importantes no discurso da direita populista, para alcançar o imaginário popular. Geralmente são construções estereotipadas e marginalizantes, colocadas sob um ângulo negativo, o que permite reafirmar a superioridade de um grupo sobre as minorias. Assim, o populismo de direita pode usar argumentos conspiratórios e demagógicos sobre minorias, a exemplo da crescente islamofobia frente a atentados terroristas, o que ajuda no sentimento de terror e no avanço do sentimento conspiracionista.

1.2.4 Nacionalismo

Segundo estudos sobre os fenômenos do nacionalismo na Europa, este é visto como um produto das transformações da sociedade capitalista, da mesma forma que o desenvolvimento e a ampliação do Estado são vistos como responsáveis pelo principal controle das sociedades. O nacionalismo também é analisado como um produto da construção histórica das nações modernas. A importância em estudar o nacionalismo não deriva somente do ponto de vista das relações humanas com seu meio e dos riscos que o ultranacionalismo propiciou no continente europeu nos séculos XIX e XX, mas deriva também da urgência e atualidade, pois observamos que

Ideologies, v. 9, n. 3, 2004, p. 269-288.

¹⁰⁰ MENY, Yves & SUREI, Yves. *Democracies and the populist challenge*. New York: Palgrave, 2002.

o continente europeu tem sido palco de levantes sociais e de demonstrações extremistas de grupos nacionalistas. Diante do agravamento da crise econômica, do enfraquecimento da política dos partidos tradicionais e dos conflitos de identidade nacional, percebemos maior aceitação e espaço para partidos e grupos nacionalistas no cenário político europeu, os quais ganham força eleitoral em países com instituições historicamente estabelecidas.

O desenvolvimento da nação é, portanto, objeto crucial do ideal nacionalista, bem como sua materialidade, sua expansão territorial — ou manutenção das fronteiras — e a política voltada para seus membros, em que uma única comunidade política é beneficiada, aspirando os mesmos pressupostos e sentimentos nacionais. Devemos lembrar que existe uma importante separação entre o que é nação, enquanto federação e seu significado, e o que é o Estado e suas funções burocráticas e administrativas, sendo, portanto, dois lados de uma mesma moeda. Neste sentido, o nacionalismo funciona como uma engrenagem que consegue desenvolver sentimentos de amor à pátria, estabelecendo projetos que buscam o desenvolvimento nacional e dos cidadãos, inseridos dentro da estrutura do Estado.

A diferença do significado objetivo entre Estado e nação fica mais evidente quando conseguimos enxergar as diferenças entre ambas: o Estado é formado, em sua composição, por instituições públicas e por estruturas hierárquicas, bem como detém, exclusivamente, o monopólio da força e da coerção. A nação, em sentido estrito, é uma comunidade “imaginada”, política, composta por indivíduos com aproximações culturais, detentora de singularidades linguísticas, de semelhanças étnicas e de sentimento de pertencimento a um mesmo território comum.

Para o historiador Eric Hobsbawm,¹⁰¹ a nação em seu modelo atual teria a “característica básica da nação moderna e tudo o que a ela está ligado é a sua modernidade”. Segundo ele, as nações modernas, como conhecemos, diferenciam-se das outras formações nacionais do passado, pela diferença do discurso nacional, que está ligado às políticas governamentais e à política capitalista liberal. Tal característica particular das nações modernas não existia nas nações até a Revolução Francesa. Assim, Hobsbawm estabelece uma separação entre nação e nação moderna, tendo como principal diferença o fato de o Estado operar o conceito em seu discurso político e social. A criação da nação, enquanto projeto de sociedade

¹⁰¹ HOBBSAWM, E. *Nação e Nacionalismos desde 1780*. Cambridge: CUP, 1992, p. 27.

homogênea linguística e etnicamente, fez parte do projeto político liberal que se desenvolveu de forma majoritária nos séculos XIX e XX. Nas nações modernas é o governo que está diretamente ligado ao conceito de nação, ele é o principal responsável por criar formas burocráticas e organizar os padrões oficiais da sociedade, elegendo uma língua oficial, designando uma religião oficial e operando uma máquina administrativa que visa o envolvimento dos cidadãos e a lealdade ao Estado.

Para o historiador Benedict Anderson,¹⁰² a nação nada mais é do que uma comunidade limitada, soberana e, sobretudo, imaginada. Limitada porque por maior que sejam as nações, sempre haverá fronteiras finitas; soberana porque pressupõe lidar com um grande pluralismo vivo e finalmente imaginado, visto que seus indivíduos, mesmo nunca conhecendo integralmente uns aos outros, compartilham signos e símbolos comuns, que os fazem reconhecer-se como pertencentes a um mesmo espaço imaginário.

Ainda sobre o conceito de nação, segundo Hans-Jurgen Puhle, para se estudar o desenvolvimento das nações modernas europeias faz-se necessário compreender diversos fatores que contribuíram para seu desenvolvimento. Para Puhle,¹⁰³ o continente europeu é um produto de sua história, pois sua formação vai além das suas fronteiras, regiões, estados e nações, sendo que não teria como sobrepor uma ordem de importância, ou maior relevância de uma característica sobre a outra. Investigar como ocorreram essas transformações é o que ajuda a se aproximar do processo real de construção das nações europeias.

Além das questões da formação das fronteiras e regiões europeias, Puhle também elucida a importância de outros fatores que contribuíram para o desenvolvimento das nações modernas, como as questões de ordem econômica, social e política, que apresentam questões específicas, as quais resultaram em construções e invenções das “identidades” locais e regionais, que são resultado também do mercado e da sociedade civil.¹⁰⁴ Dessa forma, uma nação é resultado da

¹⁰² ANDERSON, B. *Imagined Communities, Reflection on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983.

¹⁰³ PUHLE, Hans-Jürgen. “Nation States, Nations, and Nationalisms in Western and Southern Europe”, In: BERAMENDI, J., MÁIZ, R. & NÚÑEZ, X. M. (Eds.). *Nationalism in Europe: Past and Present*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1994, v. II, p. 13.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 13.

construção de diferentes regiões, de diferentes estados, com indivíduos de diferentes nações, tendo em vista a enorme riqueza cultural e diversidade existente em toda a Europa. Para Puhle, tais características do continente europeu sugerem que o pesquisador deve ter o cuidado de se preocupar com duas questões de extrema relevância — a primeira é que existe um amplo material a ser moldado, investigado e explorado; a segunda é que existem processos históricos complexos de interações e de interferências de instituições, até mesmo de formas de violência, nas quais são moldadas identidades igualmente importantes que não devem ser esquecidas.¹⁰⁵

Para alguns pesquisadores, os movimentos nacionalistas tiveram seu auge no final do século XIX e início do século XX, com o final da Segunda Guerra Mundial, marcada pela derrota do nazismo e do fascismo, principais modelos políticos nacionalistas. O nacionalismo perdeu, assim, sua emergência e significado para as massas. No plano político o discurso nacional foi substituído pela defesa do sistema capitalista, devido à intensificação do conflito do Ocidente frente ao comunismo da União Soviética.

O retorno dos partidos e movimentos nacionalistas, no fim da década de 1980-1990, trouxe novas perguntas para os pesquisadores: como compreender o retorno da pauta nacionalista no cenário político, em um mundo globalizado e interligado? Quais as novas pautas políticas dos novos movimentos nacionalistas? Segundo Hroch,¹⁰⁶ na academia, durante a década de 1990, os pesquisadores que se propuseram a investigar esses novos fenômenos no calor de seu aparecimento procuraram explicar que, durante os regimes comunistas, o nacionalismo teria sido proibido, visto que a tendência política da Internacional Comunista era de âmbito internacionalista, portanto o nacionalismo não era incentivado pelos governos comunistas. Dessa forma, as pesquisas sobre o nacionalismo colocaram como resposta o retorno do nacionalismo como resultado de problemas mal resolvidos pelo comunismo. Para Hroch, esses argumentos, por um bom período de tempo, foram convincentes para explicar o nacionalismo no final do século XX. Todavia, nos últimos cinco anos, essa teoria teria sido refutada pelos novos pesquisadores do tema.¹⁰⁷

¹⁰⁵ Ibidem.

¹⁰⁶ HROCH, M. "Nationalism and National Movements: Comparing the Past and the Present of Central and Eastern Europe", *Nations and Nationalism*, v. 2, n. 1, 1996.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 36.

Dessas teorias antigas, o que sobreviveu, segundo Hroch,¹⁰⁸ é o conceito de nacionalismo como espécie de “epidemia” que deve ser tratada, sendo o principal paradoxo do nacionalismo encontrar um método adequado para tratar dessa problemática. Segundo o autor, é necessário procurar explicações mais profundas para explicar o aparecimento do nacionalismo no século XXI e as implicações que tais movimentos podem ter no futuro da sociedade europeia. Para Hroch, é necessário entender a ascendência dos movimentos nacionalistas através do processo histórico específico de cada país.

Ainda de acordo com ele, cabe ao historiador, em primeiro lugar, buscar fazer considerações sobre o conceito “nacionalismo”, visto que este é utilizado para definir diversas áreas das ciências humanas, as quais têm lhe atribuído diversos significados, empobrecendo o conceito e o tornando generalizante, afastando, dessa forma, a discussão do significado real do conceito. A ampla exploração do nacionalismo, para caracterizar diferentes processos históricos, torna difícil a compreensão do mesmo.¹⁰⁹ Para o autor, o uso do conceito de nacionalismo deve ser restrito apenas à sua formação original, ou seja, não deve ser empregado como sinônimo de identidade nacional ou programa de desenvolvimento nacional, mas, segundo Hroch, “como um estado de espírito (mental e coletivo), que dá prioridade aos interesses e valores da nação, acima de todos os outros interesses e valores”.¹¹⁰ Dessa forma, na questão contemporânea do reaparecimento do sentimento nacionalista, o autor diz que devemos tratar esse processo como “movimento nacional”, compreendido como um esforço organizado por parte de alguns setores da sociedade que buscam atingir determinados “direitos”.

Segundo Hroch, para se compreender melhor os movimentos nacionais e o nacionalismo é necessário formular algumas premissas que, segundo o autor, são importantes para conseguir compreender com maior profundidade o processo histórico estudado. Em primeiro lugar, o “nacionalismo” deve ser entendido como expressão de um grupo social existente em determinada nação e como resultado de um longo processo de formação do Estado-Nação. Em segundo lugar, o principal elemento de compreensão de formação de uma nação é a identidade nacional, não o

¹⁰⁸ Ibidem, p. 37.

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ Ibidem.

nacionalismo. Em terceiro lugar, o processo de formação das nações modernas não foi um erro na História — como sugerem alguns autores, pressupondo que o nacionalismo foi responsável pelas duas guerras mundiais do século XX —, mas um processo natural de transformação da sociedade europeia moderna, em paralelo com a industrialização, o capitalismo e a burocratização das instituições nacionais. Outro ponto importante para a análise da emergência do nacionalismo seria compreender, também, a emergência das nações, das formações das identidades nacionais e as disputas entre determinadas culturas que habitam o mesmo espaço cotidiano, como um processo que ocorre majoritariamente no mundo ocidental.

Dessa forma, no que tange ao nosso objeto — que é o estudo do partido de extrema direita francês, o FN —, observamos como o partido, conhecido por sua postura ultranacionalista, ganha maior evidência e destaque a partir da década de 1990.

1.2.5 A direita nacionalista e a xenofobia

O nacionalismo é uma característica fundamental da extrema direita, sendo também muito importante para a direita que se intitula nacionalista. Tão importante é a importância do nacionalismo para a extrema direita que ele se tornou alvo de estudos a partir dos anos 1990. Para muitos historiadores, o retorno dos movimentos e sentimentos nacionalistas estaria acabado com o fim da Guerra Fria, mas, conforme vimos no ponto anterior, o nacionalismo retornou ao centro das discussões acadêmicas. Certamente, ele possui diversas formas de manifestação e também várias formas de existir, apresentando-se ideologicamente em diversos formatos e por diferentes grupos políticos, tanto de esquerda como de direita, como também pode existir fora dos meios políticos tradicionais.

Esta doutrina centrada na unidade monocultural da nação pode ser expressa na defesa exacerbada dos valores, tradições e identidade nacionais ou na demanda por independência de um Estado ou região, por exemplo. O nacionalismo, por um lado, busca a convergência da unidade cultural e política de uma sociedade, ou seja, sua homogeneização dentro do território nacional. Isto pode ser atingido por diferentes meios ou pela combinação deles, tais como o separatismo, a assimilação, a expulsão ou, em uma situação extrema, conforme foi no nazismo, o genocídio.

Por outro lado, o termo nativismo leva o nacionalismo mais adiante, pois além

de preconizar a unidade da comunidade nacional, unificando as noções de Estado e nação, considera negativo, perigoso e ameaçador tudo aquilo que é proveniente do mundo externo. O termo nativismo tem a capacidade de excluir as formas liberais de nacionalismo, as quais podem ser encontradas em outras famílias partidárias, como a dos conservadores.

A concepção de que o Estado deve ser habitado exclusivamente por membros do grupo considerado nativo e que tudo o que não é nativo é visto como uma ameaça corresponde à combinação de nacionalismo e xenofobia. Neste sentido, o nativismo dá origem ao posicionamento contra a imigração, assim como a outras oposições a inimigos considerados estrangeiros, pois o nativista considera que tudo o que é externo ou desviante das convenções da nação é negativo, correspondendo a uma ameaça.

Isto posto, ele é fundamental para o projeto político da extrema direita, constituindo-se como um dos pilares ideológicos dos partidos. Ele é central na discussão econômica, nas relações internacionais, no entendimento da soberania nacional. Portanto, o nacionalismo está presente em todo cerne dos partidos de extrema direita, ele passou a ser uma doutrina, visto até como religião. Mas por que o nacionalismo é fundamental para a extrema direita?

Para Mudde, o nacionalismo da extrema direita seria uma doutrina política que busca a congruência da unidade cultural e da unidade política, seria conseguir um Estado monocultural, isto é, a homogeneização interna, que garante que o Estado inclua apenas pessoas da “própria” nação. A homogeneização interna pode ser obtida por uma combinação de várias estratégias, incluindo separatismo, assimilação, expulsão e, em última instância, genocídio.¹¹¹

Todavia, o termo mais utilizado é nacionalismo, ou ultranacionalismo, quando queremos indicar a sua utilização em partidos de extrema direita. Tal termo, segundo nos parece, procura dar maior amplitude e abranger de forma mais específica o fenômeno da extrema direita, pois ele seria uma espécie de nacionalismo que também dá a dimensão de valorização do nacional e de rejeição daquilo que é estrangeiro. Mudde o define da seguinte forma:

O nativismo é definido aqui como uma ideologia, que afirma que os estados

¹¹¹ MUDDE, Cas. *Populist radical right parties in Europe*. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 18.

devem ser habitados exclusivamente por membros do mesmo grupo nativo (“a nação”) e que elementos não-nativos (pessoas e ideias) são fundamentalmente ameaçadores para um o Estado-nação homogêneo. A base para a definição de (não) “natividade” pode ser diversa, étnica, racial ou religiosa, mas terá sempre um componente cultural.¹¹²

Portanto, de acordo com esse conceito, o nativismo seria uma ampliação do nacionalismo, incorporando também a xenofobia, a aversão aos imigrantes. Ao mesmo tempo que ele consegue defender a cultura nacional, ele se sobrepõe a outras categorias, ou seja, o nativismo seria uma forma de colocar sua relação étnica em um patamar acima de todos os outros — embora seja válido lembrar que, no âmbito das culturas europeias, os nativistas defendem que cada nação europeia deva ter condições de manter sua própria cultura e as considera como “iguais” nas relações de forças contra as culturas islâmicas —, tanto que é esse fator que credencia a extrema direita a imaginar sua superioridade em detrimento de outras culturas.¹¹³ Para Guia, o nativismo seria:

[...] uma construção particular do nacionalismo que não é restringido pelo tamanho ou pela estrutura política da unidade, mas sim por uma de suas características conjunturais: o nativismo aparece em variadas unidades políticas, mas sempre sob condições de imigração em massa. Foi identificado pela primeira vez durante o século XIX nos chamados países de imigração, EUA, Canadá e Austrália, mas está sendo cada vez mais aplicado à Europa do pós-guerra. O nativismo é um dos subprodutos daquilo que Stephen Castles e Mark Miller (2009) identificaram como a Era da Migração, o período desde 1945 que testemunhou o aumento dos fluxos migratórios, origens e destinos diversificados e uma pluralização de projetos migratórios.¹¹⁴

Enquanto o nacionalismo significa a congruência da unidade política e cultural, o nativismo denota uma concepção exclusivista de nação, em que os recursos políticos e econômicos devem ser reservados e garantidos aos cidadãos de determinado Estado, excluindo outros grupos externos, considerados diferentes e não pertencentes àquela comunidade étnica. A base para definição do que é nativo não consiste na etnia, cultura ou religião, pois a definição daquilo que é nativo é subjetiva, mítica, imaginada, assim como a ideia de nação.¹¹⁵

¹¹² Ibidem, p. 19.

¹¹³ Ibidem, p. 20.

¹¹⁴ GUIA, Aitana. *The Concept of Nativism and Anti-Immigrant Sentiments in Europe*. EUI Working Paper: MWP, 2016, p. 1-13.

¹¹⁵ Ibidem, p. 3.

Por esta razão, é um termo interessante para descrever a extrema direita, pois não reduz estes partidos a meros *single-issues* como o termo “anti-imigrante” o faz. Dessa forma, demonstra ser capaz de acomodar partidos da extrema direita também encontrados em países do Leste Europeu, os quais não experimentam o mesmo tipo e peso de imigração que a Europa Ocidental, mas apresentam reações políticas nacionalistas e xenófobas contra minorias nacionais, a exemplo dos ciganos.¹¹⁶

Para alcançá-lo, nacionalistas defendem uma política de homogeneização interna e de exclusivismo externo que pode ser posta em prática mediante uma série de medidas, desde o separatismo, a assimilação e expulsão até o genocídio e a expansão externa. O nacionalismo pode ser distinguido em dois subtipos — estatal e étnico, ou territorial e genealógico.¹¹⁷ Enquanto o nacionalismo territorial caracteriza-se por uma visão da nação como uma associação racional, o nacionalismo étnico caracteriza-se por uma visão orgânica da nação.¹¹⁸ Embora na prática as doutrinas nacionalistas sempre incluam uma mistura de aspectos políticos/civis e culturais/étnicos, naturalmente, no caso da direita radical, a ênfase é dada sobre estes últimos. Assim, a noção de nação é construída não em termos políticos, mas culturais, de modo que o pertencimento a ela não deriva da condição de cidadão e dos direitos naturais dos indivíduos, mas do fato de nascer dentro de uma comunidade que compartilha uma história, língua e tradições comuns.¹¹⁹

Assim, o nacionalismo étnico concebe as nações como comunidades homogêneas e naturais, mais ou menos fixas e estanques, cuja mistura entre si só pode levar à perda de identidade e degeneração. Uma segunda distinção pode ser feita entre nacionalistas moderados (liberais) e nacionalistas radicais. Obviamente, é nesta última categoria que se encontram os partidos da direita radical.

Podemos perceber que a direita radical e suas propostas nacionalistas, de segregação étnica e cultural, são propostas que a aproximam do pensamento racial do nacional-socialismo, em suas devidas proporções, é claro. A direita radical não tem,

¹¹⁶ ANBINDER, T. Nativism and Prejudice Against Immigrants. In UEDA, R. (Ed.). *A Companion to American Immigration*. Malden, MA: Oxford: Black well Pub, 2006, p. 177-201.

¹¹⁷ ÖZKIRIMLI, U. *Contemporary Debates on Nationalism: A Critical engagement*. Houndmills: England; New York: Palgrave, 2012.

¹¹⁸ RYDGREN, Jens. *The populist challenge: Political protest and ethno-nationalist mobilization in France*. New York and Oxford. Berghahn Books, 2004, p. 113.

¹¹⁹ ÖZKIRIMLI, U. *Theories of Nationalism: A Critical Introduction*. Basingstoke; New York: Palgrave Macmillan, 2010.

por enquanto, um programa de extermínio das etnias consideradas menos desenvolvidas. E, como já vimos anteriormente, a extrema direita tem preocupações internas, de âmbito nacional, não apresentando um projeto expansionista como a Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Neste sentido, a extrema direita está mais preocupada com questões vinculadas à nação, à defesa da cultura, à forma com que se utiliza os espaços públicos, à imigração e como esta transforma o cotidiano das pessoas e reconfigura determinados bairros, pois o problema dos imigrantes é a forma como os mesmos não se adaptam e não se integram à sociedade, representando uma ameaça à identidade nacional.¹²⁰

A extrema direita europeia, principalmente os grupos na França, sofreu influência do pensamento da Nouvelle Droite, pois o nacionalismo não implica na afirmação da superioridade da sua própria comunidade nacional sobre outras, e sim na ideia de que todas as nações são iguais, embora diferentes. Isso significa que todas as culturas têm o direito — e, sobretudo, o dever — de preservar aquilo que faz dela o que ela é.

Vale pontuar que a extrema direita não apresenta um programa de desenvolvimento racial aos moldes do nacional-socialismo, visto que ela discursa em lugar menos privilegiado, não tem o controle do poder e muito menos o emparelhamento do Estado, ou seja, ela não tem as mesmas condições de colocar em prática tal programa de desenvolvimento étnico. Embora este programa não esteja discursivamente claro em relação aos planos da extrema direita, isso não significa que ela não possa desenvolver um projeto nesse sentido, em uma suposta ascensão ao poder.

Na visão dos nacionalistas étnicos, indivíduos de origens étnicas diferentes não devem habitar o mesmo Estado, já que este deve ser a expressão política da nação. Assim, a natureza de cada cultura só pode ser preservada por uma política nativista que exclua os membros não nativos, os quais ameaçam a homogeneidade cultural do Estado-nação. É a partir disso que surge a centralidade do tema da imigração no discurso da extrema direita.

Conforme vimos anteriormente, a questão do nativismo incorpora à extrema direita um sentimento de pertencimento que, inclusive, pode levar esses partidos a

¹²⁰ ANBINDER, T. Nativism and Prejudice Against Immigrants. In UEDA R. (Ed.) *A Companion to American Immigration*. Malden, MA: Oxford: Black well Pub, 2006, p. 177-201.

adotarem uma postura de aversão aos estrangeiros oriundos da África e Ásia. A xenofobia presente na extrema direita europeia pode ser vista como um racismo velado, pois, ao passo que tal xenofobia não sustenta a argumentação de segregação do ponto de vista racial, ela se apresenta em termos culturais, ainda que isso possa ser uma fórmula de disfarçar o racismo existente. Neste sentido, a extrema direita contemporânea não tem as mesmas preocupações do ponto de vista biológico (eugênico), que fundamentou os nazistas e as guerras étnicas na antiga Iugoslávia.

Segundo Taguieff, podemos considerar que a extrema direita se comporta de forma diferente, ela procura demonstrar um “preconceito cultural”. E essa diferença cultural entre as diferentes etnias que coabitam um mesmo espaço geográfico é vista pelos partidos de extrema direita como algo incompatível. As diferentes práticas culturais e de identidade, o sentimento de pertencimento, as diferenças linguísticas e religiosas, tudo isso é visto como obstáculo para a integração dos imigrantes. A cultura seria uma propriedade, a qual só se adquire pertencendo a algum lugar, não só o lugar do nascimento, mas um lugar que estaria acima disso, um lugar sobrenatural, que é exclusivo de um determinado grupo.¹²¹

Todavia, nem todos os imigrantes são tratados da mesma maneira pela extrema direita. Em cada país onde existem partidos de extrema direita, também existe uma questão migratória, que é uma questão nacional e particular. Em cada país existe um determinado grupo que causa a intolerância da extrema direita e, dentre os diversos grupos de imigrantes, existe uma hierarquização desses grupos. Em primeiro lugar temos os membros da comunidade europeia, que, embora sejam considerados estrangeiros, não sofrem com a perseguição e o racismo da extrema direita, porque integram o grupo dos “bons” imigrantes, considerando a questão da qualificação profissional e também o fato de englobarem uma cultura europeia, elitizada. Além disso, esses imigrantes legais são caucasianos, católicos ou protestantes, de cultura “desenvolvida”, não tendo problemas com a integração e com a língua.

Um pouco abaixo dos europeus, encontramos os filhos de imigrantes de segunda ou terceira geração. No caso francês, o mais comum são os filhos de colonos franceses que imigraram para as colônias no início do século e, a partir da década de 1960, com o processo de descolonização, retornaram à França. Esses imigrantes, por

¹²¹ TAGUIEFF, Pierre-Andre. *O racismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 67.

serem ascendentes de franceses, embora argelinos, compreendem a cultura francesa, não têm problemas com a língua. Esse caso de imigração também é tolerável para a extrema direita.

Na relação inversa, considerando a imigração que não é aceitável, temos os primeiros grupos, os primeiros imigrantes ilegais, oriundos do continente africano, cuja primeira geração era ilegal. Os filhos e netos desses imigrantes, embora nascidos franceses, mantêm a cultura, a língua e o comportamento do seu país nativo. Por fim, os imigrantes indesejáveis são aqueles que fugiram dos países árabes em conflito para a Europa, como sírios, afegãos, iraquianos, dentre outras etnias provenientes dos países fundamentalistas.

Para Michelle Hale Williams, após os ataques terroristas ao World Trade Center, nos Estados Unidos, em 2001, e outros ataques terroristas na Europa, foi gerado um pânico nas nações ocidentais, o que levou a guerra ao terrorismo a um nível transcendente. Tais implicações categorizaram as populações dos países onde existe o fundamentalismo religioso islâmico, como o alvo preferido da extrema direita, tornando-se um poderoso inimigo.

Por fim, em nosso caso específico, adotaremos o conceito de extrema direita para tratar nosso objeto de pesquisa, pois tal conceito vai de encontro aos postulados que definem o FN como partido pertencente à família da extrema direita europeia. Noutros termos, o FN tem características nacionalistas, defende a cultura e língua nacional, rejeita o multiculturalismo e o pluralismo e é antiliberal e autoritário no sentido social e cultural.

1.3 Considerações sobre os estudos de partidos políticos

Em nosso caso, apesar das diferentes conceituações sobre partidos radicais, iremos adotar o conceito de extrema direita, considerando também que nosso objetivo não é a discussão conceitual acerca da melhor definição dessa família política. Nosso objetivo de pesquisa é analisar a trajetória do partido FN, como ele atua no cenário político francês e seu desenvolvimento ideológico.

Os estudos sobre partidos políticos ocupam parte considerável das ciências humanas e ciências políticas, existem diversos pesquisadores e grupos de pesquisa que têm se debruçado sobre essa temática. Dentre esses estudos existem também

diversas correntes e formas de compreender o papel dos partidos políticos nas sociedades contemporâneas e verificar seu papel nesse processo de desenvolvimento. Dentre os diversos estudos, partiremos do materialismo histórico, especificamente dos estudos desenvolvidos por Antonio Gramsci.

O conceito de partido de Antonio Gramsci foi escrito quando ele esteve no cárcere, durante o regime fascista de Mussolini. Gramsci foi um militante importante do Partido Comunista d'Italia¹²² (PCI), contribuindo para o desenvolvimento estratégico do partido e atuando como jornalista, tecendo críticas ao movimento fascista italiano. Enquanto militante do PCI, ele foi perseguido e acabou sendo preso e condenado pelo Estado fascista. Após ser condenado, Gramsci viveu por mais de 10 anos no cárcere, onde acabou adoecendo gravemente, até ganhar a liberdade em condições extremamente debilitadas, para poucos dias depois falecer.

Durante seu período no cárcere, Gramsci se dedicou a escrever sobre a sociedade ocidental, desenvolvendo teorias sobre o Estado capitalista, sobre as estruturas que tornariam o Estado organismo inerente à hegemonia capitalista, a serviço da elite burguesa. Além disso, ele desenvolveu parte dos seus conceitos sobre Estado, hegemonia, teoria de partido, dentre outras formulações. Durante sua prisão, Gramsci escrevia em condições precárias e sob constante vigilância e policiamento dos guardas da prisão e dos órgãos fascistas, que fiscalizavam suas cartas e escritos.

Na prisão, Gramsci escreveu vários cadernos, que ficariam conhecidos como “Cadernos do cárcere”, pelo meio dos quais ele desenvolveu e consolidou seu conceito de partido, definido por ele como “Moderno Príncipe”. O conceito desenvolvido por Gramsci abrangia um partido revolucionário comunista e pensava quais as estratégias necessárias para o partido alcançar sucesso. Nesse caminho, ele começou a desenvolver seus pensamentos sobre o funcionamento da sociedade a partir das relações do Estado. Para ele, o Estado seria a sociedade civil + sociedade política, chamado Estado integral.

O Estado então seria uma organização constituída de instituições complexas, públicas e privadas, que se articulam entre si, cujo papel histórico se transforma através das lutas e relações de determinados grupos específicos e garantia de poderes, os quais se articulam para garantir sua hegemonia e domínio político que assegurem seus interesses.

¹²² Partido Comunista Italiano.

O “Estado ampliado”, segundo Gramsci, composto por sociedade civil e sociedade política, romperia com a ideia de que o Estado seria o representante exclusivo da burguesia, pois dentro do Estado integral existem vários grupos lutando ao mesmo tempo para emplacar seu projeto político, tentando produzir consenso através de seus aparelhos privados de hegemonia, na criação do consenso. Portanto, ele identificou que o grupo hegemônico dominante deve se preocupar com a questão da legitimidade do governo e manutenção do consenso, pois nenhum poder se sustenta só na sociedade política, mas também na sociedade civil (constante paradoxo entre força e consenso). Assim, legitimação e acumulação do capital não são funções que derivam de uma natureza instrumental do Estado para manter a ordem e harmonia, mas resultam, essencialmente, do conflito entre as forças presentes na sociedade e dentro do próprio Estado/aparelho estatal. Segundo Gramsci, podemos pensar que:

Estado é todo o complexo de atividades práticas e teóricas com as quais a classe dirigente não só justifica e mantém seu domínio, mas consegue obter o consenso ativo dos governados. [...] Por Estado deve-se entender, além do aparelho de governo, também o aparelho “privado” de hegemonia ou sociedade civil.¹²³

Neste sentido, para Gramsci, o Estado seria sociedade civil + sociedade política, sendo a sociedade civil o lugar principal em que se travam as lutas de classe. A luta do FN para ascender ao poder deve, portanto, ocorrer na sociedade civil, através do desenvolvimento dos aparelhos privados de hegemonia, que devem lutar nesse espaço para desenvolver seu convencimento, ou seja, a criação do seu consenso.

A hegemonia, segundo Gramsci, seria “Combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria”.¹²⁴ Para Gramsci, em resumo, “na noção geral de Estado entram elementos que devem ser remetidos à noção de sociedade civil (no sentido, seria possível dizer, de que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de

¹²³ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 87.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 95.

coerção)".¹²⁵

Nesse conceito de Estado, Gramsci propõe o “Estado integral” ou “Estado ampliado”. O “Estado ampliado” seria a sociedade política + sociedade civil. A sociedade política (o Estado em sua forma institucional, burocratizada, Estado-coerção) seria formada pelos poderes executivo, judiciário e legislativo, através dos quais a classe dominante consegue exercer seu controle do poder pela via legal, de forma legítima, institucionalizada e burocratizada, detendo os aparelhos repressivos e o monopólio da violência para a coerção da população. Assim, por meio da sociedade política os políticos eleitos governam em prol dos seus anseios de classe, exercendo uma dominação mediante a coerção. A sociedade civil seria as instituições não governamentais, os partidos políticos, as organizações privadas, os sindicatos, as universidades, escolas, igrejas e outros templos religiosos, grupos responsáveis pela elaboração, difusão e ampliação das ideologias. Seria na sociedade civil que as classes lutam pela imposição de seus projetos hegemônicos. A formalização do consenso é constituída na sociedade civil, através dos aparelhos privados de hegemonia, que funcionam como organismos sociais coletivos voluntários e relativamente autônomos em face da sociedade política. Seria na sociedade civil que se intensifica o combate pela hegemonia, e, precisamente por isso, ela é parte constituinte do Estado, junto com a sociedade política, isto é, com o Estado-coerção. Como a sociedade civil pertence ao Estado ampliado, ela seria estatal em sentido amplo. Para Gramsci:

Entre a estrutura econômica e o Estado com a sua legislação e a sua coerção, está a sociedade civil, e esta deve ser radical e concretamente transformada não apenas na letra da lei e nos livros dos cientistas; o Estado é o instrumento para adequar a sociedade civil à estrutura econômica, mas é preciso que o Estado “queira” fazer isto, isto é, que o Estado seja dirigido pelos representantes da modificação ocorrida na estrutura econômica. Esperar que, através da propaganda e da persuasão, a sociedade civil se adapte à nova estrutura, que o velho homo oeconomicus desapareça sem ser sepultado com todas as honras que merece, é uma nova forma de retórica econômica, uma nova forma de moralismo econômico vazio e inconsequente.¹²⁶

Conhece materialidade própria, social e institucionalmente, controlada pelas burocracias, nas quais circunscrevem-se o congresso, partidos, políticos, intelectuais,

¹²⁵ Ibidem, p. 244.

¹²⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 324.

etc. Seu espaço social não é neutro nem ocupado monoliticamente pela classe dominante. Segundo Nicos Poulantzas:

O Estado apresenta uma ossatura material própria que não pode de maneira alguma ser reduzida à simples dominação política. O aparelho de Estado, essa coisa de especial e por consequência temível, não se esgota no poder do Estado. Mas a dominação política está ela própria inscrita na materialidade institucional do Estado. Se o Estado não é integralmente produzido pelas classes dominantes, não o é também por elas monopolizado: o poder do Estado (o da burguesia no caso capitalista) está inscrito nesta materialidade. Nem todas as ações do Estado se reduzem à dominação política, mas nem por isso são constitutivamente menos marcadas.¹²⁷

O Estado conforma conflitos e disputas (seja entre as frações da classe dominante ou mesmo entre lutas travadas pelas classes subalternas e pela dominante), mas de uma forma específica: “tudo isso que se condensa nas divisões e contradições internas do Estado, entre seus diversos segmentos, redes e aparelhos, e no seio de cada um deles”.¹²⁸ Para Poulantzas (ou melhor, para o chamado “último Poulantzas”) o Estado é mais que uma estrutura ou um aparelho (mesmo um feixe deste), ele é a condensação material de uma relação de forças:

O Estado não é uma simples relação, mas a condensação *material* de uma relação de forças: ele possui uma ossatura específica que implica igualmente, para alguns de seus aparelhos, a exclusão da presença física e direta das massas populares em seu seio. Se elas, por exemplo, estão diretamente presentes em aparelhos tais como a escola, o exército de circunscrição nacional ou, na perspectiva de seus representantes, como as instituições eletivas, são *fisicamente mantidas a distância* de aparelhos tais como a polícia, a magistratura ou a administração. Mas, nesses últimos casos, as lutas políticas não ficam realmente exteriores ao campo estratégico do Estado [...] essas lutas sempre têm efeito em seu seio, ainda que esses efeitos se manifestem, aqui, de qualquer maneira à distância e entremeados por pessoas (o pessoal do Estado).¹²⁹

Embora transpassado pela luta de classes, o Estado não é uma instituição em permanente crise; pelo contrário, sua legitimidade advém de também formar direção e consenso, o que significa que existe nesta relação uma “autonomia relativa”, mesmo que dialeticamente imbricada na sociedade civil. Esta autonomia, no caso do Estado estrito, advém do fato de este ser parte da superestrutura — pelo meio da qual seus funcionários (burocracia e agentes políticos) irão manter uma relação mediatizada

¹²⁷ POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o poder, o socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 12.

¹²⁸ Ibidem, p. 147.

¹²⁹ Ibidem, p. 154-155.

com o mundo da produção —; de ser expressão do político, centralizando a capacidade de decisão política (ele faz parte da superestrutura política e jurídica de todo o social, mas não o resume); e de ser capaz de intervir no campo econômico, no mundo do trabalho.¹³⁰ Isso será determinado pela correlação de forças sociais, o que mobiliza tanto a sociedade civil quanto as disputas partidárias.

Sobre esta autonomia relativa, temos de afirmar que ela tem de ser analisada em sua forma histórica, na relação real conformada pelo Estado estrito com a sociedade civil, com o bloco no poder, a burocracia estatal em sua ossatura material.

Sinteticamente seria o “conjunto dos aparelhos privados de hegemonia — um dos terrenos da luta de classes em sociedades capitalistas modernas, sendo mesmo um dos espaços fundamentais da luta de classes em sociedades capitalistas”.¹³¹ Possui uma historicidade própria, sua existência vincula-se aos Estados ocidentais e, mesmo nestes, não terá uma forma predefinida, mas será resultado da luta político-social nas diversas formações sociais:

A estrutura maciça das democracias modernas, seja como organizações estatais, seja como conjunto de associações na vida civil, constitui para a arte política algo similar às “trincheiras” e às fortificações permanentes da frente de combate na guerra de posição. [Esta mudança na base do Estado irá ser realizada nos] Estados modernos, não para os países atrasados e as colônias, onde ainda vigoram as formas que, em outros lugares, já foram superadas e se tornaram anacrônicas.¹³²

Deste modo, como coloca Gramsci:

[...] numa determinada sociedade, ninguém é desorganizado e sem partido, desde que se entendam organização e partido num sentido amplo, e não formal. Nesta multiplicidade de sociedades particulares, de caráter duplo — natural e contratual ou voluntário —, uma ou mais prevalecem relativamente ou absolutamente, constituindo o aparelho hegemônico de um grupo social sobre o resto da população (ou sociedade civil), base do Estado compreendido estritamente como aparelho governamental-coercivo. Ocorre sempre que os indivíduos pertencem a mais de uma sociedade particular e muitas vezes a sociedades que estão essencialmente (objetivamente) em contraste entre si.¹³³

¹³⁰ POULANTZAS, Nicos. *Poder político e classes sociais*. São Paulo: Martins Fontes, 1977, p. 284.

¹³¹ FONTES, Virginia. A sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e lutas teóricas na década de 1980. In: LIMA, Júlio César França & NEVES, Lucia Maria Wanderley. *Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006, p. 201.

¹³² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 3..., op. cit., p. 24.

¹³³ *Ibidem*, p. 253-254.

Podemos dizer que é na sociedade civil que se dá o desenvolvimento do Estado burguês, é nela em que se dá o processo de legitimação do governo exercido pela burguesia. O consenso seria uma forma de governo com o consentimento dos governados, sublinhando o caráter ativo dessa legitimação, que tende a absorver o conjunto da sociedade.

Podemos entender a sociedade política como “o aparelho governamental encarregado da administração direta e do exercício legal da coerção sobre aqueles que não consentem nem ativamente nem passivamente”.¹³⁴ E a sociedade civil como:

O conjunto dos aparelhos privados de hegemonia — um dos terrenos da luta de classes em sociedades capitalistas modernas, sendo mesmo um dos espaços fundamentais da luta de classes em sociedades capitalistas —, [caracterizados por estarem] sob Estados de direito, com mercados eleitorais e conquistas (e reivindicações) democratizantes.¹³⁵

O Estado, portanto, não é o local em que se dá a transformação no nível de superestrutura, pois é no Estado onde ocorre a dominação e construção do consenso das elites burguesas, onde os diversos grupos burgueses disputam o domínio intraclasse e onde é construído o consenso da dominação das classes proletárias. Portanto, a ampliação do Estado “significa a incorporação seletiva de reivindicações populares, diz respeito também à construção de barreiras cada vez mais fortalecidas contra as lutas dos subalternos”.¹³⁶ O Estado, assim, é formado através do constante combate intraclasse e das classes subalternas e é nele em que “os interesses do grupo dominante prevalecem, mas até determinado ponto, ou seja, não até o estreito interesse econômico-corporativo”.¹³⁷

Além de produzir o consenso, o Estado, local privilegiado de construção do consenso, tem como função educar e conformar a população, através dos “organismos privados, deixados à iniciativa privada da classe dirigente”. Sobre a sociedade civil e a sociedade política Gramsci afirma que:

Podemos fixar dois grandes planos superestruturais: o que podemos chamar “sociedade civil”, isto é, o conjunto dos organismos vulgarmente chamados “privados”, e o da sociedade política ou Estado, que correspondem,

¹³⁴ BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008, p. 178.

¹³⁵ FONTES, Virginia. *A sociedade civil no Brasil contemporâneo...*, op. cit., p. 201.

¹³⁶ FONTES, Virginia. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005, p. 231.

¹³⁷ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 3..., op. cit., p. 41-42.

respectivamente, à função de hegemonia que o grupo dominante exerce sobre toda a sociedade e à de “domínio direto” ou de comando que se exprime no Estado e no Governo “jurídico”.¹³⁸

Neste sentido, iremos analisar o FN enquanto partido inserido na sociedade política. Para tanto, analisaremos seus aparelhos privados de hegemonia, os movimentos estudantis extremistas que compõem sua estrutura externa e a atuação dos seus intelectuais orgânicos por meio da imprensa impressa e das redes sociais, estruturas existentes na sociedade civil e que atuam na criação do consenso do partido. Diferente da abordagem tradicional de partido político, para Gramsci, o partido não é necessariamente uma instituição ou agremiação política inserida na política enquanto legenda. De acordo com ele, não são apenas as organizações institucionalmente formalizadas que concorrem nas eleições dos países ocidentais que podem ser consideradas enquanto partido político.

O partido, para Gramsci, seria um conjunto de diversas organizações, instituições e pequenos grupos sociais existentes na sociedade civil. Sua tarefa fundamental consiste em avançar nas discussões no nível da superestrutura e contribuir para a superação do Estado, constituindo uma vontade coletiva nacional-popular. Segundo Gramsci, a formação de um partido é resultado de uma “vontade coletiva”, ela é a expressão orgânica de uma classe social, resultado concreto de suas necessidades, as quais decorrerão do seu caráter de classe, do seu projeto histórico.¹³⁹ Essa “vontade coletiva” aparece através da práxis política dessa classe social, que compõe uma unidade orgânica em níveis de estrutura (relações econômicas e sociais) e de superestrutura (campo das ideias).¹⁴⁰

Para Gramsci, “é preciso também definir a vontade coletiva e a vontade política em geral no sentido moderno, ‘a vontade como consciência operosa da necessidade histórica’, como protagonista de um drama histórico real e efetivo”.¹⁴¹ A vontade coletiva seria, assim, a necessidade histórica dos trabalhadores, ou de certa classe social que, através da formação de uma consciência de classe, converte esse anseio em uma práxis transformadora da sociedade.¹⁴² Essa transformação só pode existir

¹³⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 3..., op. cit., p. 42.

¹³⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vol. 3... op. cit., p. 16.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 16.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 17.

¹⁴² *Ibidem*.

quando existirem condições objetivas concretas, partindo de uma análise econômica da sociedade, conseguindo atingir mudanças no campo das ideias, tornando a mudança efetiva.

Segundo o conceito de partido de Gramsci, podemos pensar que o surgimento do FN é resultado de uma necessidade orgânica de classe, de um projeto hegemônico que se cria através de um anseio de uma classe social heterogênea e se cristaliza em um partido. Conforme Gramsci:

O moderno príncipe, o mito-príncipe não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto, só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já tenha tido início a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e afirmada parcialmente na ação. Este organismo já está dado pelo desenvolvimento histórico e é o partido político, a primeira célula na qual se sintetizam germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais.¹⁴³

Desse modo, o desenvolvimento do FN não depende apenas da sua formação enquanto partido institucional, é necessário que exista essa vontade coletiva e um conjunto de ações e ideias vinculadas ao desenvolvimento histórico de certa classe. Para Gramsci, além da vontade coletiva de classe, é necessário que o partido tenha intelectuais orgânicos que trabalhem para o desenvolvimento do partido e do seu projeto no campo da superestrutura:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político.¹⁴⁴

Podemos pensar, assim, que um grupo social que atua intelectualmente, construindo um projeto político, está se transformando em um partido, ainda que isso não seja algo institucional, da mesma forma que uma revista ou uma associação podem atuar como partido. Neste sentido Gramsci coloca que:

Um “movimento” ou tendência de opiniões se torna partido, isto é, força política eficiente do ponto de vista do exercício do poder governamental: precisamente na medida em que possui (elaborou em seu interior) dirigentes de vários graus e na medida em que esses dirigentes adquiriram determinadas capacidades. [...] Por isso, pode-se dizer que os partidos têm a

¹⁴³ Ibidem, p. 16.

¹⁴⁴ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 15.

tarefa de elaborar dirigentes qualificados; eles são a função de massa que seleciona, desenvolve, multiplica os dirigentes necessários para que um grupo social definido [...] se articule e se transforme, de um confuso caos, em exército político organicamente preparado.¹⁴⁵

Para Gramsci, cabe ao partido político saber organizar sua base política, sua base atuante:

Individualmente a massa atuante, e esta seleção opera-se simultaneamente nos campos prático e teórico, com relação tão mais estreita entre teoria e prática quanto mais seja a concepção vitalmente e radicalmente inovadora e antagônica aos antigos modos de pensar.¹⁴⁶

Nesse contexto é que atuam os intelectuais orgânicos do partido, são eles que trabalham para formação da ideologia do partido, conseguindo unificar a teoria e prática. Cabe a eles dirigir organicamente “toda a massa economicamente ativa — deve-se dirigi-la não segundo velhos esquemas, mas inovando”.

Segundo Gramsci, para se aderir a uma nova ideologia e a um novo projeto político é necessário transformar o pensamento de classe que “pode tornar-se de massa, em seus primeiros estágios, por intermédio de uma elite na qual a concepção implícita da atividade humana já se tenha tornado, em certa medida, consciência atual coerente e sistemática e vontade precisa e decidida”.¹⁴⁷ Cabe nesse papel a função do intelectual orgânico, capaz de dirigir e formular o pensamento concreto no meio das massas, compreendendo seu caráter doutrinário, através da sua política e organização:

Se o Estado representa a força coerciva e punitiva de regulamentação jurídica de um país, os partidos, representando a adesão espontânea de uma elite a tal regulamentação, considerada um tipo de convivência coletiva para a qual toda a massa deve ser educada, devem mostrar em sua vida particular interna terem assimilado, como princípios de conduta moral, aquelas regras que no Estado são obrigações legais. Nos partidos, a necessidade já se tornou liberdade, e daí nasce o enorme valor político (isto é, de direção política) da disciplina interna de um partido e, portanto, o valor de critério que tem tal disciplina para avaliar a força de expansão dos diversos partidos. Deste ponto de vista, os partidos podem ser considerados escolas da vida estatal. Elementos de vida dos partidos: caráter (resistência aos impulsos das culturas ultrapassadas), honra (vontade intrépida ao sustentar o novo tipo de cultura e de vida), dignidade (consciência de operar por um fim superior),

¹⁴⁵ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 3..., op. cit., p. 87-88.

¹⁴⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 2..., op. cit., p. 16.

¹⁴⁷ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 1..., op. cit., p. 105.

etc.¹⁴⁸

Na formulação da sua teoria de partido revolucionário, Gramsci indica a necessidade de existirem três elementos importantes para a construção do partido. O primeiro elemento abrangeria os homens comuns, caracterizados pela disciplina e sobretudo pela fidelidade ao partido. Tais homens, para Gramsci, seriam “um elemento difuso, de homens comuns, médios, cuja participação é dada pela disciplina e pela fidelidade, não pelo espírito criativo e altamente organizativo”.¹⁴⁹ O segundo elemento seria a conexão entre a ideologia do partido e a centralidade da luta. Segundo Gramsci, esse elemento seria “dotado de força altamente coesiva centralizadora e disciplinadora e também (ou melhor, talvez por isso mesmo) inventiva”.¹⁵⁰ Por fim, o terceiro elemento seria uma articulação entre os dois primeiros elementos:

Pode-se dizer que um partido não pode ser destruído por meios normais quando, existindo necessariamente o segundo elemento, cujo nascimento está ligado à existência das condições materiais objetivas (e, se este segundo elemento não existe, qualquer raciocínio é vazio), ainda que em estado disperso e errante não podem deixar de se formar os outros dois, isto é, o primeiro que necessariamente o terceiro com sua continuação com seu meio de expressão. Para que isto ocorra, é preciso que se tenha criado a convicção férrea de que uma determinada solução dos problemas vitais seja necessária. Sem esta convicção não se formará o segundo elemento, cuja destruição é mais fácil em virtude de seu número restrito, mas é necessário que este segundo elemento, se destruído, deixe como herança um fermento a partir do qual volte a se formar. [...] O critério para julgar este segundo elemento deve ser procurado: 1) naquilo que realmente faz; 2) naquilo que prepara na hipótese de sua destruição. É difícil dizer qual dos dois fatos é o mais importante. Como na luta deve-se sempre prever a derrota, a preparação dos próprios sucessores é um elemento tão importante quanto tudo o que se faz para vencer.¹⁵¹

Na formulação do partido revolucionário, Gramsci enxerga que a função do partido revolucionário é ter a capacidade de direção dos seus intelectuais. O partido teria a função histórica de preparar a militância de forma orgânica, como uma escola de formação revolucionária:

O moderno Príncipe deve e não pode deixar de ser o anunciador e o

¹⁴⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 3..., op. cit., p. 267.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 316.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 318-319.

organizador de uma reforma intelectual e moral, o que significa, de resto, criar o terreno para um novo desenvolvimento da vontade coletiva nacional-popular no sentido de uma forma superior e total de civilização moderna. Estes dois pontos fundamentais — formação de uma vontade coletiva nacional-popular, da qual o moderno Príncipe é ao mesmo tempo o organizador e a expressão ativa e atuante, e reforma intelectual e moral — deveriam constituir a estrutura do trabalho.¹⁵²

Sob este enfoque, os partidos políticos são os responsáveis pela organização política das classes sociais, que se constituem através de uma vontade coletiva. Eles são os organizadores das classes e de suas frações, atuando sobre as classes, buscando o desenvolvimento e a organização das mesmas, atuando como reformadores e, ao mesmo tempo, como polícia política. Os partidos, segundo Gramsci, podem existir sob diferentes formas, não tendo necessariamente que se apresentar institucionalmente, desde que sejam responsáveis e atuem como formadores de intelectuais destes grupos sociais. Esses intelectuais têm a função de serem, para o partido, os formuladores e disseminadores dos projetos políticos, os quais se reproduzem pelos aparelhos privados de hegemonia, lutando para transformar o trabalho dos intelectuais orgânicos em consenso, ou seja, os intelectuais trabalham para converter o projeto do partido em vontade coletiva. Para Antonio Gramsci:

No mundo moderno, só uma ação histórico-política imediata e iminente, caracterizada pela necessidade de um procedimento rápido e fulminante, pode se encarnar miticamente num indivíduo concreto: a rapidez só pode tornar-se necessária diante de um grande perigo iminente, grande perigo que cria precisamente de modo fulminante, o fogo das paixões e do fanatismo, aniquilando o senso crítico e a corrosividade irônica que podem destruir o caráter “carismático” do *condottiero* (o que aconteceu na aventura de Boulanger). Mas uma ação imediata desse tipo, por sua própria natureza, não pode ser ampla e de caráter orgânico: será quase sempre do tipo restauração e reorganização, e não do tipo peculiar à fundação de novos Estados e de novas estruturas nacionais e sociais (como era o caso no *Príncipe* de Maquiavel, onde o aspecto de restauração era só um elemento retórico, isto é, ligado ao conceito literário da Itália descendente de Roma e que devia restaurar a ordem e a potência de Roma), será de tipo “defensivo” e não criativo original, ou seja, no qual se supõe que uma vontade coletiva já existente tenha se enfraquecido, dispersado, sofrido um colapso perigoso e ameaçador, mas não decisivo e catastrófico, sendo assim, necessário reconcentrá-la e fortalecê-la; e não que se deva criar uma vontade coletiva *ex novo*, original, orientada para metas concretas e racionais, mas de uma concreção e racionalidade ainda não verificadas e criticadas por uma experiência histórica efetiva e universalmente conhecida.¹⁵³

¹⁵² Ibidem, p. 18.

¹⁵³ GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*, vol. 3..., op. cit., p. 16.

Segundo Gramsci, o partido, em caso de grupo fascista, apresenta aspectos únicos, pois tal partido ou organização política não tem mais funções puramente políticas e administrativas, mas apenas técnicas, de propaganda e de sua hegemonia, de policiamento da população, de controle e contínua criação do consenso, considerando que a falta do consenso dificulta sua capacidade de governabilidade, influência moral e cultural.¹⁵⁴ Isto, por um lado, ao apontar que o fascismo não é apenas “imposição de coerção”, mas também “obtenção de consenso”, e, por outro lado, ao preocupar-se com a relação estabelecida entre o Estado fascista e as organizações de massa (da sociedade civil) criadas e/ou aparelhadas por ele.¹⁵⁵

Para Gramsci, em certo ponto de conflito entre as classes, no período de crise de hegemonia, a situação se torna delicada, pois ela abre precedentes para atuação das forças autoritárias, como o fascismo e o nazismo. Essas tensões abrem espaço para que a extrema direita consiga atuar. Segundo Gramsci:

Em um certo ponto de sua vida histórica, os grupos sociais se separam de seus partidos tradicionais, isto é, os partidos tradicionais naquela dada forma organizativa, com aqueles determinados homens que os constituem, representam e dirigem, não são mais reconhecidos como sua expressão por sua classe ou fração de classe. Quando se verificam estas crises, a situação imediata torna-se delicada e perigosa, pois abre-se o campo as soluções de força, a atividade de potências ocultas representadas pelos homens providenciais ou carismáticos.¹⁵⁶

O FN, além de atuar enquanto partido e representante de uma vontade coletiva de classe específica, também apresenta em sua estrutura algumas instituições e pequenas organizações independentes que trabalham em conjunto com o partido, o que Antonio Gramsci conceituou como aparelhos privados de hegemonia. Para Gramsci a hegemonia se forma com a supremacia de determinado grupo ou classe social e sua direção moral e intelectual na sociedade civil.

A hegemonia se firma através dos aparelhos privados, que são as organizações, a família, as escolas, a mídia, etc., na busca do consentimento.¹⁵⁷ No caso do FN demonstraremos que existe uma rede de divulgação do seu projeto e conseqüentemente diversos aparelhos privados de hegemonia trabalhando no sentido

¹⁵⁴ Ibidem, p. 60.

¹⁵⁵ Ibidem.

¹⁵⁶ Ibidem.

¹⁵⁷ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 3..., op. cit., p. 95.

da criação do consenso na sociedade civil para submeter as ideias do partido.

Para entendermos o conceito de aparelhos privados de hegemonia, devemos, sobretudo, pensar o papel do Estado a partir da concepção de Antonio Gramsci, a fim de pensar o Estado fascista e sua funcionalidade no projeto do FN. Faz-se necessário pensar o projeto de hegemonia construído pelo FN, sua relação entre sociedade política e sociedade civil, e como se deu a formação do consenso e a utilização da coerção em certos casos. Para pensarmos o Estado, nos basearemos no pensamento desenvolvido por Gramsci, de que o Estado não é sujeito, ele é uma relação social.

A hegemonia é um “projeto que permite expressar o programa, o horizonte ideológico, no qual as demais classes se movem”.¹⁵⁸ Podemos compreender a hegemonia como a racionalidade de classe. A racionalidade não é apenas fundamentada, mas também é ideal para alcançar um objetivo ou resolver um problema. A hegemonia, assim, pode ser entendida como a capacidade de estabelecer um referencial ideológico, no qual as classes sociais se inserem, se transformam e se movem. É necessário, portanto, compreender como se estabelece essa racionalidade, ou seja, como a instrumentalização do poder sustenta determinada hegemonia. A legitimação de um poder transformador precisa de instrumentos de poder, nos quais se consiga estabelecer uma racionalidade e afirmar um novo projeto de sociedade.

Essas diferentes organizações que constituem o partido conseguem atuar em diferentes setores do país, reproduzindo a ideologia do FN e os discursos políticos de seus líderes. Podemos perceber, segundo os conceitos de Antonio Gramsci, que essas organizações atuam como aparelhos privados de hegemonia, pois trabalham disseminando os pontos considerados importantes pelo FN, como a crítica à imigração, o que deveria ser a “cultura francesa” e as críticas ao multiculturalismo para a sociedade. Segundo Gramsci o papel dos aparelhos privados de hegemonia, para os partidos burgueses ou do próprio Estado, é desenvolver uma série de táticas e estratégias, no intuito de consolidar e fortalecer seu projeto político. Para Edmundo Dias¹⁵⁹ a hegemonia é a criação de uma nova racionalidade, que permite ao Estado ou a seus grupos dominantes criar novos elementos que garantam sua permanência

¹⁵⁸ Ibidem, p. 33.

¹⁵⁹ DIAS, Edmundo Fernando. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: DIAS, E. F. (Org.). *O Outro Gramsci*. 3ª ed. São Paulo, 1996, p. 33.

no poder, pois, para que sua posição seja criada ou reafirmada, é necessária a criação de uma nova visão de mundo.

2. JEAN-MARIE LE PEN (1972-2002)

Neste capítulo serão abordados o processo de construção do FN, as questões históricas que precederam seu nascimento e as condições políticas e sociais sob as quais ele foi fundado. Neste sentido, acreditamos ser importante demonstrar quais são os elementos que o constituem, quem são seus militantes, quais são suas trajetórias políticas e quais as experiências que partilhava, pois cremos que muitos dos valores e posicionamentos ideológicos do FN são sentimentos orgânicos intrinsecamente ligados a algumas lutas históricas da extrema direita francesa. Portanto, faz-se necessário um balanço historiográfico, evidenciando as raízes políticas que fundamentam ideológica e politicamente o partido em sua agenda política.

Também pretendemos, de maneira objetiva, discutir a consolidação do partido de 1972 até as eleições presidenciais de 2002, abordando os principais aspectos, considerando que o trabalho visa analisar, de forma comparativa, os dois projetos políticos, o de Jean-Marie Le Pen, que surge com a formação do FN, mas que durante seus anos enquanto líder vai sofrendo alterações, e o de Marine Le Pen, sucessora de seu pai, a partir de 2011.

2.1 A extrema direita no pós-guerra

Conforme vimos no capítulo anterior, o debate sobre a extrema direita já é muito antigo. Desde a década de 1950 pesquisadores se dispõem a investigar as origens do pensamento extremista. Em nosso caso, a França tem uma história peculiar, pois a ela é atribuída a origem da extrema direita, não como a concebemos hoje, mas o início do pensamento extremista. Segundo Peter Davies,¹⁶⁰ a extrema direita tem suas raízes após a Revolução Francesa,¹⁶¹ no período de transição entre a Monarquia Absolutista na França e o início da Primeira República. Seu nascimento deu-se como um movimento contrarrevolucionário, partindo de pequenos nobres que empobreceram com a destituição da monarquia e de pequenos burgueses que não conseguiram ter ascensão política e se sentiam de alguma forma prejudicados com as mudanças políticas. Nesse momento, os primeiros movimentos extremistas de direita se posicionavam como pró-monarquista, contrarrevolucionário, antiparlamentarista, xenófobo, antisemita e católico.¹⁶²

Com a República consolidada, esses grupos extremistas foram se adaptando às circunstâncias históricas e políticas, assimilando novas tendências e posicionamentos políticos. Dentre os vários movimentos importantes para o desenvolvimento do extremismo na França, destaca-se a Action Française,¹⁶³ de Charles Maurras, que colaborou com novas temáticas e transformou determinados posicionamentos ideológicos, mantendo, no entanto, o fundamento anti-igualitarista, nacionalista e antiliberal característico da extrema direita.¹⁶⁴

¹⁶⁰ DAVIES, Peter. *The Extreme Right in France, 1789 to the Present: From the Maistre to Le Pen*. New York and London: Routledge, 2002, p. 29.

¹⁶¹ CRÉPON, Sylvain. *Enquête au coeur du nouveau Front national*. Paris: Edition Nouveau Monde Editions, 2013, p. 303.

¹⁶² A Revolução Francesa teve seu início em 1789, uma revolução política que lutou contra a monarquia absolutista, conseguindo implementar a República através de mobilizações populares.

¹⁶³ Ação Francesa, movimento fundado em 1899 por Maurice Pujo e Henri Vaugeois, ambos militantes de diferentes movimentos nacionalistas. Em seu início foi criado um jornal chamado *Revue de L'action Française*, o qual tinha caráter nacionalista e antisemita, característica influenciada pelo Boulangismo. Uma de suas principais tarefas era combater os intelectuais da extrema esquerda e o desenvolvimento das propostas socialistas na França. Após a entrada de Charles Maurras, que se tornou o principal intelectual do grupo, a Action Française se tornaria monarquista, contrarrevolucionária, antidemocrática, ultranacionalista e católica ortodoxa.

¹⁶⁴ CRÉPON, Sylvain. *Enquête au coeur du nouveau Front national*. Paris: Edition, Nouveau Monde



Figura 6. Ação Francesa

Fonte: <<http://acciao-integral.blogspot.com/2014/09/action-francaise.html>>

Segundo o historiador René Rémond, o surgimento do nacionalismo de extrema direita no século XIX na França, em união com o pensamento autoritário, é responsabilidade da Action Française, principalmente pela contribuição de Maurras.¹⁶⁵ Para Milza, Charles Maurras era uma espécie de príncipe do nacionalismo, da autoridade, da antidemocracia, da xenofobia e do sentimento de decadência.¹⁶⁶ Nesse sentido, para Winock, historicamente, na França, Charles Maurras influenciou as diferentes correntes de extrema direita, apresentando grande número de grupos, clubes, ligas fascistas e tendências políticas semiorganizadas.¹⁶⁷

Embora Charles Maurras e a Action Française nunca tenham chegado ao poder na França, ou conseguido constituir um partido com relevância no cenário político, suas ideias tiveram extrema importância para os movimentos de direita. Algumas delas foram, inclusive, aplicadas durante a Segunda Guerra Mundial, quando o território francês foi ocupado pela Alemanha, criando um governo provisório na cidade de Vichy,¹⁶⁸ governado pelo Marechal Phillip Pétain. A Revolução Nacional, nome do

Editions, 2013, p. 303; RÉMOND, René. *Action Française*. In: KRITZMAN, Lawrence D. (Ed). *The Columbia History of Twentieth-Century French Thought*. New York: Columbia University Press, 2006.

¹⁶⁵ RÉMOND, René. *Les droites en France*. Paris: Aubier, 1982, p. 203.

¹⁶⁶ MILZA, Pierre. *Fascisme français: passé et présent*. Paris: Flammarion, 1987, p. 69.

¹⁶⁷ WINOCK, Michel. *Histoire de l'extrême-droite en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

¹⁶⁸ Durante a ocupação alemã, o território francês foi ocupado em diferentes zonas. A parte sul se tornou

projeto político de Pétain durante o governo de Vichy, atraiu centenas de militantes e políticos de extrema direita, os quais, em número significativo, participaram ativamente de seu governo. A Revolução Nacional foi um projeto com caráter reacionário, antiparlamentarista, antiliberal e nacionalista autoritário.

Existe um longo debate entre os historiadores franceses sobre o governo de Pétain. Existem debates dentro da academia francesa sobre o posicionamento político do período da ocupação alemã. Para alguns acadêmicos, como René Rémond, o governo de Vichy poderia ser considerado um regime autoritário.¹⁶⁹ Para Robert Paxton, o governo colaboracionista foi de cunho conservador-repressivo e, diante das questões políticas com a Alemanha, teve que ter pulsos firmes em certas circunstâncias de tensões na sociedade civil.¹⁷⁰ Esse processo histórico da França até hoje é palco de extremo debate e ainda considerado tabu pelos pesquisadores franceses, em virtude de existir todo um processo de luta e de embates pela memória do período, por parte daqueles que participaram da resistência francesa, dos colaboradores e carrascos, da população que vivenciou o processo de ocupação. Noutros termos, existe um campo de disputas em aberto, que envolve processos de revisionismo e embate para a construção de uma nova memória que procura romper com a história oficial.

Após a Segunda Guerra Mundial, uma das primeiras tentativas de introduzir a extrema direita no terreno eleitoral ocorreu quando o Movimento Poujadista¹⁷¹ criou,

uma zona livre, a norte, incluindo a capital Paris, ficou sendo administrada pelos alemães. O governo provisório ocupou a zona livre abaixo da cidade de Vichy, tornando-se a nova sede do governo. A Alemanha governaria a França através de um representante militar. Esse representante possuiria liberdade para controlar a política e a economia do país. Em geral, a única exigência do governo alemão para as autoridades francesas era que o representante do governo provisório mantivesse a ordem e a estabilidade. O Marechal Pétain, durante o tempo que permaneceu como autoridade central do governo colaboracionista, controlava todas as regiões ocupadas na França, com ajuda de um grande aparato repressivo militar e com uma grande máquina de propaganda. Isso era considerado importante pelos alemães, principalmente pelo embaixador responsável pela tutela da França, Otto Abetz.

¹⁶⁹ RÉMOND, René. Action Française. In: KRITZMAN, Lawrence D. (Ed.). *The Columbia History of Twentieth-Century French Thought*. New York: Columbia University Press, 2006, p. 15.

¹⁷⁰ PAXTON, Robert. *La France de Vichy*. Paris: Seuil, 1973, p. 244.

¹⁷¹ O poujadismo foi o primeiro movimento político de extrema direita que surgiu na França, logo após a Segunda Guerra Mundial. Ele deve seu nome a seu criador, Pierre Poujade, principal líder do movimento político chamado União da defesa dos comerciantes e artesãos (UDCA). O movimento tinha como principal base militante pequenos e médios comerciantes, sendo caracterizado como movimento de pequena burguesia. Enquanto movimento, colocava-se como antissocialista, anti-intelectual (acadêmico ou vanguarda) e eurocético. Ele buscava a afirmação da identidade francesa como caráter primordial, posicionando-se contra tudo que supostamente representasse uma ameaça à soberania nacional: a imigração, a Europa, as autoridades fiscais. O movimento ficou historicamente marcado pelo bom resultado alcançado em sua primeira eleição na França, em 1956, conseguindo eleger 52 deputados na Assembleia Nacional. Dentre os deputados eleitos temos a figura de Jean-Marie Le Pen,

em 1953, a Union de Défense des Commerçants et Artisans¹⁷² (UDCA) e participou das eleições legislativas de 1956 através da lista “União e Fraternidade Francesa”. Na ocasião, a UDCA obteve 11,6% dos votos válidos e, graças ao sistema de representação proporcional em vigor, elegeu 52 deputados para a Assembleia Nacional (em um total de 595 cadeiras na época).

É consenso, na academia francesa e para os pesquisadores que estudam o FN e outros grupos de extrema direita na França, que a década de 1960 foi o “divisor de águas” para os movimentos extremistas.¹⁷³

Embora após a Segunda Guerra Mundial houvesse tentativas de reafirmação do fascismo e de outros movimentos com caráter extremista na França, nenhum deles conseguiu se consolidar como força política permanente. Dentre as tentativas de reorganização da agenda extremista, podemos citar o Movimento Poujadista, que alcançou êxito nas eleições de 1956, elegendos 52 deputados, com aproximadamente 2,744,562 de votos. Porém, dois anos depois, nas eleições de 1958, tal movimento tinha praticamente desaparecido do cenário político.

Existem diversos estudos nas ciências políticas que retratam casos como o Movimento Poujadista, intitulados conceitualmente como “Partidos Relâmpagos”. Segundo Pippa Norris:

Partidos podem impulsionar dentro das manchetes num maremoto de protesto público, para a consternação dos muitos comentaristas, ganhando assentos em eleições divergentes, mas eles podem igualmente de repente caírem na obscuridade quando as circunstâncias mudarem.¹⁷⁴

Tais partidos são assim chamados pela forma veloz e eficiente com que

o deputado eleito mais jovem na Assembleia Nacional.

¹⁷² União de Defesa dos Comerciantes e Artesãos.

¹⁷³ SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York: Routledge, 2007; WINOCK, Michel. *Nationalisme, antisémitisme et fascisme en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1990; WINOCK, Michel. *Histoire de l'extrême-droite en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1994; MILZA, Pierre. *Fascisme français: passé et présent*. Paris: Flammarion, 1987; MARCUS, Jonathan. *The National Front and French Politics: The resistible rise of Jean-Marie Le Pen*. London: Macmillan, 1995; CAMUS, Jean-Yves & MONZAT, René. *Les Droites nationales et radicales en France*. Répertoire critique, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1992; ALGAZY, Joseph. *La Tentation néo-fasciste en France de 1944 à 1965*. Paris: Fayard, 1984; ALGAZY, Joseph. *L'Extrême-droite en France de 1965 à 1984*. Paris: L'Harmattan, 1989.

¹⁷⁴ NORRIS, Pippa. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Marketplace*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 217. [“Parties can surge into the headlines on a tidal wave of public protest, to the consternation of many commentators, gaining seats in deviating elections, but they can equally suddenly fall back into obscurity when circumstances change” – tradução livre].

aparecem no cenário político ou em meio a um possível cenário de crise política. Eles surgem e logo conquistam votos suficientes para se eleger, porém, da mesma forma que conseguem se destacar na sua primeira eleição, perdem força e notoriedade com o mesmo impulso de seu nascimento, logo desfazendo-se. Segundo Pippa Norris, o Movimento Poujadista se encaixa nesses partidos e nos movimentos chamados de “Partidos Relâmpagos”.

O movimento que deu origem à UDCA, denominado poujadismo, foi uma mobilização de artesãos e comerciantes da cidade de Saint-Céré, liderada por Pierre Poujade, em revolta contra os controladores fiscais. Esta mobilização — em defesa dos interesses setoriais dos comerciantes, artesãos e pequenos produtores que se sentiam prejudicados com o sistema tributário em vigor — apresentava delineamentos ideológicos antissemitas e contrários à independência da Argélia, duas orientações que marcaram a extrema direita francesa durante muito tempo. Entretanto, o poujadismo não conseguiu se instalar de forma definitiva no sistema partidário e se desintegrou após o estabelecimento da V República, em 1958.¹⁷⁵

De forma similar à UDCA, outros agrupamentos de extrema direita foram dissolvidos pelo governo durante o período que precedeu a criação do FN, sobretudo em função de enfrentamentos violentos com grupos da extrema esquerda nos quais estavam envolvidos, visto que o principal motor destes movimentos era o anticomunismo de choque. Algumas dessas organizações interrompidas pelo poder estatal foram o Front National des Combatants (criado em 1957 e dissolvido em 1958), o Front National Combatant (criado em 1958 e dissolvido na semana das barricadas da Argélia, em 1960) e o Front National pour l'Algérie Française (dissolvido em 1961 durante o Putsch dos Generais).¹⁷⁶ Todos estes três movimentos estavam engajados na defesa da Argélia francesa, assim como o grupo paramilitar Organização Armada Secreta (OAS),¹⁷⁷ ou seja, eram contra o fim do império colonial francês e contra a

¹⁷⁵ DELWIT, Pascal. Les étapes du Front National (1972-2011). In: DELWIT, P. (Ed.). *Le Front National. Mutations de l'extrême droite française*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 2012, p. 11-36.

¹⁷⁶ Putsch dos Generais, ocorrido em 21 de abril de 1961, correspondeu a uma tentativa de golpe de Estado organizada por uma parcela de militares de carreira das Forças Armadas Francesas, situadas na Argélia, então colônia da França. Tal tentativa foi conduzida por quatro generais: Maurice Challe, Edmond Jouhaud, Raoul Salan e André Zeller. Esta operação foi uma reação à política anticolonialista assumida pelo então presidente francês, Charles de Gaulle, e seu governo, o que foi considerado uma traição na visão dos generais envolvidos, cuja revolta, na tentativa de manter a Argélia sob o domínio da França, fracassou. ALBERTINI, D. & DOUCET, D. *Histoire du Front National*. Paris: Éditions Tallandier, 2013.

¹⁷⁷ A Organização Armada Secreta foi formada na Espanha, em 1961, por oficiais do exército francês,

independência da Argélia. Foram concebidos e dirigidos por Jean-Marie Le Pen que, futuramente, se tornaria o presidente do FN.

Jean-Marie Le Pen foi deputado poujadista da 3ª circunscrição do departamento da Seine, de 1956 a 1962, um dos principais organizadores da direita nacionalista e coordenador da campanha de Jean Louis Tixier-Vignancour durante as presidenciais de 1965. O nacionalista Tixier-Vignancour, por sua vez, havia sido secretário-geral da Informação no governo de Vichy durante a ocupação nazista e havia apoiado a tentativa de golpe de Estado dos generais em 1961.

A organização de extrema direita *Ordre Nouveau*¹⁷⁸ — fundada em 1969 após a dissolução de outros dois grupos ultradireitistas (*Occident*¹⁷⁹ e *Groupe Union Défense*) — devido ao envolvimento em combates violentos está na base da criação do FN. A *Ordre Nouveau* correspondia a um agrupamento de estudantes nacionalistas, ativistas antidemocráticos e xenófobos. Cansada de ser associada a atuações violentas e objetivando “desdiabolizar” as teses de extrema direita, a *Ordre Nouveau* procurou reunir as correntes daquele campo ideológico sob uma organização federativa que incluísse os dissidentes dos diversos agrupamentos colocados na clandestinidade, dentre eles os remanescentes de Vichy, os paramilitares que se opunham à independência da Argélia¹⁸⁰ e os participantes da campanha de Tixier-Vignancour.¹⁸¹ A *Ordre Nouveau* foi o principal movimento a dar

Pierre Lagayette, o General Raoul Salan e Jean Jacques Susini, como objetivo de lutar pela manutenção das colônias francesas, principalmente a Argélia, no norte da África. Ideologicamente, o grupo apresentava características ultranacionalistas, xenófobas, anticomunistas e antiliberais. Sua posição política era de um Estado forte, que respeitasse a soberania nacional, visando a manutenção das colônias francesas, por considerar a França o berço da civilização moderna. O grupo atuava como uma organização paramilitar clandestina, composta por militares, ex-combatentes, estudantes e neofascistas.

¹⁷⁸ Ordem Nova.

¹⁷⁹ Um dos grupos que tiveram papel importante na organização do FN foi o movimento *Occident*, fundado em 1964, por Pierre Sidos. Sua base era formada por estudantes universitários, com ideias nacionalistas, que se opunham ao crescimento dos movimentos de esquerda nos círculos universitários. O grupo procurava combater o comunismo e o marxismo no meio acadêmico, principalmente nos cursos de ciências humanas e em seus grupos de pesquisa. O objetivo do movimento *Occident* era fazer oposição ao governo de Charles de Gaulle, por considerar as atitudes do presidente nocivas e entreguistas.

¹⁸⁰ A Guerra de Independência da Argélia foi um momento importante para o fortalecimento da extrema direita na França. Para mais informações sobre o conflito cf.: MONNERET, J. *La guerre d'Algérie en trente-cinq questions*. L'Harmattan, 2008; MONTAGNON, P. *La Guerre d'Algérie: genèse et engrenage d'une tragédie*. Paris: Pygmalion/Gérard Watelet, 1984; PERVILLE, G. *Pour une histoire de la guerre d'Algérie*. France: Picard, 2002. STORA, B. *Les mots de la guerre d'Algérie*. Presses Universitaires du Mirail, 2005.

¹⁸¹ ALBERTINI, D. & DOUCET, D. *Histoire du Front National*. Paris: Éditions Tallandier, 2013.

o pontapé inicial para a consolidação do que viria a se tornar o partido FN. Mesmo com o partido em construção e funcionamento, grande parte dos militantes que se filiaram ao FN continuaram militando paralelamente na *Ordre Nouveau*.¹⁸²

O primeiro pensador dessa nova direita foi Alain de Benoist, mestre pela Universidade de Sorbonne. Ele era professor, jornalista e atuava como militante do movimento *Action European*.¹⁸³ Ele procurou desenvolver o novo modelo da extrema direita, que foi baseado em conceitos desenvolvidos por um dos principais marxistas, o fundador do PCI, Antonio Gramsci. A influência da teoria marxista de Gramsci para Benoist foi a apropriação de conceitos sobre o Estado, a hegemonia, a sociedade civil e a formação do consenso. Tais conceitos deveriam ser apropriados pela nova direita e usados para uma nova formação da hegemonia cultural da extrema direita.¹⁸⁴

Benoist compreendia a visão marxista de Gramsci sobre o papel do Estado ampliado no desenvolvimento do capitalismo, garantindo as condições necessárias para seu desenvolvimento.¹⁸⁵ Como esse processo funcionava entre a sociedade civil e a sociedade política, Benoist pretendia desenvolver seu pensamento baseado nos conceitos formulados por Gramsci, os quais consideravam que a estrutura política seria estabelecida no campo das ideias, a partir de uma hegemonia cultural que permeia a sociedade civil como um todo e é propagada por setores formadores de opinião dentro dessa sociedade (intelectuais, educadores, meios de comunicação, etc.).¹⁸⁶ Para que a revolução tivesse sucesso, o primeiro passo da extrema direita seria estar preparada dentro do campo das ideias, na formação do consenso e na consolidação do seu projeto político, antes de alcançar a sociedade política. Para Benoist, em primeiro lugar, as pessoas teriam que ser levadas a redefinir as percepções e atitudes em torno das quais o consenso social em que estão inseridas foi estruturado.¹⁸⁷

Com a formação do FN, temos uma nova fase inaugurada na história da

¹⁸² ALGAZY, Joseph. *L'Extrême-droite...*, op. cit., p. 112.

¹⁸³ Ação Europeia.

¹⁸⁴ SHIELDS, James G, op. cit., p. 144.

¹⁸⁵ BENOIST, Alain. *Pour un "Gramscisme de droite"*. Paris, Grece: Eléments, 1977, p. 249; FAYE, Guillaume. *Pour un "Gramscisme de droite"*. Actes du XVIème Colloque national du G.R.E.C.E., Palais des congrès de Versailles, 29 novembre 1981.

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 250.

extrema direita na França. Podemos listar, nos últimos 30 anos após a Segunda Guerra Mundial, diversos movimentos e aspirações da extrema direita que não conseguiram alcançar objetivos concretos. O fracasso desses movimentos — diante de diversas frentes de combate e sem conseguir reunir uma ideologia em comum — parece ter acabado com as possibilidades do surgimento de um partido que pudesse levantar essas diversas bandeiras. Mesmo tendo uma ampla base de apoio, o FN teve que lidar com os excessos de ego e dos caprichos de algumas lideranças dentro do partido.¹⁸⁸

No início da década de 1970, havia pelo menos três tentativas de projetos para a extrema direita: a *Ordre Nouveau* que, em sua constituição inicial, pretendia ser um movimento intelectual e desenvolver um projeto político para a extrema direita, o que acabou sendo algo contraditório, pois alternava ativismo e violência com algumas revistas e propaganda eleitoral; a *Alliance Républicaine pour les Libertés et le Progrès (ARLP)*,¹⁸⁹ de Jean-Marie Le Pen e Louis Tixier-Vignancour, que buscava a formação de um movimento respeitável, sem a herança neofascista e paramilitar (como a OAS); e a *Nouvelle Droite*, de Alain Benoist, com seu método de combate intelectual contra o marxismo e favorável ao desenvolvimento de uma nova ideologia para a extrema direita.¹⁹⁰

Foi com este objetivo e aspirando a participação nas eleições legislativas de 1973 que a *Ordre Nouveau* criou o FN em 05 de outubro de 1972. Jean-Marie Le Pen, após ter rompido com Pierre Poujade e também com Tixier-Vignancour, foi convidado pela organização para ocupar a presidência do novo partido. Ele era uma figura com experiência política e histórica participação em movimentos de extrema direita, e, ao mesmo tempo, uma personalidade que não estava abertamente associada ao nazismo.¹⁹¹ O fato de ter sido deputado e diretor da campanha presidencial de Tixier-Vignancour inspiraria legitimidade para o partido, na visão daqueles que o convidaram para assumir o cargo.

¹⁸⁸ CAMUS, Jean-Yves & MONZAT, René. *Les Droites nationales et radicales en France*. Répertoire critique. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1992, p. 36.

¹⁸⁹ Aliança Republicana pela Liberdade e pelo Progresso.

¹⁹⁰ ROLLAT, Alain. *Les Hommes de l'extrême droite: Le Pen, Marie, Ortiz et les autres*. Paris: Calmann-Lévy, 1985, p. 55.

¹⁹¹ IGNAZI, P. *Extreme Right Parties in Western Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 90.

2.2 A formação do Front National

O II Congresso da Ordre Nouveau demonstrou aos militantes e grupelhos de extrema direita a necessidade de criar uma organização que pudesse agrupar todas as frentes nacionalistas e extremistas em uma mesma legenda. A necessidade de agrupar gaullistas, neonazistas, monarquistas, até mesmo militantes nacionalistas de extrema esquerda tinha o objetivo de alcançar uma base ampla. Neste sentido, a ideia de criar um partido político era extremamente necessária, pois esta seria a única possibilidade de agrupar diferentes famílias políticas de direita, fortalecendo, ao mesmo tempo, as pautas de cada grupo, frente à “passividade” da direita tradicional e da esquerda social-democrata.

O partido de extrema direita, o FN, foi fundado no início da década de 1970, porém sua fundação é decorrência de um processo político acumulativo, ele é resultado final de décadas de luta no campo político francês, ainda que seja marcado por retrocessos e avanços, num contexto em que diferentes grupos e movimentos extremistas na França buscaram desenvolver uma alternativa política diferente dos grupos tradicionais, ou seja, um partido que destoava da direita tradicional e da esquerda social-democrata.

Ele representa uma gama heterogênea de movimentos e grupos que, desde o final da Segunda Guerra Mundial, buscavam se articular e ascender politicamente no cenário francês, mas que, por diversos motivos, fracassaram. Com seu nascimento, após quase 30 anos, os militantes da extrema direita conseguiram unificar diversas correntes políticas em uma única legenda, conseguindo, enfim, uma agremiação que pudesse defender sua agenda política. Muito embora o processo de nascimento do FN tenha dado esperanças aos seus militantes, iremos demonstrar que esse processo também é marcado por rupturas ideológicas, transformações no campo político e abandono de bandeiras tradicionais dos movimentos extremistas.

O partido foi fundado em 1972, quando Jean-Marie Le Pen foi escolhido para presidi-lo. Ele, um ex-político de direita e antigo deputado do Movimento Poujadista, era bem conhecido de todos. Além de militante político, Jean-Marie Le Pen havia lutado na Guerra da Indochina e participado como legionário e paraquedista na Guerra da Argélia. Ademais, presidiu uma pequena editora, a Société d'Etudes et de Relations

Publiques,¹⁹² dedicando-se à gravação de discos de marchas militares. Além de Jean-Marie Le Pen, temos na primeira direção do FN outros militantes importantes da extrema direita francesa, como François Brigneau (vice-presidente), Alain Robert (secretário-geral), Roger Holeindre (secretário-geral adjunto), Pierre Bousquet (tesoureiro) e Pierre Durand (tesoureiro adjunto). A organização tentou atrair outros políticos com um registro mais aceitável para o sistema político, como os políticos Georges Bidault e Guy Ribeaud, que lideravam o grupo Mouvement pour la Justice et Liberté¹⁹³ (MJL). Porém, a aliança logo teve que ser desfeita, visto que o MJL e a Ordre Nouveau foram proibidos de existir institucionalmente e o convite para ingressar no partido foi desfeito.

Um ano mais tarde — após a realização de um segundo congresso do FN (realizado em 28 e 29 de abril 1973) e através dos periódicos criados para divulgação das ideias do partido —, a revista *Militant* fazia uma convocação para reunir mais grupos e forças nacionalistas francesas. Em um dos artigos dessa revista, Jean-Marie Le Pen convoca todos os franceses nacionalistas a aderirem ao seu movimento:

Temos vários problemas a enfrentar nos próximos meses, ou enfrentamos em conjunto ou cada um de nós se volta às suas atividades individuais, que nada agregam a nossa causa. Ou seguimos em progresso, em direção a uma fusão completa dos movimentos nacionalistas.¹⁹⁴

Embora inicialmente o nome do partido fosse Front National pour l'Unité Française e ele buscasse passar uma imagem moderada e democrática, o FN não conseguia escapar do passado de seus militantes. Havia muitos militantes envolvidos com o colaboracionismo do regime de Vichy, membros do grupo paramilitar OAS, membros que pertenceram às Waffen-SS e neofascistas, portanto, em primeiro momento, o partido não conseguia alcançar a respeitabilidade necessária para receber votos da sociedade francesa.¹⁹⁵

O programa eleitoral deste partido propunha, de início, uma síntese entre o nacionalismo revolucionário e a ideologia conservadora, para alcançar uma terceira

¹⁹² Sociedade de Estudos e de Relações Públicas.

¹⁹³ Movimento pela Justiça e Liberdade.

¹⁹⁴ FRONT NATIONAL. *Militant*, v. 54, 1973, p. 89.

¹⁹⁵ FLORENTÍN, Manuel. *Guía de la Europa negra. Sesenta años de extrema derecha*. Anaya & Mario Muchnik: Madrid, 1994.

via entre o capitalismo e o comunismo. No plano social, o FN enfatizava a sua oposição ao desenvolvimento de fluxos migratórios e às reduzidas taxas de natalidade, os quais obrigavam o recrutamento de trabalhadores estrangeiros.¹⁹⁶

Em 1973, haveria as eleições parlamentares na França e, mesmo recém-formado, o FN se propôs a participar delas. Apesar de pouco tempo para poder se preparar e criar uma máquina de propaganda eficiente, buscando alcançar resultados satisfatórios, o partido decide lançar um programa político.

O primeiro programa eleitoral do FN — lançado nas legislativas de 1973 e intitulado “Defender os Franceses”¹⁹⁷ — apresentou uma linha reacionária e anticomunista. No plano econômico, o partido preconizava a livre economia de mercado, a criação de uma legislação antitruste, a retirada dos obstáculos jurídicos e fiscais para o comércio e o crescimento econômico. A defesa do Estado mínimo e do mundo do comércio estava enraizada no poujadismo, que, inicialmente, exerceu importante influência nas orientações do partido recém-criado. A imigração ainda não constituía tema fundamental do FN, que, no contexto da Guerra Fria, definia-se, sobretudo, pela orientação anticomunista.¹⁹⁸

O projeto “Defender os Franceses” tinha como princípio a defesa da França frente à ameaça comunista e à invasão dos imigrantes. A nação como pauta da agenda política do FN tem dois objetivos: primeiro, legitimar a ideia de que o nacionalismo pertence ao FN, e, caso outro partido utilize essa tática, o FN deve sair em defesa da sua ideia, acusando a oposição de apropriação política; segundo, obrigar outros partidos a também fazerem um discurso que defenda a soberania nacional.¹⁹⁹

Durante os anos de existência do FN, existiram vários militantes que procuravam nas revistas e livros do partido tentar definir o que significava ser francês e o que significa a França para o partido. Para Bruno Mégret e George-Paul Wagner, a identidade francesa e o patriotismo não poderiam ser ensinados, seriam algo como

¹⁹⁶ CAMUS, Jean-Yves. Origine et formation du Front National (1972-1981). In: MAYER, N. & PERRINEAU, P. *Le Front National à découvert*. Paris: Presses de la FNSP, 1989.

¹⁹⁷ FRONT NATIONAL. *Défendre les Français. C'est le programme du Front National*. Supplement to Front National, n. 3, feb. 1973.

¹⁹⁸ SIMMONS, Harvey G. *The French National Front: The Extremist Challenge to Democracy*. Oxford: Westview, 1996.

¹⁹⁹ ROLLAT, Alain. *Les Hommes de l'extrême droite: Le Pen, Marie, Ortiz et les autres*. Paris: Calmann-Lévy, 1985, p. 18.

a fé, um “instinto natural”. Um artigo publicado na revista do partido, a *National Hebdo*, afirma que “o FN se tornou referência, quando tomou como prioridade a política nacional”,²⁰⁰ pois, para o partido, “a nação é uma entidade política fundamental, é a crença de que o nacionalismo prospera em situações concretas, em que indivíduos e grupos se unem para sobreviver, proteger e se reproduzir”.²⁰¹

Em 1973, o FN procurou pautar em seu projeto de governo algumas propostas que pareciam abandonadas pelos partidos de direita tradicional, como o *Rassemblement pour la République*²⁰² (RPR), e pelos partidos de esquerda, principalmente o PS, considerado o seu principal inimigo. O FN, então, procurou marcar posição para se diferenciar da direita tradicional e apresentou propostas em defesa da soberania nacional, de empresas nacionais, do cidadão francês, de leis para beneficiar o cidadão em relação à competição com os imigrantes e de leis para controlar o fluxo de entrada de imigrantes no país.²⁰³ O FN se mostrava preocupado com o declínio demográfico da população francesa, prevendo que a baixa natalidade no país incentivaria o aumento do fluxo migratório.²⁰⁴

No sentido econômico, o FN mostra uma peculiaridade no programa político para as eleições de 1973. O partido propunha uma regulamentação do capital especulativo e maior rigor na bolsa de valores, conseguindo, dessa forma, controlar o lucro dos especuladores, diminuindo as influências especulativas e a influência dos judeus e maçons na economia do país. Na visão do FN, esses seriam os sujeitos que enriqueciam às custas do sofrimento e exploração dos “franceses naturais”.²⁰⁵

No projeto econômico do FN estão presentes elementos com influências claras do Movimento Poujadista. Em suas propostas econômicas, o FN — assim como o poujadismo — procurou limitar a participação do Estado na economia, este serviria apenas para garantir os interesses de classe, defendendo os pequenos comerciantes, artesãos e profissionais liberais.²⁰⁶

²⁰⁰ STIRBOIS, Jean-Pierre. *L'Avenir nous appartient*. Paris: Editions National Hebdo, 1988, p. 217.

²⁰¹ LE PEN, Jean-Marie. *Conferência inaugural do Instituto de formação nacional*. Discurso em 25 Jan 1989, p. 4.

²⁰² União dos Democratas pela República. Em 2002, o RPR foi substituído pelo UMP.

²⁰³ FRONT NATIONAL. *Défendre les Français...*, op. cit., p. 13.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 15.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 20.

²⁰⁶ CAMUS, Jean-Yves. *Origine et formation du Front National*, op. cit., p. 20.

Os resultados conquistados nas urnas legislativas de 1973 foram desmotivadores, chegando a apenas 0,5% dos votos válidos no nível nacional. Além disso, a coabitação de tendências ideológicas tão variadas dificultou a criação de uma linha clara e coesa pelo FN, assim como provocou descontentamentos internos entre os representantes de diferentes correntes ideológicas que procuravam se sobressair dentre as demais.²⁰⁷

Após a primeira eleição, o FN enfrentaria as eleições presidenciais em 1974. Essa seria a primeira eleição para presidente que Jean-Marie Le Pen enfrentaria, e, para o partido, seria importante demonstrar força discursiva. Na sua campanha política, Jean-Marie Le Pen e sua equipe de campanha buscaram criar uma propaganda que demonstrasse poder de confronto, para desestabilizar a política tradicional. A campanha do FN foi apresentar um candidato forte de direita, focando no “nacionalismo social e popular”. Na sua campanha Jean-Marie Le Pen dedicou-se a criticar seus adversários, dizendo que ele era o candidato da verdade, que ele iria desmascarar o cenário político que enganava os eleitores e governava para as elites capitalistas.²⁰⁸ A campanha criticava as limitações do Estado em solucionar os problemas da população, bem como a participação do setor privado e dos lobistas nas pautas do governo, colocando como prioridade os interesses das pequenas e médias empresas no desenvolvimento da atividade econômica francesa frente às multinacionais que se instalavam no país. Um dos pontos importantes da campanha presidencial de 1974 é o aparecimento das primeiras ideias anti-imigração que, futuramente, se tornaria a principal pauta política do FN.²⁰⁹

Nas duas primeiras eleições, Jean-Marie Le Pen praticamente se apropriou da linha política do FN, buscando se cercar de vários militantes com influências nas bases do partido, para que ele permanecesse fortalecido enquanto presidente do partido, mesmo que alguma facção entrasse em conflito. Como consequência disso, diante do fortalecimento do poder de Jean-Marie Le Pen e da estrutura criada por ele para se manter no poder (o processo de eleição da presidência e a escolha do comitê executivo), os membros da *Ordre Nouveau* rompem com o partido. Um dos líderes da

²⁰⁷ MOINE-ROY, Béatrice. L'élection présidentielle de mai 1974: la redistribution des électeurs de droite, *Revue Française de Science Politique*, vl. 25, n. 2, 1975, p. 222-258.

²⁰⁸ Ibidem, p. 234.

²⁰⁹ MARCUS, Jonathan. *The National Front and French Politics: The resistible rise of Jean-Marie Le Pen*. London: Macmillan, 1995.

Ordre Nouveau, Alain Robert, rompe totalmente com Le Pen, demonstrando que o pensamento do seu grupo é incompatível com o que o FN se tornaria.²¹⁰ A decepção com os resultados eleitorais do partido teve peso enorme para uma reformulação da base militante. Para que o FN tivesse maior respeitabilidade, era necessário romper com alguns setores extremistas, entre eles os grupos neofascistas, e com o movimento Nacional-Revolucionário de François Duprat.²¹¹

Diante das primeiras rupturas no partido, o FN se viu abatido em uma debandada de militantes e suas lideranças. Junto com Alain Robert, François Brigneau também abandona o partido. Esse rompimento atinge diretamente o FN, que perde parte importante de seus quadros, inclusive os mais importantes no sentido político. Os militantes da Ordre Nouveau e os Nacionalistas Revolucionários eram os principais articuladores políticos, eram eles que escreviam os artigos nas revistas do partido, que desenvolviam os programas políticos e ajudavam a pensar nos discursos de campanha, ou seja, eram a linha de frente intelectual do FN. Com a ruptura, Le Pen também perde o apoio de uma das revistas mais importantes, a revista *Minute*.²¹²

Em busca de uma renovação política e de novos membros, o FN decide criar um grupo juvenil, para atrair militantes que trouxessem ideias novas aos centros universitários e aos grêmios estudantis. Evidentemente, era importante que o partido tivesse uma escola de formação que doutrinasse os jovens a seguir à risca a cartilha imposta por Le Pen.²¹³

Os dissidentes do FN procuraram, rapidamente, articular uma frente de oposição, criando o PFN. Em primeiro momento, a existência de dois partidos de extrema direita preocupou a cúpula do FN, pois dividiria o eleitorado. Entretanto, o PFN não conseguiu emplacar, apesar de ter feito coligações com outros partidos políticos, de ter se apoiado em Tixier-Vignancour e de se aproximar de Jacques Chirac.²¹⁴ Em contrapartida, o FN vai centrar a sua estratégia a fim de construir um

²¹⁰ Ibidem, p. 20.

²¹¹ Ibidem, p. 24.

²¹² ALBERTINI, Dominique & DOUCET, David. *Histoire du Front national*. Paris: Editions Tallandier, 2013, p. 58.

²¹³ Ibidem, p. 58.

²¹⁴ MILA, Ernesto. *Front National and Forces Nouvelles. La oposición nacional, partida en dos*. Fuerza Nueva: Madrid, 1977, p. 17.

amplo movimento social, começando pelo Front National de la Jeunesse²¹⁵ (FNJ), para, em seguida, infiltrar-se nas zonas rurais e entre os trabalhadores. Apesar do poder eleitoral limitado, o FN procurava ser capaz de atrair uma base popular e social que eventualmente permitiria um papel decisivo no sistema político francês.

Ao final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a sociedade francesa se deparou com intensas mudanças sociais, econômicas e políticas. Vários eventos estiveram na base destas transformações, a exemplo da crise do petróleo de 1973-1974, que gerou um crescimento significativo do desemprego e teve efeitos negativos sob a indústria nacional. O desemprego atingiu especialmente as populações originárias da imigração, a maioria mão de obra de baixa qualificação, proveniente do Magrebe. Também houve uma expansão do mal-estar urbano em decorrência da intensificação dos problemas sociais, como a insegurança, a convivência de populações culturalmente diversificadas e a queda da qualidade de vida.²¹⁶

No contexto internacional emergiram líderes ultraliberais, como Margaret Thatcher (Reino Unido) e Ronald Reagan (Estados Unidos), os quais encarnaram uma revolução conservadora a partir de sua ascensão ao poder. Na França, por sua vez, foi eleito, em 1981 o primeiro presidente socialista sob a V República, com o apoio dos comunistas. A ascensão da esquerda ao poder incomodou muito as correntes de direita e de extrema direita, que incorporaram um discurso reacionário diante das medidas de nacionalização, descriminação do aborto, aumento do salário-mínimo e suspensão das expulsões de estrangeiros implementadas pelo novo governo.

Todas essas mudanças conjunturais e estruturais exerceram papel importante na configuração das condições da expansão eleitoral e do progressivo enraizamento do FN na sociedade francesa. Diante da crise econômica generalizada e do avanço crescente do desemprego, solidificou-se no interior do partido a apropriação do tema da imigração como principal causa dos males da sociedade: o desemprego e a insegurança. A partir de então esta temática se tornou central para o partido, em torno da qual se cristalizaram outras questões.

Porém, os resultados eleitorais iniciais do FN não ultrapassaram 1,3% dos votos obtidos nas eleições para o Parlamento Europeu, em 1979. A fraca implantação

²¹⁵ Frente Nacional da Juventude.

²¹⁶ PERRINEAU, P. & ROUBAN, L. (Dir.). *La politique en France et en Europe*. Paris: Les Presses de Science Po, 2007, p. 451.

eleitoral traduziu-se na ausência do FN das eleições presidenciais de 1981, por não ter garantido as 500 assinaturas de eleitos locais, as quais eram imprescindíveis para ir a votos. No início da década de 1980, Le Pen aproveitou a saída de membros da *Ordre Nouveau* e a morte do dirigente François Duprat para consolidar a sua liderança e reformular as propostas eleitorais do FN.

2.3 A formação do Front National e a política de Jean-Marie Le Pen

O FN, como falávamos anteriormente, surgiu durante o II Congresso da *Ordre Nouveau*. Nesse evento existiam diversas facções que ideologicamente se alinhavam a um pensamento conservador, nacionalista e de direita. Ao final do encontro, parte expressiva dos participantes perceberam que a luta política e sobretudo sua ação, de forma segregada, pouco colaborava com um objetivo em comum, ou seja, a existência de uma representação política que pudesse defender suas pautas.

Em um congresso heterogêneo — do qual participaram grupos de gaullistas, neonazistas, monarquistas, católicos, conservadores de direita, professores universitários, e até mesmo militantes nacionalistas de extrema esquerda — seria muito difícil chegar a um senso comum ou criar um projeto que abarcasse todas as ideias em uma agenda comum. Desse modo, existia a necessidade prática e objetiva de fundar um partido novo que pudesse receber todos esses grupos que, embora heterogêneos, tinham um único objetivo em comum — uma legenda que representasse seus direitos.

Para boa parte dos participantes do II Congresso da *Ordre Nouveau*, a direita tradicional, representada por partidos de cunho liberal-conservador, não era ideologicamente suficiente para nutrir seus anseios políticos. A ideia de um partido, embora heterogêneo, atenderia a curto prazo seu objetivo de ter participação política. Como a ideia central era agrupar o máximo possível de grupos, tanto os legítimos, como facções neonazistas e fascistas que beiravam à marginalidade, foi então criado o partido intitulado Frente Nacional pela União.

O partido se constitui em 1972, enquanto uma frente conservadora e nacionalista. Como boa parte da bibliografia que estuda o FN, podemos concluir que o partido nada mais foi — tanto em seu momento de criação, como em seu resultado final — do que um processo de luta no campo político francês por diversas

agregações extremistas que, desde o final da Segunda Guerra Mundial, buscaram desenvolver uma alternativa política que defendesse seus anseios políticos, sociais, religiosos e culturais. Após a fundação do partido, foram escolhidos seus primeiros representantes, formando, assim, o comitê executivo e político do FN. O primeiro presidente eleito foi Jean-Marie Le Pen.

Para ganhar respeitabilidade, o FN, após sua formação, investiu em atrair outras pessoas para o partido, desde professores universitários conhecidos por seus textos e postura conservadora, como também outros políticos que exibiam uma compatibilidade política. Nomes como Georges Bidault e Guy Ribeaud, líderes do MJL, interessavam aos quadros do partido, porque ambos possuíam larga experiência política e também produziam muitos artigos políticos.

Um dos grandes problemas enfrentados pelo FN no início de sua formação era a existência de muitas facções e diversas brigas políticas, as quais visavam ditar os rumos que o partido deveria tomar. Outro problema também se deve ao fato de que várias agregações que compuseram a formação do partido caíram na ilegalidade, muitas em virtude das formas truculentas de agir, como a FANE (grupo neonazista), além de outros grupos que foram proibidos de existir pelo governo francês.²¹⁷

Embora a ideia inicial do FN fosse montar uma agregação que abrangesse todos os grupos extremistas e conservadores insatisfeitos com a representação dos partidos de direita e centro, chegou um momento em que houve a necessidade de transparecer para a sociedade que o partido apresentava um programa político moderno, sem laços com o fascismo clássico ou com grupos neofascistas, iniciando um processo de construção de uma linha moderada e democrática.

Como resultado dessa mudança de postura, vários membros fundadores se rebelaram contra Jean-Marie Le Pen e abandonaram o partido e, mesmo com a debandada de vertentes conservadoras, o FN, em suas fileiras, ainda possuía militantes que afetavam sua imagem, embora os mesmos aceitassem a transformação do partido. Durante sua fundação, o FN acolheu praticamente todos os militantes possíveis da extrema direita. Em suas fileiras existiam desde neonazistas, ex-combatentes das Guerra da Argélia e da Indochina, membros da Revolução Nacional do Marechal Pétain, como também membros das Waffen-SS Charlemagne.²¹⁸

²¹⁷ SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France...*, op. cit, p. 158.

²¹⁸ FLORENTÍN, Manuel. *Guía de la Europa negra. Sesenta años de extrema derecha*. Anaya & Mario

Inicialmente, o primeiro projeto político do FN tinha como principal foco ideológico ser um partido nacionalista, conservador, católico, com a ambição de alcançar os eleitores insatisfeitos com os partidos políticos que dominavam o cenário político. Seu projeto social enfatizava a necessidade de maior atenção dos governadores aos projetos que beneficiassem a população francesa.

O principal ponto da cartilha política do FN foi a crítica ao fluxo de imigração. Já em 1973, o partido se declarava contrário à entrada de imigrantes na França. Embora nesse momento o partido não pregasse a expulsão dos imigrantes do país, procurava desenvolver uma política de incentivo à natalidade. Outro ponto explorado pelo FN era a crítica ao presidente Valéry Giscard, por sua flexibilidade em relação à entrada de capital estrangeiro e multinacionais americanas no país.²¹⁹

A primeira vez que o partido concorreu foi em 1973, nas eleições parlamentares francesas. Embora sem ter ainda um projeto político bem desenvolvido, o FN insistiu em participar das eleições. Mesmo sem um número expressivo de políticos em sua agremiação para dar conta de uma eleição digna, participou para testar suas ideias e também para fazer propaganda do recém-formado partido político. Com pouco tempo para poder se preparar e criar uma plataforma política e se dedicar à propaganda, o partido apresentava condições amadoras, sem a menor condição de atingir um objetivo concreto.²²⁰

Em seu primeiro projeto político, chamado “Defender os Franceses”,²²¹ o partido ainda tinha muita influência de facções e pluralidade ideológica, marcada pela gama de vertentes de pensamentos, como o gaullismo, o petainismo e as ideias de Charles Maurras. A linha ideológica, embora buscasse uma modernidade, apresentava ainda traços do pensamento fascista e da sua lógica conspiracionista do avanço comunista.²²²

No que diz respeito ao projeto econômico do partido, o FN se mostrava adepto

Muchnik: Madrid, 1994.

²¹⁹ CAMUS, Jean-Yves. *Origine et formation du Front National (1972-1981)*. In: MAYER, N. & PERRINEAU, P. *Le Front National à découvert*. Paris: Presses de la FNSP, 1989.

²²⁰ DAVIES, Peter. *The National Front in France: Ideology, Discourse, and Power*. New York: Routledge, 1999, p. 17.

²²¹ FRONT NATIONAL. *Défendre les Français. C'est le programme du Front National*. Supplement to Front National, n. 3, feb. 1973.

²²² MARCUS, Jonathan. *The National Front and French Politics: The resistible rise of Jean-Marie Le Pen*. London: Macmillan, 1995, p. 18.

ao livre mercado e à livre iniciativa na criação de uma legislação antitruste. Vale lembrar que o FN, desde sua fundação, assim como outros partidos e movimentos de extrema direita franceses, defendia os interesses de classe da pequena e média burguesia. Portanto, suas aspirações econômicas estavam voltadas para o auxílio a tais setores produtivos. Seu projeto visava a retirada dos obstáculos jurídicos e fiscais, dando abertura para a livre iniciativa, embora com regulamentações que protegeriam os comerciantes nacionais frente às importações.²²³

O projeto “Defender os Franceses” tinha como princípio a defesa da França frente à ameaça comunista e também à invasão dos imigrantes. A nação, como pauta da agenda política do FN, tinha dois objetivos: o primeiro seria legitimar a ideia de que o nacionalismo pertence à FN e, caso outro partido utilizasse essa tática, o FN sairia em defesa da sua ideia, acusando a oposição de apropriação política; o segundo seria obrigar outros partidos a também fazerem um discurso que defendesse a soberania nacional.²²⁴

Enquanto procurava se localizar no cenário político, o FN se dedicou a criar várias formas de propaganda para alcançar diversos públicos, criando, assim, suas primeiras revistas e jornais, como a *National Hebdo*, uma revista de produção semanal, por meio da qual seus colaboradores se dedicavam a expandir o projeto político do FN e também a se posicionar em relação à política nacional.²²⁵

As revistas do FN tiveram também um papel importante para a divulgação da ideologia frontista, como a defesa de uma identidade nacional, dos valores franceses e do patriotismo. Embora os conteúdos das revistas apresentassem uma leitura de patriotismo romântica, eles eram extremamente xenófobos quando defendiam os valores franceses e os comparavam a outras nações europeias. Uma das edições da *National Hebdo*, publicada por Jean-Pierre Stirbois, afirmava que o nacionalismo francês não poderia ser ensinado, apenas os naturalmente franceses poderiam sentir o verdadeiro amor patriota.²²⁶ Nesse mesmo sentido, para Jean-Marie Le Pen, o nacionalismo seria a única ideologia capaz de defender uma nação soberana. Para

²²³ SIMMONS, Harvey G. *The French National Front: The Extremist Challenge to Democracy*. Oxford: Westview, 1996.

²²⁴ ROLLAT, Alain. *Les Hommes de l'extrême droite: Le Pen, Marie, Ortiz et les autres*. Paris: Calmann-Lévy, 1985, p. 18.

²²⁵ Ibidem, p. 19.

²²⁶ STIRBOIS, Jean-Pierre. *L'Avenir nous appartient*. Paris: Editions National Hebdo, 1988, p. 217.

ele, “a nação é uma entidade política fundamental, é a crença de que o nacionalismo prospera em situações concretas, em que indivíduos e grupos se unem para sobreviver, proteger e se reproduzir”.²²⁷

Na sua primeira eleição enquanto partido legítimo, o FN teve resultados pífios, conseguindo apenas 0,5% dos votos válidos no nível nacional, aproximadamente 120 mil votos. Para Beatrice Moine-Roy, além dos problemas anteriormente citados — como o pouco tempo para se organizar para as eleições e a falta de amadurecimento do projeto político —, a existência de vários projetos ideológicos em um mesmo partido colaborou para que o FN não tivesse um programa sólido.²²⁸

Após a primeira derrota sofrida, o FN teve pouco tempo para se preparar, porque as eleições presidenciais aconteceriam em 1974. Na campanha política do partido, buscou-se apresentar Jean-Marie Le Pen como um candidato de direita nacionalista, com convicções fortes e aspirações de cunho popular. Sua campanha buscava transparecer um projeto nacionalista, social e popular.²²⁹

A estratégia de campanha do FN, além de destacar os pontos importantes de sua agenda política, como a defesa da soberania nacional e das empresas francesas, era marcar posição e se diferenciar dos partidos de direita tradicionais; no caso, a crítica era direcionada ao candidato de direita, Valéry Giscard, do partido *Républicains Indépendants*²³⁰ (RI), e ao candidato do *Parti Social Français*²³¹ (PSF), François Mitterrand.²³²

Jean-Marie Le Pen se dedicou a criticar seus adversários, reprovando as atuais condições do cenário político francês. Sua principal crítica ao formato de governo era que ele estava atrelado ao capital internacional, afirmando que o RI estava à serviço das elites, do capital financeiro e dos grandes conglomerados.²³³ Embora o FN tenha intensificado suas críticas agressivas aos principais candidatos, sua campanha

²²⁷ LE PEN, Jean-Marie. *Conferência inaugural do Instituto de formação nacional*. Discurso em 25 Jan 1989, p. 4.

²²⁸ MOINE-ROY, Béatrice. L'élection présidentielle de mai 1974: la redistribution des électeurs de droite, *Revue Française de Science Politique*, v. 25, n. 2, 1975, p. 222-258.

²²⁹ *Ibidem*, p. 232.

²³⁰ (Partido) Republicanos Independentes.

²³¹ Partido Social Francês.

²³² SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France...*, op. cit., p. 177.

²³³ MOINE-ROY, Béatrice. L'élection présidentielle de mai 1974: la redistribution des électeurs de droite, *Revue Française de Science Politique*, v. 25, n. 2, 1975, p. 234.

política não conseguiu atingir os objetivos de incitar a população francesa contra os partidos tradicionais.²³⁴

Para James Shields, no que tange à primeira eleição do FN, alguns aspectos são importantes de se destacar. Por exemplo, a questão do combate à imigração aparece pela primeira vez enquanto agenda política francesa, ou seja, o FN foi o pioneiro a utilizar o assunto como pauta política, o que futuramente se tornaria o carro chefe do partido.²³⁵ Outro ponto importante foi poder definir os vínculos de classe do FN, que, embora se apresentasse como novo partido e como alternativa para a sociedade francesa, reproduzia posições adotadas pela extrema direita desde o Movimento Poujadista.

2.4 A imigração como projeto central do Front National

Desde o surgimento do FN, Jean-Marie Le Pen, enquanto líder, tem procurado vincular seu partido a uma tradição nacionalista de direita, muito embora as diversas facções fascistas tenham resistido às suas tentativas de harmonização da ideologia do FN.

Desde a fundação do partido, Jean-Marie tentou se afastar das correntes neofascistas que dominaram a extrema direita na França a partir do pós-guerra. Em conjunto com François Duprat, um dos principais intelectuais na década de 1980, existia a vontade de romper com o *modus operandi* da extrema direita.²³⁶

Entre as principais ideias que surgiram durante o Congresso de 1973 — que eram, regra geral, de comum acordo com os grupos envolvidos — estava o anticomunismo, o nacionalismo, o combate à imigração e a restauração da soberania francesa, com um Estado forte, priorizando o desenvolvimento da indústria e do comércio nacional e defendendo, acima de tudo, os valores da cultura francesa e suas tradições.²³⁷

O projeto político do FN possuía aspectos ideológicos tradicionais da extrema direita francesa. Alguns pontos poderiam ser identificados com a Action Française de

²³⁴ SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France...*, op. cit., p. 178.

²³⁵ Ibidem, p. 180.

²³⁶ MAYER, Nonna & PERRINEAU, Pascal. *Le Front National à découvert*. Paris: Presses de la FNSP, 1989, p. 17-18.

²³⁷ Ibidem, p. 20-21.

Charles Maurras. A defesa das classes médias e dos comerciantes pode ser herança do Movimento Poujadista. A nova ideologia do partido se afastava do corporativismo, que ainda existia nos projetos políticos neofascistas, caso do grupo neonazista FANE, de Mark Frederiksen, uma das facções que participou do congresso e se filiou ao partido.²³⁸

Esse processo de construção de um novo modelo de direita nacionalista incomodou os membros da *Ordre Nouveau*, que saíram do partido e criaram o PFN. A saída das facções mais extremistas abriu caminho para que François Duprat desse suporte intelectual à formação ideológica do partido. Ele foi o fundador do Movimento Nacionalismo Revolucionário (NR), que seria uma modernização do fascismo clássico, aplicado em uma democracia.

A importância de Duprat para o FN foi introduzir a defesa da cultura e da identidade francesa. Ademais, ele foi um dos primeiros questionadores sobre a política de imigração no país. Diferente da crítica rasa, Duprat apresentava pesquisas sobre o fluxo de imigração e sua relação com os modos de produção industrial na França. Na década de 1970, já denunciava as instituições francesas, principalmente o Estado, controlado pela direita liberal, de incentivar a entrada de imigrantes ilegais para o barateamento da produção. Acusava a corrupção dos governos e seu alinhamento com o capital internacional, bem como a submissão à burguesia industrial francesa.²³⁹

Entre as principais características do NR de Duprat, podemos elencar suas propostas centrais: o Estado deveria ter papel central na economia, agindo de forma intervencionista, sendo o principal regulamentador de todos os setores econômicos. Além do domínio econômico, as linhas de crédito e empréstimos deveriam ser controladas pelos bancos estatais, proibindo a prática pelas instituições bancárias privadas.

Outro aspecto importante do NR era sua visão eurocentrista. Duprat acreditava no desenvolvimento de um bloco econômico europeu para combater o bloco soviético e os Estados Unidos.²⁴⁰ Embora tenha exercido fascínio e admiração na maioria dos membros do FN, sua curta trajetória no partido impossibilitou que sua ideologia se

²³⁸ ALGAZY, Joseph. *L'Extrême-droite en France de 1965 à 1984*, Paris: L'Harmattan, 1989.

²³⁹ BIRENBAUM, Guy. *Le Front National em Politique...* op. cit., p. 64-65.

²⁴⁰ LEBOURG, Nicolas & BEAUREGARD, Joseph. *François Duprat, l'homme qui inventa le Front National*. Paris: Denoel edition, 2012.

propagasse nos projetos políticos.²⁴¹

Com a morte de Duprat, outros personagens iriam aparecer para colaborar com o desenvolvimento do projeto político do FN. Logo, diferentes facções foram se integrando ao partido, a exemplo dos “solidaristas” — um dos grupos internos, representado por Jean-Pierre Stirbois, que se opunham às alas fascistas — e da ala dos católicos — representantes do tradicionalismo dentro do partido, defendendo o moralismo, a Igreja Católica como entidade máxima, e, principalmente, uma França católica.²⁴²

Diferente do citado acima, também teremos a influência de alguns grupos que defendiam o liberalismo econômico, o que ia de encontro ao pensamento até então vigente. Um dos responsáveis por esse novo elemento seriam os membros do Clube de Horloge.

Nessa perspectiva, a ideologia do FN foi sendo lapidada, embora ainda existissem ideias extremamente antagônicas. Era possível reunir, em um mesmo partido, grupos radicais que defendiam a intervenção total do Estado na economia e, ao mesmo tempo, ter uma ala liberal-conservadora, defensora da livre iniciativa e do livre mercado.

O partido conseguia reunir anticomunistas, antimarxistas e militantes de esquerda em suas fileiras. Neste mesmo sentido, ele agregava monarquistas, influenciados pela Action Française, como também aspirava a ideais parlamentaristas. Para finalizar os exemplos do antagonismo presente no FN, ao mesmo tempo que parte considerável se considerava antissemita, parte dos membros apoiavam o Estado de Israel em seus conflitos com o Oriente Médio.²⁴³ Segundo Franco de Andrade,

Ao longo dos mais de 40 anos do FN, a questão judaica nunca foi uma pauta concreta e compreendida pelos seus militantes — ainda que com o antissemitismo sempre presente —, como ponto de extrema importância, em comparação com o combate à imigração dos Muçumanos e Norte-Africanos. Um dos motivos para que o antissemitismo não fosse uma pauta principal do FN é que a comunidade judaica na França é relativamente pequena em comparação com, digamos, a comunidade argelina — embora existam no FN diversos antissemitas, ainda se apresenta de forma tímida e individual, pouco

²⁴¹ DÉLY, Renaud. *Histoire secrète du Front National*. Paris: Éditeur Bernard Grasset, 1999, p. 16.

²⁴² SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France...*, op. cit., p. 154.

²⁴³ *Ibidem*, p. 103.

perceptível no discurso oficial do FN.²⁴⁴

Tendo em vista as diversas correntes de pensamento do FN e as disputas crescentes entre esses mesmos grupos, Jean-Marie Le Pen começou a concentrar algumas características que ele julgava importantes. Para dar sentido a um projeto ideológico, pensou um projeto político em que fosse possível agregar o “melhor” de cada proposta e, de maneira parcelada, agradar significativamente seus seguidores.

Na década de 1980, passados os primeiros anos tumultuados da formação e das primeiras experiências eleitorais, Jean-Marie começou a direcionar os caminhos a serem tomados pelo partido, ao mesmo tempo em que a ideologia não tomava corpo, ou seja, o comitê político ia testando as ideias que tinham aceitação em suas bases e as que seriam rejeitadas. Nessas tentativas políticas, e se baseando nas críticas aos outros partidos franceses, o FN foi descobrindo que tipo de partido ele não poderia ser, pois seu objetivo era ser diferente das ideias praticadas pelo *mainstream*. A partir das posições em que o partido conseguiu ter sucesso é que se começam a definir as primeiras características ideológicas do mesmo.

O FN se definiu enquanto um partido liberal-conservador, nacionalista e populista, defendendo o livre mercado, frente a um intervencionismo estatal nas esferas sociais. Ao mesmo tempo que defendia o liberalismo, o partido protegia as instituições públicas e a ampliação do cerceamento social, exaltando a necessidade de maior rigor na segurança pública, exaltando a necessidade de aparelhos repressivos, como a polícia, o exército e o sistema prisional, bem como defendendo a prisão perpétua e a pena de morte.²⁴⁵

Embora o FN fosse trabalhar para desenvolver melhor seus projetos econômicos, principalmente o “ultraliberalismo”, conforme declarava Jean-Marie Le Pen, as principais ideias do partido estariam localizadas em um âmbito menos técnico e mais retórico e discursivo. Jean-Marie Le Pen e seus companheiros do comitê político do partido perceberam que discutir teoria política, assim como discutir reformas no sistema liberal, não iria atrair eleitores de imediato.

O partido deveria atacar questões que os outros deixavam passar em branco, como a questão da imigração na década de 1980, cuja regulamentação apenas era

²⁴⁴ FRANCO DE ANDRADE, Guilherme. op. cit., p. 109.

²⁴⁵ ROLLAT, Alain. *Les Hommes de l'extrême droite: Le Pen, Marie, Ortiz et les autres*. Paris: Calmann-Lévy, 1985, p. 146.

discutida pelo FN. Outro ponto importante seria a defesa dos valores morais, da tradição e cultura francesa. Nesse campo, o FN foi promissor, pois enquanto partidos discutiam questões teoricamente mais importantes, o partido foi garantindo seu lugar em certas pautas políticas, chamando a atenção para os detalhes da vida cotidiana, os quais eram pouco problematizados.

A percepção de Jean-Marie Le Pen — de focar em pequenas pautas e fazer delas bandeiras próprias do FN — ajudou o partido a ter maior visibilidade e repercussão nacional. Foi em 1978, com os resultados constrangedores nas eleições para a Assembleia Nacional, que Jean-Marie Le Pen descobriu que o fio condutor do partido seria a imigração. Percebeu que deveria atacar a imigração, não apenas como ocupação dos postos de trabalho, mas como um caminho para o desaparecimento da cultura francesa. A partir disso, outros tópicos vão se desenvolver na narrativa e nos discursos do partido.

A partir do tema da imigração, o FN vai construir todo seu projeto político, assinalando que o excesso de imigrantes é a principal causa dos altos índices de desemprego no país. Ele também argumentava que os imigrantes aceitavam salários mais baixos e, dessa forma, a maioria das empresas deixavam de contratar mão de obra francesa.

Além disso, ele atacava os imigrantes quando o assunto era violência, dizendo que a falta de adaptação deles à cultura e à língua francesa os levaria, a longo prazo, para a criminalidade. Sobre a questão da imigração, vale ressaltar que o grupo Nouvelle Droite, de Alain Benoist, exerceu um papel fundamental, pois Benoist foi um dos primeiros intelectuais da direita francesa a defender a tese do desaparecimento da sociedade ocidental.

Um fator importante para essa nova descoberta do FN foi — após o triunfo do candidato do PSF, François Mitterrand, nas eleições de 1981 — a entrada de um partido de esquerda que abalou os partidos de direita-liberal. Essa derrota colaborou para que o FN conseguisse aumentar seu número de militantes, atraindo a atenção de políticos com prestígio, como Bruno Mégret, que ingressou no partido na década de 1980.

A decepção da derrota surtiu pouco efeito na direita tradicional, que, por sua vez, pouco se importou com a questão da imigração, permanecendo tema absoluto do FN até os anos 2000.

Após a morte de Jean-Pierre Stirbois e a entrada de Bruno Mégret no FN, o

partido iria aprofundar ainda mais sua tendência liberal. A presença intelectual de Bruno Mégret, Jean Yves Le Gallou e Yvon Blot, que participavam de partidos políticos ligados às tendências do gaullismo, também iria colaborar com as questões ligadas à imigração, à segurança, ao etnocentrismo e ao nacionalismo.

2.5 Os projetos políticos e seus conflitos

O FN, durante seu período de criação, sofreu diversos impasses para definir seu projeto político, por se tratar de um partido com muitas ramificações e tendências conservadoras e também em virtude da liderança de Jean-Marie Le Pen, que controlou a criação do programa do FN, bem como seus rivais. Como veremos nesse ponto, durante o processo de formação e amadurecimento do partido, existiram três projetos políticos que ajudaram a dar vida ao que se tornaria o seu projeto ideal.

Um dos primeiros intelectuais do FN foi François Duprat, historiador francês que se dedicava a produzir textos para desenvolver uma doutrina de extrema direita, sendo considerado uma das principais fontes ideológicas do FN. Duprat circulava em diversas alas radicais existentes dentro do partido, conseguindo ter respaldo da base do partido, ajudando na criação da pauta política e, ao mesmo tempo, tentando implantar sua ideologia, o NR, que, segundo ele próprio, seria uma ideologia de superação do fascismo.

Após entrar no FN, François Duprat exerceu diversas funções: foi secretário do partido e chefe de campanha nas eleições de 1974. Mas sua importância no FN é, sem dúvida, ter exercido influência em Jean-Marie Le Pen e na formação do que seria a ideologia do partido. Duprat foi o grande responsável pelo programa que combatia os imigrantes, ele foi um dos primeiros intelectuais orgânicos do FN. Por ser extremamente influente, por liderar vários grupos dentro do partido e pela respeitabilidade que ele tinha de outras organizações de extrema direita na França, ele conseguia ter poder dentro do partido, sobretudo porque uma vasta gama de seguidores o acompanhava, o que lhe permitia pressionar as lideranças do FN a aceitar suas ideias nos congressos do partido.²⁴⁶

A nova linguagem empreendida por François Duprat era carregada de

²⁴⁶ MARCUS, Jonathan. op. cit., p. 20; ALBERTINI, Dominique & DOUCET, David. op. cit., p. 56.

sentimento nacionalista. O disfarce do racismo se apresentava em palavras mais sutis, como “diferenças étnicas e culturais” e “identidade”, principalmente no que diz respeito à imigração. O FN está marcado pela influência de François Duprat, e o tom do discurso do partido, os programas políticos, os panfletos e a grande maioria dos materiais divulgados pelo partido começaram a apresentar essa mudança no vocabulário da extrema direita. Esta passou a usar sinônimos para tratar os estrangeiros como os “outros”, aqueles com que ela não tem “identificação”, aqueles que ela não reconhece. Noutras termos, criou-se um novo vocabulário, com um tom mais sereno e suave, o que passava despercebido na leitura das massas.²⁴⁷

Esse discurso, criado por Duprat, teve como objetivo esconder a conotação racista do discurso e levar a retórica do partido para um campo em que não se estaria discutindo supremacia racial, mas trazendo a discussão para outro nível, colocando o problema da imigração como algo político, social, cultural e econômico.²⁴⁸

O discurso de ódio do FN contra as minorias raciais agora se colocava em um viés econômico e social. Na década de 1970, com a crise do petróleo no Oriente Médio e com o processo de transformação de parte dos países árabes em ditaduras, a França foi bastante atingida, visto que grande parte do seu petróleo era produzida por empresas situadas nas antigas colônias, Argélia e Egito, que foram estatizadas pelos seus governos, encarecendo muito o custo de importação do petróleo pela França.²⁴⁹ Neste sentido, o FN explorava as mudanças econômicas e sociais no país para desenvolver uma retórica ofensiva contra os imigrantes. Duprat discursou sobre o agravamento das condições sociais e econômicas das classes médias.

O imigrante, para o FN, se tornou o principal vilão, o grande responsável pelos males que atravessavam o país, sobretudo em virtude dos encargos sociais que eram gastos pelo governo para dar as mínimas condições de sobrevivência aos novos imigrantes no país.²⁵⁰ O investimento com educação, saúde e habitações para os imigrantes era um dos pontos reiterados pelo FN, assinalando que o Estado deveria canalizar os recursos investidos pelo governo nos “verdadeiros franceses”, ao contrário de investir para proteger os “outros”. Outro ponto desenvolvido por Duprat

²⁴⁷ BIRENBAUM, Guy. *Le Front National em Politique...*, op. cit., p. 64-65.

²⁴⁸ SIMMONS, Harvey G. op. cit., p. 216-224.

²⁴⁹ DAVIES, Peter. *The National Front...*, op. cit., p. 19.

²⁵⁰ SHIELDS, James. G. *The Extreme...*, op. cit., p. 174.

foi relacionar a taxa de desemprego no país ao crescente número de imigrantes.²⁵¹

No programa de governo de 1974, Duprat ficou responsável pela construção do projeto político para as eleições presidenciais. Podemos evidenciar esse discurso xenófobo inserido dentro do programa de governo do FN, desenvolvido por Duprat:

É intolerável que o nosso país tenha se tornado uma lixeira para inúteis, degenerados, delinquentes e criminosos. É intolerável que a insegurança reine em tantos distritos onde os lojistas vivem com medo, onde os ataques ocorrem diariamente, onde é perigoso para uma mulher sair sozinha à noite. Também é intolerável que os nossos serviços sociais e plano de saúde são desperdiçados com os indesejáveis. Para esses vários problemas só existe uma solução: um rigoroso controle das fronteiras e dos candidatos à imigrante, que devem passar por um exame triplo — sanitário, profissional e social.²⁵²

Essas características vão permanecer até o presente no FN. No início dos anos 1980, o projeto de Duprat exercia muita influência no FN. Na revista do partido, *National Hebdo*, podemos observar como Jean-Marie Le Pen expõe o pensamento de Duprat e suas ideias sobre os imigrantes:

A designação comum sobre nosso movimento (é que) nós damos uma importância fundamental para a ideia da nação [...]. Tem os comunistas, socialistas e liberais, mas estamos à frente de todos os nacionalistas [...]. Os interesses da França e dos franceses vem em primeiro lugar. "Os franceses primeiro" não implica em nenhuma hostilidade, ódio ou violência, mas primeiro é necessário fazer justiça aos nossos compatriotas.²⁵³

A retórica contra a imigração e os imigrantes teoricamente foi um passo importante para o FN marcar posição e se diferenciar dos outros partidos de direita. Peter Davies²⁵⁴ observa que esse foi um dos pontos em que Duprat talvez tenha

²⁵¹ Ibidem, p. 174.

²⁵² FRONT NATIONAL, *Programme du Front National*. Paris, Front National, 1974. ["It is intolerable that our country should have become a dumping ground for good-for-nothings, degenerates, delinquents and criminals. It is intolerable that insecurity should reign in so many districts where shopkeepers live in fear, where attacks are a daily occurrence, where it is dangerous for a woman to go out alone at night. It is also intolerable that our social services and health care should be wasted on undesirables. To these mounting perils there is only one solution: rigorous control at the borders of would-be immigrants, who should undergo a triple examination — sanitary, professional and judicial" – tradução livre].

²⁵³ FRONT NATIONAL, *National Hebdo*, v. 91. ["The common designation of our movement (is that) we accord an essential importance to the idea of the nation [...]. There are Communists, Socialists and liberals, but we are before all nationalists [...]. The interests of France and the French are of premier significance. 'French people first' implies no hostility, hatred or violence, but first it is necessary to render justice to our compatriots" – tradução livre].

²⁵⁴ DAVIES, Peter. *The National Front...*, op. cit., p. 23.

acertado para a renovação da ideologia da extrema direita francesa. Segundo Davies “a retórica contra a imigração foi passo acertado, para conseguir respeitabilidade”.²⁵⁵

Por mais que o discurso contra a imigração fosse forte por parte do FN, é necessário que exista base material para que ele se propague em alguns círculos sociais. Além da própria campanha do partido, o FN utilizava suas revistas e jornais que apresentavam parte do programa do partido nas críticas à política do país. Com várias colunas e notícias sobre o país, o FN se posicionava e afirmava suas posições políticas. Em seus meios de comunicação, como a *National Hebdo* e o *Identité*, os intelectuais do FN se posicionavam sobre os problemas de integração dos imigrantes, principalmente os de origem mulçumana, que, segundo o FN, não conseguiam se adaptar aos modos de vida francês, além de não conseguirem lidar com a cultura e com o Estado laico — principalmente por não haver ensino religioso nas escolas, garantindo a liberdade de crença. Por último, manter o idioma de sua antiga pátria era considerado um problema, o que evidenciava a falta de vontade dos imigrantes que não aprendiam a língua francesa. É evidente que esse é o ponto de vista do FN sobre a realidade dos imigrantes.

Devemos pontuar que, no início dos anos 1980, a extrema direita se preocupou em pontuar uma separação entre o mundo ocidental europeu das civilizações bárbaras dos países árabes, devido às diversas guerras no Oriente Médio e ao crescimento de grupos de libertação das nações árabes e de grupos ditos “terroristas”.

Ao longo de sua vida Duprat trabalhou produzindo textos sobre negacionismo, sobre o fascismo e sobre movimentos de extrema direita, a exemplo do MSI, ponderando suas críticas à política francesa. Ele se esforçava bastante para divulgar suas ideias. Sua principal colaboração para a extrema direita foi o desenvolvimento do NR no FN.²⁵⁶

Duprat, que se afirmava enquanto antissemita, reconhecia o NR como um novo movimento, que deveria se apresentar como uma evolução do fascismo italiano.²⁵⁷ Uma das semelhanças do NR com o fascismo é a negação da ideia da luta de classes. Para o NR cada sujeito na sociedade deveria cumprir sua função social, independente da condição de exploração ou deterioração desse trabalho. Assim como no projeto

²⁵⁵ Ibidem.

²⁵⁶ CAMUS, Jean-Yves. *Le Front National...*, op. cit., p. 30.

²⁵⁷ LEBOURG, Nicolas & BEAUREGARD, Joseph..., op. cit., p. 220.

fascista que anteriormente discutimos, o NR pretendia trabalhar com um modelo econômico para o desenvolvimento do capitalismo nacional, garantindo os interesses das elites dominantes, as quais utilizariam os métodos de consenso e de coerção para manter os trabalhadores sob um rígido controle social.²⁵⁸

Enquanto intelectual orgânico do FN e das suas unidades radicais, Duprat dedicava parte do seu tempo a escrever sobre política e história. Como o NR seria uma atualização do fascismo, Duprat sentia a necessidade de combater a “História tradicional”, a “História dos vencedores”, especificamente os estudos sobre o fascismo e sobre a Segunda Guerra Mundial. Ele participava de alguns grupos de revisionistas históricos e, em conjunto com eles, criou, em 1976, uma revista chamada *Revue d'Histoire du fascisme*.²⁵⁹ A primeira edição da revista foi um dossiê destinado a defender o fascismo. No editorial da revista Duprat escreve sobre a necessidade de defender o movimento fascista e procura justificar a necessidade histórica e política de reconstruir a imagem do fascismo:

Nós não devemos deixar para nossos oponentes, os marxistas e regimistas, o monopólio de representação histórica dos homens, fatos e ideias. Porque a história é um maravilhoso instrumento de guerra, e seria inútil negar que uma das razões importantes das nossas dificuldades políticas reside na exploração histórica e da deformação sistemática das experiências nacionalistas do passado [...] é para responder a essas necessidades [...] que uma equipe de intelectuais, professores e nacionalistas criaram a Revista de História do Fascismo.²⁶⁰

O político François Duprat dedicou sua vida à militância, participando de diversos grupos de extrema direita, e sua principal tarefa foi desenvolver o NR e tentar aplicá-lo ao FN.²⁶¹ Segundo James Shields sobre a vida de Duprat:

O nacionalismo revolucionário, que ele propôs através de inúmeros livros, panfletos e artigos, era em outro nome neo-fascismo. Duprat colaborava sempre com Bardèche e contribuía regularmente para *Défense de l'Occident*

²⁵⁸ Ibidem, p. 222.

²⁵⁹ Revista da História do Fascismo.

²⁶⁰ DUPRAT, François. *Revue d'Histoire du fascisme*. Paris, Année Zéro, 1976. [“Nous ne devons pas laisser à nos adversaires, marxistes et régimistes, le monopole de la présentation historique des hommes, des faits et des idées. Car l'Histoire est un merveilleux instrument de combat et il serait vain de nier qu'une des raisons importantes de nos difficultés politiques réside dans l'exploitation historique et la déformation systématique des expériences nationalistes du passé. [...] C'est pour répondre à ce besoin [...] qu'une équipe d'intellectuels, de professeurs, de nationalistes a créé la Revue d'Histoire du fascisme”].

²⁶¹ ROLLAT, Alain. op. cit., p. 72.

e outras publicações de tendências fascistas.²⁶²

O NR desenvolvido por Duprat baseava-se em uma ideologia que defendia uma sociedade extremamente nacionalista, preocupando-se, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento da Europa Ocidental, visto que a ideologia defendia a expansão do NR para outras nações, acreditando que a permanência do projeto só se constituiria caso ele fosse desenvolvido em outros países, formando um grande império europeu.²⁶³ O NR se “opunha” ao racismo, mas considerava extremamente importante que cada país europeu (caucasiano) mantivesse preservados seus grupos étnicos, suas particularidades linguísticas e culturais.²⁶⁴

No que diz respeito à questão do sistema econômico, o NR dizia se opor à forma como era executado o sistema capitalista, principalmente à ideia do liberalismo econômico que não defendia os patrimônios nacionais. Todavia, ao mesmo tempo em que criticava parte do sistema capitalista, o NR apresentava ideias contraditórias, pois defendia o Estado mínimo, não escapando do projeto neoliberal que foi implementado a partir dos anos 1990; logo, o NR pouco se diferenciava do liberalismo. O NR, influenciado pelo modelo econômico do nacional-socialismo alemão, não apresentava rupturas com o sistema capitalista, nem com sua economia; ao contrário, estimulava a valorização do capitalismo na França.²⁶⁵

Vale registrar que, segundo David Bell, o FN, desde sua criação, diferente do fascismo, não estava comprometido com a defesa do corporativismo. Assim como o fascismo de Hitler e Mussolini, o FN defendia o capitalismo de livre mercado, os acordos entre as diferentes instituições. O projeto do FN era estar preparado para lidar com o sistema capitalista, utilizar da máquina do Estado para desenvolver seu programa político e se apropriar do poder do Estado para governar para seus próprios

²⁶² SHIELDS, James. G. *The Extreme...*, op. cit., p. 176 ; cf. também a discussão em ALGAZY, Joseph. *L'Extrême-droite...*, op. cit., p. 160-170. [“The ‘revolutionary nationalism’ which he ropounded through numerous books, pamphlets and articles was neo-fascism by another name. Duprat collaborated closely with Bardèche and contributed regularly to *Défense de l’Occident* and other fascist-leaning publications”].

²⁶³ LÉBOURG, Nicolas & BEAUREGARD, Joseph..., op. cit., p. 218.

²⁶⁴ Ibidem, p. 220.

²⁶⁵ LÉBOURG, Nicolas. *Le monde vu de la plus extrême droite: Du fascisme au nationalisme-révolutionnaire*. P U DE PERPIGNAN edition, France, 2010, p. 54.

fins.²⁶⁶

Os nacionalistas revolucionários rejeitavam a política tradicional-liberal, pois acreditavam que essa forma de governo é nociva ao patrimônio cultural, uma vez que sua tendência é destruir as fronteiras, apoiando o desenvolvimento das sociedades multiculturais, cujo objetivo é destruir e homogeneizar a sociedade, fazendo com que as civilizações milenares desapareçam.²⁶⁷

Ao mesmo tempo, o NR se opunha a qualquer ideologia de esquerda, como o socialismo e o comunismo, e colocava como grande missão combater o bolchevismo e o sionismo. Economicamente o NR se intitulava como uma *Troisième Voie*,²⁶⁸ ou seja, nem capitalista, muito menos socialista. O NR defendia que esse novo movimento deveria pautar um programa ecológico que controlasse as ambições capitalistas, um modelo gerido por uma economia sustentável e agroecológica.²⁶⁹

O mesmo ponto em geral poderá também ser feito sobre a atitude dos líderes do FN aos judeus. Embora o partido procure oficialmente se distanciar do antissemitismo, parte dos seus membros, em determinados momentos, declararam-se antissemitas, dentre eles Jean-Marie Le Pen, que, por diversas vezes, banalizou o Holocausto; François Duprat, Maurice Bârdeche e os NR, que escreviam textos negacionistas e artigos de história de cunho revisionista sobre o Holocausto e a história das Waffen-SS; e Mark Frederiksen, líder do grupo neonazista FANE. O antissemitismo do NR e dos seus militantes era tão intenso que Duprat e seus grupos radicais se colocavam em defesa do Estado da Palestina e apoiavam os movimentos de independência dos países árabes, rejeitando o Estado de Israel e as políticas sionistas.²⁷⁰

No entanto, podemos afirmar que, ao longo dos mais de 40 anos do FN, a questão judaica nunca foi uma pauta concreta e compreendida pelos seus militantes — muito embora o antissemitismo sempre estivesse presente — como ponto de extrema importância, em comparação ao combate à imigração dos muçumanos e norte-africanos. Um dos motivos para que o antissemitismo não seja uma pauta

²⁶⁶ BELL, David S. The French National Front. *History of European ideas*, v. 18, n. 2, 1994, p. 227.

²⁶⁷ LÉBOURG, Nicolas. op. cit., p. 54.

²⁶⁸ Terceira via.

²⁶⁹ LÉBOURG, Nicolas. op. cit., p. 57.

²⁷⁰ Ibidem.

principal do FN é que a comunidade judaica na França é relativamente pequena em comparação à comunidade argelina. Embora existam diversos antissemitas dentro do FN, a questão judaica ainda se apresenta de forma tímida e individual, pouco perceptível no discurso oficial do FN.

Podemos então pontuar que o projeto de Duprat se apresentava como uma nova adaptação do fascismo, defendendo os interesses da pequena burguesia e da classe média, sem mudanças significativas nos planos econômicos, ou seja, o Estado, a fim de garantir as condições de exploração e desenvolvimento dessas classes, deve ser abertamente xenófobo e segregacionista. Talvez a maior colaboração de Duprat para o FN são os pontos sobre o nacionalismo, a defesa da cultura e da identidade e a substituição do racismo pelo combate sistemático à imigração.

Após a morte de François Duprat, em 1978, causada por um atentado à bomba, que explodiu seu carro, o NR perderia seu principal intelectual e referência no interior do FN. A permanência das unidades radicais de Duprat no FN não foi suficiente para que o NR tivesse a mesma influência nas lideranças do partido, mesmo com a ascensão de Jean-Pierre Stirbois como líder das unidades radicais.

A morte de François Duprat traria duas consequências para o FN e para Jean-Marie Le Pen. A primeira era a perda de um militante de extrema importância para o partido. A figura de Duprat seria transformada em um mártir da extrema direita francesa, tanto é que ele foi homenageado pelo FN e principalmente por Jean-Marie Le Pen durante todos os anos que se seguiram à sua morte. A importância de Duprat para o FN foi dar parte significativa da base material e caminhos para o crescimento do FN. A segunda consequência da sua morte foi deixar o caminho livre para que Jean-Marie Le Pen pudesse fazer as transformações que julgava necessárias no FN, sem que tivesse uma oposição muito grande internamente.

O segundo projeto que pretendemos discutir avança alguns anos após o falecimento de Duprat, com o ingresso de Bruno Mégret no partido, em 1985. Bruno Mégret estudou Engenharia Civil na École Polytechnique e na École Nationale des Ponts et Chaussées, fez mestrado na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e também foi capitão do exército.²⁷¹ Após morar nos Estados Unidos para concluir seu mestrado, Bruno Mégret retornou para a França onde trabalhou durante anos no Ministère de l'Équipement e, posteriormente, no Direction Départementale de

²⁷¹ DÉLY, Renaud. *Histoire secrète du Front National*. Paris, Éditeur Bernard Grasset, 1999, p. 16.

l'Équipement.²⁷² Seu início na política foi em 1978, quando entrou no Club de l'Horlogen, um grupo intelectual conservador parecido com o GRECE e o Nouvelle Droite. Ele colaborava com artigos para o Club de l'Horlogen, mas Mégret queria uma militância mais ativa, então filiou-se ao partido conservador RPR.²⁷³

O primeiro sucesso eleitoral do FN — em 1984, quando o partido conseguiu eleger 10 deputados no Parlamento Europeu e receber mais de dois milhões de votos — chamou a atenção de Bruno Mégret, que rompeu com o RPR e se filiou rapidamente ao FN. Um dos motivos que levaram Bruno Mégret a romper com RPR foi devido à postura acomodada e à fraca militância política desse partido.²⁷⁴ Em contrapartida, o FN chamou sua atenção pela forma de atuar no cenário político, por ser uma proposta que buscava superar os partidos conservadores de centro-direita. Logo após entrar no FN, Bruno Mégret teve uma rápida ascensão: em menos de um ano no FN, ele foi indicado para ser o candidato do partido para a Assembleia Nacional, sendo eleito, em 1986, como representante da cidade de Isère, no distrito de Ródano-Alpes, localizado nos Alpes franceses.²⁷⁵ O sucesso de Bruno Mégret no partido logo o colocou em posições privilegiadas no FN. Em 1987 ele foi indicado para cuidar da campanha de Jean-Marie Le Pen, substituindo Jean-Pierre Stirbois e se tornando delegado-geral do FN.²⁷⁶

A entrada do Bruno Mégret no partido marcou uma nova fase do FN, após assumir o lugar de Jean-Pierre Stirbois, falecido em 1988. A falta de novas lideranças dentro do partido — em virtude do esvaziamento de intelectuais e dos espaços deixados pela morte de François Duprat e de Jean-Pierre Stirbois — contribuiu para que Bruno Mégret se tornasse rapidamente candidato à cabeça do partido.²⁷⁷ Após assumir o cargo de delegado-geral, ele ficou responsável por dirigir a estratégia política, treinar as militâncias do partido, a propaganda política e cuidar da comunicação do FN.²⁷⁸

Com seu rápido crescimento dentro do partido, Bruno Mégret iniciou um

²⁷² ALBERTINI, Dominique & DOUCET, David. op. cit., p. 138.

²⁷³ DÉLY, Renaud. *Histoire secrète du Front...*, op. cit., p. 21.

²⁷⁴ Ibidem, p. 37.

²⁷⁵ ALBERTINI, Dominique & DOUCET, David. op. cit., p. 132.

²⁷⁶ Ibidem, p. 33.

²⁷⁷ DÉLY, Renaud. op. cit., p. 106-107.

²⁷⁸ ALBERTINI, Dominique & DOUCET, David. op. cit., p. 133.

processo de recrutamento para o FN, no intuito de se fortalecer internamente, já que era uma figura nova no FN. Ele procurou trazer seus aliados para formar sua base de apoio, atraindo vários políticos de outros partidos conservadores, dentre eles Edouard Frederic Dupont, Charles de Chambrun Pascal Arrighi, Michel de Rostolan Yvon Briant, François Bachelot e Bruno Chauvierre.²⁷⁹ Ele também foi buscar apoio no meio universitário, para dar maior credibilidade intelectual ao FN, trazendo os professores universitários Bruno Gollnisch e Jean-Claude Martinez. Nesse processo de recrutamento, Bruno Mégret aproveitou para reestruturar as delegacias regionais e distritais, a fim de que as diversas seções do partido tivessem melhor funcionalidade. A estrutura de poder do FN pouco mudou, de modo que a centralização do poder se manteve nas mãos de Jean-Marie Le Pen, intocável em sua função de líder supremo.²⁸⁰

Para Peter Davies, Bruno Mégret trouxe uma inovação para o partido, suas mudanças ajudaram o FN a se desenvolver nas décadas de 1980 e 1990, mesmo que a estrutura do poder tenha permanecido hierarquizada, essencialmente centralizada na figura de Jean-Marie Le Pen.²⁸¹

Com o projeto político do FN agora sob supervisão de Mégret, foram empreendidos novos meios para desenvolver e aumentar a militância do partido. Ele criou um conselho científico, o Scientific Council, um centro de formação nacionalista, o Institut de Formation Nationale, e a revista *Identité*, a fim de ampliar o alcance do projeto político do FN, mas principalmente a fim de intervir na produção da ideologia do partido, conseguindo direcionar as pautas para o que ele entendia como visão política.²⁸² Mégret também procurou se envolver com a ala militar do partido e fez questão de trabalhar no CNC. Ele procurou também se envolver com os grupos estudantis para colaborar na formação da base do partido, atuando principalmente na *Renouveau Étudiant* e no *Cercle National des Étudiants de Paris*.²⁸³

O projeto empreendido por Bruno Mégret era bem diferente do NR de François Duprat — Mégret entendia o FN como um partido que deveria ser diferente da direita

²⁷⁹ SHIELDS, James. G. *The Extreme...*, op. cit., p. 244.

²⁸⁰ Ibidem.

²⁸¹ Ibidem, p. 245.

²⁸² Ibidem, p. 244.

²⁸³ Ibidem.

tradicional, mas que não deveria se aproximar das tendências fascistas, o que incomodava parte das alas mais radicais, principalmente os seguidores de Duprat-Stirbois.²⁸⁴ Dentro do FN Mégret e Stirbois disputavam a atenção da direção do partido e de seus militantes. De um lado, Mégret, com uma proposta mais serena para o FN, tentando convencer as lideranças a se associarem a partidos tradicionais de centro-direita para ocuparem cargos políticos — com as alianças o FN teria maior representação no governo, mas necessariamente abriria mão de diversas pautas, consideradas de extrema importância para a maioria do FN.²⁸⁵ Em outras palavras, Mégret propunha que o FN deveria se transformar em um partido mais brando e aos poucos se diluir no meio dos partidos de centro-direita.²⁸⁶

Do outro lado, Stirbois — sucessor de Duprat, líder das unidades radicais e apoiado por Jean-Marie Le Pen — lutava para que o FN fosse independente e não se associasse a partidos com cujas ideias a base e a direção não simpatizavam. Com a morte de Stirbois, em 1988, Mégret sai vitorioso na disputa com a ala radical, papel que seria assumido por Jean-Marie Le Pen, o que levaria futuramente ao racha entre eles.

Bruno Mégret compreendia a *Troisième Voie* como parte importante da doutrina do NR, tanto que ele se apropriou do pensamento e o transformou completamente, tornando-o algo próximo do pensamento da direita social democrata. Mégret acreditava que a *Troisième Voie* era o projeto econômico ideal para o FN.²⁸⁷ O projeto desenvolvido por Mégret explorava o desemprego, a insegurança, a pobreza e o declínio social na França, como se fossem resultado direto do sistema capitalista e da globalização.²⁸⁸ Segundo Mégret os partidos de direita e os partidos de centro esquerda na França se alternaram no poder por mais de 30 anos, e até mesmo os partidos socialistas abandonaram sua forma de luta e revolução e se beneficiaram do sistema capitalista para se tornar governo.²⁸⁹ A *Troisième Voie* de Mégret seria uma alternativa que buscava solucionar os problemas do liberalismo e do socialismo, pois

²⁸⁴ CAMUS, Jean-yves. *Le Front National...*, op. cit., p. 91.

²⁸⁵ *Ibidem*, p. 92.

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 93.

²⁸⁷ ALBERTINI, Dominique & DOUCET, David. op. cit., p. 133.

²⁸⁸ MÉGRET, Bruno. *La troisième voie: pour un nouvel ordre économique et social*. Paris, Ed. DEFI, 1997.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 12.

segundo Mégret ambas as doutrinas haviam se deixado levar pelas políticas internacionalistas e não mudaram questões estruturais.²⁹⁰

Para Bruno Mégret existia a necessidade de subordinar a economia à nova política, criar uma nova ordem econômica, cujo papel político seria o de regulamentar a lógica do mercado de forma corporativista, a fim de que existisse regulamentação do mercado através do Estado.²⁹¹ A *Troisième Voie* deveria ser um modelo político-econômico voltado para as necessidades internas, cujo eixo principal seria o desenvolvimento do Estado-Nação. Deveria ser uma ordem social enraizada nos valores das comunidades europeias, respeitando os valores tradicionais da França; uma política de ruptura e renascimento, que garantisse as condições para a prosperidade e harmonia social, colocando a economia a serviço da França e dos franceses.²⁹²

Segundo Bruno Mégret o declínio da economia francesa é resultado da forma com que ambos os governos, tanto de esquerda quando de direita, aceitavam a política do livre mercado, sem exigir regras que protegessem o patrimônio nacional.²⁹³ Segundo Mégret, o livre mercado e a falta de proteção aos produtos nacionais teriam forçado as empresas a baixarem seus preços, para se tornarem competitivas com produtos internacionais, e pela forma de produção tinham um custo menor e conseguiam cobrar menos por um mesmo produto feito na França.²⁹⁴ Essa mudança de mercado teria forçado as empresas francesas a abaixar salários e a reduzir o número de empregados, o que conseqüentemente causou uma onda de desemprego no país. Além dos problemas da competitividade e do desemprego, Mégret chama a atenção para os fardos sociais que sobrecarregavam o Estado, como o auxílio desemprego e o aumento da população não ativa no país.²⁹⁵ O Estado de livre mercado francês, na visão de Mégret, era o principal responsável pelo aumento do desemprego, criando um círculo vicioso, de modo que uma faixa da população perdia seu poder de compra e consumo, conseqüentemente diminuindo a demanda,

²⁹⁰ DÉLY, Renaud. op. cit., p. 169.

²⁹¹ Ibidem, p. 173.

²⁹² MÉGRET, Bruno. op. cit., p.14

²⁹³ MÉGRET, Bruno. Le fiasco majeur de Balladur. *National-Hebdo*, v. 12, 1993, p. 9.

²⁹⁴ Ibidem, p. 10.

²⁹⁵ Ibidem.

causando mais desempregos e falência das pequenas empresas.²⁹⁶

Em 1997 Bruno Mégret escreveu um livro chamado *La Troisième Voie*, aprofundando sua ideologia, suas posições políticas e principalmente seu projeto econômico. Ele argumentava sobre seu sistema alternativo ao capitalismo vigente e fugia do liberalismo econômico, da internacionalização da economia, da globalização. Em seu livro Mégret reafirmava sua hostilidade à abertura das fronteiras do neoliberalismo e às mudanças dos pátios industriais para países periféricos. O projeto de Mégret acusava as mudanças econômicas para países asiáticos, como a destruição das indústrias francesas, pela fragilidade das leis trabalhistas nesses países e pelo baixo custo de mão de obra e da produção, o que destruía qualquer chance de competitividade para as empresas nacionais que tinham altos encargos fiscais e leis trabalhistas rigorosas.

O nosso último projeto estudado é diferente do projeto de Duprat, que buscava o desenvolvimento de uma nova ideologia neofascista. Jean-Marie Le Pen não se preocupava tanto em desenvolver uma vertente de pensamento político que superasse a antiga forma do fascismo, o que não significa que ele não apoiasse a ideia do FN de ser um partido extremista, de cunho fascista. Em relação à Mégret, que defendia o protecionismo econômico, Jean-Marie Le Pen defendia o ultraliberalismo econômico, negando-se a se associar com outros partidos de direita, buscando manter o FN fiel às suas raízes. A intervenção principal de Jean-Marie Le Pen no FN — e que marca uma grande diferença dos outros projetos apresentados — apresentava-se na parte econômica: ele defenderia abertamente o neoliberalismo nos anos 1970, 1980 e início dos anos 1990.

Segundo Steve Bastow, nos anos 1980, o FN inovou em relação à tradicional extrema direita, em oposição à grande parte dos partidos extremistas, que ainda mantinham características econômicas tipicamente fascistas. O FN baseou seu programa político na defesa das propostas ultraliberais, alinhando, assim, o partido às propostas debatidas pelos outros partidos franceses e ao desenvolvimento do projeto neoliberal na França.²⁹⁷ Mas o que significava para o FN defender o projeto neoliberal, sendo que as correntes internas do partido historicamente se opunham a um projeto “entreguista” e tinham em suas células grupos que defendiam o protecionismo, o

²⁹⁶ Ibidem, p. 11.

²⁹⁷ BASTOW, Steve. op. cit., p. 61.

nacionalismo-revolucionário e até a proposta da *Troisième Voie* de Bruno Mégret? Segundo Steve Bastow, Jean-Marie Le Pen forçou o FN a assumir sua ideologia ultraliberal para romper definitivamente com qualquer proposta alternativa que pudesse dividir o partido, como a terceira via imposta por Bruno Mégret.²⁹⁸ Para Zeev Sternhel, Jean-Marie Le Pen buscou definitivamente romper com a tradição fascista na França. O fascismo francês, desde o pós-guerra, sempre esteve na linha de frente do combate contra a tradição liberal-democrata e “a revolta contra a democracia liberal e da sociedade burguesa, e uma recusa absoluta para aceitar as conclusões inerentes do materialismo histórico”.²⁹⁹

Para Jean-Ives Camus a adoção do neoliberalismo por Jean-Marie Le Pen pode ser apresentada sob várias perspectivas. À primeira vista, segundo os próprios membros do FN, a aceitação do projeto liberal tem como princípio a recusa aos projetos de “terceira via”, na medida em que isso indicava uma suposta aproximação da política estadunidense.³⁰⁰ Outro ponto que favoreceu Jean-Marie Le Pen, após a morte de Jean-Pierre Stirbois, foi o esvaziamento dos líderes do NR no FN e a ruptura de vertentes do partido que migraram para o PFN. Os membros que continuaram no FN foram deixados de lado, assumindo papéis subalternos e de pouca relevância. Ainda na década de 1980 — após a saída dos nacionalistas-europeus (como Pierre Bousquet e seus seguidores) da revista *Militant* —, houve um esvaziamento das disputas internas e pouca atividade das tendências neofascistas no partido.³⁰¹

No contexto de mudança do FN para apoiar o projeto neoliberal, Jean-Marie Le Pen acreditava que o neoliberalismo rejeitava o igualitarismo da sociedade e combatia a proposta comunista que, segundo ele, lutava pelo fim das classes sociais.³⁰² Ele acreditava que o neoliberalismo, com o mercado agindo por conta própria, seria o principal regulamentador das divisões hierárquicas na sociedade, proporcionando as divisões sociais necessárias para a formação de um Estado totalitário. Para Jean-Marie Le Pen, o neoliberalismo poderia devolver à sociedade francesa as raízes do povo, com sua terra e sua fidelidade ao local de trabalho, orgulhando-se da sua região

²⁹⁸ Ibidem, p. 62.

²⁹⁹ STERNHELL, Zeev. *Ni droite ni gauche. L'idéologie fasciste en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1983, p. 27.

³⁰⁰ CAMUS, Jean-Yves. *Origine et formation du Front National...*, op. cit., p. 34.

³⁰¹ Ibidem.

³⁰² LE PEN, Jean-Marie. *Etats et libertés: le défi*. Editions Albatros, 1989, p. 117.

e nação.³⁰³

Neste sentido, Jean-Marie Le Pen procura mostrar, durante a década de 1980, que a sociedade francesa estava viciada politicamente, pois indiferente da situação econômica e social atravessada pela França, a sociedade se mantinha engessada em sua forma de compreender a política, sempre apostando no projeto gaullista do RPR ou no projeto do PS. Segundo Jean-Marie ambos os projetos tradicionais “procedem da mesma abordagem, o desenraizamento, quer dizer, a ruptura dos laços entre povo e sua cultura”,³⁰⁴ são projetos que retiram das pessoas o direito à defesa dos seus valores e o direito enquanto franceses a continuarem a nação francesa, de modo que o resultado final é a promoção de um sistema político que ameaça a própria existência da democracia. Logo, esse direito e o poder de intervenção deveriam ser devolvidos para o povo francês.

O ultraliberalismo defendido por Jean-Marie Le Pen seria a chave, o fator principal que devolveria a autonomia para o povo, por sua maior distribuição de renda e poder de livre iniciativa. Para Jean-Marie o ultraliberalismo “Não é perfeito, mas é, sem dúvida, muito maior em termos de produção e, portanto, a distribuição de bens, do que os sistemas autoritários e particularmente dos sistemas marxistas”.³⁰⁵

A estratégia de Jean-Marie Le Pen com seu projeto ultraliberal foi também sair em defesa da propriedade privada, defender os donos do comércio e das empresas que investiam na sociedade francesa, exaltando sua participação na estratégia do livre mercado e na sua responsabilidade social com a nação.³⁰⁶ A concepção de livre mercado percebido no projeto de Jean-Marie Le Pen seria a de uma “sociedade de livre mercado”, em que as “desigualdades naturais” entre as pessoas — “desigualdade” que em nosso entendimento se refere à luta de classes — seriam permitidas de florescer, estabelecendo, assim, uma hierarquia natural entre as classes sociais, “espontaneamente” produzida pelo mercado, o que revela um discurso extremamente meritocrático e elitista.

Assim como os outros projetos do FN, Jean-Marie Le Pen não só pretendia

³⁰³ LE PEN, Jean-Marie. *Les Français d'abord*. Paris: Carrère, 1984, p. 70.

³⁰⁴ LE PEN, Jean-Marie. *Etats et libertés...*, op. cit., p. 121-122.

³⁰⁵ Ibidem, p. 114. [“S'il n'est pas parfait, est sans conteste très supérieur sur le plan de la production, et donc de la répartition des biens, à celui des systèmes autoritaires et tout particulièrement des systèmes marxistes”].

³⁰⁶ FRONT NATIONAL, *Militer au Front*. L'institut de Formation Nationale (IFN), Editions Nationales, 1991, p. 134.

sufocar a luta de classes, mas estabelecer as diferenças sociais e a exploração dos trabalhadores como algo legítimo e natural, um projeto de sociedade no qual a elite, por mérito do seu desempenho e sucesso no sistema de “livre mercado e iniciativa”, deveria, naturalmente, ocupar as posições de privilégio na sociedade, mas fundamentalmente também legitimar a exploração do trabalho. Assim o ultraliberalismo produzido por Jean-Marie Le Pen estabelece uma ordem social meritocrática em uma sociedade que teria sido construída espontaneamente pelo mercado, de forma hierárquica e democrática.

O projeto de Jean-Marie Le Pen ainda defendia o fim da centralização do Estado, reduzindo o número do funcionalismo público, defendendo apenas a necessidade dos funcionários públicos nas funções essencialmente administrativas do Estado. Em contrapartida defendia a substituição desses funcionários pela iniciativa público-privada.³⁰⁷ O ultraliberalismo também apoiava a privatização de indústrias estatais francesas, com a finalidade de libertar a economia do país. Segundo Jean-Marie Le Pen a privatização colocaria fim a “constrangimentos excessivos que impedem as forças vivas de nosso país a ter liberdade para desempenhar todo seu potencial”.³⁰⁸

O processo de privatização defendido por Jean-Marie Le Pen propunha que as empresas estatais, para o controle da sociedade, transferissem suas ações para as famílias francesas. Para o FN essa forma de privatização iria “devolver para o povo as empresas que lhe pertencem e dar luz a um verdadeiro capitalismo popular”.³⁰⁹ Havia também a proposta de Jean-Marie Le Pen de transferir 70% das ações das empresas públicas para as famílias francesas; as ações seriam divididas proporcionalmente pelo número de filhos das famílias francesas.³¹⁰

Por fim, Jean-Marie Le Pen também sugeria a privatização de alguns setores responsáveis pelo assistencialismo desenvolvido na política de bem-estar social (*welfare state*), repassando alguns setores, como a saúde e educação, para a

³⁰⁷ Ibidem, p. 130.

³⁰⁸ Ibidem, p. 131. [“contraintes excessives qui empêchent les forces vives de notre pays de donner libre cours à toutes leurs potentialité”].

³⁰⁹ FRONT NATIONAL, *Militer au Front...*, op. cit., p. 132. [“rendre au peuple les entreprises qui lui appartiennent et donner naissance à un véritable capitalisme populaire”]. Para se aprofundar nas ligações do FN e do capitalismo, como suas ideias, defesa da propriedade privada e de grandes fortunas, cf. a discussão em MILZA, Pierre. *Fascisme français...*, op. cit., p. 431.

³¹⁰ Ibidem, p. 134. [“de remettre 70 pour cent des actions des entreprises publiques préalablement regroupées dans des fonds communs de placement, aux familles au prorata de leur nombre d'enfants”].

iniciativa privada, diminuindo os encargos do Estado e aliviando as questões tributárias do país, conseguindo, dessa forma, aprofundar-se em uma reforma do sistema fiscal. Ao nosso ver a privatização, neste sentido, tinha como objetivo aliviar as empresas dos encargos sociais, de modo que elas tivessem maior isenção fiscal, obtendo maior lucro na exploração do trabalho e uma boa diminuição dos impostos. Um sistema privado cuidando de aspectos sociais isenta a responsabilidade do Estado de intervir nas transformações sociais necessárias.

O projeto de Jean-Marie e do ultraliberalismo no FN vai se estender até metade dos anos 1990, quando o próprio Le Pen entende a necessidade de voltar à tradição protecionista e corporativista — similar à do fascismo —, momento em que a França começa a entrar em processo de recessão econômica e a sentir os resultados das transformações econômicas resultantes do aceleração do projeto neoliberal — o aumento do desemprego no país e consequentemente a diminuição do poder de compra da população; a baixa taxa de natalidade e a emergência da imigração; a desestruturação e a falta de competitividade da indústria nacional na UE; a falência dos pequenos e médios empresários. O FN terá que voltar às origens e defender um projeto intervencionista na economia, com o Estado controlando a economia e defendendo o patrimônio nacional. Discutiremos essas transformações do projeto econômico do FN com maior fôlego quando nos detivermos ao período em que ele foi presidido por Marine Le Pen.

2.6 A trajetória do Front National (1972-1998)

Buscaremos a partir daqui, de maneira objetiva, apresentar a trajetória do FN até 1988, apontando os principais pontos e discussões que envolvem o partido, visto que as questões ideológicas e discursivas serão discutidas no próximo capítulo.

Na França, a extrema direita já foi caracterizada por dois símbolos. Uma das primeiras maneiras de qualificar os fascistas na década de 1930 era sob o rótulo de “vague brune”, forma pela qual a mídia tratava os movimentos extremistas de direita durante a Segunda Guerra Mundial. Essa inscrição permanece no vocabulário político dos franceses até hoje, tanto que podemos ver, durante a ascensão de Marine Le Pen,

o termo aparecendo em vários jornais para tratar o avanço do FN.³¹¹

Outro símbolo utilizado para destacar a ameaça fascista e nacionalista é a figura do rato preto.³¹² A comparação com o rato é referência aos hábitos e comportamentos do animal, que vive nos esgotos, em meio a tudo que possa ser considerado ruim, sujo, nefasto.

Os fascistas são comprados a ratos, pois vivem escondidos, agindo de forma obscura, roendo pelas beiradas até conseguirem dominar e destruir completamente tudo. Embora o animal faça isso como instinto de sobrevivência e sem a intenção de prejudicar, os fascistas foram caracterizados com as mesmas habilidades, vistas como atuação de má-fé.

Apesar de a extrema direita ter rejeitado o símbolo primeiramente, pelo seu aspecto vulgar, ele foi usado por diversos grupos de forma irônica, nas décadas de 1960 e 1970. Talvez o exemplo não sirva para tratar nosso objeto, pois até o presente momento o FN não conseguiu atingir seus objetivos políticos. O que se quer evidenciar é que os símbolos são utilizados para fazer referências ao FN e a outros partidos com ideologia parecida.

Como vimos anteriormente, a tentativa do partido de se eleger, nas eleições presidenciais de 1974, beirou ao fracasso, assim como nas eleições de 1978, nas quais o FN sequer conseguiu as assinaturas necessárias para Jean-Marie Le Pen concorrer ao cargo de presidente. Entre os anos de 1974 e 1978, foram poucos os avanços na linha ideológica do partido. Talvez apenas vale ressaltar a participação política de François Duprat, importante membro do FN, conforme veremos mais adiante.

Para Camus, os 10 primeiros anos do FN demonstraram a incapacidade do partido de conseguir atrair eleitores. As primeiras tentativas eleitorais mais serviram para criar problemas internos, brigas e dissidências do que para atingir o objeto principal de sua formação, ou seja, ser uma frente conservadora de oposição à direita e à esquerda.³¹³ O rebaixamento político do FN foi tanto que, no mesmo ano em que não conseguiu atingir o mínimo dos votos para a eleição presidencial, obteve 82 mil

³¹¹ PROUST, Sarah. *Le Front National: Le hussard brune contre le République*. Paris: Le Bord de L'eau, 2013, p. 13.

³¹² Ibidem, p. 14.

³¹³ CAMUS, Jean-Yves & MONZAT, Rene. *Les Droites nationales et radicales en France*. Répertoire critique, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1992, p. 55.

votos para as eleições legislativas.³¹⁴

A incapacidade de conseguir atrair eleitores para o FN atingiu Jean-Marie Le Pen, que começou a esboçar formas de rearticular a linha política do partido. Uma das primeiras ações do presidente foi procurar alianças com outras agremiações, criando, assim, uma lista para a primeira eleição do Parlamento Europeu, aliando-se a Tixier-Vignancour e ao PFN. A lista era representada por nacionalistas de direita e por dissidentes do FN, os quais criaram o PFN.

Embora as negociações para a lista do Parlamento Europeu estivessem adiantadas, questões de egos e indecisões de ambos os partidos fizeram com que o FN desistisse e solicitasse abstenção nas eleições.

Nas eleições seguintes, em 1981, o FN teria a chance de tentar novamente melhorar seu desempenho, pois haveria as eleições presidenciais francesas. A chance de poder expandir seu eleitorado, embora seu programa político ainda não estivesse completamente estabelecido, seria importante para o partido ganhar experiência, debater com outros candidatos e ter espaço nos meios de comunicação, sendo transmitidos por toda a França, o que oportunizaria a propagação de suas ideias em rede nacional.

Porém, para o pesar do partido, o candidato a presidente Jean-Marie Le Pen não conseguiu alcançar assinaturas suficientes para registrar sua candidatura. Com essa impossibilidade, o FN, sobretudo seu líder, manifestam seu voto e convidam, ironicamente, os eleitores do partido a votarem em Joana D'arc, anulando o voto.³¹⁵

Vale ressaltar que a eleição de 1981 foi importante para o cenário político francês, pois foi vencida pelo PSF, derrubando o partido de direita que estava no governo, o RI. Segundo Jaffre, o avanço da esquerda no país causou um forte impacto nos partidos de direita liberal, abrindo brechas para os discursos nacionalistas de outros partidos, como o FN. Em meio às crises políticas internacionais e ao clima de Guerra Fria, alguns partidos estariam retornando aos ideais nacionais populistas.³¹⁶ Embora essa busca por ideologias nacionalistas, em um primeiro momento, tenha

³¹⁴ MONZAT, Rene. *Enquêtes sur la droite extreme*. Paris, Le Monde-Editions, 1992, p. 56-57.

³¹⁵ SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France...* op. cit., p. 182. Também cf. CAMBADÉLIS, Jean-Christophe & OSMOND, Eric. *La France blafarde. Une histoire politique de l'extrême Droite*. Paris: Plon, 1998, p. 110-111.

³¹⁶ JAFFRÉ, J. *Front national: la relève protestataire*. In: E. Dupoirier & G. Grunberg (Orgs.). *Mars 1986: la drôle de défaite de la gauche*. Paris: Presses Universitaires de France, 1986, p. 215.

feito alguns partidos de direita repensarem sua ideologia, a vitória do PSF, em números eleitorais, não causou impacto para o FN.³¹⁷

O primeiro sucesso eleitoral do FN foi nas eleições municipais de 1983, repercutindo nos meios de comunicação como “O fenômeno Le Pen”. Nessas eleições, pela primeira vez, o FN atingiu números expressivos, alcançando 11% dos votos. Foi o próprio Jean-Marie Le Pen, candidato a conselheiro municipal, que conseguiu se eleger no 20º distrito de Paris. Outro candidato do FN que conseguiu também ser eleito foi Jean-Pierre Stirbois, conquistando o cargo de vice-prefeito na cidade de Dreux, com aproximadamente 17% dos votos.³¹⁸

Após a primeira vitória do FN, o mesmo começou a atrair popularidade não só da mídia, mas também da academia, que começou a investigar o partido com maior atenção. A eleição de Le Pen e Stirbois colocou o FN no mapa político. Embora suas vitórias não tenham sido “emblemáticas”, se levarmos em questão os cargos que estavam em disputa e o resultado em si, abriram as portas do FN no cenário político.

Segundo Perrineau, a eleição de 1983 fez com que o FN saísse do limbo político para um patamar maior, de certo destaque, pois existiam dezenas de partidos políticos inexpressivos na França, que, embora existissem há vários anos, não tinham expressão política.³¹⁹

Esse resultado também serviu para o FN impulsionar sua imagem, tornando-se o principal partido de extrema direita na França. Partidos como o PFN e outros dissidentes do FN foram esquecidos até deixarem de existir, enquanto que o FN acabou concentrando a maioria dos militantes nacionalistas.

Embora as eleições tenham sido benéficas para o FN, também acarretaram problemas indesejados. O despertar do partido atraiu os olhos da mídia, dos pesquisadores, e, desde então, o FN se tornou objeto de análise.³²⁰

No ano seguinte, em 1984, aconteceriam as primeiras eleições para o Parlamento Europeu. O partido, juntamente com alguns aliados políticos, como o PFN, negociava para lançar uma lista com nomes de ambos os partidos e também de outras

³¹⁷ PERRINEAU, Pascal. Le Front National: un électorat autoritarie. *Reveu politique et parlementaire*, v. 87, 1985, p. 24-31.

³¹⁸ Ibidem, p. 28.

³¹⁹ PERRINEAU, Pascal. Le Front National: un électorat autoritarie. *Reveu politique et parlementaire*, v.87, 1985, p. 24-31.

³²⁰ Ibidem, p. 29.

agregações de extrema direita, a fim de reforçar a aliança, possibilitando uma maior chance de alcançar êxito.

A lista que tentaria agrupar a maior parte dos grupos extremistas se chamaria “Frente de Oposição Nacional para a Europa das Pátrias”. Embora a ideia de agrupar os partidos extremistas em uma mesma lista fosse uma boa ideia, novamente a tentativa de alianças não se concretiza e o FN participa sozinho das eleições para o Parlamento Europeu, atingindo, de forma surpreendente, expressivos 2,2 milhões de votos, aproximadamente.

Tal resultado garantia a eleição de pelos menos 10 deputados no Parlamento Europeu. Entre os políticos que representavam a lista do FN, foram eleitos para os cargos: Jean-Marie Le Pen, Jean Pierre Stirbois, Bernard Antony, Martine Lehideux, Gustave Pordea, Olivier d'Ormesson, Jean Marie Le Chevallier, Michel Collinot, Michel de Camaret e Dominique Chaboche.³²¹

Essa eleição representou uma marca significativa, pois a partir das eleições do Parlamento Europeu, o FN se consolidaria como força política. Desde essa eleição, com a incrível marca dos 2 milhões de votos, Jean-Marie Le Pen e seus colegas de partido repetiriam, nas próximas eleições, números acima dessa marca.

Definindo a casa dos milhões de votos, o FN começou a ter valor político e principalmente peso eleitoral, conseguindo já discutir parte de sua agenda na política francesa. O efeito FN começou a influenciar tanto os partidos de esquerda, como também os partidos de centro-direita, obrigando que os partidos tradicionais abrissem os olhos para algumas questões defendidas pelo FN, principalmente a questão da imigração, muito embora a adoção das políticas de controle migratórios ainda não tivesse sido incorporada aos programas políticos de seus rivais, só adquirindo força e importância anos mais tarde.³²²

Entre os deputados eleitos pelo FN, algumas figuras ganharam maior espaço e destaque dentro do círculo de convívio de Jean-Marie Le Pen, como é o caso de Jean-Pierre Stirbois e Martine Lehideux, ambos políticos ligados aos quadros da extrema direita europeia. Stirbois integrou vários movimentos extremistas na década de 1960-1970.³²³ Martine Lehideux, curiosamente a primeira mulher eleita por um partido de

³²¹ BULÉON, Pascal. Vote Front National 1984-2002, géographies et interprétations successives: une équation politique. In: *Espace, populations, sociétés*, v. 21, n. 3, 2003, p. 453-467.

³²² Ibidem, p. 453-467.

³²³ BOURSEILLER, Christophe. *Extrême Droite: l'enquête*. Paris: Editions François Bourin, 1991, p.

extrema direita na França, era filha de François Lehideux, ministro da Indústria no governo de Marechal Pétain, durante o governo provisório de Vichy. Por seu lado materno, sua mãe, Françoise Renault, pertencia à família dona das Indústrias Automobilísticas Renault, que se expandiram durante a ocupação nazista, graças ao apoio ao Regime da Revolução Nacional.³²⁴

A lista do FN era um tanto quanto inusitada. Havia deputados que representavam a ala católica, como era o caso de Bernard Antony, Michel de Rostolan, Jacques Bompard e Marie-France Stirbois, que migraram do RPR para o FN. Outros deputados eleitos migraram para o FN, como Jean-Marie Le Chevalier e Olivier D'Ormesson, integrantes da família dos neo-gaullistas e pertencentes ao partido Centre National des Indépendantset Paysans, conhecido por sua postura liberal-conservadora. Para finalizar, havia representantes da Action Française, como é o caso de Michel Camaret e de outros membros que migraram para o FN, levando ideias importantes da Action Française para o partido, como a influência de Charles Maurras.³²⁵

Um dos pontos importantes dessa eleição foram as características geográficas dos votos no partido. Segundo Perrineau, a lista de Le Pen conseguiu resultados expressivos em várias regiões onde o voto tradicionalmente estava ligado aos partidos de esquerda, como a Região de Bouches-du-Rhône.³²⁶

Nas eleições legislativas de 1986, a direita gaullista — representada pelo RPR e pelo partido de centro-direita, Union pour la Démocratie Française (UDF)³²⁷ — retomou o controle das mãos dos socialistas e contou com o apoio do FN para obter a maioria dos votos da direita, embora não tivesse oferecido qualquer tipo de aliança com o partido, ou cargos políticos, em caso de vitória. Obviamente o apoio do FN foi prontamente negado, pois o partido não queria se associar a seus “inimigos”, visto que sua principal crítica política era voltada para os partidos de centro-direita.

Nas eleições de 1986, o então presidente francês, François Mitterrand, iria

112.

³²⁴ Ibidem, p. 135.

³²⁵ SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York, Routledge, 2007, p. 197

³²⁶ PERRINEAU, Pascal. The conditions for the re-emergence of an extreme right wing in France: the National Front 1984-98. In: ARNOLD, E. (Ed.), *The Development of the Radical Right in France: From Boulanger to Le Pen*. New York: St. Martin's Press, 2000.

³²⁷ União pela Democracia Francesa.

causar polêmica ao modificar o formato das eleições. No lugar do sistema eleitoral que estava configurado no formato de listas e de votos majoritários, o presidente propôs um sistema de votos proporcionais em dois turnos, modificação que alterou a configuração política francesa, pois as alianças acabariam perdendo valor, visto que nas eleições o voto seria no candidato do partido, não mais em uma lista introduzida diretamente pelas agremiações políticas.

Nas eleições de 1986, o FN conseguiu superar sua margem de votos, obtendo 2,7 milhões, elegendo 35 deputados. Tal modificação solidificou ainda mais o eleitorado do partido. Com a mudança no sistema eleitoral e o crescimento do FN, alguns políticos franceses de cunho nacionalista fizeram acordos com Jean-Marie Le Pen e migraram para o partido.

Após duas eleições seguidas, com uma margem de votos importantes, o FN consolidava sua marca na sociedade francesa. Esse sucesso atraiu mais militantes e políticos de respeito para a agremiação.

O partido começou a ser visto de forma mais respeitável, atraindo simpatizantes dos meios universitários, outros intelectuais de direita e nacionalistas. Com suas fileiras aumentando, Jean-Marie Le Pen também aproveitou a oportunidade para preencher seu comitê político com pessoas de maior qualificação e prestígio, a exemplo de Bruno Mégret e Bruno Gollnisch. Ambos foram arquitetos dos principais programas políticos do FN durante a gestão de Jean-Marie Le Pen.³²⁸

O que diferencia a nova configuração do FN da direita tradicional é que o partido conseguiu ter em sua base diferentes facções de direita, desde católicos, defensores das ideias da Action Française, monárquicos, neofascistas e também liberais, perfil que fazia diferença para os outros partidos que eram mais seletivos. A diversidade dos grupos que compunham o FN o transformou em um importante coletivo nacionalista.

Nos anos seguintes, o FN enfrentaria um novo desafio: as eleições presidenciais de 1988. Para esta corrida eleitoral, ele havia preparado diversos documentos e um grande projeto político que apresentaria seu programa para a sociedade francesa. Foram dois programas políticos: no primeiro, lançado em 1986, chamado “Pela França”, Jean-Marie Le Pen defendia abertamente o ultraliberalismo. O outro, intitulado “Uma Alma para a França”, seria uma tentativa de alertar a

³²⁸ PERRINEAU, Pascal. The conditions for the re-emergence of an extreme right wing in France: the National Front 1984-98. In: ARNOLD, E. (Ed.). *The Development of the Radical Right in France: From Boulanger to Le Pen*. New York: St. Martin's Press, 2000.

população frente ao avanço da imigração muçulmana no país, considerada pelo partido uma promessa de genocídio cultural.

No primeiro turno das eleições de 1988, o FN conseguiu dobrar seus números, alcançado aproximadamente 4,3 milhões de votos, terminando na quarta posição. Isso representou um crescimento enorme, quase que o dobro dos votos recebidos nas eleições para o Parlamento Europeu, o que causou um impacto expressivo no cenário político francês, pois o FN se colocava entre os quatro maiores partidos da França.

A repercussão na França sobre os números alcançados pelo FN foi enorme, tanto que os outros partidos, inclusive os de esquerda, começaram a prestar atenção em seu programa político e discurso. Logo a temática da imigração e da insegurança social começou a fazer parte da plataforma política de quase todos os partidos, inclusive dos partidos socialistas e comunistas que se recusavam a falar sobre a imigração no país.

Desse modo, as eleições de 1988 — numericamente importantes para o partido figurar como quarta maior força política do país — representam a grande vitória do FN, que conseguiu pautar a agenda política nacional, impondo seu programa político e forçando o debate político e popular sobre as questões relacionadas à imigração e seus desdobramentos.

Após as eleições presidenciais de 1988, que representaram um marco para o FN, o partido manteve sua base sólida de votos, tanto que, durante toda a década de 1990 até os anos 2000, manteve-se entre os principais partidos franceses.

3. MARINE LE PEN E O “NOVO” FRONT NATIONAL

Durante mais de 40 anos à frente do FN, Jean-Marie Le Pen conseguiu dominar o partido por meio de muita disputa interna, tanto do ponto de vista da linha de sucessão hierárquica partidária, como da articulação ideológica e política do mesmo. Em 2008, ele anunciou que deixaria a presidência do partido no fim de seu mandato, dando início a um processo de renovação partidária, de modo que coube à sua filha, Marine Le Pen, o trabalho de repaginação do FN.

A atual líder do FN, Marine Le Pen,³²⁹ nasceu em Neuilly-sur-Seine, Altos do Sena, em 5 de agosto de 1968. Ela é filha do primeiro casamento de Jean-Marie Le Pen com Pierrette Lalanne. Este relacionamento resultou em três filhas, Marie-Caroline, Yann et Marion Anne Perrine (Marine). De suas filhas, Marine é a que obteve maior êxito e destaque político.

Ela ingressou no partido em 1986, quando terminou seus estudos e se preparava para ingressar na faculdade de Direito. Durante sua jornada universitária, Marine não se dedicou muito à carreira política no FN, por não ter muita participação e voz política, pois, embora filiada ao partido de seu pai, a carreira política não estava em primeiro plano. Durante o período em que cursava a faculdade de Direito, dedicou-se a estudar Direito Internacional, já visando questões relacionadas à imigração na Europa.³³⁰

Após a universidade, Marine fez mestrado em Direito Penal. Em sua trajetória enquanto advogada, trabalhou no escritório do deputado do FN, Georges-Paul Wagner,³³¹ conhecido por defender militantes da extrema direita.

Durante o período de graduação e mestrado, Marine se dedicava mais à militância no grupo estudantil FNJ,³³² tornando-se uma das principais lideranças e referências políticas do movimento. Vale ressaltar que esse período é bastante

³²⁹ Embora seu nome de batismo seja Marion Anne Perrine Le Pen, ela ficou conhecida como Marine Le Pen.

³³⁰ DÉZÉ, Alexandre. *Le front national: à la conquête du pouvoir?* Paris: Armand Colin, 2012, p. 132.

³³¹ Georges-Paul Wagner foi militante da AF em sua juventude e ingressou no FN em 1988. Durante sua vida profissional, ficou marcado por ter defendido os militantes da OAS que planejaram os atentados contra o General Charles de Gaulle e advogou nos processos por antissemitismo e racismo de Jean-Marie Le Pen.

³³² FRANCO DE ANDRADE, Guilherme I. *Uma nova Frente Nacional? O projeto político de Marine Le Pen*. 1ª. ed. Porto Alegre: Edipuc, 2017, p. 144.

relevante, visto que parte dos militantes desse grupo seriam futuros apoiadores de Marine no FN e fariam parte do processo de renovação do partido.³³³

Desde 1998, Marine expandiu suas atividades políticas e ganhou destaque dentro do partido, adquirindo o respeito e a notoriedade de seus companheiros, assumindo posições de liderança na hierarquia partidária.

Com a formalização das candidaturas de Marine Le Pen e Bruno Gollnisch para a presidência do FN, em 2011, a base do partido ficou fragmentada. Marine Le Pen representava a ideia da renovação e transformação do partido, a pessoa correta para encaminhar o partido a novos rumos, segundo seus seguidores.³³⁴

3.1 Ascensão à liderança do partido

As eleições de 2002 foram um marco político para o FN e seu líder Jean-Marie Le Pen. Alcançar o segundo turno das eleições presidenciais francesas havia sido a vitória contemporânea mais espetacular já obtida por um partido de extrema direita. Embora momentaneamente essa vitória tenha causado um impacto muito grande no cenário político francês, especialistas inconformados com os resultados obtidos pelo FN buscavam compreender o que estaria acontecendo na sociedade francesa. Essas eleições também movimentaram a academia, que ficou estarelecida com o objetivo alcançado pelo FN, esboçando suas primeiras teorias sobre o evento.

Embora Jean-Marie Le Pen tenha alcançado o segundo turno das eleições presidenciais — o melhor resultado eleitoral do partido até o momento —, essa vitória não foi um sucesso absoluto para o FN, pois deu origem à uma forte resistência por parte dos partidos estabelecidos e do público francês. Por exemplo, entre os dois turnos, o candidato do PS, Lionel Jospin, chegou a pedir uma aliança entre todos os partidos republicanos para se unirem contra a ameaça nacionalista apresentada por Le Pen.³³⁵

Muito além do segundo turno das eleições presidenciais, a credibilidade do FN

³³³ Ibidem, p. 144.

³³⁴ MESTRE, Abel & MONNOT, Caroline. *Le système Le Pen: enquête sur les réseaux du Front National*. France: Éditions Denoel, 2011, p. 111.

³³⁵ CRÉPON, Sylvain. *Enquête au coeur du nouveau Front national*. Paris: Edition Nouveau Monde Editions, 2013, p. 65.

foi seriamente prejudicada pela mobilização anti-FN da mídia, que teve um impacto a longo prazo sobre os eleitores. Muitos membros do FN, como Marie-Christine Arnautu, acreditavam que as campanhas políticas do FN, como a própria imagem do partido, não teriam sido prejudicadas se não fosse pela manipulação da mídia francesa contra o partido, sendo, desse modo, possível a vitória de Jean-Marine Le Pen no segundo turno das eleições.

A longo prazo, tal frente de mobilização anti-FN teve um impacto negativo para o partido nas candidaturas seguintes, de modo que a eleição presidencial de 2007 foi um fracasso. A repercussão da mídia internacional sobre uma possível vitória de Jean-Marie Le Pen, em 2002, teve como consequência uma aversão da sociedade às ideias do partido e às suas figuras políticas.³³⁶

Independentemente das perspectivas futuras do partido, a mobilização anti-FN revelou que o mesmo não tinha a legitimidade democrática que tentava desesperadamente alcançar. Foi durante este tempo que a filha de Jean-Marie Le Pen, Marine Le Pen, começou a desempenhar um papel muito ativo nas atividades do partido. Com o apoio de Louis Aliot e do líder do FNJ, Samuel Maréchal, tentou revitalizar a imagem do FN para uma nova geração de apoiantes, a “Generation Le Pen”, fundada pelo genro de Jean-Marie Le Pen, Samuel Maréchal, em 1998.³³⁷

Em 2000, Marine Le Pen assumiu a presidência deste grupo de jovens partidários do FN com o objetivo de intervir na campanha de “demonização” do partido. Seu objetivo principal era melhorar a legitimidade democrática, expulsando os elementos mais radicais do Le Penismo. As competições eleitorais de 2007 indicaram que essa renovação “ideológica” era necessária. A participação no voto do partido declinou consideravelmente. Nas eleições presidenciais, Jean-Marie Le Pen recebeu apenas 10,75% dos votos, e nas eleições parlamentares, no mesmo ano, a participação do voto do partido caiu para menos de 5%.

No entanto, nas eleições subsequentes, a estratégia da Marine Le Pen tornou-se influente no FN e começou a ganhar credibilidade.³³⁸ Embora Marine Le Pen e o partido continuassem a fazer campanha sobre temas nacionais populistas, refinaram gradualmente o discurso do FN de uma forma que popularizavam suas ideias de

³³⁶ Ibidem, p. 68-69.

³³⁷ CRÉPON, Sylvain, op. cit., p. 56-59.

³³⁸ WILLIAMS, Michelle. *The Impact of Radical Right-Wing Parties in West European Democracies*. New York: Palgrave, 2006, p. 96.

extrema direita. Esse processo de legitimação contribuiu gradativamente para a capacidade de o FN reverter seu slide eleitoral.

Nas eleições legislativas e eleitorais de 2004, o partido conquistou 14,7% e 9,8% dos votos, respectivamente, enquanto as contrapartes de direita moderadas sofreram derrota nas mãos da esquerda em ambas as ocasiões.³³⁹ Sustentada por essas vitórias eleitorais, Marine Le Pen continuou a assumir uma posição “modernista”, que a distanciou de seu pai e suavizou a imagem do FN.³⁴⁰

Diante de Bruno Gollnisch, representando a imagem antiga do FN, nas eleições internas para selecionar o sucessor de Jean-Marie Le Pen como presidente do FN, Marine Le Pen incorporou esta nova imagem. Apesar do descontentamento expresso por alguns membros do partido da geração mais velha, que se sentiram desprezados, a transição ocorreu com uma tribulação surpreendentemente pequena, tanto no FN, quanto na mídia.³⁴¹

O Congresso do FN, que aconteceria no início de 2011, foi um evento especial para os militantes, pois, pela primeira vez, o cargo máximo do partido estaria sendo disputado sem Jean-Marie Le Pen.

O evento foi realizado durante os dias 15 e 16 de janeiro de 2011. As eleições para a presidência do partido foram disputadas em duas chapas, lideradas, respectivamente, por Bruno Gollnisch e Marine Le Pen. A seleção aconteceria em apenas um turno, sendo considerado vencedor o candidato que obtivesse a maioria dos votos.

Conforme falamos, Bruno Gollnisch tinha o apoio dos militantes mais antigos, que se portavam enquanto vanguarda e guardiões absolutos dos fundamentos que teriam forjado as características ideológicas do partido. Essa seria a ala mais conservadora e tradicional do partido, pois representava o antigo pensamento da extrema direita francesa. Os anciões do FN mantinham o antigo sonho, desde a fundação do partido, de liderar todas as famílias políticas com aspirações

³³⁹ IVALDI Gilles. Les formations d'extrême-droite: Front national et Mouvement national républicain. In: BRÉCHON, P. *Les partis politiques français, La Documentation Française*. Collection Les Etudes, 2005; IVALDI, Gilles. Beyond France's 2005 referendum on the European Constitutional Treaty Second-order model, anti-Establishment attitudes and the end of the alternative European utopia. *West European Politics*, 2006, p. 351.

³⁴⁰ DÉZÉ, Alexandre, op. cit., p. 139.

³⁴¹ KLING, Anne. *FN. Tout a pour ça! La très étonnante évolution du Front National*. Strasbourg: Éditions Mithra, 2012, p. 119.

nacionalistas, tradicionalistas e de direita, na França.³⁴²

Já Marine Le Pen, enquanto candidata e representante das alas mais jovens do partido, objetivava, em sua candidatura à presidência do partido, dar espaço a pessoas com ideias novas, que pudessem colaborar com uma maior abertura política, fugindo dos chavões clássicos da extrema direita europeia, procurando romper com toda tradição fascista que constantemente obscurecia e marginalizava a imagem do partido, não apenas no sentido de se desvincular da tradição extremista de direita, do preconceito racial, dos comentários antissemitas e de toda polêmica que rondava o FN, mas também para quebrar os rótulos utilizados pela mídia e especialistas até então, além de ganhar respeitabilidade na sociedade, visto que, por diversos anos, o partido era considerado um “piada”, não sendo visto pelo povo francês como uma oportunidade de mudança.

Seu grande objetivo foi o de demonstrar para a sociedade francesa que seria possível o FN passar por uma renovação com um novo projeto político, diferente da ideologia tradicional que se altera constantemente no país, entre centro-direita, representado pelo UMP, e pelo partido de esquerda, PS. Dessa forma, sua candidatura apresentaria uma nova alternativa, procurando ser capaz de colaborar com a sociedade francesa através de ideais modernos.

As mudanças representadas por Marine pesavam contra a candidatura de Bruno Gollnisch. Embora ele fosse militante de longa data do FN, sua eleição representaria o mais do mesmo, ou seja, uma continuidade da política desenvolvida por Jean-Marie Le Pen.

Gollnisch se apresentou como mais coerente, pois ele possuía muita experiência política dentro dos quadros do partido, de modo que era visto como um bom articulador entre as diversas facções.

Filiado ao FN desde 1983, foi um dos primeiros militantes a refutar categoricamente a terminologia “extrema direita”. Em conjunto com o escritório político do partido, foi um dos idealizadores do programa político presidencial “Pour la France”. Além de suas respeitadas capacidades enquanto político, Gollnisch também era respeitado por seus companheiros, devido às suas qualificações acadêmicas. Foi professor da Universidade de Lyon III, ostentando doutorado nas áreas de Ciências

³⁴² MESTRE, Abel & MONNOT, Caroline, op. cit., p. 111.

Políticas e Direito.³⁴³

Ideologicamente, posicionava-se entre o centro e os mais conservadores do FN, alinhando-se a grupos antissemitas, racistas e católicos, grupos extremamente simpatizantes da doutrina de Charles Maurras,³⁴⁴ além de ter proximidade com o grupo intelectual que operava as campanhas de Jean-Marie Le Pen. Podemos dizer que ele representava uma das principais cabeças intelectuais do partido, pois, junto com Carl Lang e Jean-Pierre Stirbois, construiu a maioria dos programas políticos.

Embora fossem adversários, existia um respeito mútuo entre Gollnisch e Marine, pois em diversos momentos compartilharam trabalhos de campanha e produção de programas políticos do FN. Também foram eles que organizaram o movimento de repúdio à Bruno Mégret, quando ele tentou dar um golpe em Jean-Marie Le Pen para assumir a liderança do FN. Tal movimento³⁴⁵ ficou conhecido como *Tout sauf Mégret*³⁴⁶ (TSM) e contou com a colaboração de Samuel Maréchal, Marine Le Pen, Roger Holeindre, Jean-Claude Martinez e Martine Lehideux.³⁴⁷ Após a saída de Mégret, Bruno Gollnisch assumiu a vice-presidência do FN, cargo que lhe dava o status, dentro dos círculos do FN, de futuro sucessor de Jean-Marie Le Pen.³⁴⁸

Gollnisch ganhou mais destaque no FN após o rompimento de Bruno Mégret com Jean-Marie Le Pen. Após sair do partido, Mégret fundou o *Mouvement National Républicain*³⁴⁹ (MNR) e Gollnisch assumiu a vice-presidência, sendo considerado o número dois na hierarquia do partido e futuro sucessor de Jean-Marie Le Pen.

Outro fator importante é que Gollnisch colaborava com o comitê executivo e político desde a década de 1990. Ele teve papel fundamental na reconfiguração da extrema direita no início dessa década, pois o fim da Guerra Fria e do comunismo modificou o cenário político mundial, portanto era necessário compreender as novas dimensões políticas nacionais e internacionais e localizar novos espaços políticos

³⁴³ SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York: Routledge, 2007, p. 272.

³⁴⁴ LÉBOURG, Nicolas & BEAUREGARD, Joseph. *Dans L'ombre des Le Pen: Une Histoire des numéros 2 du FN*. Paris: Nouveau Monde Edition, 2012, p. 272.

³⁴⁵ LE PEN, MARINE. Disponível em: <<https://www.marianne.net/archive/tsm-tout-sauf-mégret>>. Acesso em: 05/06/2017.

³⁴⁶ Tudo menos Mégret.

³⁴⁷ LÉBOURG, Nicolas & BEAUREGARD, Joseph. *Dans L'ombre des Le Pen: Une Histoire des numéros 2 du FN*. Paris: Nouveau Monde Edition, 2012, p. 272.

³⁴⁸ Ibidem, p. 273.

³⁴⁹ Movimento Nacional Republicano.

onde o FN poderia atuar, divulgando sua agenda.

Durante esse período de reorientação, Gollnisch ajudou a estabelecer uma nova forma de atuação do FN, deixando de lado algumas bandeiras que representavam o pensamento econômico de Jean-Marie Le Pen. Um dos principais pontos colocados pelo político seria o rompimento com o projeto ultraliberal da década de 1980, fortemente defendido por Jean-Marie Le Pen e que se consolidou nos governos de Ronald Reagan e Margareth Thatcher. A ideia seria se reposicionar como uma alternativa ao neoliberalismo, que estava em plena implementação na América do Sul, e criticar a globalização do mercado financeiro e produtivo.³⁵⁰

Outro ponto interessante, influenciado por Gollnisch, seria a mudança de posicionamento em relação à UE, colocando-se contrário à criação da comunidade europeia, visto que, no início dos anos 1990, poucos partidos se posicionavam contra a abertura da UE e havia poucos estudos sobre os impactos que a abertura de mercado e unificação da moeda provocariam nos países. Portanto, para os membros do FN, Gollnisch era uma figura extremamente importante e ativa,³⁵¹ além de também ter colaborado com outro projeto político, intitulado Programme de Gouvernement: 300 mesures pour la renaissance de la France.³⁵²

Talvez por todo esse conjunto de fatores relevantes sobre Gollnisch, muitos membros rejeitaram momentaneamente a candidatura de Marine Le Pen, pois ela estaria pulando etapas e desrespeitando a hierarquia partidária, passando, inclusive, por cima de diversos outros membros respeitáveis que estavam no FN desde sua fundação, aguardando uma chance de alcançar uma posição melhor.

Por outro lado, para as novas gerações, pouco importava o papel de Gollnisch no passado e presente do FN. Poucos se identificavam com sua figura. Embora demonstrassem respeito por sua trajetória política, a relação dele com a ala católica e com facções mais conservadoras e racistas pesava para a ala mais nova, que já enxergava o mundo com outros olhos.

Marine Le Pen, neste sentido, por ser uma candidata mais jovem e mulher, atraía o público feminino e também transparecia certo ar de modernidade. Talvez o fato de Marine ser mais jovem — e possivelmente compreender os problemas da atual

³⁵⁰ Ibidem, p. 266.

³⁵¹ LEBOURG, Nicolas & BEAUREGARD, Joseph. *Dans L'ombre des Le Pen...*, op. cit. p. 266.

³⁵² Programa de Governo: 300 medidas para o renascimento da França.

geração, como a falta de emprego e diminuição do padrão econômico das famílias francesas — gerasse maior proximidade com o público votante, principalmente com aqueles que não simpatizavam com a velha guarda nacionalista e racista do FN.

Esses conflitos geracionais, segundo Sarah Proust,³⁵³ foram um divisor de águas na extrema direita francesa, mas também o mesmo fenômeno não foi algo exclusivo da França, pois em outros países existiram situações semelhantes.

Para Proust, teríamos dois mundos em um mesmo partido. De um lado, as gerações mais antigas, criadas em um ambiente de conflitos, de lutas sociais e da hostilidade gerada em meio à Guerra Fria. Essas gerações fundadoras dos partidos, que tiveram sua origem no pós-guerra (1950-1960), vivenciaram diferentes eventos históricos que marcaram sua geração — ou em virtude do envolvimento direto em conflitos bélicos ou por experimentar a tensão desses conflitos através dos meios de comunicação e dos seus efeitos no cotidiano —, o que leva a uma visão de mundo completamente diferente das atuais gerações. Entre tais eventos estão os processos de independência das colônias francesas na África e na Ásia, que decretaram o final do Império Francês; as guerras contra movimentos de independência, como as da Argélia e da Indochina; os conflitos estudantis; e as manifestações de maio de 1968.³⁵⁴

Do outro lado, Marine Le Pen representaria o pensamento moderno e coerente com seu tempo. Além disso, um dos principais aspectos que contribuíram para a candidatura de Marine é o fato de ela contar com o apoio de seu pai, Jean-Marie Le Pen, fator que colabora para sua aceitação pela maioria dos membros que seguiram seu pai por mais de 40 anos.

Embora o apoio de seu pai tenha relevância, não podemos apenas creditar esse sinal como principal fator de sucesso de Marine no partido, pois outros atributos permitiam que ela fosse a nova líder do FN. Embora ela não seja uma das anciãs do partido, tendo começado sua vida política mais tarde que outros colegas, podemos dizer que possuía uma boa bagagem política, contando com bons resultados e várias eleições vencidas.

Em sua carreira política, Marine disputou vários cargos — foi conselheira regional da região de Nord-Pas-de-Calais (1998-2004),³⁵⁵ conselheira regional para

³⁵³ PROUST, Sarah. *Le Front National: Le hussard brun contre le République*. Paris: Le Bord de L'eau, 2013, p. 44.

³⁵⁴ Ibidem.

³⁵⁵ DÉZÉ, Alexandre, op. cit., p. 130.

representar Île-de-France, exercendo o cargo durante os anos de 2004 até 2010, e conselheira municipal da cidade industrial de Hénin-Beaumont, entre 2008 a 2011.³⁵⁶ Internamente, no partido, ela ocupou posições importantes, tanto na parte jurídica, como no comitê executivo.³⁵⁷ Foi a vice-presidente do partido e também renovou o comitê executivo. Em 2003, após o sucesso eleitoral das eleições presidenciais, ficou encarregada de organizar a campanha política do partido para as eleições presidenciais de 2007.³⁵⁸ Depois de se tornar vice-presidente do FN, Marine Le Pen passou por um processo de amadurecimento e procurou se especializar em comunicação e publicidade.

Existiam outros fatores que contribuía para uma maior aceitação de Marine Le Pen à liderança do FN. Além de ela possuir experiência política, ter participado de várias eleições e vencido a maioria delas, com resultados mais que aceitáveis, outros fatores também a credenciavam como principal candidata. Sua juventude, em relação à de Gollnisch, favorecia sua aproximação com as camadas mais jovens da sociedade. O fato de ser mulher e estar em posição de destaque em uma entidade tida como conversadora e misógina, onde a mulher não possuía reconhecimento de igualdade diante de seus pares políticos, acrescenta à sua campanha um tom modernista, visto que o FN é conhecido por suas posturas extremistas e conservadoras (principalmente a ala católica patriarcal), sobretudo em relação às discussões sobre gênero, posição social da mulher (seu lugar e função familiar), feminismo, direito de escolhas, liberdade do corpo feminino e aborto.³⁵⁹

Antes das eleições para definir o candidato do FN, algumas pesquisas foram feitas por diversas regiões da França, organizadas pelos líderes do comitê político. A intenção das pesquisas era verificar o nível de aceitação do futuro candidato à presidência pela população e ver quais setores o partido deveria explorar, a fim de determinar com mais precisão os rumos da futura campanha.

Essa pesquisa trouxe informações importantes sobre os futuros candidatos. Segundo ela, o nome de Gollnisch teria apenas 10% de aceitação entre os eleitores que se identificaram ideologicamente de direita, enquanto que o nome de Marine

³⁵⁶ Ibidem, p. 131.

³⁵⁷ MESTRE, Abel & MONNOT, Caroline, op. cit., p. 110.

³⁵⁸ DÉZÉ, Alexandre, op. cit., p. 132.

³⁵⁹ Ibidem.

aparecia com mais de 60% de aprovação pelos eleitores da mesma categoria. Nessa pesquisa também se percebeu a atração das gerações mais novas por Marine Le Pen e por suas ideias de modernização do FN, pois aproximadamente 40% dos entrevistados concordavam com as posturas de Marine sobre a imigração e os problemas que supostamente trazia para a sociedade francesa.³⁶⁰

Embora Marine Le Pen tivesse o apoio de seu pai para a presidência, ela sofreu certa resistência de algumas facções tradicionais do FN, inclusive sendo diversas vezes criticada em algumas das revistas e jornais do partido. Em 2007, Jean-Marie Le Pen planejava o futuro do FN com Marine na presidência, algo que irritava constantemente outros militantes do partido, como Carl Lang.

Em entrevista ao jornal *Le Parisien*, quando questionado sobre o futuro do partido, Jean-Marie Le Pen, que na época tinha perdido seus direitos políticos, devido a comentários sobre o Holocausto, falou sobre uma possível candidatura de Bruno Gollnisch à presidência do FN, dizendo também que embora o considerasse um excelente político, via-o apenas exercendo outras funções mais importantes: “Bruno Gollnisch um bom presidente... do Parlamento Europeu”.³⁶¹

Já em outra entrevista ao jornal *La Croix*, Le Pen explicou o motivo de estar apoiando a candidatura de sua filha, a nova líder do FN: “Eu não faço favoritismo para minha filha Marine, mas não há razão que eu manifeste hostilidade. Eu considero que ela demonstrou, depois de vários anos, que tem qualidades inegáveis”.³⁶²

Essas publicações declaravam sua lealdade à Gollnisch e postulavam que Marine Le Pen não era capaz de liderar o partido, por lhe faltar identificação ideológica com as tradições frontistas. O presidente Jean-Marie Le Pen apoiava a filha para que a liderança do partido não escapasse do controle familiar, mas ele também fazia diversos elogios às competências políticas e intelectuais de Gollnisch.³⁶³

³⁶⁰ LE PARISIEN. *Le FN a changé de président, pas de credo selon la presse Européenne*. Disponível em: <<http://www.leparisien.fr/flash-actualite-politique/le-fn-a-change-de-president-pas-de-credo-selon-la-presse-europeenne-17-01-2011-1231230.php>>. Acesso em: 15/09/2017.

³⁶¹ LE PARISIEN. *Le Pen transmet le pouvoir à Marine*. Disponível em: <<http://www.leparisien.fr/le-pen-transmet-le-pouvoir-marine-19-11-2007-3291374809.php>>. Acesso em: 08/09/2017. [“Un bon président... du Parlement Européen”].

³⁶² LA CROIX. *Marine Le Pen succède à son père à la tête du FN*. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Actualite/France/Marine-Le-Pen-succede-a-son-pere-a-la-tete-du-FN-_NG_-2011-01-16-605824>. Acesso em: 08/09/2017. [“Je Ne fais pas de favoritisme pour ma fille Marine, mais il n'y a pas de raison que je lui manifeste de l'hostilité. Je considere qu'elle a démontré depuis quelques années qu'elle a des qualités indéniables” – tradução livre].

³⁶³ MINUTE, *Ces marinistes qui veulent tous les pouvoirs*. Disponível em: <<http://www.minute->

Após oficializar sua candidatura no congresso do FN, com uma aprovação esmagadora, contando com o apoio da maioria dos membros do comitê central — e com grande apoio de Jean-Marie Le Pen —, Marine começou sua campanha para a presidência do FN. Durante quatro meses, realizou reuniões com 50 delegacias do FN espalhadas pela França para explicar seu projeto político e indicar os novos rumos e posições que o partido assumiria, caso fosse eleita.

Marine buscava demonstrar que quem vencesse a eleição interna deveria automaticamente ser o candidato do partido à presidência da França. Sua argumentação era baseada na questão da receptividade do novo nome do FN, que deveria representar a maioria do partido e, ao mesmo tempo, significar a mudança da imagem dele.

Durante os quatro meses de campanha, Marine Le Pen intensificou seu discurso sobre as transformações necessárias para colocar o FN no centro do debate político da França. O partido deveria ressurgir com um novo formato. Foi nesse momento que Marine deu início ao processo de “humanização do partido”, na tentativa de “desdiabolizar” a imagem marginalizada que o mesmo possuía, além de procurar reverter a rejeição que sofria por parte expressiva da população francesa.

As eleições ocorreram no início de janeiro de 2011, e seu resultado foi anunciado após as festas de homenagem e despedida de Jean-Marie Le Pen. Ao todo, participaram do congresso do partido aproximadamente 23 mil filiados. Desse total, 100% manifestaram seus direitos eleitorais. O resultado final consagrou Marine como a vencedora da disputa, com 67% dos votos (11.546), ao passo que Gollnisch teve 32% (5.500 votos).³⁶⁴ Esse resultado imediatamente causou conflitos no partido, como a crítica da revista de extrema direita, *Minute*, ao método de trabalho de Marine.

A revista *Présent*, conhecida pelo seu fervor católico, defendia a candidatura de Gollnisch, pois ele era um dos grandes representantes dessa ala no FN. Ao mesmo tempo, a revista *Minute* cobrava de Marine Le Pen uma maior amplitude em programas de governo e também em seu staff político. Cansada da centralização de poder durante os anos de Jean-Marie Le Pen, a revista anunciava que os “marinistas” queriam tomar o partido para eles, conquistando todo poder possível e dominando os

hebdo.fr/>. Acesso em: 09/06/2017.

³⁶⁴ FRONT NATIONAL. FN: le nouveau Président élu par les adhérents! Paris, 2016. Disponível em: <[www.frontnational.com/FN-le-nouveau-Président-élu-par-les-adhérents-!/>](http://www.frontnational.com/FN-le-nouveau-Président-élu-par-les-adhérents-!/). Acesso em: 08/10/2014.

comitês executivos e políticos.



Figura 7. Os marinistas que querem todo o poder

Fonte: <<http://www.minute-hebdo.fr/>>

A eleição de Marine também causou baixas na militância do partido, principalmente no comitê político. Roger Holeindre, um dos anciões fundadores do FN, saiu do partido acusando Marine de não partilhar do mesmo viés ideológico do FN e de trair os ideais de sua própria família, inclusive indo em confronto direto com o legado de seu pai.

Outros militantes também foram se desfilhando do FN, devido à abordagem mais leve do programa político de Marine. Os confrontos no FN são constantes. Na década de 1990, a outra filha de Jean-Marie Le Pen, Marie-Caroline Le Pen, abandonou o partido e criou outros agremiados, em conjunto com Bruno Mégret e Carl Lang, todos cansados dos desmandos e controle de Jean-Marie Le Pen.

A forma como o poder foi transferido de pai para filha incomodou muitos militantes do FN. Em 2008, incomodados com o controle de poder do clã Le Pen, importantes membros se desfilharam do partido, como Michel Bayvet, Fernand Le Rachinel, Martine Lehideux (uma das fundadoras do FN), Martial Bild, Christian Baeckeroot e Michel de Rostolan.

Após essa primeira debandada do partido, em uma entrevista, Fernand Le

Rachinel criticou a postura de Jean-Marie Le Pen como inaceitável e foi além, acusando Marine de ter dado um golpe para tomar o poder: “A cisão de 2008, anuncia o fim do FN e a tomada de poder por Marine Le Pen. A partir de 2004, ela manipula totalmente seu pai”.³⁶⁵

A vitória de Marine Le Pen colecionou desafetos e debandadas do partido. Além do importante membro do comitê político, Roger Holeindre, seus amigos e subalternos militares, com os quais havia combatido na Guerra da Indochina, bem como outros membros do grupo paramilitar terrorista OAS (do qual o mesmo fazia parte) abandonaram o FN, por não reconhecerem em Marine Le Pen as qualidades suficientes para ser presidente do partido e também por estar rompendo com a hierarquia partidária.³⁶⁶ Segundo publicação do jornal francês *Le Figaro*, Roger Holeindre afirmou: “Eu vou embora porque a Marine Le Pen não representa minhas ideias, nem as de seu pai”.³⁶⁷

Outro caso emblemático que marcou a vitória de Marine Le Pen foi uma das primeiras expulsões dos quadros do FN, a do Farid Smahri, francês-argelino. Ele foi expulso do FN após acusar Marine Le Pen de estar sendo financiada pelos sionistas.³⁶⁸ Para Farid, a atual presidente do FN estaria sendo financiada por grupos sionistas, com o objetivo de usarem o FN para defender sua agenda política, que seria a destruição do islamismo.

Essa primeira expulsão teve um significado importante, pois ela foi uma demonstração de força de Marine. Em diversas quedas de braço, a atual presidente do FN precisou ter pulso firme para conseguir exercer sua função nos primeiros seis meses de mandato. Outro ponto importante é que essa conduta de Marine Le Pen colocava em prática seu projeto de modernização do partido, afastando-se da marginalidade.

Neste sentido, Marine Le Pen iniciou o processo de reestruturação do partido, elegendo novos membros para o comitê político e executivo. Sua chapa foi composta

³⁶⁵ IGOUNET, Valerie. *Le Front National. le parti, les hommes, les idées de 1972 à nos jours*. Paris: Seul, 2014, p. 413. [“La scission de 2008 annonce la fin du FN et la prise de pouvoir de Marine Le Pen. A partir de 2004, elle manipule totalement son pere” – tradução livre].

³⁶⁶ LE FIGARO. Roger Holeindre quitte le FN. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2011/01/15/97001-20110115FILWWW00524-roger-holeindre-quitte-le-fn.php>>. Acesso em: 09/09/2017.

³⁶⁷ Ibidem.

³⁶⁸ AGORAVOX, Farid Smahri. Disponível em: <<http://www.agoravox.tv/actualites/politique/article/farid-smahi-claque-la-porte-du-fn-28991>>. Acesso em: 10/07/2017.

por membros mais jovens e com características diferentes das primeiras diretorias.

Nos anos de liderança de Jean-Marie Le Pen, o comitê político e executivo era recheado por militares que lutaram na Guerra da Argélia e na Guerra da Indochina e que participaram de grupos que deram suporte à Revolução Nacional de Marechal Pétain e Pierre Laval. Também havia militantes que lutaram voluntariamente ao lado da Alemanha nazista, na Segunda Guerra Mundial, no batalhão da elite nazista Waffen-SS Charlemagne, composto, em sua maioria, por franceses.

A gestão de Marine visou transparecer uma mudança, uma renovação política, deixando de fora das principais decisões políticas os anciões do partido. Essa estratégia permitiu que Marine se cercasse de militantes com perfil mais “limpo”, sem heranças com movimentos extremistas da metade do século XX. Tal distanciamento do passado marginalizado do FN também teve um preço, como perda de apoio de várias facções, a exemplo dos católicos, que ficaram decepcionados com a derrota de Gollnisch, e dos editores das revistas que o apoiavam.

Dentro do FN, havia diferentes grupos de pensamentos extremistas, como neonazistas, neofascistas e skinheads. Esses militantes, durante muito tempo, integraram as milícias paramilitares do partido, de modo que faziam as panfletagens nas ruas e a segurança de membros importantes, como Jean-Marie Le Pen, Bruno Mégret, Bruno Gollnisch, dentre outros.

Por um lado, era positiva a existência e envolvimento desses três grupos nas atividades das ruas, nos protestos políticos, em lugares circunstanciais para fazer “barulho”, chamando a atenção da mídia e provocando seus rivais políticos, principalmente os grupos de estudantes de esquerda e anarquistas. Por outro, o envolvimento desses grupos quase “paramilitares” aumentava o grau de marginalidade do partido, visto que o envolvimento de neonazistas com a questão da supremacia racial e da negação do Holocausto, além dos constantes conflitos com imigrantes e membros dos partidos socialistas e comunistas repercutiam negativamente na sociedade e nas mídias, de modo que movimentos de extrema direita eram sempre atrelados ao nome do partido. Nesse contexto de renovação dos militantes e de reformulação partidária, Marine encabeça um processo de limpeza nas facções do FN.

Logo que assume a liderança do partido, há uma enorme repercussão de sua ascensão na mídia, que debatia sobre a nova líder, sobre as primeiras críticas internas e também sobre o posicionamento dos outros partidos frente a essa nova fase da

agremiação. Nos primeiros meses de liderança de Marine, diversos partidos da França discursavam sobre o fim do FN e sobre a falência do projeto político de Jean-Marie Le Pen. Diversos especialistas em política, jornais e revistas publicavam artigos questionando as possíveis mudanças, se elas de fato aconteceriam, e até onde Marine poderia levar adiante seu projeto político.³⁶⁹

Diante dessas questões que Marine tinha que enfrentar para conseguir se consolidar politicamente, surge, em abril de 2011, uma oportunidade para que ela demonstre sua aplicação e determinação em impor seu novo modelo de gestão. Um militante do partido, Alexander Gabriac,³⁷⁰ o conselheiro mais jovem já eleito pelo FN, que representava a região de Rhône-Alpes, saiu nas páginas dos jornais franceses, após publicar uma foto nas redes sociais fazendo a saudação nazista, “Heil Hitler”. Com toda a repercussão obtida pela publicação dessas fotos e a polêmica nas redes sociais, Marine Le Pen expulsou o integrante do FN.³⁷¹ Em entrevista sobre a polêmica foto e a sua postura de expulsar Alexandre Gabriac, Marine foi direta: “Eu serei firme e brutal, se necessário, porque estamos fartos desse tipo de ação”, dizendo ainda que esse tipo de postura é inaceitável, pois representa a continuidade de um pensamento dos tempos da Segunda Guerra Mundial, que remete ao colaboracionismo de Vichy e a um pensamento retrógrado de uma facção extremista, saudosista do petainismo.³⁷²

Na foto abaixo vemos Alexander Gabriac, à direita, fazendo a saudação nazista, acompanhado de um neonazista. No fundo da foto é possível ver a bandeira oficial do Partido Nazista Alemão que, durante a guerra, foi incorporada como bandeira oficial da Alemanha. O FN já passou por diversos escândalos parecidos, em que membros do partido aparecem em fotos com militantes de grupos neonazistas.

³⁶⁹ DÉZÉ, Alexandre. op. cit., p. 143.

³⁷⁰ Ele também era um dos organizadores do FNJ e do L'Œuvre Française (LO). O LO é um grupo de extrema direita, fundado por Pierre Sidos, em 1968, que se apresentava enquanto uma vanguarda da luta nacionalista, antissionista e antimarxista. Cf. ALGAZY, Joseph. *L'Extrême-droite en France de 1965 à 1984*, Paris: L'Harmattan, 1989, p. 71.

³⁷¹ LIBERATION. L'élú FN faisant le salut nazi sur une photo a été exclu du parti. Disponível em: <http://www.liberation.fr/france/2011/04/19/l-elu-fn-faisant-le-salut-nazi-sur-une-photo-a-ete-exclu-du-parti_730249>. Acesso em: 06/10/2017.

³⁷² LE MONDE. Marine Le Pen confirme l'exclusion de l'élú FN ayant fait un salut nazi. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/politique/article/2011/04/27/marine-le-pen-confirme-l-exclusion-de-l-elu-fn-ayant-fait-un-salut-nazi_1513316_823448.html>. Acesso em: 10/09/2017.



Figura 8. Alexander Gabriac – saudação nazista

Fonte: Jornal Liberation - <http://www.liberation.fr/france/2011/04/19/l-elu-fn-faisant-le-salut-nazi-sur-une-photo-a-ete-exclu-du-parti_730249>

O jornal *Paris Match* critica duramente Alexander Gabriac, chamando-o de cretino e questionando se essa era a verdadeira face do FN.³⁷³ A repercussão do caso teve reações muito negativas vindas da população. Em diversos meios de comunicação, jornalistas e especialistas debatiam sobre a relação do nazismo com o partido e com os discursos de Jean-Marie Le Pen, bem como sobre as câmaras de gás e sobre a negação do Holocausto por militantes do FN.

Na França, até hoje se discute muito sobre o período da ocupação nazista. Historiadores dividem opiniões sobre esse processo histórico. Desse modo, toda essa repercussão, logo após a vitória de Marine, e todo seu esforço para “desdiabolizar” a imagem do partido, foi um grande revés para sua campanha. Tal reportagem foi extremamente utilizada pelo candidato à presidência do país, Nicolas Sarkozy, do UMP, e também por François Hollande, do PS.

³⁷³ PARISMATCH. Le candidat FN au salut nazi suspendu. Disponível em: <<http://www.parismatch.com/Actu/Politique/Cantoniales-Un-candidat-FN-faisant-un-salut-nazi-en-photo-a-ete-suspendu-147365>>. Acesso em: 10/09/2017.



Figura 9. Reportagem *Paris Match*

Fonte: <<http://www.parismatch.com/Actu/Politique/Cantonales-Un-candidat-FN-faisant-un-salut-nazi-en-photo-a-ete-suspendu-147365>>

A própria Marine foi criticada por ter fotos com membros de grupos neonazistas. Da mesma forma, sua sobrinha e também integrante do partido, Marion Marechal Le Pen, aparece em fotos confraternizando com membros de grupos extremistas.



Figura 10. Marion Marechal Le Pen com neonazistas

Fonte: <<http://www.gauchemip.org/spip.php?article21890/>>

Após essa polêmica, diversas fotos começaram a aparecer na internet e nas redes sociais para denunciar a ligação dos membros do FN com grupos neonazistas. A exemplo disso, o Parti Communiste Français³⁷⁴ (PCF) publicou uma foto em seu site acusando o FN de racismo e afirmando que o partido encobre em suas fileiras a grande maioria de extremistas na França.³⁷⁵

Na foto abaixo, Marine Le Pen pousa com líderes do movimento neonazista na cidade de Lyon, durante sua campanha para presidência.



Figura 11. Marine Le Pen em Lyon

Fonte: <<http://meuse.pcf.fr/72727>>

Diante desse momento crítico, o FN tentou contra-atacar os setores da mídia, acusando-os de serem parciais e ideológicos, com o intuito de prejudicar a candidatura de Marine à presidência. Para conter futuros vazamentos, Marine se reuniu com o comitê político a fim de rediscutir a campanha eleitoral, bem como

³⁷⁴ Partido Comunista Francês.

³⁷⁵ Site do Parti Communiste Français. Stoper la peste brune. Disponível em: <<http://meuse.pcf.fr/72727>>. Acesso em: 23.3.2017.

reforçar o andamento de seu projeto de desdiabolização da imagem do partido.³⁷⁶

Assim como Marine e Louis Aliot, o novo comitê político começou a trabalhar para abafar futuros casos que pudessem prejudicar a imagem do partido, realizando reuniões com os principais membros do partido e também com os líderes das diferentes facções existentes, para que cada um fosse responsável por administrar e vigiar possíveis atos que pudessem atrapalhar a candidatura da líder frontista.

Marine, por sua vez, como presidente do partido e responsável máxima pela entidade, começou, aos poucos, a mudar o tom de agressividade dos discursos e a pedir maior polidez de seus colegas em entrevistas, evitando o máximo possível atrair a atenção de forma negativa para sua campanha. Como chefe do FN, ela também começou a reformular a estrutura do partido, excluindo alguns cargos privilegiados, cargos de honra e os indicados diretamente por seu pai para ocupar o comitê executivo e político. Em resumo, ela desestruturou a rede de poder que Jean-Marie Le Pen construiu durante seus mais de 40 anos de partido, o que lhe permitiu engessar e controlar com plenos poderes a agenda do FN.³⁷⁷

Outro passo importante foi Marine retirar alguns anciões e fundadores de posições estratégicas, como relações públicas, porta-vozes do partido e coordenadores de campanhas regionais, colocando pessoas de sua confiança e com um pouco mais de respeitabilidade, ou membros do partido que não tivessem seus nomes em recentes polêmicas e passado nebuloso.³⁷⁸

Com essas mudanças internas dando resultado, havia um outro ponto mais delicado que Marine precisava tratar, talvez a questão mais difícil de enfrentar, que foi controlar os ímpetos de Jean-Marie Le Pen e seu costume de fazer comentários políticos e declarações históricas polêmicas. Internamente Marine já havia se posicionado nessa direção, de aos poucos ir cortando todo e qualquer resquício de poder de Jean-Marie Le Pen. Embora ele ocupasse o cargo de presidente de honra do partido, a informação interna era que isso não deveria passar de um cargo fantasioso para contentar seu pai.

Por buscar uma linguagem mais moderna e respeitável para o seu partido,

³⁷⁶ IGOUNET, Valerie. *Le Front National. le parti, les hommes, les idées de 1972 à nos jours*. Paris: Seul, 2014, p. 429.

³⁷⁷ DÉZÉ, Alexandre. *op. cit.*, p. 145.

³⁷⁸ CRÉPON, Sylvain. *Enquête au coeur du nouveau Front national*. Paris: Edition, Nouveau Monde Editions, 2013, p. 72.

Marine esperava que essa estratégia fosse suficiente para que ela conseguisse aceitação da população francesa, de modo que a sociedade realmente encarasse sua campanha com seriedade, como uma alternativa política frente à mesmice dos partidos tradicionais, colocando o FN como uma alternativa real e concreta.

Na França, alguns especialistas, como o sociólogo Paschal Perrineau, dedicaram-se a investigar o FN enquanto fenômeno político, buscando perceber — através da análise de perfil do eleitorado francês, das condições sociais e educacionais dos eleitores, das pesquisas de opinião e de estudos prosopográficos — quais seriam as motivações dos eleitores (não filiados e simpatizantes) que votavam no partido sem partilhar dos mesmos princípios ideológicos.

Perrineau, que estudou os eleitores da extrema direita francesa durante mais de 30 anos, concluiu que certa quantidade de votos para o FN foi de protesto ao *establishment* político e descontentamento frente à impossibilidade de mudanças no status quo e na passividade política permanente na sociedade francesa.³⁷⁹

Veremos no próximo subcapítulo como foi a remodelação do FN para as eleições presidenciais e as eleições europeias, e se o processo de desdiabolização e renovação de seus quadros obtiveram sucesso.

3.2 Campanha política e eleições de 2012-2014

Em sua campanha para ganhar maior notoriedade política, Marine Le Pen colocou em prática um dos principais processos de renovação de quadros de um partido de extrema direita. Embora tal processo já tenha acontecido com outros partidos na própria Europa — a exemplo do MSI que, em 1995, mudou de nome para Aliança Nacional, procurando se afastar do seu passado neofascista, transformando-se em um partido “conservador”, apresentando um programa mais modernizado e aceitável —, a postura de Marine colaborou para que seus militantes conseguissem resultados eleitorais expressivos, o que resultou em confiança e respeitabilidade no cenário político.

Tal atitude teve efeitos positivos e formações de alianças políticas com outros

³⁷⁹ PERRINEAU, Pascal. *Le symptôme le pen; radiographie des électeurs du front national*. Paris, Fayard, 1998.

partidos, tanto que a Aliança Nacional fez parte do grupo de coalização do governo do presidente Silvio Berlusconi, na Itália. Hoje o partido se fundiu com O Povo da Liberdade.

Para obter sucesso, Marine Le Pen precisava expandir o eleitorado do FN. Assim, era necessário ampliar seu espaço e atingir grupos eleitorais que embora não votassem no FN, simpatizavam ideologicamente com os partidos de direita. Seu maior concorrente nessa disputa por votos era o candidato à presidência do extinto UMP, Nicholas Sarkozy. Havia também outros partidos de pequeno porte dos quais Marine poderia angariar votos, mas seu principal concorrente pelos votos da direita era o UMP.

Do outro lado da balança, um dos principais concorrentes à presidência da França, François Hollande, do PS, um dos maiores partidos de esquerda do país, concorria para o cargo.

O cenário político francês se mostrava aberto e parecia o momento ideal para o FN tentar implantar novas ideias, no intuito de acabar com o ostracismo em que vivia o UMP, partido que dominava o cargo presidencial desde 1995, sendo presidido por Jacques Chirac, de 1995 a 2007, e por Nicholas Sarkozy, de 2007 a 2012.

Desse modo, o UMP, por 18 anos consecutivos, conquistava a presidência, o que demonstrava o descontentamento da população com a direita tradicional, mas que, aparentemente, abria campo para o FN trabalhar seu projeto de governo. Por outro lado, o PS também tinha grandes possibilidades de vencer as eleições presidenciais, pois apresentava um projeto político de caráter progressista.

Cabia à Marine, no âmbito político, demonstrar que o FN poderia apresentar um projeto diferente daqueles propostos pelos partidos hegemônicos e pela política tradicional de direita. Um dos passos cruciais para que o FN conseguisse resultados efetivos seria o investimento pesado na campanha presidencial. Como na maioria das eleições, os partidos que dispõem de maior financiamento conseguem resultados mais expressivos. Para isso, Marine Le Pen teria que romper com certas tradições do partido, desvinculando-se de alguns setores da sua campanha política, que outrora era feita pelos próprios membros do partido, a fim de buscar uma maior profissionalização de sua campanha.

Assim, ela passou a trabalhar com publicitários especializados em campanhas políticas e marketing, de modo que contratou agências de pesquisas particulares para diferenciar nichos específicos e poder trabalhar especificamente em cada região da

França,³⁸⁰ direcionando sua campanha para cada setor econômico, social e geográfico do país.

Tendo em vista a proposta de desdiabolização e renovação do FN, Marine teria a oportunidade de romper com as barreiras ideológicas que impediam seu próprio partido de avançar politicamente. Para isso, alguns dogmas e características que o definiam enquanto partido nacionalista e conservador deveriam ser neutralizados, como as questões relacionadas ao antissemitismo, que assombrou o partido durante a regência de seu pai e outros militantes antissemitas, como Pierre Sidos, François Duprat e as facções neonazistas. Em contrapartida, percebeu que defender maior pluralidade religiosa, e principalmente a laicidade do Estado, seria mais vantajoso. Além disso, passou a adotar um discurso contra a homofobia e favorável à união homoafetiva e ao feminismo, dentre outras coisas que veremos de forma ampliada nos capítulos seguintes.³⁸¹

O FN acreditava que com seu novo projeto político poderia derrubar a hegemonia dos maiores partidos franceses, representados pelo UMP, que se localizava entre o centro-direita, com características liberais conservadoras, e era situação no governo por quatro mandatos consecutivos.

Como o UMP era considerado o principal rival político do FN, este brigaria pelos votos da direita, tendo pouquíssimas chances de angariar votos dos simpatizantes pelos partidos de esquerda. O principal partido francês que domina as vertentes de esquerda, o PS, após se tornar o principal representante da corrente, deu uma guinada para a social-democracia, abandonando qualquer tipo de projeto revolucionário que rompesse com o sistema capitalista. Podemos dizer que o PS se comportava como um partido que defendia ideias progressistas e ampliação da luta dos direitos das minorias econômicas, o que pouco se diferenciava do programa político do UMP.³⁸²

Um dos principais temas debatidos por Marine Le Pen durante sua campanha presidencial era a ampliação da participação popular nas decisões do Estado.³⁸³ Ela

³⁸⁰ NOUZILLE, Vincent. Les réseaux secrets du Front National. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/politique/2013/11/08/01002-20131108ARTFIG00341-les-reseaux-secrets-du-front-national.php>>. Acesso em: 10/09/2017.

³⁸¹ CRÉPON, Sylvain. *Enquête au coeur du nouveau Front national*. Paris: Edition, Nouveau Monde Editions, 2013, p. 241.

³⁸² Ibidem, p. 171.

³⁸³ FRANCO DE ANDRADE, Guilherme I. op. cit., p. 180.

acusava a prática política francesa vigente de ter se isolado da sociedade, desenvolvendo projetos, reformulando planos de carreiras e sucateando a previdência social, como parte do projeto de austeridade imposta pela UE, estabelecendo cortes profundos em diversos setores, principalmente naqueles que afetavam diretamente a população, como aumento da jornada de trabalho, elevação da idade mínima para se aposentar, entre outras medidas consideradas antipopulares. O UMP, enquanto situação, defendia que as medidas impostas pelo governo foram causadas pelos problemas demográficos que a França e outros países europeus atravessavam, ainda que, com o aumento do fluxo de imigração e renovação da força de trabalho, tenha tido aumento positivo da arrecadação.

Mesmo que a França seja mundialmente conhecida pela participação ativa da população e pelas manifestações populares em defesa de seus direitos, a realidade atual é bastante diferente. Ainda que exista essa atividade política no cerne da população, as medidas impopulares são tomadas de cima para baixo, sem que a vontade da população consiga brechar a máquina estatal de realizar tais mudanças profundas.³⁸⁴

Para Marine, a maioria dessas mudanças econômicas, que afetaram diretamente a política de bem-estar social, fazem parte de um conjunto de medidas impostas pela UE.³⁸⁵ Segundo ela, o Estado deveria abrir a atividade política, com referendos, para que a população tivesse a sensação de participação ativa nas decisões públicas e em certas questões que teriam impacto social, diferente dos outros partidos que colocavam questões demográficas como impacto para algumas ações antipopulares, a exemplo do aumento da idade mínima para aposentadoria. Sua proposta foi a de questionar a tese da demografia como um problema secundário e reconquistar a soberania nacional frente às imposições da UE.

Segundo Gregoire Kauffman, embora Marine tenha ampliado o discurso sobre a participação popular nas decisões do Estado, esse conceito de ampliação na participação popular é algo que sempre esteve presente nos projetos do FN, desde sua fundação.³⁸⁶ A questão da participação popular, segundo o historiador, faz parte de toda extrema direita francesa: “A noção de ‘República plebiscitária’ está no cerne

³⁸⁴ NOIRIEL, Gérard. *À quoi sert l'identité nationale*. Marseille: Ágone, 2008, p. 154.

³⁸⁵ KAUFFMAN, Grégoire. *Le Nouveau FN. Les vieux habits du populisme*, Le Seuil, 2016.

³⁸⁶ DOUCET, David & DEJEAN, Mathieu. *La Politique malgré elle: la jeunesse cachée de Marine le Pen*, La Tengo, 2017.

do populismo nacional desde o século XIX: a este respeito, todas as gerações Le Pen se encaixam perfeitamente na tradição francesa da extrema direita”.³⁸⁷

Para o FN, seus principais concorrentes políticos, o UMP e o PS, estão há muito tempo comprometidos com a manutenção do status quo e aliados à manutenção da ordem econômica vigente. Portanto, qualquer possibilidade de participação popular ou sua ampliação é nula.

Em 2005, durante o mandato do presidente Jacques Chirac, a população foi consultada para discutir sobre a Constituição da UE. O UMP pedia o voto para a aceitação da Constituição Europeia, assim como o PS, que, embora fizesse oposição ao governo, chamava seus eleitores para votarem favoravelmente também. Em contrapartida, o FN, e ironicamente partidos de extrema esquerda, como o PCF, faziam campanha para o voto contrário.

Para Marine, o voto favorável à Constituição Europeia significava um voto a favor da destruição do sistema econômico francês, pois ele só beneficiaria as empresas multinacionais e o sistema financeiro, o que seria avassalador para os pequenos e médios comerciantes franceses, pois estes perderiam espaços frente aos grandes conglomerados. Economicamente, o país perderia sua autonomia financeira e a capacidade de controlar o fluxo de entrada de produtos estrangeiros no seu país, destruindo, a médio e longo prazo, os comerciantes nacionais. Ao final da consulta, o não venceu com 54% dos votos, sendo 50% desses eleitores pertencentes ao FN.

Esse primeiro sinal do descontentamento popular com a política tradicional fez com que o FN se empolgasse com as futuras eleições, inclusive a própria Marine. Quando ela começou sua carreira política, em 2008, foi eleita conselheira da região de Hénin-Beaumont e também da região de Nord-Pas-de-Calais, lugares que tradicionalmente votavam no FN, ou em partidos com programas políticos conservadores. Porém, agora, seu principal trabalho era o de buscar novos eleitores, alcançar espaços e públicos que não pertenciam historicamente à extrema direita.

Durante a campanha presidencial para 2012, o FN procurou se aproveitar dos espaços deixados pela política tradicional para avançar em terrenos antes não aproveitados. Um dos locais bem explorados pelo partido foram as regiões da França que passavam por um longo processo de desindustrialização desde os anos 1990, em virtude da fuga das grandes indústrias para os Tigres Asiáticos, sobretudo para a

³⁸⁷ KAUFFMAN, Grégoire. *Le Nouveau FN. Les vieux habits du populisme*, Le Seuil, 2016, p. 37.

China, que se mudaram com a intenção de diminuir os custos operacionais, tributários e trabalhistas.

As grandes indústrias no continente europeu acabaram migrando para outros países onde a mão de obra era muito mais barata e onde conseguiriam sobreviver à competição mundial. As que permaneceram na França, por diversos motivos, não conseguiram sustentar por muito tempo o mesmo nível de competição global. Muitas dessas empresas foram entrando em processo de falência, ou diminuíram sua produção para um nível quase medíocre em comparação ao seu máximo produtivo. Esse processo de diminuição da indústria francesa colaborou de forma extensiva para os índices de desemprego no país, deixando dezenas de milhares de franceses desempregados, cuja maioria possuía curso técnico nas áreas de trabalho, de modo que havia poucas alternativas para um próximo emprego.

Atrelado ao processo de desindustrialização dos polos franceses, outro fator teve grande impacto na economia do país — a crise econômica de 2008. Nesse contexto, alguns países membros da UE, como Grécia, Portugal, Espanha e Itália sofreram drástica redução econômica, tendo que ampliar agressivamente pacotes de austeridade econômica para evitar um colapso financeiro em seus países e, mesmo assim, a Grécia não conseguiu evitar o fracasso econômico e precisou de ajuda do Banco Europeu para conseguir se manter respirando.

A crise também atingiu em cheio a França. No intuito de salvar as instituições bancárias, o governo teve que injetar dinheiro para evitar a falência do sistema financeiro. Evidentemente, o dinheiro para salvar as empresas teria que ser retirado de outro setor, de modo que uma das principais propostas do governo para sanar a crise foi o corte de vagas no sistema educacional, com diminuição de 14 mil professores, além de uma reforma educacional no sistema francês. Também houve flexibilização das jornadas de trabalho e mudanças nos planos de aposentadorias em quase todas as categorias.

O terceiro ponto de agravamento da crise é a questão da imigração, que cresceu absurdamente durante os dois mandatos do presidente Sarkozy. Embora em sua campanha presidencial ele tenha criado um plano de imigração seletiva — no qual a seleção para entrada na França seria de acordo com as necessidades nacionais —, este projeto fracassou e foi responsável pelo desgaste político do governo UMP,

segundo João Carvalho.³⁸⁸ Além disso, outros agravantes também prejudicaram o partido, como as acusações de corrupção na prefeitura de Paris, praticado por secretários do prefeito Emmanuel Macro, que seria futuro candidato à presidência nas eleições de 2017.

O FN, aproveitando esse contexto de crise, lançava suas propagandas políticas nas regiões onde os níveis de desemprego eram maiores, conseguindo, em zonas industriais, aumentar suas chances eleitorais, como ocorreu, por exemplo, na região norte do país, nas minas de carvão e nas zonas portuárias que, tradicionalmente, eram regiões do PS. Para esse trabalho de propaganda nas regiões onde o discurso do FN pouco alcançava a população, Marine indicou seu colega de partido, Steve Briois, para gerenciar a campanha nesses espaços estratégicos, pois o mesmo conhecia a região, por ter sido eleito conselheiro regional de Nord-Pas-de-Calais, de 1998 a 2014.³⁸⁹

Essas regiões industriais da França sofriam com o aumento do desemprego, com a precariedade das condições de trabalho nas indústrias e com o aumento da imigração, principalmente de africanos muçulmanos, oriundos das antigas colônias francesas. Esse cotidiano afetava parte da população local, que constantemente criticava e demonstrava insatisfação política com as instituições francesas, principalmente com o governo de Sarkozy, que falhou em controlar a imigração no país.³⁹⁰

Durante a campanha presidencial, Marine procurou atacar o candidato do UMP, principalmente nas questões ligadas à imigração, buscando deslegitimar o governo em questão, acusando seus ministros e os partidos de coalização — que representavam a maioria na Câmara dos Deputados franceses — de omissão frente às políticas migratórias do UMP.³⁹¹

³⁸⁸ CARVALHO, João. Promessas quebradas do Presidente Sarkozy políticas de controlo da imigração e integração francesas entre 2007 e 2012. Disponível em: <http://www.academia.edu/30871371/Promessas_quebradas_do_Presidente_Sarkozy_pol%C3%ADticas_de_controlo_da_imigra%C3%A7%C3%A3o_e_integra%C3%A7%C3%A3o_francesas_entre_2007_e_2012.pdf>. Acesso em: 23/05/2015.

³⁸⁹ CNEWMATIN. *Steeve. Briois, l'homme de Marine Le Pen à Hénin-Beaumont* Disponível em <<http://www.cnewsmatin.fr/politique/2012-06-02/steeve-briois-lhomme-de-marine-le-pen-henin-beaumont-33988>>. Acesso em: 10/09/2017.

³⁹⁰ CARVALHO, João. *Promessas quebradas do Presidente Sarkozy políticas de controlo da imigração e integração francesas...*, op. cit.

³⁹¹ FRONT NATIONAL. *lettre ouverte clandestins*. Paris: Nations Presse, 2011. Disponível em: <<http://www.nationspresse.info/wp-content/uploads/2011/07/lettre-ouverte-clandestins.pdf>>. Acesso em: 18/12/2014.

O primeiro grande confronto político de Marine seriam as eleições presidenciais. Diferente das eleições anteriores de que a líder frontista havia participado, esta clamava atenção popular e mundial. A entrada de um presidente de extrema direita em uma das nações mais desenvolvidas e educadas do Ocidente seria considerada uma aberração. Outros países com menor expressão, como a Áustria, já haviam sido pressionados e ameaçados de boicote mundial, devido às vitórias do partido de extrema direita, de Jorg Haider, o Partido para Liberdade da Áustria.³⁹² Em caso de vitória, Marine seria duramente criticada por seus adversários políticos e sofreria com a pressão internacional diariamente.

Como candidata à presidência, Marine iria construir um discurso nacionalista. Seu grande apelo nas eleições seria a questão da imigração. Economicamente, Marine se posicionava contra o atual sistema econômico vigente na França, criticando o neoliberalismo e a globalização. Sua proposta seria de um governo nacionalista, protecionista, que deveria garantir a soberania da economia francesa e desenvolver as pequenas e médias empresas nacionais com uma política internacional própria. Portanto, sua eleição seria pautada em questões econômicas que atingiam setores de classes, principalmente as médias, altas e baixas, descontentes com a política atual, que privilegiava as grandes indústrias e as multinacionais, deixando de lado a política de desenvolvimento do empresariado nacional, o que colaboraria para a pouca competitividade dos pequenos e médios comerciantes com as grandes empresas estrangeiras, que competiam livremente, sem regulamentações específicas, devido à abertura e às regras de livre mercado e circulação da comunidade europeia.³⁹³

Na política internacional, Marine se preocupava em criticar duramente a UE pela forma como ela destruía a autonomia dos países em gerir sua própria economia e poder trabalhar com câmbios individuais, com a possibilidade de cada país ter sua própria moeda. A adoção do euro para a maioria dos países da comunidade europeia — apenas a Inglaterra não aceitou tal imposição — era vista por Marine como prejudicial para as economias nacionais, por não permitir que cada país controlasse seu próprio fluxo cambial, desvalorizando seu câmbio, quando necessário, ou

³⁹² WILLIAMS, Michelle. *The Impact of Radical Right-Wing Parties in West European Democracies*. New York: Palgrave, 2006, p. 166.

³⁹³ FRONT NATIONAL. *Sortir de l'euro creera du pouvoir achat*. Paris: Front National, 2011. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/pdf/sortir-de-l-euro-creera-du-pouvoir-achat.pdf>>. Acesso em: 10/12/2014.

valorizando sua moeda a fim de melhorar a competitividade internacional.³⁹⁴ Outro objetivo de Marine seria buscar uma nova forma política de resolver os problemas internacionais, propondo a saída da Otan, que, segundo ela, não funcionava de forma neutra.

Para as eleições de 2012, o FN lançou um programa político esboçando as principais ideias do partido para a maioria dos setores do país. Nesse programa, chamado “Meu projeto — para França e para os franceses”, são discutidas a agenda e as principais pautas do partido, as quais, provavelmente, seriam postas em prática caso Marine vencesse as eleições. Nos aspectos relacionados à economia do país, o FN discutia a necessidade da liberdade monetária para sair da crise econômica e tornar a economia mais competitiva.

O que nos chama a atenção quanto ao projeto do FN é que o controle monetário ajudaria o país a flexibilizar sua moeda em relação ao dólar e a outras moedas com potencial econômico, para poder controlar melhor o crescimento do país, pois, em determinados setores, a desvalorização da moeda seria benéfica, ao passo que sua valorização frente ao dólar ou ao euro beneficiaria outros setores,³⁹⁵ como, por exemplo, as seções de desenvolvimento de tecnologia francesa ou *commodities* produzidas no país. Dependendo da valorização desses produtos, eles poderiam se tornar mais competitivos, aumentando os lucros das empresas, ou a moeda poderia ser desvalorizada para aumentar as chances de competitividade do produto frente a produtos de importação.³⁹⁶

No programa completo do FN, chamado “O projeto completo do Front National”, há um subcapítulo referente ao projeto econômico (“Recuperação econômica e social”), em que a flexibilização da moeda como forma de recuperação econômica é mostrada como um problema de âmbito maior, algo que a maioria dos países-membros da comunidade europeia enfrentavam.

A crítica ao euro coloca em questão as políticas adotadas pelo governo do UMP em relação ao Senado Europeu, que não se posiciona de forma submissa aos desmandos da UE. Outro ponto levantado pelo FN em seu projeto é a forma como era estabelecida a competitividade e a circulação de mercadorias dentro da comunidade

³⁹⁴ Ibidem.

³⁹⁵ FRONT NATIONAL. *Mon projet: pour la france et les français*. Paris, 2012.

³⁹⁶ FRONT NATIONAL. Le projet complet du Front National, 2012. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/le-projet-de-marine-le-pen/>>. Acesso em: 17/11/2015.

européia, sem considerar a individualidade nacional, as despesas de produção e os financiamentos que cada país depositava em cada setor produtivo, pois, tanto o subsídio como a isenção de impostos sobre determinado produto específico favoreciam determinado produto em detrimento de seus concorrentes no mercado.³⁹⁷ Logo, a crítica estabelecida pelo FN ao euro e aos mecanismos de funcionalidade do livre mercado existente dentro da UE reforçava a crítica do partido ao livre mercado supostamente existente.³⁹⁸

Em uma das passagens do projeto, o FN se posiciona sobre a necessidade de reformular a economia:

Depois de 10 anos, o euro, moeda única, não tem mantido nenhuma de suas promessas. Seu resultado é definido: explosão dos preços, o desemprego, as deslocalizações, a dívida. A França deve se preparar, em conjunto com seus parceiros europeus, para a evolução do euro, se tornando uma moeda comum, coexistindo com o Franco, que seria restaurado. Este dispositivo, proposto para os franceses através de um referendo, permitiria oxigenar nossa economia e retornar o caminho da prosperidade.³⁹⁹

Neste sentido, o FN fazia duras críticas ao sistema capitalista neoliberal, indo na contramão de grande parte da direita tradicional (que sempre se afirmava enquanto direita-liberal) e da própria extrema direita, que, depois dos anos 1980, adotaram o liberalismo de Reagan e Thatcher como projeto econômico. Obviamente existiam outras alternativas, como o próprio Bruno Mégret e outros pensadores da direita nacionalista, que procuravam um projeto entre o capitalismo e o socialismo. Mégret escreveu um livro sobre essa questão chamado *Terceira Via*.

O programa do FN também se posicionava sobre as questões de evasão fiscal, principalmente após o escândalo do grupo d L'Oréal e sua relação com membros do UMP. Eles propunham fiscalizar com maior rigor grupos financeiros e grandes empresas multinacionais, assim como aumentar as taxas de impostos e fiscalização das grandes riquezas.

³⁹⁷ Ibidem, p. 54.

³⁹⁸ Ibidem, p. 55.

³⁹⁹ FRONT NATIONAL. Mon projet, op. cit. p. 3. ["De puis 10 ans, l'euro, monnaie unique, n'a tenu aucune de ses promesses. Son bilan est sans appel: explosion des prix, chômage, délocalisations, dette. La France doit préparer, avec ses partenaires européens, l'évolution de l'euro, qui deviendrait une monnaie commune, coexistant avec le franc, qui serait rétabli. Ce dispositif, proposé aux Français dans le cadre d'un référendum, permettrait d'oxygéner notre économie et de retrouver la voie de la prospérité" – tradução livre].

Além do campo econômico, o FN procurou se modernizar em relação a outras esferas da sociedade, buscando defender um amplo programa social. Nesse programa, eles defendiam uma ampliação do Estado de bem-estar social.⁴⁰⁰ Nas questões da saúde, Marine defendia um maior investimento em hospitais e também maior cuidado com os aposentados e terceira idade.

No aspecto da saúde, o FN propunha uma maior estrutura dos órgãos sanitários, os quais deviam atender todas as regiões de maneira efetiva, tanto as áreas urbanas como as rurais. Para isso, era necessário investir também na formação dos profissionais de saúde, no aumento dos salários e na estrutura móvel para atender regiões rurais afastadas.

Embora seja importante citar alguns pontos do programa do FN, deixaremos as colocações específicas do projeto político de Marine Le Pen e seu aspecto comparativo com o FN de seu pai para o quarto capítulo, no qual será feito um estudo comparativo entre os dois momentos do FN. Iremos nos focar na eleição de 2012, seus resultados e a importância desse momento para a continuidade do projeto de desdiabolização do FN.

3.3 As eleições de 2012 e 2014

A fim de entender o funcionamento das eleições francesas, devemos compreender como ela funciona em seus aspectos legais. Para que um membro de um partido possa ser candidato à presidência francesa, tornando-se elegível, é necessário um número mínimo de assinaturas.

As eleições presidenciais acontecem regularmente no primeiro semestre do ano. Conforme as regras da eleição presidencial, regida pela Constituição Francesa, para poder ser candidato à presidência da França, até um mês antes do período de inscrição da candidatura do partido, é necessária a homologação das 500 assinaturas, que devem ser protocoladas até o dia 16 de março de 2012, sendo conferidas pelo Conselho Eleitoral Francês. Após as conferências e definições homologadas dos candidatos, estabeleceu-se que, em 2012, as eleições do primeiro turno ficariam

⁴⁰⁰ Enquanto que o próprio FN defendia, na década de 1980, o fim do assistencialismo, visto como uma forma de sustento para parasitas. Veremos mais sobre o projeto do FN em outro capítulo dedicado à formação e consolidação do partido.

marcadas para o dia 22 de abril, ao passo que o segundo turno estaria previsto para o dia 06 de maio, portanto, os partidos teriam pouco tempo para se prepararem estrategicamente para as eleições. Com as assinaturas confirmadas, Marine Le Pen se tornou oficialmente candidata do FN.

A campanha oficial teve início no dia 20 de março. Nas eleições francesas todos os partidos possuem o mesmo espaço nos meios de comunicação para divulgação das suas ideias, portanto, cada partido teria condições iguais de aparecer na televisão, rádio e internet. Nos 30 dias que antecedem o primeiro turno, segundo a legislação francesa, ocorre o período das propagandas políticas e, aparentemente, os partidos detêm condições iguais no que diz respeito às redes de tevê e rádios estatais. Fica sob responsabilidade do Conselho Superior Audiovisual fiscalizar e regulamentar o tempo de interação de cada candidato e garantir a pluralidade da expressão política, determinando o tempo das intervenções, das análises e das reportagens políticas.

Porém, a imprensa escrita privada, como também as revistas e editoriais dos partidos, até mesmo as mídias sociais dos partidos políticos e comunidades virtuais, estão isentas das regras de campanha. Nesse quesito, os partidos com maiores condições financeiras levam vantagem em expor suas ideias, pois detêm de maior capital e meios para expandir sua campanha política. Apenas dias antes das eleições, os sites oficiais das campanhas, blogs e perfis nas redes sociais ficam proibidos de manifestar qualquer tipo de propaganda política.

Após a realização do primeiro turno das eleições presidenciais, o resultado foi inesperado, principalmente para o FN, que ficou em terceiro lugar, com aproximadamente 17,9% dos votos válidos. Marine Le Pen terminou atrás do candidato Nicolas Sarkozy, com 27,2%, por uma diferença de pouco mais de 2 milhões de votos. Embora derrotada e sem alcançar o segundo turno das eleições, o resultado dela frente ao FN foi surpreendente, pois alcançava a marca histórica de 6.421.426 de votos válidos recebidos. A eleição registrou uma popularidade que colocava o FN como a terceira maior força política do país.⁴⁰¹ Marine alcançou números excelentes para o FN, considerando ser sua primeira eleição como líder do partido, desafiando as pesquisas eleitorais, que colocavam Jean-Luc Mélenchon, do Frente de Esquerda (Front de Gauche), como terceira força política.

⁴⁰¹ RTL. Présidentielle: les résultats définitifs du premier tour dévoilés. Disponível em: <<http://www.rtl.fr/actu/politique/presidentielle-les-resultats-definitifs-du-premier-tour-devoiles->>.

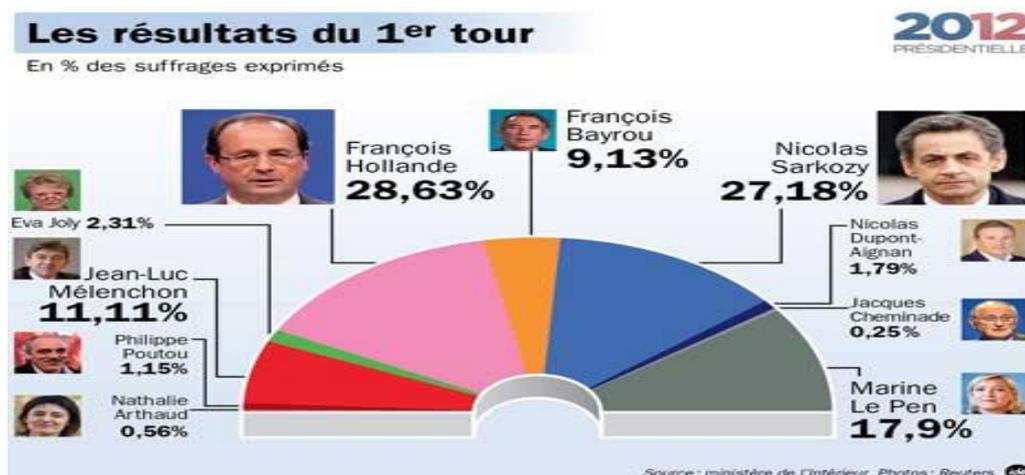


Figura 12. Resultados do primeiro turno das eleições francesas

Fonte: <<https://uneautrehistoire.blog4ever.com/2012-france-elections-presidentielles>>

Durante toda história política do FN, Jean-Marie Le Pen participou de pelo menos cinco eleições presidenciais (1974-2002),⁴⁰² e sua campanha mais expressiva, ao longo da existência do partido, foi nas eleições de 2002, obtendo aproximadamente 16,9% dos votos válidos, algo próximo de 4,8 milhões de votos. Portanto, em termos quantitativos, Marine Le Pen, em relação ao seu pai, obteve um crescimento enorme, na casa de 2 milhões de votos, comparando com a eleição de 2002.

Para entender melhor o fenômeno do FN nas eleições de 2012 e realmente compreender seu verdadeiro impacto no cenário político, devemos considerar algumas informações que, embora sejam de ordem numérica, podem nos mostrar como, em relação às eleições anteriores, houve, por parte de certos partidos, retração dos votos e, no caso do FN, um aumento significativo.

Na corrida eleitoral de 2012, em comparação com a de 2007, o FN, por exemplo, apresentou um crescimento de 60% dos votos (3.834.539 votos). Já o PSF, nas eleições de 2007, recebeu cerca de 25,87% dos votos válidos (9.500.112); em 2012, o partido recebeu 28,63% dos votos (10.272.705), apresentando um crescimento de 8% de seu eleitorado. Embora o PS tenha crescido, podemos dizer que, no âmbito da direita, são poucos votos que migraram da esquerda para o UMP

⁴⁰² Nas eleições presidenciais de 1981, Jean-Marie Le Pen não alcançou a quantidade suficiente de assinaturas para participar das eleições presidenciais. Cf. SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York: Routledge, 2007, p. 191.

ou para o FN. Parte desses votos da esquerda devem ter sido diluídos nas outras alternativas à esquerda, como no partido de Jean-Luc Mélechon.

Já o partido de situação (UMP), após mais de quatro mandatos consecutivos no poder, em sua primeira eleição, em 2007, recebeu 31,2% dos votos (11.448.663). Em 2012, o partido de Sarkozy recebeu aproximadamente 27,2% dos votos (9.753.629), tendo uma perda de 15% do seu eleitorado, embora não seja possível mensurar qual o percentual desse eleitorado possa ter votado no FN, ter votado nulo, ou ingressado para o grupo da abstenção.

Para o FN, essa eleição foi histórica, pois nunca haviam desfrutado de tamanho prestígio e número de eleitores. Com certeza uma enorme vitória para Marine e seu projeto de renovação do FN. Com esse resultado, apresentando números excepcionais em sua primeira eleição à presidência da França, Marine começou a recuperar seu reconhecimento entre os dissidentes do partido, que desacreditaram de sua capacidade de liderança. Tal resultado reaproximou a família Le Pen do MNR, presidido por Bruno Mégret. Com esse processo de sucesso, o FN ressurgia das cinzas. De desacreditado e com seu fim decretado por seus adversários políticos, voltava ao cenário com um número excelente de votos⁴⁰³ e com uma posição de importância, pois, diferente da direita tradicional, o FN estava em crescimento, ao passo que o UMP estava sofrendo em virtude de seus problemas políticos e dos casos de corrupção.

O segundo turno das eleições francesas se tornou uma corrida pelos votos do FN, e ambos os partidos vencedores buscaram atraí-los, porque os seis milhões de eleitores do FN fariam uma diferença gritante para vencer o segundo turno das eleições. Em uma tentativa desesperada para conseguir os votos do FN, o então presidente, Nicolas Sarkozy, declarou que Marine Le Pen era compatível com a República francesa: “Le Pen est compatible avec la République”,⁴⁰⁴ porém seu manifesto não foi bem-sucedido, surtindo mais efeitos negativos do que positivos, pois os eleitores do UMP não queriam, em momento nenhum, ser comparados a um partido de extrema direita.

⁴⁰³ GOODLIFFE, Gabriel. *The resurgence of the National Front in France: From boulangisme to the Front National*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

⁴⁰⁴ LE MONDE. Sarkozy a bien assuré que Le Pen est compatible avec la République. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/04/25/sarkozy-a-bien-assure-que-le-pen-est-compatible-avec-la-republique_1690764_1471069.html>. Acesso em: 09/08/2017.

A declaração do então presidente foi ridicularizada pelos militantes do FN, que durante toda sua história buscaram se diferenciar da direita tradicional, e, em nenhum momento, Marine se mostrou solidária à candidatura de Sarkozy. Mesmo com a possível vitória do PSF, Marine declarou em entrevista que votaria em branco e que seus militantes deveriam votar conforme suas convicções, mas ressaltando que ambos os candidatos do segundo turno seriam presidentes pertencentes “ao sistema”.⁴⁰⁵

Na mesma entrevista, Marine satirizou a importância do segundo turno das eleições, dizendo que “no dia 06, não se elegerá o novo presidente da república, apenas um simples empregado do Banco Europeu”.⁴⁰⁶ Ao final, os esforços do UMP não se concretizaram no segundo turno das eleições, e o candidato vencedor foi François Hollande, do PSF.

Embora Marine tenha saído derrotada das eleições, conseguiu uma projeção política internacional. Em diversos jornais do mundo se falava sobre a campanha presidencial do FN. Com ideias novas, sem o ranço racista e antissemita que persistiu durante anos no partido que representa, Marine Le Pen talvez tenha conseguido avançar politicamente mais que qualquer outro partido de extrema direita na Europa. O discurso remodelado alcançou objetivos em curto prazo, permitindo que os 40 anos de existência do FN praticamente não tivessem validade política, em virtude dos pouquíssimos resultados concretizados em tanto tempo de atividade. O partido, reinventado por Marine Le Pen, possuía a ousadia de romper com toda uma tradição da extrema direita que perdurava desde a Revolução Francesa.

Para os jornalistas franceses e pesquisadores da área, Marine mostrou estar se transformado em uma candidata com muito potencial, mas com uma plataforma ainda considerada perigosa, pois, embora moderna, apresentava diversos elementos xenófobos e islamofóbicos. A constatação sobre Marine é que ela havia, em todos os sentidos, superado seu pai e se revelado como uma real alternativa política, diferente de boa parte da extrema direita fascista francesa, que não apresentava traços de evolução, de amadurecimento e de um projeto político concreto, ou, pelo menos, um

⁴⁰⁵ LE MONDE. Marine Le Pen, qui votera blanc, ne donne pas de consigne à ses électeurs. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article /2012/05/01/marine-le-pen-qui-votera-blanc-ne-donne-pas-de-consigne-a-ses-electeurs_1693683_1471069.html# RF2O5ibvoPCyolhg.99>. Acesso em: 22/09/2017.

⁴⁰⁶ LA VANGUARDIA.

projeto próprio. Uma das preocupações dos adversários políticos de Marine Le Pen é que eles perceberam o quanto seu avanço seria perigoso para o *establishment* político, principalmente por desestruturar os partidos hegemônicos.

Depois das eleições de 2012, vários estudos surgiram para tentar compreender essa nova tendência política. Um dos trabalhos de extrema importância foi o de Philippe Huelin, que propôs um “raio x” sobre o eleitorado de 2012. A pesquisa apresentou dados extremamente relevantes, demonstrando os votos dos trabalhadores franceses que, nas eleições anteriores, dividiam a atenção com os partidos tradicionais. Em 2012, segundo a referida pesquisa, cerca de 28 a 35% dos trabalhadores teriam votado no FN, sendo o partido com maior crescimento entre o proletariado francês, tendo 8% a mais que o PS, que teria recebido entre 21-27% dos votos dos trabalhadores.

Esse eleitor, segundo Huelin, seria o trabalhador sem educação superior, talvez com formação em alguma área técnica, jovens de cidades do interior do norte da França que não conseguiram ingressar em cursos técnicos ou mesmo em uma faculdade. Esse perfil demonstrava grupos de eleitores que não possuíam uma boa condição de vida, culpavam o sistema pela diminuição dos padrões de vida dos franceses, sentiam-se lesados pelos problemas da pós-modernidade e do multiculturalismo, bem como enxergavam a relação imigração x desemprego, culpando o aumento da imigração — e seu custo sendo bancado pelo Estado — pelo excesso de impostos e pela diminuição das condições de vida.

Após as eleições presidenciais, o FN se preparava para novas etapas, buscando continuar crescendo politicamente. No mesmo ano teríamos as eleições legislativas para a Assembleia Nacional e o partido estaria de olho nas eleições da Câmara dos Deputados do Parlamento Europeu.

Nas eleições para a Assembleia Nacional que ocorreriam em julho de 2012, o FN preparava uma lista de candidatos para disputar em quase todo território francês. As eleições também aconteceriam em dois turnos. Porém, diferente das eleições presidenciais, nas quais o FN poderia concorrer com apenas um candidato, nas eleições legislativas, o partido não conseguiu fazer acordos políticos com outros partidos e formar uma aliança que reproduzisse a mesma quantidade de votos que ele conseguiu angariar nas eleições presidenciais. Muitos partidos de direita, embora pequenos, não queriam associar sua imagem com o FN, limitando as opções da lista de candidatos para as legislativas. Embora o crescimento do FN fosse associado a

uma modernização do partido, ainda havia muitos grupos que encaravam a candidatura de Marine com outros olhos.

Com o desafio de conseguir avançar com seu projeto político, Marine lança a campanha *Rassemblement Bleu Marine* (RBM), a fim de mostrar renovação, avançando em temáticas não abrangidas pelo projeto eleitoral de 2012. Seu plano apresentava diversas originalidades em relação a tudo que já havia sido produzido pelo FN, quebrando barreiras importantes do partido, o que gerou um desgaste na sua base.

Em um dos seus primeiros esboços políticos, Marine lançou um livro em 2006, *Contre flots*. Nele, ela esboçaria suas primeiras ideias sobre uma nova política. Em primeiro lugar, Marine se posicionava contra os descasos do mundo atual, no qual o sistema financeiro especulativo conseguia produzir riqueza com muita facilidade, concentrando-a na mão de poucos e às custas do empobrecimento global.⁴⁰⁷ Para ela, o sistema capitalista produziu poucos milionários, deixando a maioria da população assalariada e os trabalhadores em todo mundo vivendo em péssimas condições de vida. Seu livro é uma reivindicação social e uma crítica ao sistema econômico francês.

Marine também começa a delinear sua compreensão de sociedade francesa. Para ela, não deveriam existir critérios que estabelecem vínculos de separação entre as pessoas que vivem nas mesmas comunidades, desde que elas partilhem de algo em comum, no caso, viver em um mesmo território. Neste sentido, Marine compreende que a separação religiosa, entre cristãos, judeus e muçulmanos não deveria existir, desde que a religião fosse algo particular, exercida em espaços destinados a essas práticas, não ferindo a laicidade do Estado. Da mesma forma, também acredita que a orientação sexual é algo particular. Diante disso, Marine dispõe todos em um mesmo grupo: franceses, independente da sua origem, classe, sexualidade e religião devem assimilar a cultura e o modo de vida francês.

Em contrapartida, para que todos sejam franceses, devem partilhar dos valores republicanos. É por esse fato que ela critica tanto o tratamento dado às mulheres muçulmanas como as imposições religiosas. Para Marine, em uma sociedade avançada e secular como a francesa, seus habitantes devem se adaptar e se integrar aos costumes locais. As separações promovidas pelos dogmas religiosos seriam, para

⁴⁰⁷ LE PEN, Marine. *À Contre flots*. Paris: Grancher. 2011, p. 201.

ela, o principal fator de fragmentação social e da marginalização dos muçulmanos. Portanto, o projeto do FN se apresenta para todos aqueles que se ajustam a um denominador comum — a condição de se aceitar enquanto francês e viver sob tais regimentos.⁴⁰⁸

A política compreende que a nação deve ser o principal gestor da sociedade, principalmente garantindo sua integração, seu bem-estar e que esteja a serviço do desenvolvimento nacional, respeitando a laicidade dos valores republicanos.⁴⁰⁹

Após as eleições presidenciais francesas, Marine continuou trabalhando em seu projeto de renovação do FN. Assim, criou a campanha RBM,⁴¹⁰ slogan para as eleições parlamentares que ocorreriam ainda no ano de 2012, com a intenção de divulgar de forma ampla a nova agenda do partido, procurando atrair os votos dos eleitores de direita com uma tendência mais progressista, bem como angariar votos da esquerda. De certa forma, Marine procurava atrair os eleitores da esquerda que eram nacionalistas e céticos em relação aos benefícios da UE e que se sentiam desamparados e desiludidos com seus representantes.

Nas eleições legislativas, o FN obteve 3,5 milhões de votos, aproximadamente 16,5%, resultado que lhe permitiu duas cadeiras legislativas, representadas por sua sobrinha, Marion Marechal Le Pen, e por Gilbert Collard. A jovem Marion, embora fizesse parte do processo de renovação do partido, possuía personalidade forte, indo de encontro a alguns pontos do novo projeto do FN, tanto que ela foi uma das líderes do FN nas manifestações contrárias ao casamento homoafetivo na França, em 2012, enquanto Marine havia se declarado a favor da união.

Marion liderou, junto com Collard e Bruno Gollnisch, parte expressiva dos militantes do FN para a marcha pelas ruas de Paris, com o objetivo de protestar contra a lei que regulamentava a união entre pessoas do mesmo sexo.⁴¹¹

Collard, após vencer as eleições legislativas, juntou-se ao comitê político de Marine, sendo colocado no posto de secretário-geral da campanha RBM. Ele foi um dos responsáveis pelo processo de renovação do discurso do partido, colaborando com produções sobre a laicidade do Estado e discursando em defesa da república.

⁴⁰⁸ Ibidem, p. 286.

⁴⁰⁹ LE PEN, Marine. *A contre flots...*, op. cit., p. 290.

⁴¹⁰ LEBOURG, Nicolas. *2007-2017: Dix Années de Marine-Lepénisme*. Fondation Jean Jaures, 2016, p. 1-10.

⁴¹¹ Ibidem.

Ele também foi um dos colaboradores da alteração da linha do partido em atacar os muçulmanos e o islã.⁴¹²

O ano de 2014 ainda reservou boas surpresas para o FN e para a campanha RBM. Nas eleições municipais, o partido conquistou quase 1500 cargos de conselheiros municipais, o que caracteriza um feito histórico. Nas eleições do Parlamento Europeu, o FN foi o partido mais votado da França, vencendo as eleições com aproximadamente 4.7 milhões de votos, conseguindo 24 assentos dos 74 disponíveis para a França, tornando-se o partido de extrema direita com maior representação no Parlamento Europeu. Outro feito inédito no ano de 2014 foi a eleição de dois senadores do FN.

Portanto, desde a entrada de Marine Le Pen à presidência do FN, seu sucesso eleitoral é espantoso. Em 2012, no primeiro turno, ela recebeu 18,03% dos votos, um aumento de quase 8% em relação aos resultados obtidos por seu pai em 2007 (10,44%). Embora ela não tenha chegado em segundo lugar, como seu pai havia feito em 2002, ela recebeu 896 mil votos a mais do que ele recebera 10 anos antes. Nas eleições legislativas de 2012, o FN recebeu um total de 13,77% dos votos (em comparação com 4,29%, em 2007) e ganhou dois assentos na Assembleia Nacional.⁴¹³ As eleições de 2012 também foram significativas em outro ponto, o FN avançou em lugares que antes eram historicamente ligados a partidos de centro-direita e também a territórios eleitorais da esquerda, destacando-se, por exemplo, em zonas rurais e em subúrbios das grandes cidades. Tais eleições, portanto, marcaram a primeira vez em que o partido conseguiu ganhos significativos na França rural e nos subúrbios de grandes cidades.⁴¹⁴

Embora seja necessário discutir o projeto de renovação de Marine Le Pen com maior rigor, deixaremos essa problematização para o quarto capítulo, que tratará do tema com maior profundidade, de forma comparativa com a política de seu pai.

Após as eleições de 2012 e 2014, podemos concluir que o FN avançou, conquistando vitórias positivas no Parlamento Europeu, nas eleições regionais e

⁴¹² DOUCET, David & DEJEAN, Mathieu. *La Politique malgré elle: la jeunesse cachée de Marine le Pen*, La Tengo, 2017

⁴¹³ HEWLETT, Mark. Voting in the shadow of the crisis. The French presidential and parliamentary elections of 2012. *Modern and Contemporary France*, v. 20, n. 4, 2012, p. 403-420. Cf. SHIELDS, James. Marine Le Pen and the 'New' FN: A change of style or of substance? *Parliamentary Affairs*, v. 66, n. 1, 2013, p. 179-196.

⁴¹⁴ *Ibidem*, p. 415.

municipais, alcançando, assim, feitos inéditos. A percepção desse crescimento não ficou apenas evidente para a academia e para os especialistas e cientistas políticos. Parte da sociedade europeia parou para ver o crescimento do FN; em outros países, esse mesmo fenômeno da extrema direita também ocorreu.

As principais críticas do FN à política tradicional parecem ter surtido efeito, pois parte expressiva da população começou a perceber que esses partidos, em consonância com a UE, defendiam, em grande maioria, os interesses do capitalismo e das empresas multinacionais, tanto que o UMP e o PS pouco faziam para romper com a lógica neoliberal.

Até mesmo François Hollande, do PS, ao contrário de se colocar no combate ao programa de austeridade imposta pelo Banco Europeu, aprofundou o processo de eliminação da política de bem-estar social, continuando a retirada dos direitos sociais conquistados através das lutas sociais. Essa velha política acabava por reduzir as esperanças da população quanto aos partidos hegemônicos.

Após as eleições, o UMP foi fechado, transformando-se em Les Républicains⁴¹⁵ (LR) na tentativa de fugir da crise política que assolava o partido e alguns membros importantes, como Emmanuel Macron.

Os responsáveis por decretar o fim do UMP enquanto partido político foram os diversos casos de corrupção na prefeitura de Paris, comandada por Macron. Tais casos vieram a público e associavam-se a políticos do UMP e à empresa L'Oréal, que financiava o partido em troca de facilitação de evasão fiscal para paraísos fiscais.

Já o partido do então vencedor François Hollande sofreu com as críticas da esquerda e da extrema esquerda, por ter se tornado um partido reformista, atrelado ao capitalismo e ao projeto neoliberal da UE. O PSF se colocava como um partido social-democrata e defendia uma espécie de “capitalismo humano”.

Um dos principais ataques ao PSF era sobre seu posicionamento passivo em relação ao desmonte do Estado de bem-estar social, o que foi criticado duramente por vários políticos, que consideravam o PSF uma “esquerda caviar”, taxada como burguesa, com suas fileiras recheadas de intelectuais, professores universitários e artistas, completamente descolados do “chão de fábrica”, distantes dos movimentos sindicais e sociais e dos trabalhadores.

⁴¹⁵ Os Republicanos. Partido político francês, fundado em 30 de maio de 2015, e liderado por Nicolas Sarkozy. Ele foi criado para substituir o UMP.

Para abalar ainda mais a credibilidade do PSF, houve o escândalo envolvendo a prisão do economista — e um dos principais líderes do partido — Dominique Strauss-Kahn, nos Estados Unidos, acusado de abuso sexual. Até o ocorrido o deputado do PSF era um dos candidatos favoritos na sucessão de François Hollande à presidência francesa.

A queda da popularidade dos partidos tradicionais⁴¹⁶ e a renovação do FN — que não se abalava mais com a política de marginalização utilizada por seus rivais — não chocavam mais a população francesa. Parte da sociedade já enxergava o FN como uma opção política viável na França. Suas propostas para a recuperação da soberana defesa nacional e do Estado de bem-estar social atraíam o público francês, que via o desmonte do Estado e o aprofundamento da crise causada pelas consequências de um neoliberalismo europeu, o qual afetava a França e a encaminhava para uma profunda crise social.

Portanto, a estratégia de desdiabolização de Marine Le Pen se provou um sucesso, não apenas internamente, conquistando principalmente os militantes mais jovens do partido, como externamente. A maquiagem ideológica do partido tem atraído uma gama maior de simpatizantes.⁴¹⁷ Marine emergiu como uma forte candidata e reuniu novos apoiadores, tendo como plataforma resolver problemas de imigração, segurança e identidade nacional. Além disso, ela se propôs a debater pautas tradicionalmente vinculadas a partidos de esquerda, a exemplo de reestatização de empresas importantes para a autonomia do país; saneamento básico; empresas ligadas à geração de energia, controle hídrico, produção e refinamento de combustíveis. Também propôs reajustes nos salários-mínimos e proteção às aposentadorias, demonstrando-se abertamente contra o projeto de austeridade sugerido pela UE e pelo Banco Europeu.

Com o projeto da desdiabolização em curso, o FN conseguiu experimentar seu renascimento político no cenário francês, ganhando seu próprio espaço, consolidando-se como o principal partido nacionalista e ocupando a posição de terceira força política. Aos olhos de alguns setores do público francês, com a entrada

⁴¹⁶ Com base nos votos das eleições presidenciais, regionais e municipais é possível perceber a diminuição de votos e o apoio aos partidos tradicionais, assim como o aumento da abstenção da população.

⁴¹⁷ Coomarasamy, James. 2011, Oct 22. Marine Le Pen: Detoxifying France's national front. BBC News, Paris. Disponível em: <<https://www.bbc.co.uk/news/magazine-15405326>>. Acesso em: 07/07/2018.

de Marine Le Pen na presidência do FN, o partido ganhou maior respeitabilidade, sendo opção de voto, frente à crise de representação política que o mundo hoje atravessa. É reconhecido dentro do cenário político que o crescimento do FN como força política é resultado do esforço de Marine Le Pen e de seus aliados. Segundo pesquisa da TNS-Sofres, durante as eleições presidenciais de 2012, a desdiabolização do partido já havia alcançado resultados surpreendentes. A pesquisa demonstra que a rejeição do FN entre os eleitores caiu de 70%, em 2002, para 53%, em 2012. Em outra pesquisa do mesmo instituto, o FN, segundo os entrevistados, deixou de ser visto como um partido perigoso e marginalizado, sendo considerado um partido normal pela maioria. Por fim, em uma terceira pesquisa, os entrevistados acreditavam que o FN representava os valores tradicionais e patrióticos (43%) e apenas uma parte ainda considerava o FN um partido xenófobo (41%).⁴¹⁸

Em 2014, a maré de sorte do FN continuou a aumentar, a campanha RBM, em conjunto com o projeto de desdiabolização do partido, continuou colhendo frutos. Nas eleições municipais de março de 2014, o partido conseguiu eleger 12 prefeitos e 1534 conselheiros municipais — seu melhor resultado em nível local em toda sua história. As mais notáveis foram as vitórias em Frejus, o 7º distrito de Marselha, e em Hénin-Beaumont, com Marion Marechal Le Pen.⁴¹⁹

As conquistas no Parlamento Europeu também foram simbólicas, o sucesso foi maior que o esperado pelo FN. Com 25% dos votos nacionais, o FN, pela primeira vez em sua história, havia vencido os partidos tradicionais, ficando à frente do PS e do UMP. A diferença de votos para com os outros partidos demonstrou a força do projeto de desdiabolização. Em relação ao PS, o FN teve quase 11% de votos a mais;⁴²⁰ em relação ao UMP, o partido foi superior em 6% de votos. Todavia, especialistas políticos e jornalistas tentaram baixar a expectativa do partido, procurando deslegitimar a

⁴¹⁸ TNS Sofres. 2015. Barome`tre d'image du front national. Disponível em: <<http://www.tns-sofres.com/sites/default/files/2015.02.16-baro-fn.pdf>>; TNS-Sofres. Disponível em: <http://www.tns-sofres.com/_assets/files/2012.01.13-lepen.pdf>; TNS Sofres. Disponível em: <http://www.tns-sofres.com/_assets/files/2012.06.01-fn.pdf>; TNS Sofres. Disponível em: <http://www.tns-sofres.com/_assets/files/2012.01.12-barofn.pdf>. Acesso em: 05/04/2017.

⁴¹⁹ Laubacher, Paul. 2014. Municipales: les trois victoires du Front National. Le Nouvel Observateur. Disponível em: <<http://tempsreel.nouvelobs.com/elections-municipales-2014/20140330.OBS1903/municipalesles-trois-victoires-du-front-national.html>>. 2014>. Acesso em: 14/05/2017.

⁴²⁰ MINISTÉRIO DO INTERIOR. Résultats des élections européennes 2014, 2014. Disponível em: <[http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Lesresultats/Europeennes/elecresult__ER2014/\(path\)/ER2014/index.html](http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Lesresultats/Europeennes/elecresult__ER2014/(path)/ER2014/index.html)>. Acesso em: 10/10/2017.

votação do Parlamento Europeu, como algo de desinteresse da população francesa,⁴²¹ com o intuito de diminuir os feitos de Marine Le Pen. Para ela e seu diretório, essa eleição foi simbólica e representa um feito extraordinário, pois o partido demonstrou força política, sobretudo porque venceu os partidos hegemônicos. Isso ocorreu, em primeiro lugar, porque o FN teve um número de votos muito maior que o PS, seu inimigo histórico; em segundo, porque, ao se colocar como alternativa aos eleitores de direita, o FN demonstrou força política. Portanto, estar à frente do UMP foi uma excelente vitória para o RBM.⁴²²

Além da vitória em território nacional, a eleição do Parlamento Europeu também serviu para colocar o FN como partido em destaque no parlamento, tornando-se o partido de extrema direita com o maior sucesso eleitoral já visto. No total, o FN elegeu 24 deputados, para ocupar o cargo na Câmara Europeia, em Bruxelas e Strasbourg.⁴²³

Nessa caminhada de crescimento do FN, em 2015, nas eleições distritais, o FN teve 25,2% dos votos, o que confirmou o avanço da campanha de Marine Le Pen que, logo no final do ano, nas eleições regionais, conseguiu obter 27,9% dos votos, embora esse número tenha se estabilizado no segundo turno. No final das eleições regionais, o FN havia conseguido superar suas expectativas, conseguindo eleger candidatos em todos os conselhos regionais das regiões metropolitanas da França.⁴²⁴

Muito embora o FN tenha saído fortalecido das eleições que ocorreram entre 2012 e 2015, alguns setores da mídia e políticos buscaram deslegitimar o crescimento do FN. Alguns políticos franceses — entre eles, Xavier Bertrand, do LR — criticaram o FN, dizendo que os votos extremistas seriam mais uma posição de protesto do que um voto no programa político de Marine Le Pen. Ele ainda mencionou que, embora Marine Le Pen tentasse “modernizar” as ideias do partido, este continuava sendo um partido de extrema direita.⁴²⁵

⁴²¹ RUSSO, Luana. France: The historic victory of the Front National. In: *The European parliament elections of 2014*, in De Sio Lprenzo, Vincenzo Emanuele and Nicola Maggini. Rome: CISE, 2014, p. 181-187.

⁴²² Ibidem, p. 186.

⁴²³ MINISTÉRIO DO INTERIOR. Les résultats, 2015 Disponível em: <<http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats>>. Acesso em: 08/06/2018.

⁴²⁴ MINISTÉRIO DO INTERIOR. Résultats des élections régionales, 2015. Disponível em: <http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Regionales/elecresult__regionales-2015/%28path%29/regionales-2015/index.html>. Acesso em: 15/07/2018.

⁴²⁵ LE POINT. Vel d'Hiv: pour Xavier Bertrand (LR), le FN “reste d'extrême droite”, 2015. Disponível em: <<https://www.lepoint.fr/politique/vel-d-hiv-pour-xavier-bertrand-lr-le-fn-reste-d-extreme-droite-10-ph>>. Acesso em: 04/10/2018.

Na mídia, em geral, muitos jornalistas acreditavam que seria errado superestimar o sucesso eleitoral do FN, visto que os sucessos eleitorais conseguidos pelo FN seriam resultado de uma insatisfação geral da população com as condições do cenário social e político na França, descartando a teoria de um suposto retorno das ideias extremistas e do conservadorismo no país. Os jornais *Le Monde* e *Libération*, com um viés mais progressista, procuraram entender o avanço do RBM como resultado da crise econômica em curso, do desemprego elevado, dos escândalos de corrupção do UMP e dos deslizes do governo Sarkozy. Da mesma forma, a mídia credita tal avanço aos problemas internos que atravessam os partidos de esquerda franceses, a exemplo do PCF, PC e PS; aos problemas de renovação dos quadros políticos; aos conflitos das bases; e ao esvaziamento de ideias e capacidade de autocrítica, de reconhecer os erros das gestões dos partidos tradicionais nos últimos 20 anos. Considera, ainda, o excessivo número de abstenção eleitoral, atingindo um valor recorde: menos de 50% do eleitorado francês votou nas eleições europeias e no primeiro turno das eleições departamentais e regionais.

Entretanto, discordamos da abordagem da mídia francesa e dos partidos que fazem oposição ao FN, procurando deslegitimar seu sucesso. Temos que procurar compreender o avanço dos movimentos de extrema direita em escala mundial, pois esse fenômeno não atingiu exclusivamente a França, mas grande parte do Ocidente. A islamofobia e a xenofobia que têm tomado conta da agenda política europeia é reflexo de um processo histórico a ser estudado profundamente. Com base em algumas informações, podemos verificar que o sucesso do FN não se consolida apenas nos votos recebidos, mas na cristalização do seu projeto ideológico, que encontra eco nas mais diversas classes sociais. O discurso do FN tem atingido um em cada quatro franceses, o que foi concretizado em voto durante quatro eleições (27% dos votos médios entre 2012 e 2015). Sua base de militância cresceu de 45 mil membros, em 2007, para 80 mil filiados, em 2012, ou seja, 35 mil filiados a mais, com média de idade de 35 anos.⁴²⁶ Além disso, o partido se estabeleceu com uma base fortalecida de eleitores, tendo em média 5 milhões de votos nessas eleições. Em suma, o FN está bem amparado para desenvolver sua agenda política no cenário nacional e garantir forças legislativas suficientes para impor sua pauta

⁴²⁶ PERRINEAU, Pascal. La renaissance électorale de l'électorat frontiste. Élections 2012, les électorats politiques, note n. 5, 2012. Disponível em: <<http://www.cevipof.com/fr/les-publications/notes-de-recherche/bdd/publication/966>>. Acesso em: 04/07/2018.

conservadora.⁴²⁷

Embora seu crescimento político tenha sido notável, o FN não conseguiu se desvincular do seu passado marginalizado, principalmente pelas atitudes e declarações de seu fundador, Jean-Marie Le Pen. Às vésperas das eleições presidenciais de 2017, Marine Le Pen e sua cúpula se viram no centro das atenções, porém, de forma negativa, devido ao início de uma disputa de Jean-Marie Le Pen — representante da vanguarda do FN, das ideias antissemitas, racistas, homofóbicas e xenófobas — contra a “modernização” e “desdiabolização” de Marine Le Pen e da juventude, sendo declarada aberta uma luta pela identidade, ideologia e liderança do FN durante a campanha presidencial.

Na tentativa de mostrar força e por não se sentir mais reconhecido pela liderança de sua filha, Jean-Marie Le Pen voltou a reiterar suas posições antissemitas e de negação do Holocausto, tornando-se um problema cada vez maior para sua filha.⁴²⁸ Após várias críticas públicas sobre os rumos tomados pelo partido e declarações preconceituosas, o partido se posicionou a favor de Marine Le Pen, dando um aviso a Jean-Marie Le Pen sobre um possível afastamento do cargo de presidente de honra ou impugnação de sua candidatura pelo partido. Esse conflito familiar foi piorando à medida que Jean-Marie Le Pen dava declarações fortes e sua filha tinha que colocar panos quentes e desmentir publicamente o pai.

Em Marselha, no dia 21 de maio de 2014, Jean-Marie Le Pen disse que o ebola seria a solução para acabar com a imigração africana na Europa. Segundo ele, o vírus poderia resolver o problema de “explosão populacional” do planeta e da imigração.⁴²⁹ A repercussão foi enorme na mídia francesa, o que obrigou Marine Le Pen ir a público se manifestar contra a afirmação do pai. No mesmo ano, durante um evento, Jean-Marie Le Pen foi questionado sobre as críticas da imprensa e de algumas figuras públicas importantes, quando disparou: “Da próxima vez faremos uma fornada com eles”.⁴³⁰ Tal comentário, imediatamente, repercutiu os comentários anteriores sobre

⁴²⁷ PERRINEAU, Pascal. *La France au Front*. Paris: Fayard, 2014.

⁴²⁸ REUTERS. Comentários sobre Holocausto atingem candidatura presidencial de Marine Le Pen, 2017. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKBN17U311-OBRWD>>. Acesso em: 05/02/2018.

⁴²⁹ LE MONDE. Ebola pour « égle » les problèmes d'immigration, une simple « observation » Disponível em: <https://www.lemonde.fr/europeennes-2014/article/2014/05/21/pour-jean-marie-le-pen-le-virus-ebola-peut-regler-en-trois-mois-les-problemes-d-immigration_4422584_4350146.html>. Acesso em: 09/09/2018.

⁴³⁰ LE MONDE. Propos sur la « fournée » : Jean-Marie Le Pen renvoyé en correctionnell. Disponível

os campos de concentração. Novamente, o partido teve que emitir nota contrariando a afirmação do ancião do FN e fazendo uma declaração diferente do pensamento que era predominante no partido.

Após as diversas declarações polêmicas que estariam prejudicando o partido e a campanha presidencial, o FN decidiu expulsar Jean-Marie Le Pen do partido, o que trouxe publicidade positiva para a campanha de Marine Le Pen e corroborou a ideia de modernização do partido, visto que a expulsão do seu pai do FN demonstrou a força política de Marine Le Pen e de seus colaboradores. Essa demonstração de forças também serviu para mostrar aos antigos e novos militantes que não seriam mais tolerados comportamentos agressivos, racistas ou qualquer ato que prejudicasse o projeto de desdiabolização do FN.

Como resultado ao longo de 2015, o partido continuou a ter uma alta pontuação nas pesquisas de opinião. De acordo com a pesquisa representativa da IFOP, realizada em 3 e 4 de setembro de 2015, Marine Le Pen teria aproximadamente 29% das intenções de voto, o que superaria sua margem atingida nas eleições de 2012. Outro aspecto que também se provou importante é que não houve êxodo do partido entre 2012 a 2017, a popularidade de Marine Le Pen apenas aumentou. Segundo o IFOP, Marine Le Pen foi a candidata que mais havia crescido entre os jovens franceses.⁴³¹

Nos próximos capítulos iremos discutir questões comparativas entre Jean-Marie Le Pen e Marine Le Pen. Quais as diferenças entre as lideranças? Até que ponto o programa e a ideologia do FN mudaram, ou houve apenas mudança discursiva? Há alguma mudança real para o centro, ou o FN simplesmente reformulou seus slogans de forma diferente, ou não há nenhuma mudança programática?

Como os membros e os eleitores mudaram? Quem são os milhões de novos eleitores e dezenas de milhares de novos membros? Por que eles apoiam o FN? Essas questões são de extrema importância se quisermos entender o partido e seus sucessos eleitorais.

em: <https://www.lemonde.fr/politique/article/2017/07/18/propos-sur-la-fournee-jean-marie-le-pen-renvoye-en-correctionnelle_5162005_823448.html>. Acesso em : 25/09/2018.

⁴³¹ LE POINT. *Présidentielle 2017: un tiers des jeunes prêts à voter Marine Le Pen Un an avant l'échéance, la candidate FN semble toujours plus populaire chez les 18-25 ans. Au point de récolter la majorité de leurs intentions de vote.* 2016. Disponível em: <https://www.lepoint.fr/politique/presidentielle-2017-un-tiers-des-jeunes-prets-a-voter-marine-le-pen-03-05-2016-2036828_20.php>. Acesso em: 09/09/2018.

Em síntese, discutiremos a mudança (ou a falta dela) na ideologia do partido entre Marine Le Pen e Jean-Marie Le Pen; os estilos de liderança e composição das elites partidárias dos dois líderes; a filiação do partido antes e depois da transição da liderança; e os eleitores do FN sob a liderança de Marine e Jean-Marie Le Pen.

4. DIFERENÇAS IDEOLÓGICAS DO FRONT NATIONAL

*As câmaras de gás são apenas um detalhe da Segunda Guerra Mundial.*⁴³²

(Jean-Marie Le Pen)

*Na história da humanidade, não existiu um exemplo pacífico e durável da coexistência entre diferença étnica e comunidade religiosa.*⁴³³

(Bruno Mégret)

Neste capítulo, iremos abordar a ideologia do FN, comparando se existem diferenças entre o período em que Jean-Marie Le Pen dirigiu o partido e se existe uma nova ideologia que surgiu durante o processo de modernização de Marine Le Pen. Procuraremos, desse modo, identificar se houve uma mudança ideológica, ou se é uma prática real ou apenas um realinhamento no campo discursivo para remodelar a imagem do partido e atrair eleitores descontentes com a política tradicional. Portanto nos próximos capítulos investigaremos de forma comparativa alguns aspectos entre ambas as lideranças do FN.

A fim de aprofundar nossa pesquisa, procuramos escolher os pontos que consideramos de maior relevância para comparar os diferentes períodos. Nessa seleção focaremos nas questões da ideologia do partido e nos principais pontos debatidos pelo FN, os quais são prioridade na sua agenda política.

No período liderado por Jean-Marie Le Pen, investigaremos sua posição nos seguintes temas: imigração, segurança pública, segurança social, identidade nacional, nacionalismo, economia, dentre outros aspectos abordados por ele durante os 40 anos em que foi a principal liderança do partido.

Já no comando de Marine Le Pen, iremos aprofundar temas relacionados à ideologia defendida pelo partido, porém com uma abordagem diferente, pois no

⁴³² LE PEN, Jean-Marie. Entrevista de Jean-Marie Le Pen ao RTL-Le Monde. 1987. [“Les Cambres à gaz étaient un détail de la Seconde Guerre Mondiale”].

⁴³³ CRÉPON, Sylvain. *La nouvelle extrême droite* – Enquête sur les jeunes militants du Front National. Paris: L’Harmattan, 2006, p. 65. [“In the history of human mankind, there is no example of peaceful and durable coexistence between different ethnic and religious communities”].

projeto de desdiabolização do FN a remodelação do discurso acaba por ser apresentada de maneira mais sutil, diferente da abordagem tradicional, vista por Marine Le Pen como saturada ou superada na conjuntura política atual, como no caso do anticomunismo e do antissemitismo.

Ao longo dos 40 anos de existência do FN, sob liderança de Jean-Marie Le Pen, o FN forneceu aos seus membros, militantes e simpatizantes, uma visão simplificada e distorcida do mundo, em especial ao tentar construir uma imagem simbólica de uma França gloriosa e tradicional que historicamente jamais existiu; existiu apenas no saudosismo de alguns grupos extremistas, os quais não conseguem se reconhecer inseridos em um mundo transformado.

Neste sentido, os dirigentes do FN construíram (criação de um consenso) uma narrativa histórica-nacional, em que a sociedade francesa havia sido derrotada. O desmonte do Império Francês, na metade do século XX, teria empurrado a França para uma posição mundial subalterna. A sociedade francesa é construída como uma sociedade derrotada, ocupada pelas forças estrangeiras (imigrantes africanos), tomada por uma insegurança pública e social, com políticas públicas frouxas e oprimida pela globalização econômica e pelo avanço da UE, o que retira a soberania nacional das mãos dos franceses. Nessa construção simbólica, os partidos tradicionais de direita e de esquerda são os principais responsáveis por colocar o país nessa situação “humilhante”.⁴³⁴ A visão construída pelo FN é de que uma nação deveria pertencer apenas àqueles cidadãos, cujos laços de pertencimento estivessem ligados às características em comum, que compartilhassem da mesma história, do mesmo grupo étnico, da mesma cultura, da mesma língua e dos mesmos valores cristãos.⁴³⁵

No sentido prático, o FN procurou desenvolver uma visão política e uma identidade que atingissem os cidadãos cansados de compartilhar com os estrangeiros as suas supostas conquistas sociais e seus privilégios. Essa posição do partido, de criar ressentimento entre a população francesa e os imigrantes, tem como objetivo aumentar seu apoio eleitoral baseado no medo, na incompreensão, no preconceito. O partido também aproveita desse posicionamento para associar a questão da imigração como o componente principal dos diversos problemas enfrentados pelo

⁴³⁴ HAINSWORTH, Paul. *The Extreme Right in Western Europe*. New York: Routledge, 2008, p. 12.

⁴³⁵ *Ibidem*, p. 13.

país. Portanto, a imigração e os imigrantes se tornam responsáveis, segundo o discurso do FN, pelas questões de insegurança pública, do aumento do desemprego e da criminalidade nas áreas urbanas, bem como do aumento do tráfico de drogas nos bairros mais pobres, os quais acabam concentrando o maior número de imigrantes. O uso do aumento da violência é uma das armas do FN, para gerar a sensação de insegurança no país, tentando, assim, atrair mais apoio. Da mesma forma, o FN apela para o endividamento do Estado, indicando que o aumento de gasto e diminuição das condições de vida dos franceses resultam de políticas públicas para imigrantes — estado de bem-estar social —, o que deveria ser aplicado aos franceses.⁴³⁶

4.1 A ideologia de Jean-Marie Le Pen

O FN, de Jean-Marie Le Pen, enquanto partido, atuou dentro do cenário francês, dentro da legalidade institucional, rompendo com a marginalidade dos movimentos de extrema direita das décadas de 1950 e 1960, que viviam na inconstitucionalidade, sendo a maioria proibidos judicialmente de existir.⁴³⁷ Neste sentido, o partido se estabeleceu legalmente, respeitando as instituições democráticas francesas e abandonando o autoritarismo totalitário de caráter fascista. Todavia, seu projeto político se caracterizava pelas ideias extremistas, como oposição às ideias liberais e rejeição aos programas progressistas e de inclusão às minorias do país. O FN defendia uma França exclusiva e etnicamente homogênea, sempre criticando o multiculturalismo.

Jean-Marie Le Pen, a principal contribuição política para a extrema direita europeia, colocou a imigração como pauta principal no programa político do FN. Em seus programas políticos, praticamente todas as áreas discutidas tinham como pano de fundo a crítica à imigração ilegal, ou seja, questões como a segurança social e pública e o mercado de trabalho foram construídas em torno do tema da imigração. A posição anti-imigração do partido serviu de norte para desenvolver ideias radicais,

⁴³⁶ EATWELL, Roger. The rebirth of the extreme right in Western Europe. *Parliamentary Affairs*, v. 53, n. 3, 2000, p. 413-425.

⁴³⁷ FRANCO DE ANDRADE, Guilherme I. *Uma nova Frente Nacional? O projeto político de Marine Le Pen*. 1ª. ed. Porto Alegre: Edipuc, 2017, p. 60.

beirando o autoritarismo, como projetos de expulsão total dos imigrantes ilegais do país, na defesa da soberania nacional e da identidade francesa.⁴³⁸

4.1.1 A imigração como problema social e político

Assim como o FN, a maioria dos partidos de extrema direita na Europa colocaram a imigração como pauta principal de seus projetos políticos. Portanto, a política anti-imigratória e a retórica extremista foram e continuam sendo debatidas na maioria dos parlamentos dos países da Europa Ocidental, assim como também no parlamento da UE, sendo a imigração vista como um problema continental, na visão da extrema direita.⁴³⁹

O FN, sob liderança de Jean-Marie Le Pen, com seu discurso xenófobo, reiterava em suas campanhas eleitorais o combate à imigração no país. Esse norte ideológico, iniciado pelo FN em 1970, encontrava ressonância na sociedade civil francesa, pois muitos cidadãos se incomodavam com os fluxos migratórios para a França. Vale ressaltar que nas décadas de 1970, 1980 e início de 1990 os países europeus prosperavam economicamente, de modo que se fazia necessário incentivar a imigração para ocupar diferentes postos de trabalho que não fossem preenchidos pelos habitantes locais.⁴⁴⁰ Com o bom funcionamento do *welfare state*, as populações europeias possuíam uma qualidade de vida satisfatória, deixando para os imigrantes os trabalhos que não lhes interessavam, pelo tipo específico de certos trabalhos, pouco atrativos por questões dos baixos salários.

Portanto, para o desenvolvimento capitalista do país, atrair os imigrantes era extremamente importante. Do ponto de vista empresarial, os trabalhadores franceses, comparados aos imigrantes ilegais, custavam muito às empresas, devido ao custo que o trabalhador nacional possuía, com todos os encargos trabalhistas e custos fiscais para a empresa. Já os imigrantes não possuíam os mesmos direitos trabalhistas, pois

⁴³⁸ ART, David. *Inside the Radical Right: The Development of Anti-Immigrant Parties in Western Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

⁴³⁹ BALENT, Magali. *Le Monde Selon Marine: La Politique Internationale du Front National*. Paris: Armand Colis, 2012.

⁴⁴⁰ VAN DER BRUG, Wouter. Why some anti-immigrant parties fail and others succeed: A two-step model of aggregate electoral support. *Comparative Political Studies*, v. 38, n. 5, 2005, p. 537-573.

estavam irregulares no país, por isso aceitavam receber salários menores, e os patrões não arcavam com seus encargos. Desse modo, era muito mais lucrativo contratar trabalhadores ilegais, os quais ocupavam um grande mercado de reserva e se submetiam a qualquer situação para sustentar suas famílias, ao passo que o trabalhador francês já possuía exigências maiores para ocupar os postos de trabalho. Portanto, a imigração, do ponto de vista econômico, sempre foi e sempre será extremamente lucrativa para o empresariado e para o comércio. Como o fato de os imigrantes estimularem e colaborarem com a economia nacional não ser importante para a extrema direita, eles são tratados como responsáveis pelo declínio do país.

Nas campanhas políticas do FN, a imigração sempre foi tema central. Ela é retratada como o câncer do país também no discurso, nas produções textuais (a exemplo de livros com as propostas políticas) e nos projetos nacionais produzidos pela direção política. Nas mídias oficiais do partido, o tema imigração também é central, é lá que os intelectuais do partido se esforçam para a produção do consenso.

Em suas mídias, Jean-Marie Le Pen discursava sobre as questões em torno da imigração, como, por exemplo, o quanto a imigração ilegal custava aos cofres públicos. Na sua campanha para presidente em 2007, durante os debates, Jean-Marie Le Pen começou a atacar seus adversários, taxando-os como candidatos coniventes com o fluxo migratório, o que levaria a França à ruína.⁴⁴¹

Segundo o FN, a imigração ilegal custava cerca de 60 bilhões de euros por ano. Diante desse cálculo, Jean-Marie Le Pen se exaltava, dizendo que os custos arcados pelo governo, com cidadãos que sequer eram franceses, eram um absurdo, um crime de lesa-pátria. Em suas apresentações, ele colocava que o sistema carcerário francês possuía um alto custo de manutenção, pois as prisões estavam superlotadas e 70% dos presos eram estrangeiros, imigrantes ilegais.⁴⁴²

Com esse discurso, o FN assinalava que o aumento da criminalidade no país estava relacionado com a entrada de imigrantes. Na lógica do FN, se a maioria dos presos são os imigrantes, a criminalidade, portanto, é reflexo da imigração. Nessa linha discursiva, o partido colocava em xeque os aumentos de gastos com o sistema prisional e com a segurança pública. Obviamente a solução proposta para acabar com

⁴⁴¹ FRONT NATIONAL. Élection Présidentielle 2007: Programme, 2007. Disponível em: <<http://ipolitique.free.fr/francepolitique/lepen2007.pdf>> 2007. Acesso em: 29.12.2018.

⁴⁴² Ibidem.

esses supostos problemas seria a deportação desses imigrantes.⁴⁴³

Outro ponto batido pelo partido é que o Estado francês era negligente em suas fronteiras, pois, segundo seus dados, 95% dos imigrantes entravam na França sem um contrato de trabalho, e 70% deles não iam embora do país. Nessa mesma linha discursiva, Jean-Marie Le Pen também buscava reforçar seu discurso, dizendo que 50% dos beneficiários da previdência social eram imigrantes. Assim, como as escolas e universidades estavam lotadas de estrangeiros, isso representava um custo enorme para os cofres públicos. Com essas temáticas na centralidade retórica do FN, a imigração deixou de ser apenas um problema de entrada e saída de pessoas no país, mas se tornou o fator principal para a insegurança pública, os gastos orçamentários, a seguridade social, o mercado de trabalho e a perda de espaço dos franceses em seu próprio país.⁴⁴⁴

Na retórica do FN, a insegurança pública e a criminalidade no país estavam diretamente ligadas à imigração. Segundo o partido as instituições francesas disfarçavam os dados e mascaravam a realidade da população, pois os crimes contra a população branca francesa não eram reportados corretamente nos laudos criminais. O governo tentava manipular os dados para esconder da população nativa a realidade da criminalidade, que, segundo o FN, era cometida pelos imigrantes. No intuito de combater os problemas de insegurança pública, o partido propunha a volta da pena de morte e uma política de tolerância zero.⁴⁴⁵

A política de tolerância zero do FN incluía a expulsão integral de todos os prisioneiros com situação irregular no país e a pena de morte para crimes hediondos ou homicídios causados por imigrantes. Entre outras medidas adotadas pelo FN, destacam-se: o combate ao tráfico de drogas, ao crime organizado e ao desmantelamento das redes de imigração ilegal, bem como a pronta deportação de todos os imigrantes ilegais no país.⁴⁴⁶

Na política de tolerância zero do FN, o partido também buscava acabar com as fraudes cometidas pelos imigrantes nos sistemas públicos, como os afastamentos por

⁴⁴³ Ibidem, p. 15.

⁴⁴⁴ Ibidem, p. 8.

⁴⁴⁵ Vox-FN. Du crépuscule a l'aube, synthèse d'une vision dumonde, 2006. Disponível em: <<http://vox-fn.hautetfort.com/archive/2006/02/21/du-crepuscule-a-l-aube-synthese-d-une-vision-du-monde.html>>. Acesso em: 05/05/2017.

⁴⁴⁶ FRONT NATIONAL. Sécurité et Justice. Disponível em: <<http://frontnational.com/programmesecurite>>. Acesso em: 04/04/2017.

doenças, as licenças-maternidade e outras causas de afastamento que permitiam que os imigrantes recebessem benefícios do governo. De acordo com seu programa político, os imigrantes (legais e ilegais) estariam se aproveitando do Estado de bem-estar social francês, pois tanto a saúde quanto a educação eram públicas, sem restrições de acesso aos filhos dos imigrantes, independentemente de sua regularidade.⁴⁴⁷ O partido alegava que a imigração massiva desencadeou um déficit no orçamento do Estado, pois os imigrantes não colaboravam com os impostos necessários para que pudessem usufruir de seus benefícios, sendo então custeados pelo dinheiro dos impostos dos cidadãos franceses.

Nessa retórica, o cidadão natural da França estava sendo negligenciado pelo Estado, pois seu esforço era redirecionado para outros grupos sociais, deixando a população francesa de lado. De acordo com o FN, essa pressão sobre o sistema de seguridade social francesa virou um fardo financeiro, de modo que a população nativa não era obrigada a financiar a vida dos imigrantes. No programa eleitoral do partido, os setores públicos franceses deveriam ser apenas utilizados pelos franceses. Segundo o partido deveria haver “a supressão de todos os benefícios sociais àqueles que não são franceses”.⁴⁴⁸

Esse conjunto de ideias sobre a exclusão dos benefícios sociais aos estrangeiros ficou conhecido no programa do FN como “preferência nacional”, que consistia na defesa integral de direitos apenas dos cidadãos franceses, sendo que esse princípio nacional deveria ser incluído na Constituição da V República. Segundo o partido, a preferência aos cidadãos franceses deveria de fato se alongar em questões como a habitação social, o pagamento de benefícios extras aos cidadãos franceses e a preferência nas seleções de empregos no setor público.⁴⁴⁹

A política de Jean-Marie Le Pen marcou sua passagem durante sua presidência no FN. O partido ficou conhecido pelo combate à imigração e por tudo que a envolve indiretamente. Ademais, o partido sempre criticou o processo de globalização, do neoliberalismo (como foi aplicado na criação da UE) e do multiculturalismo, assim como sempre problematizou sobre a invasão estrangeira na Europa, considerando-a uma das principais causas da destruição dos Estados nacionais e da identidade

⁴⁴⁷ FRONT NATIONAL. Élection Présidentielle..., op. cit.

⁴⁴⁸ FRONT NATIONAL. Sécurité et social. Disponível em: <<http://frontnational.com/programmesecu.php>>. Acesso em: 04/04/2017.

⁴⁴⁹ Ibidem.

nacional.⁴⁵⁰

O uso de estatísticas do próprio governo — nas áreas de saúde, educação, habitação e segurança, para promoção de suas ideias — até faz sentido. O problema é que são escondidos os dados reais sobre a importância da imigração e da mão de obra estrangeira no país, como, por exemplo, a arrecadação que é proporcionada pelos imigrantes, o aumento de bens de consumo, o crescimento dos comércios e também a ocupação de vagas em setores nos quais havia escassez de mão de obra. Assim, a retórica utilizada pelo FN tem como viés ideológico gerar hostilidade da população francesa à imigração, sobretudo à imigração oriunda de países muçulmanos.

Embora o FN condene a imigração muçulmana, a França, desde meados do século XIX, é uma das principais rotas migratórias da Europa, principalmente em sua segunda metade, quando as potências europeias alcançavam um grande nível de desenvolvimento industrial e comercial, processo resultante da Segunda Revolução Industrial. Tal desenvolvimento econômico resultou na necessidade de os capitalistas expandirem seu mercado consumidor e também buscarem formas de ampliação das forças produtivas e da obtenção de mais-valia, conseguindo reduzir drasticamente os custos produtivos e aumentar potencialmente seus lucros.

A saída encontrada pelos industriais europeus e por seus representantes políticos foi buscar novos lugares a serem explorados, resultando em um novo processo de colonização. Segundo Eric Hobsbawm,⁴⁵¹ o processo do Neocolonialismo foi resultado de uma expansão do capitalismo, devido à superprodução e à necessidade de ampliação do mercado. O imperialismo foi uma nova forma encontrada pelo capital para resolver os problemas de acúmulo de produção e para encontrar novas formas de obtenção de lucro, barateamento dos custos produtivos e de desenvolvimento tecnológico.

No caso francês, para realização de seu projeto de desenvolvimento do imperialismo na África, era necessário implantar uma nova cultura nos territórios conquistados, porque existiam diferenças culturais, linguísticas e religiosas que

⁴⁵⁰ DECLAIR, Edward. *Politics on the Fringe: The People, Policies and Organization of the French National Front*. Durham: Duke University Press, 1999, p. 128.

⁴⁵¹ HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 8ª Edição. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003, p. 88.

constituíam barreiras ao processo de desenvolvimento do capitalismo. Para que o novo formato de produção capitalista fosse consolidado nas colônias, exigia-se um nível de força de trabalho adequado aos padrões tecnológicos da época, ou seja, forçar os povos conquistados a aprenderem uma nova lógica de trabalho, que consistia em práticas diferentes, a exemplo da alta jornada de trabalho em escala industrial.

Para que esse desenvolvimento produtivo se consolidasse, o processo de colonização não poderia ser basicamente forjado na exploração econômica da região, ele deveria ser ampliado para um projeto civilizatório, ou seja, por meio da imposição de uma nova mentalidade e da implementação da religião católica-cristã, métodos para que a dominação fosse apresentada como um processo benéfico à população local, visto que para dilatar um projeto de desenvolvimento do capitalismo nessas regiões seria necessário enquadrar a população local a uma nova lógica de trabalho e de ritmo de vida, com mudanças nos hábitos cotidianos. Para garantir a implementação desse novo modelo nas colônias, foram utilizados diversos aparatos repressivos, ou seja, a violência foi uma das práticas utilizadas para garantir a manutenção da ordem nas colônias.

Nesse mesmo sentido, a dominação das colônias africanas foi justificada pelas metrópoles como sendo necessária para o desenvolvimento dessas regiões, pois, segundo o ponto de vista dos europeus, as nações africanas não eram capazes de se desenvolverem sozinhas, cabendo à Europa a responsabilidade de levar-lhes o progresso e o desenvolvimento.⁴⁵²

Portanto, a imigração hoje é resultado de dois processos — o primeiro fluxo de imigração para a França reúne os colonos franceses que foram morar nas colônias no século XIX e que, após a independência das colônias, retornaram para seu país natal. As colônias africanas, por exemplo, foram responsáveis pela entrada de mais de um milhão de imigrantes, conhecidos como *pied-noirs*,⁴⁵³ na metade do século XX até meados de 1990. A imigração, em seu segundo fluxo, foi necessária para o desenvolvimento do capitalismo na França — ajudando o crescimento social, político

⁴⁵² HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 8ª Edição. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003, p. 90.

⁴⁵³ *Pés negros* era como se chamava a população francesa que vivia nas colônias africanas. A referência aos *pés negros* vem do calçado utilizado por essa parcela da população branca em comparação aos *pés descalços* dos africanos.

e econômico —, tanto no período imperial, como também na reconstrução do país, após a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, quando o país estava destruído e sem possuir mão de obra suficiente para a reconstrução do país. Neste sentido, a imigração, quando necessária para o desenvolvimento econômico do país, não foi condenada pela extrema direita, ou seja, ela apenas é condenada quando é preciso criar uma agenda política diferente da direita e dos partidos tradicionais.⁴⁵⁴

Também existem aqueles imigrantes cuja origem remete a países onde a colonização teve maior aceitação e, de certa forma, foi bem-sucedida, através dos esforços do Estado francês, a exemplo da Argélia e de Senegal, onde o desenvolvimento da língua e da cultura foram absorvidos por parte considerável da população local, apresentando maior nível de adaptação à França. Os imigrantes dessas colônias se integraram rapidamente ao país, pois já falavam o francês fluentemente, e logo absorveram os costumes franceses, assim como seus descendentes de segunda e terceira gerações, que se alfabetizaram nas escolas do país e cresceram ambientados na sociedade.⁴⁵⁵

No programa do FN, tais questões são descartadas pelo partido. Embora os filhos de imigrantes sejam cidadãos franceses, o partido se recusa a aceitar a nacionalidade francesa desses compatriotas. Um dos casos mais emblemáticos do preconceito dos militantes do partido aconteceu em 2006, durante a Copa do Mundo de Futebol. No evento, Jean-Marie Le Pen, em uma entrevista, afirmou que aquela seleção não era uma seleção francesa, pois “Sentimos que a França não se reconhece totalmente nesta equipe, talvez o treinador tenha exagerado na proporção de jogadores de cor”.⁴⁵⁶ Na mesma entrevista, Jean-Marie Le Pen dizia que a escolha do técnico por jogadores negros era ideológica.

Uma das principais questões levantadas pelo FN, nos últimos 40 anos, é a questão da decadência cultural, assinalando como o multiculturalismo e a imigração colaboram para a destruição progressiva dos valores tradicionais europeus. Neste

⁴⁵⁴ MONNERET, J. *La guerre d'Algérie en trente-cinq questions*. L'Harmattan, 2008. p. 144-145; MONTAGNON, P. *La Guerre d'Algérie: genèse et engrenage d'une tragédie*. Paris: Pygmalion/Gérard Watelet, 1984, p. 127-1228 ; PERVILLE, G. *Pour une histoire de la guerre d'Algérie*. France: Picard, 2002.

⁴⁵⁵ SILVERMAN, Maxim. *Deconstructing the Nation - Immigration, racism and citizenship in modern France*. London: Routledge, 1992, p. 67.

⁴⁵⁶ NOUVELOBS. *Le Pen critique les Bleus, trop "colorés"*. Disponível em: <<https://www.nouvelobs.com/sport/20060626.OBS3172/le-pen-critiqueles-bleus-trop-colores.html>>. Acesso em: 10/05/2018.

sentido, o partido acredita que a imigração, principalmente a de origem muçulmana, representa diferentes culturas e visões de mundo. A existência desses grupos étnicos no país cria um choque cultural, o que entraria em confronto direto com a “gloriosa” história francesa e com tudo que existe na França, contaminando e destruindo a tradição católica-caucasiana-cristã.⁴⁵⁷

Em uma tentativa de explorar a fragilidade da tradição francesa, no programa de governo de 2007, o partido tenta construir uma retórica sobre a decadência da cultura francesa, demonstrando o desinteresse da sociedade pelas obras de artes, pelos museus e pelos patrimônios culturais da cultura francesa, a partir de estatísticas comparativas das vendas de ingressos dos museus e da queda de público em teatros e outras cenas artísticas do país. O partido culpa tanto as gestões do governo Sarkozy, do UMP, como também do PS, por terem retirado investimentos de pastas responsáveis por incentivar a produção cultural, para gastarem em áreas que beneficiavam os imigrantes, como incentivos a criações de templos e igrejas de diferentes religiões, incluindo no cardápio escolar a comida hallal, entre outras ações afirmativas do Estado. Na concepção do partido, o Estado deve se fazer presente para que não exista uma desintegração cultural. Para que a França permaneça na Francesa o povo francês deve permanecer sendo prioridade e dono de seu próprio país.⁴⁵⁸

Um dos grandes temas debatidos pelo FN é a economia. Embora existam pesquisas indicando que parte expressiva dos trabalhadores franceses votam no partido, é de extrema importância separar essas ideias. Vale ressaltar que o FN busca constantemente ampliar sua base eleitoral, o que significa que o voto dos trabalhadores é de primordial importância para seu projeto de poder. Isso não significa que seu programa econômico tenha os trabalhadores como principais beneficiários; muito pelo contrário, o FN, desde sua fundação, é e continua sendo um partido em defesa da pequena burguesia, da classe média e dos comerciantes.

Como o tema da economia é muito importante para seu projeto nacional, o partido novamente vincula a imigração a questões econômicas. No programa de governo de 2007, por exemplo, o líder Jean-Marie Le Pen propunha cortar todos os benefícios do seguro desemprego dos imigrantes e também daqueles que não têm

⁴⁵⁷ FRONT NATIONAL. Élection Présidentielle..., op. cit.

⁴⁵⁸ Ibidem, p. 45.

direito a benefícios baseados em contribuições. Como forma de ampliar a arrecadação do governo, os estrangeiros deveriam maiores contribuições para o Estado, por estatisticamente representarem a maior fatia de desempregados no país e também por trocarem de empregos constantemente.⁴⁵⁹

Com a pauta econômica voltada à população francesa, o FN propôs que o parlamento criasse uma lei para assegurar a preferência nacional a todos os empregos do setor público, bem como uma faixa majoritária no comércio e na indústria, garantindo emprego à população nativa. Tais demandas, segundo Jean-Marie Le Pen, devem-se às consequências da imigração no país, visto que a maioria dos imigrantes, na sua visão, não imigram para o país em busca de asilo político, mas de qualidade de vida proporcionada pelo bem-estar social francês e também pela boa quantidade de oferta de empregos. Segundo o programa do FN, os imigrantes que entram no país não são qualificados o suficiente para os trabalhos nos setores industriais e em cargos públicos que exigem ensino superior. Ainda segundo o programa, apenas um em cada 20 imigrantes que chegam ao país tem visto de trabalho. Portanto, 19 imigrantes chegam ao país sem ter vínculo trabalhista, inflacionando o volume de mão de obra e desvalorizando o mercado de trabalho.⁴⁶⁰ Desde 1970, o partido mantém o lema criado por François Duprat “um milhão de desempregados são um milhão de imigrantes também”.⁴⁶¹

Embora a conexão entre imigração e alta taxa de desemprego tenha sido indireta no programa oficial do FN, em 2007, ela foi esclarecida em outro lugar. Por exemplo, o FN declarou, em 2006, em um documento de posição temática: “Imigração massiva e descontrolada tira mais de um milhão de empregos dos franceses e pune severamente nossa economia ao impor custos de mais de 300 bilhões de francos”.⁴⁶²

O FN de Jean-Marie Le Pen, em sua linha ideológica e discursiva, tem conseguido ser eficiente em alguns aspectos, sobretudo no que diz respeito à imigração, pois, desde que o partido pauta esse tema como o principal em sua agenda política, ele se tornou central no debate político do cenário francês e de boa parte dos

⁴⁵⁹ FRONT NATIONAL. Élection Présidentielle..., op. cit.

⁴⁶⁰ Ibidem, p. 47.

⁴⁶¹ DUPRAT, François. [“Un million de chômeurs, c'est un million d'immigrés en trop” - slogan da campanha eleitoral do Front National em 1974].

⁴⁶² Front National. 2006. Programme Fraternité – Emploi. Disponível em: <http://www.frontnational.com/doc_frater_emploi.php>. Acesso em: 10/04/2017.

países europeus. Assim, nas eleições de 2002 até 2017, a temática foi adotada por praticamente todos os partidos franceses. Desde 1990, com o fim da Guerra Fria, a Europa é uma das principais rotas de imigração do mundo.

O partido tem conseguido incitar o medo e a xenofobia em alguns grupos sociais do país. Ele tem conseguido captar as preocupações de parte da sociedade francesa, a exemplo dos receios sobre a globalização e a UE e sobre a crise de austeridade, dentre outras preocupações que atingem diretamente os comerciantes e as classes médias e baixas.

Segundo o FN, a imigração, a UE e o neoliberalismo enfraqueceram a identidade, a cultura e a soberania nacional da França.⁴⁶³ Em seu programa, citou diversas estatísticas, procurando relativizar como a “invasão” de estrangeiros estava diretamente ligada à destruição dos valores morais e culturais franceses. Buscando provar seu argumento, Jean-Marie Le Pen discursava sobre o declínio cultural e a produção intelectual francesa, demonstrando certo saudosismo da espetacular e milenar cultura francesa. Procurando se unir a esse argumento ele demonstrava — baseado em números de ingressos vendidos — a queda dos visitantes em monumentos nacionais e o declínio de espectadores nos centros culturais dos distritos, criando, assim, uma imagem de declínio cultural em virtude da invasão do mundo islão. As descrições das “condições deploráveis” dos monumentos franceses e a vulnerabilidade do patrimônio musical indefeso da França reforçaram essa imagem de decadência.⁴⁶⁴

O partido não apenas culpou o Estado por essa desintegração cultural, mas questionava que “para que a França permaneça na Francesa, o povo francês deve permanecer dono de sua própria casa”. De fato, o partido declarou que a imigração maciça leva diretamente a um sentimento de desenraizamento: quando mulheres e homens de diferentes origens étnicas e religiosas se misturam, os imigrantes se encontram desenraizados, separados de suas tradições, assim como os franceses que moram nos bairros de imigrantes se sentem como estrangeiros em seu próprio país.⁴⁶⁵

⁴⁶³ DÉZÉ, Alexandre. *Le front national: à la conquête du pouvoir?* Paris: Armand Colin, 2012, p. 94.

⁴⁶⁴ FRONT NATIONAL. *Élection Présidentielle...* op. cit.

⁴⁶⁵ FRONT NATIONAL. *300 mesures pour la renaissance de la France*. Programme de gouvernement. Paris: Editions Nationales, 1993.

4.1.2 Outros aspectos ideológicos do período de Jean-Marie Le Pen

Quase por definição, o antipluralismo, o anti-igualitarismo, a defesa da etnia e da cultura francesa, a antiglobalização e o euroceticismo seguiram de perto a firme plataforma anti-imigração do partido. Primeiro, como uma proposta de política-chave, o termo “preferência nacional” foi mencionado e explicado seis vezes no programa presidencial do partido, em 2007. Em segundo lugar, a antiglobalização, o antiliberalismo e o euroceticismo destacaram-se fortemente no documento. Além de estarem ligados à imigração, a globalização, o liberalismo e o europeísmo foram apontados como culpados pelo declínio cultural e econômico. Em termos culturais, o neoliberalismo levou à uniformidade do estilo de vida francês, de modo que influências estrangeiras destruíram o patrimônio e as tradições da França.

Economicamente, o FN sempre procurou criticar o processo de desenvolvimento do capitalismo mundial, principalmente o processo migratório das empresas e multinacionais dos países desenvolvidos para a Ásia e África. Esse processo de transferência de empresas francesas para o exterior, a concorrência estrangeira injusta e a desindustrialização da França resultaram na diminuição da produção nacional, no aumento do desemprego, na diminuição de recursos e tributos recolhidos pelo Estado francês. Como solução, o partido propôs o restabelecimento da soberania nacional e a proteção das empresas francesas. Além disso, afirmou que tiraria a França da UE se ela fosse eleita para o poder.⁴⁶⁶

As referências ao autoritarismo, como outro componente tradicional da ideologia da extrema direita,⁴⁶⁷ também tiveram destaque no programa presidencial do FN, em 2007. Por exemplo, visando aumentar a segurança pública, o FN, para colocar em xeque a segurança pública vigente na França, criticava a fragilidade das leis e a impunidade do Estado frente ao aumento da criminalidade no país. Por isso, em seu plano de governo, o partido expandia o poder das forças coercitivas do Estado. Em seus programas de governo e em sua pauta política, o FN propunha dar mais poder à polícia e aumentar as punições para os pequenos e grandes crimes. Medidas concretas incluíam uma política de tolerância zero contra criminosos e a reintrodução

⁴⁶⁶ FRONT NATIONAL. *Élection Présidentielle...* op. cit.

⁴⁶⁷ MUDDE, Cas. *The populist radical right: A pathological normalcy. West European Politics*, v. 33, n. 6, p. 1167-1186, 2010; MUDDE, Cas. *The relationship between immigration and nativism in Europe and North America*. Washington, DC: Migration Policy Institut, 2012.

da pena de morte. O FN também queria garantir que a polícia e os militares fossem respeitados, como anjos da guarda, como heróis da nação francesa, em um culto militar que deixaria os nazistas com inveja. O culto às forças militares pelo FN deve-se ao seu histórico, visto que parte considerável de seus militantes eram ex-combatentes, milicianos, mercenários, neonazistas e membros de gangues fascistas. Visando um melhor financiamento das forças armadas e da polícia, o FN também insistia em reativar a guarda nacional e em vincular-se aos militares.

Outro ponto importante em relação ao militarismo do FN diz respeito ao fato de o partido se opor à importação de soldados, ao fornecimento de armas e a veículos terrestres e aéreos para interceder em conflitos ao redor do globo. O partido criticava a forma como a França participava de conflitos envolvendo a Otan e a ONU. Durante suas campanhas, Jean-Marie Le Pen dizia que, se eleito, planejava deixar a Otan, insistindo que os militares franceses defendessem exclusivamente os interesses franceses e as fronteiras nacionais.⁴⁶⁸

De fato, parece que nos últimos anos o presidente do partido, Jean-Marie Le Pen, procurou suavizar o seu tom populista e sua retórica, que eram a base da estratégia do FN nos anos 1980 e 1990. Em vez de ser populista, o programa eleitoral de 2007, contendo 69 páginas, foi escrito de maneira bastante científica. Ao longo do documento, o FN forneceu muitas estatísticas para respaldar suas reivindicações. Por exemplo, para cada medida de política proposta em seu programa, a parte oferecia estimativas sobre quanto essa medida custaria ao Estado ou ao contribuinte. No entanto, além da proposta de realizar referendos, reestabelecendo uma democracia direta na França, nenhuma medida populista estava na agenda. Não havia nenhuma ligação com a comunidade nacional, nem uma palavra de ordem para reunir o povo, tampouco havia qualquer proposta sobre como o FN ajudaria as classes de baixa renda ou os trabalhadores a lidar com o crescente desemprego e com as dificuldades sociais.

Além disso, o nome de Jean-Marie Le Pen não foi mencionado uma vez sequer no documento. Até mesmo o título do programa político do partido estava diferente, aparentemente mais profissional, sem as mensagens de efeito de outrora. Vale ressaltar que para a campanha de 2007, Marine Le Pen foi a responsável pela organização da campanha de seu pai. O título do livro que levava as propostas

⁴⁶⁸ FRONT NATIONAL. Élection Présidentielle... op. cit.

políticas do FN, conhecido como “Eleição Presidencial 2007 — Programa”, é colocado em um contexto que mostra um grupo de pessoas em frente a uma paisagem. O antielitismo, que muitas vezes é ligado ou visto como parte integrante do populismo, também não aparece proeminentemente no programa eleitoral do FN, em 2007. Por exemplo, havia apenas uma referência ao “UMPS”, um rótulo que o FN usou durante anos para descrever o que chama de elites corruptas dos dois principais partidos tradicionais da França, a UMP e o PS.

As palavras “corrupção” e “elites” não foram usadas. De fato, o FN foi apresentado como antielitista apenas no sentido de rejeitar todas as forças internacionais (como a UE, as corporações multinacionais e os bancos internacionais) que, segundo o partido, ameaçavam o bem-estar da economia, da cultura e da identidade francesa.

4.2 A ideologia de Marine Le Pen

A palavra desdiabolização poderia ser substituída por diversas outras para representar o processo de “transformação do FN”; por exemplo, poderíamos usar: demonização, reconfiguração ou remodelação. Porém, a palavra desdiabolização é utilizada como parte estratégica de Marine Le Pen, para demarcar a data de renascimento do partido. Embora tal palavra já tenha sido utilizada pelo FN, durante as campanhas de 2007, seu sucesso enquanto ponto de partida para uma nova “era” ganhou maior notoriedade pela mídia e pela sociedade francesa a partir da ascensão de Marine Le Pen, em 2011. Noutros termos, enquanto estratégia de democratização do partido, a palavra desdiabolização ganhou destaque durante a campanha interna para a presidência do FN, em 2011.

Marine Le Pen aprofundou a campanha de desdiabolização durante as eleições do partido, para definir o novo presidente do FN. Ela usou o termo para se distinguir de seu rival interno, Bruno Gollnisch, a quem ela se referia como o representante da velha guarda do partido, a geração fundadora, a geração a qual ela atribuía os péssimos resultados eleitorais, a quem ela relacionava a imagem xenófoba e racista, representante de uma velha geração de ativistas com doutrinas extremistas.⁴⁶⁹ Em

⁴⁶⁹ ALMEIDA, Dimitri. Towards a post-radical Front National? Patterns of ideological change and

busca de se diferenciar da antiga geração do partido, e também de se contrapor a Bruno Gollnisch, ela se apresentou como a nova face da extrema direita — com perfil moderno, composto por uma mulher, independente, supostamente com ideias novas e com espírito republicano —, empenhando-se em transformar o partido em um símbolo nacionalista, afastando-se da postura fascista e racista do passado.

Podemos pensar se essa reorientação estratégica deve ser interpretada como uma mudança apenas no âmbito discursivo, para sugerir uma nova construção narrativa da visão do FN, ou seja, simplesmente uma transformação superficial. Em outras palavras, podemos considerar a ascensão de Marine Le Pen como um real rompimento com o passado? Em primeiro lugar, baseando-se nos programas partidários do FN, de 1972 até 2002, podemos perceber diversas rupturas com o projeto político. Contrapondo as principais propostas dos velhos programas com o “novo” programa do FN, bem como observando a mídia impressa do partido (composta por dezenas de jornais espalhados pela França), podemos analisar, com maior precisão, as diferenças entre os projetos, sobretudo porque Marine Le Pen e os novos membros do FN têm se apoiado no avanço das tecnologias de comunicação e das redes sociais, o que, no tempo presente, tem se mostrado primordial para os partidos políticos.

Nas redes sociais e nos jornais do partido, podemos destacar que as posições e temas debatidos por ele avançaram a partir do momento em que Marine Le Pen assumiu o controle. Esses novos temas e as posições assumidas pelo partido nas redes sociais — no sentido político e de difusão de uma suposta nova roupagem — têm se mostrado fundamentais para o avanço do FN e também se mostraram diferentes do período de gestão de Jean-Marie Le Pen. Em conclusão, procuramos determinar se existia uma certa coerência nos temas propostos pelo FN nas redes sociais; nas posições tomadas no programa político; nas lideranças regionais; e nas propostas ideológicas apresentadas pelo movimento juvenil do FN, o FNJ, que tem sido o braço direito do partido na cooptação de jovens desde 2011.

Desde que Marine Le Pen assumiu as rédeas do partido, em 2011, o FN publicou apenas um programa: sua plataforma presidencial de 2012. Provavelmente com o objetivo de manter sua plataforma clara e simples, o partido não publicou nenhuma instrução sobre políticas após 2010. A plataforma eleitoral de 2012

reintroduz muitos dos temas do projeto presidencial de Jean-Marie Le Pen. O programa manteve a base ideológica proposta por Jean-Marie Le Pen, como o combate à imigração, a saída da UE, uma política de assistencialismo nacionalista, o reforço da segurança pública e a defesa da identidade nacional.

Neste sentido, parte importante do programa se manteve em relação ao programa de 2007, que também havia sido criado por Marine Le Pen. Porém, o programa foi aprofundado e escrito com maior clareza e com nível maior de informações sobre a sociedade francesa. De fato, um exame mais detalhado do documento dá a impressão de que algumas das políticas propostas no atual programa do FN tornaram-se ainda mais severas. Isso se aplica, em particular, às propostas voltadas para os imigrantes, para quem o programa defende medidas mais restritivas nos campos social, econômico e de segurança. Assim, o conteúdo não mudou, mas se tornou mais agressivo, xenófobo e excludente em relação aos imigrantes, principalmente os de origem africana e muçulmana.

No lugar de se apresentar dentro de uma linha intelectual — propondo um debate dentro das ciências políticas e discussões nos campos sociais, levando o debate das questões francesas para outro nível, visando alcançar setores com maior riqueza no campo intelectual —, o programa procura debater com a população menos esclarecida, a fim de passar uma mensagem para as massas. Em suma, tal programa é extremamente nacionalista e prioriza o debate com os cidadãos franceses.

O FN apresenta sua líder, Marine Le Pen, no centro do programa, como a personificação da vontade geral do povo. A capa do programa mostra uma ilustração em close da presidente do FN, colocando-a no centro da primeira página, como única liderança capaz de compreender os anseios da população. Ao mesmo tempo, coloca o FN como o único partido cujo principal objetivo é defender a nação francesa e seu povo. O programa é intitulado “Meu projeto: para a França e para o povo francês”. Marine Le Pen representa a voz do povo, o espírito da França.⁴⁷⁰

Na primeira página, o FN é igualado ao nome de Marine Le Pen; o programa contém dez referências a ela e nenhuma referência ao FN como parte. Ela é diretamente justaposta contra as corruptas elites francesas; ela é apresentada como a personificação da mudança, o começo de um novo capítulo na história francesa. Na verdade, o partido se distingue dos outros. Por exemplo, o texto do programa diz:

⁴⁷⁰ FRONT NATIONAL. Mon projet: pour la France et les Français. Paris, 2012.

“Existem apenas duas opções para tornar a França competitiva novamente: a primeira seria apostar no caminho tradicional, que seria reduzir salários e dismantelar o sistema de proteção social ou apostar no FN e recusar os drásticos planos de austeridade”.⁴⁷¹

Além disso, o discurso do FN coloca Marine Le Pen como a nova Joana d’Arc, como a única capaz de salvar a França. O programa aborda diretamente as pessoas de classe baixa e da classe trabalhadora, a parte da população que provavelmente se sente mais explorada pelos políticos. Para atrair essas massas, o programa é claro e simples, pois contém apenas 16 páginas, apela para o senso comum do eleitorado e defende soluções políticas diretas.⁴⁷²

Marine Le Pen ataca as principais preocupações das classes trabalhadoras e de classe média baixa — como os baixos salários, a diminuição do poder de compra, a insegurança social e o assistencialismo público. Para convencer as classes populares de que as políticas neoliberais estão ultrapassadas, o FN propõe medidas nacionalistas, ou seja, um aumento significativo de rendas e pensões modestas, a proteção da economia francesa contra influências estrangeiras e a punição de todos os que abusam da previdência social na França — no caso, os imigrantes ilegais que não colaboram com a previdência e não recolhem impostos. A imigração, o tema central da plataforma de Jean-Marie Le Pen, é diretamente referida apenas no meio do programa do FN, entre a plataforma econômica do partido e sua agenda no que diz respeito a questões sociais, culturais e reinos estrangeiros. No entanto, esse posicionamento menos proeminente na plataforma do FN não torna a imigração um tópico menos importante. Ao contrário, durante todo o programa, o FN pede solidariedade entre o povo francês, colocando os imigrantes como o fardo dos males econômicos e como responsáveis pela falência do sistema social. Em contrapartida, em nenhum momento os imigrantes estão incluídos na comunidade nacional e no sistema de solidariedade que o partido pretende criar.⁴⁷³

Consequentemente, os imigrantes não devem se beneficiar, como os cidadãos franceses, das mesmas medidas generosas do sistema de segurança social. As medidas de bem-estar nacionalista propostas pelo FN incluem a eliminação de todas

⁴⁷¹ Ibidem, p. 3.

⁴⁷² FRONT NATIONAL. *Le projet complet du Front National*, 2012.

⁴⁷³ Ibidem.

as pensões dos imigrantes que não trabalharam na França por pelo menos dez anos, bem como a supressão de todos os benefícios familiares se os pais não tiverem nacionalidade francesa.⁴⁷⁴

De fato, as soluções que o FN propõe em relação à imigração não são de forma alguma menos radicais do que as medidas propostas cinco anos antes. No programa, há propostas tradicionais do FN, como a expulsão de todos os imigrantes ilegais, uma mudança no direito de cidadania (a cidadania francesa não deve mais ser concedida àqueles que nascem na França, mas apenas aos recém-nascidos cujos pais tenham a nacionalidade francesa, ou seja, a origem deve ser comprovada pelo “sangue” francês) e medidas que promovem regulamentos rígidos em relação à nova imigração.⁴⁷⁵

Além disso, o programa contém novas propostas, como a aplicação da preferência nacional, não só no setor público, mas também no setor privado, e a implementação de uma punição especialmente severa para crimes racistas cometidos contra pessoas brancas. A plataforma do FN em outros tópicos — como a organização do Estado, o papel das forças armadas na sociedade francesa, o fortalecimento do sistema judicial e o papel da cultura francesa na sociedade — imita as proposições feitas em 2007.

Um tópico que ganha mais atenção no projeto de Marine Le Pen é a noção de laicidade do Estado. O partido dedica uma das 16 páginas do seu programa ao tópico. O que vem à tona na discussão do FN sobre o termo é que o significado republicano do conceito — a regulação do relacionamento entre o Estado e a igreja e a garantia de independência do primeiro com relação ao segundo — está esgotado no uso que o FN faz dele. Sob a bandeira da laicidade, o FN opõe-se aos programas de ação afirmativa e à liberdade de expressão religiosa em espaços públicos. Também denuncia a disseminação do islã, que, segundo o partido, é uma religião perigosa aos valores morais ocidentais, uma vez que não respeita a separação entre Estado e igreja. Assim, o FN instrumentaliza o termo republicano laicidade para se opor a todas as formas de comunidade que não sejam a nação.⁴⁷⁶

Ao longo de seu programa, o partido não apenas tenta capitalizar a turbulência

⁴⁷⁴ Ibidem.

⁴⁷⁵ FRONT NATIONAL. Mon projet: pour la France et les Français. Paris, 2012.

⁴⁷⁶ ALMEIDA, Dimitri. Towards a post-radical Front National... op. cit., p. 167-176.

social e cultural latente e o sentimento generalizado de deslocamento dentro da população francesa, mas também apresenta três culpados pela decadência econômica e social da França.⁴⁷⁷

A primeira é a UE e o euro. De acordo com o FN, o euro não cumpriu nenhuma promessa nos dez anos de existência: ele representa a explosão dos preços, o desemprego, a terceirização e a dívida pública. Em segundo lugar está o domínio do sistema bancário internacional, sob o qual a França está sufocando. Para libertar a França do jugo da supremacia dos bancos internacionais, o FN quer restabelecer o franco e ganhar controle sobre suas próprias políticas monetárias. A terceira é a elite política, social e cultural da França. O partido coloca a população como inocente, frente a uma elite burguesa corrupta, subjugando o estilo de vida luxuoso das elites políticas francesas à crise da dívida da França. Por exemplo, para fixar as finanças públicas, o FN promete conter as suntuosas despesas e os excessivos reembolsos que beneficiam as elites políticas francesas. Ele também vincula práticas corruptas ao “UMPS”, indicando que os membros de ambos os principais partidos processam o sistema em benefício próprio.⁴⁷⁸

Além disso, o programa do FN tem um tom de crise. A situação atual da França é descrita não como uma política ordenada, mas como uma situação de caos econômico, social e político em declínio. Semanticamente, o programa contém as palavras “ruptura” em várias ocasiões, como uma indicação de que o partido quer romper com as políticas liberais atuais. Em vez do atual regime, quer implementar uma forma nacionalista de democracia, baseada na vontade geral do povo. Como um dispositivo retórico, o FN também usa linguagem de guerra. No programa há frases como “pequenos mercados de bairro devem ser defendidos contra corporações multinacionais” e o “abuso social será combatido”. Essa linguagem forte reforça a mensagem de que o partido está “em guerra” com o sistema e os atores que o representam.

Em resumo, no programa, o FN e Marine Le Pen se apresentam como “outsiders” do sistema político — ou, como o próprio Bruno Mégret colocava, como uma terceira via⁴⁷⁹ —, pois estão deslocados desse sistema político; eles se veem

⁴⁷⁷ FRONT NATIONAL, *Mon projet: pour la france...* op. cit.

⁴⁷⁸ FRONT NATIONAL. *Le projet complet du Front National*, 2012.

⁴⁷⁹ Mégret, Bruno: *La troisième voie: pour un nouvel ordre économique et social*, D.E.F.I., Boulogne-Billancourt, 1997.

como uma alternativa à política tradicional dominante e, de maneira mais geral, ao sistema político. O partido propõe uma forma de democracia direta nacionalista, uma forma de governo que reúne cidadãos franceses para que as melhores decisões sobre a nação sejam tomadas. Destina-se a fortalecer a autoridade do Estado (por exemplo, a polícia e o sistema judicial) e identifica medidas radicais nas áreas de imigração, segurança pública e organização do Estado. O FN não só rompe com os tabus republicanos da Quinta República, como também se apresenta como uma nova força política que tem como objetivo representar as pessoas comuns.

Exceto por alguma ênfase renovada no nacionalismo e na crítica à elite, o programa presidencial de 2012 do FN retrata mais uma imagem de continuidade em vez de mudança. Para complementar essa análise e obter uma visão mais completa da ideologia do FN fora de sua plataforma eleitoral oficial, focamos também nos jornais e nas revistas do partido.

Em sua maioria, a mídia do partido se alinha ideologicamente ao programa apresentado, em 2012, por Marine Le Pen, demonstrando uma organização partidária bem sólida. A maioria das reportagens e artigos de opinião dos colunistas são escritas em um tom nacionalista, que não apenas desmerece os partidos do sistema, mas também retrata a esperança e a visão de uma sociedade diferente. Além disso, os comunicados de imprensa retratam a imagem de que a vitória (eleitoral) está próxima. Por exemplo, o FN fala de uma perseguição da mídia e da oposição ao partido, devido à nova força que ele representa, apostando em uma política responsável e corajosa, cuja força eleitoral ameaça o sistema tradicional.⁴⁸⁰

Ambos os domínios de políticas são moldados pela noção de políticas de ressentimento e pelo esforço do partido para transformar o sistema. Por exemplo, Florian Philippot, número 2 do FN, defende uma revisão completa do sistema econômico francês: a França deve “encontrar uma moeda nacional adaptada à sua economia, recuperar o controle de seu orçamento, criar proteção de fronteira inteligente e política do nacionalismo econômico no contexto de um estado estratégico”.⁴⁸¹ Além disso, confirmando o forte apelo populista de seu programa de

⁴⁸⁰ FRONT NATIONAL. Réaction du Front National _a la levée de l’immunité parlementaire de Marine Le Pen. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/2013/07/reaction-du-front-national-a-la-levée-de-limmunitéparlementaire-de-marine-le-pen/>>. Acesso em: 10/04/2018.

⁴⁸¹ PHILLIPOT, Florian. Engagement de la France en Syrie: Florian Philippot re’agit sur Itele. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/videos/engagement-de-la-france-en-syrie-forian-philippot-reagitsur-itele/>>. Acesso em: 05/05/2017.

2012, o FN se apresenta em várias dezenas de jornais e revistas como defensor de trabalhadores e funcionários do Estado, contra interesses burgueses, que visam apenas o lucro e a exploração da população. Firmemente opondo-se às medidas de austeridade que foram impostas pelos dois últimos governos franceses (os governos de Sarkozy e Hollande), o partido considera o UMP e o PS uma ameaça à segurança financeira e à prosperidade da população francesa. Em um esforço para afirmar seu ponto de vista étnico-nacionalista, vários comunicados de imprensa também atacam o governo por não gastar o suficiente para ajudar os membros da sociedade de baixa renda e os desempregados. Mais uma vez essas propostas são enquadradas em uma mentalidade de "nós contra eles"; apenas os desempregados franceses, os aposentados e as classes de baixa renda deveriam se beneficiar da solidariedade nacional.⁴⁸²

Visando uma maior produção do consenso do partido, Marine Le Pen tem utilizado muitos discursos e vídeos para a campanha presidencial nas redes sociais e em revistas e jornais oficiais, os quais ficam a cargo do debate político e do programa do partido. Essa é a principal fórmula de mobilização e tem sido uma ferramenta de divulgação das ideias do partido. Dessa forma, temas importantes para a agenda política do FN acabam sendo bombardeados em todas as redes de comunicação do partido, assinalando que o tema de maior importância para Marine Le Pen é a imigração.

O FN não apenas exige que a tendência de imigração “maciça” e “descontrolada” seja revertida e os imigrantes ilegais sejam imediatamente expulsos, mas também apela para a ideia do apelo nacionalista, a ideia de que os cidadãos franceses devem formar uma frente unificada, para controlar e fiscalizar o Estado e todos os que abusam da lei.⁴⁸³

A imigração está ainda associada a uma “crise nacional” e responsabilizada pela falta de assimilação dos imigrantes à cultura e identidade francesa. Em 2014, Marine Le Pen resumiu que a imigração legal e ilegal pode ser contida apenas pela “saída do acordo de Schengen,⁴⁸⁴ o retorno às fronteiras nacionais permanentes e a

⁴⁸² FRONT NATIONAL, *Le projet complet du Front National*, 2012.

⁴⁸³ Ibidem.

⁴⁸⁴ O Acordo de Schengen é uma convenção entre 30 países, incluindo todos os integrantes da UE e três países que não são membros da UE, sobre uma política de abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas entre os países.

expulsão automática dos imigrantes clandestinos apreendidos”. Outro elemento dos comunicados de imprensa é que os membros do FN invertem o significado de racismo e xenofobia e retratam os cidadãos franceses como vítimas das políticas de “racismo antifrancês” e da “preferência estrangeira”. Por exemplo, Bruno Gollnisch⁴⁸⁵ descreve o racismo contra o povo caucasiano, o preconceito contra cristãos e o preconceito dos imigrantes com os franceses como as formas mais comuns de racismo em solo francês.

Um terceiro tema recorrente, a segurança pública, é enquadrado de maneira muito tradicional. Por exemplo, o FN usa a insegurança para promover políticas sociais autoritárias, como um meio de remediar a ineficácia do sistema judicial na França, criticando as leis francesas, como se o sistema de justiça fosse negligente e inoperante, permitindo que os infratores sequer fiquem presos. As políticas que o FN avança na área de segurança pública não são diferentes do que foi proposto no passado. O partido inclui a deportação de cidadãos estrangeiros condenados para seus países de origem, a imposição de leis mais rigorosas, o desmantelamento de redes criminosas de imigrantes, o fechamento de instituições religiosas, o pensamento fundamentalista e o terror.

Um em cada quatro comunicados de imprensa centra-se em dois tópicos: identidade nacional e Europa. Como fez em seu programa, o FN apoia o nacionalismo estatal e o nacionalismo étnico. Referente ao nacionalismo estatal, o partido vê o Estado como a principal forma de organização que regula todos os aspectos da vida. Com relação ao nacionalismo étnico, o FN afirma que o Estado deveria ser composto de pessoas que compartilham o mesmo sangue e a mesma cultura, religião e herança.

Para glorificar a força unificadora da identidade francesa, o FN continua a usar uma linguagem populista, contrapondo a nação francesa a grupos externos, como estrangeiros e instituições internacionais e europeias. Além disso, o FN retrata a imagem de que a França está sufocando de servidão e feudo para uma UE onipotente. Por exemplo, Florian Philippot acusa o governo francês de “estar mais preocupado em obedecer às ordens dos seus mestres de Bruxelas e da Alemanha do que responder às preocupações cotidianas do povo francês”.⁴⁸⁶

⁴⁸⁵ GOLLNISCH, Bruno. Contre le racisme à sens unique. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/2013/07/contre-le-racisme-a-sens-unique/>>. Acesso em: 10/10/2018.

⁴⁸⁶ PHILLIPOT, Florian. Non-revalorisation des petites retraites: entre trahison et mépris du peuple. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/2014/09/non-revalorisation-des-petites-retraites-entre->

Por fim, discorreremos sobre o papel da França na esfera internacional, as políticas educacionais propostas pelo FN, bem como a autovitimização do partido. Em relação à esfera internacional, o FN defende que a França reconquiste sua influência internacional, ganhe independência dos Estados Unidos e intervenha estrategicamente. Novamente, as proposições do partido são enquadradas em um tom populista (por exemplo, o FN acusa o “UMPS” de ter ficado de joelhos ao lidar com os Estados Unidos nos últimos 20 anos).⁴⁸⁷

Na educação, o FN defende que a excelência e o trabalho duro sejam recompensados com a promoção da procrastinação. Tematicamente, o FN busca um programa de história mais nacionalista que incentive os alunos a aprender sobre os grandes filósofos, estadistas e cientistas franceses. Finalmente, num total de nove comunicados de imprensa, o FN apresenta-se deliberadamente como uma vítima dos principais partidos, considerados corruptos e incompetentes. Olhando para o programa oficial do partido ou para os comunicados de imprensa, percebemos que o rompimento do partido com sua antiga estrutura é muito pequeno. Embora se apresente de forma nova, com uma maquiagem bonita, o partido, ideologicamente, mantém-se alinhado ao autoritarismo.

O programa do FN também se reorienta de acordo com as questões locais e regionais da França. As direções regionais do FN tentam explorar problemas locais e reajustar o norte ideológico do partido, encaixando esses postulados para resolver problemas locais, ou seja, tais direções transformaram a nova ideologia em um pensamento simples, que pode ser utilizado em muitas situações. Marine Le Pen tenta falar diretamente ao povo, apresentando o partido como o único defensor da democracia popular, do pequeno proprietário rural e dos profissionais liberais e autônomos, colocando-se sempre na vanguarda e defesa dos pequenos comerciantes, lutando contra as grandes instituições internacionais.

Para denunciar a globalização e a europeização de uma só vez, o FN frequentemente usa o termo “euro-globalização”. Por exemplo, o FNJ fala sobre o projeto europeu em termos de globalização:

A globalização sem fronteiras e sem qualquer tipo de proteção, a falta de consideração e irresponsabilidade, liderada por um número muito pequeno,

trahison-etmepris- du-peuple/>. Acesso em: 10/03/2018.

⁴⁸⁷ Ibidem.

enfraquece consideravelmente tudo o que há de maravilhoso em nosso país.⁴⁸⁸

De fato, de acordo com a retórica do FN, as elites francesas impulsionam um projeto que levará à decadência econômica, social e política da França. Provavelmente ainda mais declaradamente nacionalista, os diretórios regionais do FN estabelecem uma ligação direta entre a ideologia xenófoba do partido e suas atitudes em relação à imigração.

Embora o termo desdiabolização tenha sido amplamente discutido na mídia e na academia, concordamos com Dézé que não há sinais no programa do FN de que o partido tenha realmente se tornado mais moderado e de que sua mensagem tenha se tornado mais republicana.⁴⁸⁹ Em vez de mudar para menos radicalismo e para uma adesão mais forte aos valores republicanos da Quinta República, o partido acrescentou um viés de crítica ao capitalismo e tem levantado bandeiras que os partidos de esquerda também defendem.⁴⁹⁰ Ademais, embora o FN tenha, pela primeira vez em sua história, aberto as portas para judeus e homossexuais — inclusive aceitando membros de países estrangeiros (portugueses, italianos e espanhóis), que se tornariam candidatos a cargos políticos pela legenda —, parte expressiva da base se mantém homofóbica e xenófoba. Embora Marine Le Pen defenda discursivamente o aborto e o casamento homoafetivo, o partido se posicionou de forma contrária e foi às ruas marchar contra as medidas do governo François Hollande, que regulamentava a união homoafetiva.⁴⁹¹

Outro ponto que separa Marine Le Pen de seu pai é o fato de ela ter abandonado a agenda ultraliberal original do partido — à la Thatcher e Reagan dos anos 1980, baseada em baixos impostos e cortes de previdência social —, estendendo seu perfil antiliberal às questões econômicas. Sob Marine Le Pen, o Estado se tornou onipresente; seu papel é proteger as pessoas comuns contra os vícios do neoliberalismo e da imigração. O segmento da população que mais sofre com a crise econômica na França, trabalhadores e pessoas de classe baixa e média

⁴⁸⁸ LE FRONT NATIONAL DE LA JEUNESSE. Nos Valeurs. Disponível em: <<http://www.fnjeunesse.fr/charte/nos-valeurs/>>. Acesso em: 10/04/2018.

⁴⁸⁹ Ibidem.

⁴⁹⁰ DÉZÉ, Alexandre. *Le front national: à la conquête du pouvoir?* Paris: Armand Colin, 2012.

⁴⁹¹ GLOBO. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/05/manifestacao-contrao-casamento-gay-em-paris-sob-tensao.html>>. Acesso em: 25.3.2018.

baixa, está no centro do programa e da retórica do FN.

O FN se autodenomina como um antipartido, ele se opõe ao sistema político, social e econômico e a todos os atores que representam a Quinta República da França; opõe-se à globalização econômica e cultural, à europeização, à noção de identidade europeia, ao multiculturalismo, aos partidos políticos tradicionais e às elites sociais, culturais e acadêmicas. Aderir a essa perspectiva de oposição completa permite que o partido se apresente como uma nova força política externa que não foi corrompida pelo poder do sistema. Esta política se opõe à noção de liberalismo político e republicanismo. Portanto, não há sinais de desradicalização quando se trata da mensagem central do grupo.

No entanto, o mesmo não pode ser dito em relação à forma usada pelo FN para apresentar sua mensagem. Existem três grandes diferenças entre Jean-Marie Le Pen e Marine Le Pen. Em primeiro lugar, apesar do fato de o partido permanecer enraizado em seu núcleo ideológico, ele se apresenta, sob Marine Le Pen, como um partido republicano. Em contraste com seu pai, que nunca questionou o rótulo de “extrema direita”, Marine Le Pen define o partido como uma alternativa republicana nacionalista e promete combater no tribunal qualquer pessoa que rotule seu movimento de extrema direita. Ela declarou repetidamente, durante coletivas de imprensa, que “não somos absolutamente um partido de extrema direita; aqueles que acreditam nisso cometem um erro de interpretação colossal”.⁴⁹² Declarou, ainda, que o FN não deve ser tratado como um partido qualquer, como os outros, apesar do fato de o seu movimento não ser “nem direita nem esquerda”, mas sim de “ela ter ideias radicalmente diferentes do PS e do UMP”.⁴⁹³

Para sublinhar suas credenciais republicanas, ela removeu todas as referências a figuras da direita radical francesa em seus discursos. Enquanto seu pai frequentemente referenciava Charles Maurras, Robert Brasillach e Alexis Carrel, ela cita Émile Zola, Jean Jaures e Hannah Arendt em seus discursos.⁴⁹⁴

Em segundo lugar, e com a exceção de atacar o islã, Marine Le Pen parou de

⁴⁹² LA LIBERATION. Marine Le Pen s'insurge contre l'étiquette “extrême droite” du FN, 2013. Disponível em: <http://www.liberation.fr/politiques/2013/10/02/marine-le-pen-s-insurge-contre-l-etiquette-extremedroite-du-fn_936353>. Acesso em: 10/03/2017.

⁴⁹³ Idem.

⁴⁹⁴ ALMEIDA, Dimitri. Towards a post-radical Front National? Patterns of ideological change and dediabolisation on the French radical right. *Nottingham French Studies*, v. 52, n. 2, 2013, p. 167-176.

fazer declarações abertamente racistas e antissemitas. Em contraste com seu pai, que periodicamente fazia declarações racistas, revisionistas ou antissemitas (e ainda o faz), como descrever o Holocausto como “um detalhe da história da Segunda Guerra Mundial”,⁴⁹⁵ Le Pen adere a uma retórica republicana e ao mesmo tempo completamente autoritária, criando um mecanismo de policiamento e controle ideológico do partido mais ambicioso que o criado por seu pai. O controle da imagem e do discurso do partido se tornou uma obsessão para Marine Le Pen, tanto que qualquer pessoa do partido que fizer comentários racistas, antissemitas ou revisionistas, inclusive seu próprio pai, será automaticamente expulso do partido.⁴⁹⁶ Marine advertiu em voz alta seu pai quando ele aderiu a uma retórica provocativa e racista, deixando claro que essa declaração não representa a linha do partido. Além disso, ela classificou os comentários como “lamentáveis”, reiterando publicamente a Jean-Marie que ela estava agora no comando do partido.

Em terceiro lugar, o FN se apresenta como defensor dos conceitos republicanos tradicionais, incluindo soberania e laicidade, mesmo que seja apenas para promover suas próprias posições etnocêntricas. Por exemplo, deplora a perda de soberania que os franceses enfrentam quando confrontados com um conglomerado internacional que inclui organismos supranacionais, como a UE, e acordos internacionais, como o Tratado de Lisboa, Schengen e GATT. Da mesma forma, instrumentaliza o significado de secularismo ou laicidade do Estado francês, para inibir a agenda progressista criada pelo PS, que, durante o governo de François Hollande, tentava criar formas de melhorar a adaptação dos imigrantes às práticas sociais francesas para as comunidades muçulmanas, garantindo direito à prática religiosa para todas as religiões, a fim de promover sua retórica e propaganda anti-islâmica.⁴⁹⁷

Por exemplo, Marine Le Pen refere-se ao secularismo como um meio de defender os direitos individuais e o interesse comum da nação francesa, mas, ao mesmo tempo, apresenta-se de forma extremamente racista e islamofóbica ao comparar a imigração muçulmana na França ao regime de Vichy, quando o país foi

⁴⁹⁵ BIRENBAUM, Guy. *Le Front National em Politique*. Paris: Balland, 1992, p. 99.

⁴⁹⁶ ALDUY, Cécile & WAHNICH, Stéphane. *Marine Le Pen prise aux mots: De´cryptage du nouveau discours frontiste*. Paris: Seuil, 2015.

⁴⁹⁷ BEAUZAMY, Brigitte. Explaining the rise of the Front National to electoral prominence: Multifaceted or contradictory models? In: WODAK, Ruth; KHOSRAVINIK, Majid; MRAL, Brigitte (Eds.). *Right-wing populism in Europe: Politics and discourse*. London: Bloomsbury, 2013, p. 182.

ocupado pelas tropas nazistas. Marine usou o termo “ocupação” para descrever a presença constante de muçulmanos orando nas ruas da França e em espaços públicos franceses. Para ela a laicidade do Estado deve ser garantida a “todos”, portanto devem ser proibidas manifestações religiosas em espaços públicos, pois isso fere os direitos de cada cidadão, ou seja, a religião deve ser manifestada de forma privada. Na realidade essa proibição deve valer para as outras religiões diferentes da católica.⁴⁹⁸

A partir de setembro de 2015, parece que o “novo” FN, sob a liderança de Marine Le Pen, viu um renascimento político que permitiu ao partido se posicionar como a alternativa populista aos partidos tradicionais, pejorativamente rotulados como “UMPS”. É, em muitos aspectos, um partido antissistema, procurando se apresentar como solução para aqueles que enfrentam um futuro incerto no atual mundo globalizado, como jovens em formação, que lutam para ingressar no mercado de trabalho; aposentados e pensionistas, que enfrentam as políticas de austeridade e cortes em direitos sociais; e trabalhadores, que sofrem com o aumento da jornada de trabalho, com as reduções salariais e com o aumento na idade de contribuição para a aposentadoria. São esses sujeitos que estão no cerne do discurso de Marine Le Pen.⁴⁹⁹ Para atrair essas pessoas de baixa e média renda, o partido lhes promete aumentos salariais, uma queda na idade de aposentadoria para 60 anos, a reindustrialização da França e uma política de reestatização, procurando recomprar as pequenas e médias empresas que foram vendidas para grupos internacionais, para diminuir as concorrências nacionais.⁵⁰⁰

Assim como seu pai, Marine Le Pen retrata a si mesma e ao FN como a personificação da França, como os únicos representantes do povo francês. No entanto, a desdiabolização é uma farsa, bem como o novo programa político do FN, pois sua ideologia permanece fiel aos temas da agenda antiga do partido, promovendo seu apelo nacionalista e xenófobo. Marine Le Pen tem um grande mérito político, ela conseguiu avançar no cenário político sem sequer mudar a ideologia do FN, sem

⁴⁹⁸ SHIELDS, James G. Marine Le Pen and the “New” FN: A Change of Style or of Substance? *Parliamentary Affairs*, v. 66, n. 1, 2013, p. 179-196.

⁴⁹⁹ GOUGOU, Florent. *Les Ouvriers et le Vote Front National: Les Logiques d'un Réalignement Électoral*. Paris: Presses des Sciences Po, 2015, p. 37.

⁵⁰⁰ GOODLIFFE, Gabriel. *The resurgence of the National Front in France: From boulangisme to the Front National*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 137.

revisar suas posições centrais, mas lhe dando uma nova cara, mais respeitável.

Na verdade, membros proeminentes do partido lutaram por 25 anos para tornar a mensagem do FN respeitável para o povo francês. Tentativas anteriores, que se tornaram “novas” por Marine Le Pen, como o famoso slogan “Nem esquerda nem direita, Frente Nacional”,⁵⁰¹ não passam de reapropriações de antigos discursos. Talvez quem realmente tenha mudado seja parte da sociedade francesa, que ou deixou de esconder seus preconceitos e hoje não tem mais vergonha de demonstrá-los publicamente, ou se tornou mais conservadora, mais racista e xenófoba.

As tentativas de Bruno Mégret de suavizar a imagem do partido e forjar alianças com a corrente dominante nos anos 1990, além da fundação da Geração Le Pen, que pretendia dar ao FN uma imagem mais jovem e moderna, nos anos 2000, falharam por causa de Jean-Marie Le Pen. Ele sempre sustentou que a mensagem do FN deve ser diferente daquela transmitida pelos partidos tradicionais, ele sempre tentou marcar posição através das suas falas racistas e revisionistas e sempre controlou o conteúdo do partido e também sua abordagem e representação na sociedade francesa.

Neste sentido, compreendemos que a mudança fundamental de Marine Le Pen frente ao partido foi de maquiagem a ideologia dele e mudar o foco do seu discurso. Se o FN quiser ser um partido com potencial para vencer uma eleição presidencial ele terá que suavizar a apresentação de sua plataforma.

Marine Le Pen e sua política de desdiabolização não passam de uma forma de reapresentar aos eleitores a imagem e mensagem do FN. Para isso não foi necessário, em nenhum momento, que o partido mudasse características ideológicas, exceto por uma nova ênfase no nacionalismo, na islamofobia e em uma agenda mais social. O FN também não mudou nenhuma de suas propostas políticas sobre imigração, política de identidade e segurança pública, bem como manteve sua posição antielitista.

No entanto, a mudança de tom permitiu que parte da sociedade deixasse de rejeitar o partido e o enxergasse enquanto opção política. Isso tem resultado em uma maior aceitação da população e se traduzido em um aumento significativo de votos.

Portanto, concordamos com Shields, quando ele diz que o caminho de Marine Le Pen não é tão fácil, pois desfazer uma imagem construída durante quatro décadas, de um partido fascista, autoritário, xenófobo e antissistêmico, é um trabalho

⁵⁰¹ [Ni droite, ni gauche... Front National].

extremamente complicado.⁵⁰² Por tal razão, Marine Le Pen já percebeu que a história e os significados que o partido representa não se apagam só com novos discursos. Após a derrota nas eleições presidenciais de 2017, ela refundou o partido, substituindo o nome Front National por Rassemblement National. Se essa mudança terá algum significado prático, se atrairá novos militantes e se traduzirá em votos só o futuro (eleições presidenciais de 2022) poderá nos responder. Vale ressaltar que a mudança de nome é apenas uma continuação do projeto de desdiabolização, o que, em prática, não altera nada o programa político e ideológico do partido.

⁵⁰² SHIELDS, James G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York: Routledge, 2007, p. 315.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que Marine Le Pen assumiu a presidência do FN, substituindo Jean-Marie Le Pen, em 2011, o FN avançou politicamente mais rápido e conseguiu alcançar números maiores que em qualquer outro momento dos seus 40 anos de história (até 2002). O partido, que historicamente possuía sua imagem marginalizada e constantemente satirizada pela mídia francesa, conseguiu reverter esse quadro. Noutros termos, o partido conseguiu reagir à sua herança “fascista, racista” e se remodelou, de modo que a mídia modificou a forma de tratá-lo. Tal mudança na imagem do FN fez com que ele diminuísse o desprezo que as instituições democráticas possuem pelos movimentos supremacistas e ultrarradicais. Atualmente metade da população francesa enxerga o FN como um partido normal, como tantos outros do cenário político do país.

O apoio público de personalidades francesas, professores universitários, artistas e diversos seguimentos da população colaborou para que outras pessoas criassem coragem de se manifestar a favor de Marine Le Pen. Por muito tempo ser eleitor do FN era motivo de piada ou de preocupação nos círculos sociais, pois havia muita hostilidade em se afirmar um frontista, em virtude da carga xenófoba, racista e antissemita que acompanhou a história do partido. Porém essa nova fase, que acompanha a subida de Marine Le Pen à presidência do partido e seu projeto de desdiabolização, permitiu que mais de 30% dos eleitores votassem no partido nas eleições francesas.

Em números de base eleitoral e militância, o partido nunca foi tão forte. Em termos de apoio eleitoral, o FN é agora a escolha preferida de um quarto do eleitorado francês. Como esse impulso sem precedentes de simpatia pelo discurso do partido, o crescente número de eleitores e a explosão no número de membros foi possível? Como o FN alcançou essa posição? O que realmente mudou entre Jean-Marie Le Pen e Marine Le Pen? Procuramos, ao longo da pesquisa, desenvolver um processo comparativo, situando as condições materiais que levaram à construção e fundação do partido, bem como fazendo uma análise comparativa entre ambos os projetos políticos, para compreender se existia um rompimento ideológico com o projeto do partido, ou se ele era algo retórico, de modo que todo processo de desdiabolização fosse uma farsa projetada por Marine Le Pen e suas cúpula.

O que podemos colocar em primeiro lugar é que Marine Le Pen assumiu a presidência do FN em um momento social, político e econômico extremamente favorável ao discurso do partido. No século XXI, a França vem enfrentando diversas crises, as quais beneficiaram o FN e os movimentos antissistêmicos. Em primeiro lugar, existe uma crise econômica no país, assim como em vários países da UE (Portugal, Grécia, Espanha, Itália), com uma alta taxa de desemprego, e os Estados nacionais apresentam, cada vez mais, dívidas elevadas. Esta crise, que vem enfraquecendo a França desde o início da globalização, na década de 1990, continua perdurando até hoje.

Em segundo lugar, existe uma crise política — que não é algo particular da França, mas uma descrença global na democracia representativa —, caracterizada pela deslegitimação das elites tradicionais e dos partidos tradicionais. Podemos colocar no centro da crise política francesa a descrença nos partidos tradicionais, que são vistos como ultrapassados e incapazes de resolver os problemas sociais econômicos e políticos do século XXI. Destacamos, neste sentido, a baixíssima popularidade do ex-presidente do PS, François Hollande, que não soube lidar com as crises em seu governo, as quais se agravaram após as séries de atentados terroristas no país. O presidente do PS não conseguiu se posicionar como uma alternativa viável, capaz de apresentar algo que representasse o sentimento de carência da população. Vale lembrar que François Hollande teve que lidar com questões extremamente difíceis, como uma crise política de âmbito europeu, como a crise dos refugiados, causada pela Guerra na Síria.

Em terceiro lugar, os governos franceses não estão sabendo lidar com uma crise cultural e de identidade, agravada pelo aumento da islamofobia no país. O Estado não tem conseguido criar mecanismos para conter a crescente imigração e o aumento da xenofobia e do discurso de ódio no país. Como lidar com uma crise social e cultural sem entrar em choque com as questões levantadas pela população local? A questão da crise de imigração tem que ser tratada com sensibilidade, vista como uma questão humanitária. Ao mesmo tempo, como o Estado deve se comportar, quando se tem um país agravado em austeridade, com cortes sociais, aumento da jornada de trabalho e teto mínimo para a aposentadoria, um Estado endividado, com altas taxas de desemprego, em uma crise de demandas nacionais? Mesmo o novo presidente, Emmanuel Macron, tem em suas mãos uma enorme crise política, causada pelas políticas de austeridade no país e pelo aumento de tributos, que colocaram seu

governo no centro de diversas manifestações sociais, como a atual crise dos “coletes amarelos”.

No entanto, mesmo essas crises não são suficientes para explicar por que o FN decolou em todas as frentes. Em vez de depender de um ambiente estrutural favorável, o sucesso de um partido de extrema direita, como o FN, depende da crise para ampliar sua base política, assim como os movimentos fascistas na década de 1930 avançaram durante a crise econômica. O partido tem sido capaz de divulgar sua mensagem e pautar as demandas políticas, a exemplo da imigração. Ao mesmo tempo tem conseguido desenvolver uma retórica nacionalista, priorizando a população francesa. Podemos dizer que através de algumas mudanças no estilo de liderança de Marine Le Pen e através de uma renovação retórica de seu programa e ideologia, o FN se beneficiou prodigiosamente de tremendas oportunidades estruturais que se abriram nos últimos anos. A mensagem antissistema, antielite, antiglobalização e antieuropeia do FN ressoa bem dentro de um cenário político assolado por crises; isso é ainda mais verdadeiro considerando que o FN e seu líder apresentaram a mensagem tradicional do partido dentro de uma estrutura republicana.

Desde que assumiu as rédeas do partido, Marine Le Pen sempre afirmou que o FN é um partido republicano; ela enfatizou conceitos republicanos (como soberania e laicidade), mesmo que esses conceitos sejam usados para denunciar a Europa e a UE ou atacar o islã. Igualmente importante, Marine Le Pen interrompeu completamente as piadas e os discursos antissemitas, que eram parte regular dos discursos de seu pai. Como parte de sua estratégia de desdiabolização, ela também normalizou seu relacionamento com a mídia. Os meios de comunicação e seus representantes não são mais considerados um mal inerente, mas os aliados de que o FN precisa para impulsionar sua mensagem. Embora permanecendo fiel à estrutura etnocêntrica, nacionalista e mais autoritária do FN, Marine Le Pen e a liderança do partido aperfeiçoaram ainda mais sua plataforma econômica e as suas principais teses. Marine Le Pen acelerou e completou a reorientação econômica do FN em direção aos ideais de esquerda, algo que Jean-Marie Le Pen começou faz mais de uma década. Economicamente, Marine Le Pen agora situa firmemente seu partido na esquerda, dando ao FN um programa assistencialista e progressista, ainda que com um componente nacionalista. Nessa grande jornada, o partido visa crescer eleitoralmente na base da pirâmide econômica do país, abrangendo a classe trabalhadora e os mais atingidos com a austeridade e a crise econômica francesa.

Como essas reformas, que não atacaram o núcleo do programa do FN, desenrolaram-se? Através de uma análise demonstramos que a estratégia de desdiabolização do FN funcionou; o FN não é mais o partido antissemita e racista, como na sua fundação em 1972, embora continue com a mesma retórica, direcionando-a para outros alvos, o que não retira, em momento nenhum, o caráter fascista e extremista do partido. Noutros termos, o discurso do FN apenas é suavizado para que a população esqueça as reais intenções do partido.

Enquanto partido político na gestão de Jean-Marie Le Pen, o FN se negava a fazer conchavos políticos e a se unir a partidos de direita tradicionais, ou de centro-direita, para compor uma alternativa de governo e ter cargos políticos. Hoje o discurso modernizador do FN fez com que a homofobia fosse deixada de lado, sendo possível aceitar em suas fileiras membros homoafetivos, sobretudo membros de origens, gêneros, idades e classes sociais e políticas distintas.

Se esses novos membros foram cooptados pelo discurso radical de direita, se eles são cidadãos frustrados pela falta de representatividade dos partidos e grupos de centro-direita, se até mesmo militaram ou têm simpatia pelos movimentos e ideologias de esquerda, se eles quiserem se filiar ao FN, nada disso será um problema. Se os novos membros são trabalhadores, se estão desempregados, se têm faculdade, se são de classe média alta ou da elite, nada disso é um problema para o FN. Durante o período de Jean-Marie Le Pen, o processo de filiação era completamente diferente e restritivo.

Para o FN de Marine Le Pen, o que deve unir o partido são sentimentos em comum, os quais se identificam entre si, como a imigração, a ruptura social ou a integração europeia; a força unificadora para todos os membros do FN deve ser centrada no sentimento nacionalista. Os membros e eleitores do FN possuem em comum o medo da derrota da soberania nacional frente à EU; temem que a sua nação seja conquistada e submissa a uma “nação estrangeira” dentro de seu próprio país, como o Islã; e temem também que a França seja arruinada por suas elites corruptas.

A grande adesão ao FN, conquistando aproximadamente 80 mil membros de 2007 para cá, demonstra a capacidade discursiva e ideológica que seu processo de desdiabolização causou na sociedade francesa. O partido conseguiu se espalhar para os mais diversos grupos sociais, cada qual sendo atraído por características que lhe fazem sentido material. Podemos verificar que o projeto de Marine Le Pen e as inovações do FN podem se tornar atraentes em todos os estratos da população

francesa. Podemos perceber, através da análise dos programas políticos do FN para as eleições de 2012 e 2017, que seu público-alvo abrange os estratos populares e os indivíduos com baixa escolaridade, mais receptivos à mensagem do FN.

Podemos perceber que o maior crescimento do partido foi nos setores mais atingidos pela crise econômica. Pesquisas de opinião realizadas em 2014 confirmam esses resultados. Por exemplo, as pesquisas pós-eleitorais indicam que 43% dos operários, 38% dos indivíduos com baixa escolaridade e 37% dos desempregados votaram no FN nas eleições parlamentares europeias de 2014.⁵⁰³ Outro aspecto também demonstrado na pesquisa é que o partido foi bem votado entre aqueles grupos de eleitores que estão cansados dos partidos tradicionais; os votos antissistêmicos beneficiaram Marine Le Pen nas duas eleições presidenciais. Neste sentido, ela continuou a ser particularmente bem-sucedida entre indivíduos insatisfeitos com a forma como a democracia funciona na França.

Outro dado importante da pesquisa feita pelo IPSOS, talvez o dado mais importante — sem desconsiderar que o partido cresceu entre os trabalhadores, o que retira os votos dos partidos de esquerda —, revela que o grupo com maior crescimento eleitoral do FN abrange os jovens entre 16 a 34 anos. Podemos dizer que este é o setor mais atingido pela crise econômica, por ter maior dificuldade de se inserir no mercado de trabalho; os jovens são pessimistas em relação ao futuro e ainda têm muitos anos de trabalho pela frente. Assim, indagam o que esperar do atual cenário social francês e o que o futuro lhes reserva.

E o que pensar do futuro? O que podemos esperar do FN daqui para frente? Será que o partido alcançará lugares maiores? Será que o extremismo vencerá na França? Ainda que a pesquisa não tenha conseguido avançar profundamente até o ano de 2017 — quando Marine Le Pen foi ao segundo turno das eleições presidenciais francesas, recebendo mais de 10 milhões de votos (33%) estabelecendo um novo recorde para o partido —, gostaria de levantar algumas questões para pensarmos no futuro.

No ano de 2018 vimos Jair Bolsonaro, candidato de extrema direita do PSL, ser eleito presidente do Brasil, algo que seria inimaginável há uma década atrás. Paralelamente, na França, o governo de Macron tem sofrido com as manifestações

⁵⁰³ IPSOS. Elections européennes 2014 — comprendre le vote des Français. Disponível em: <http://www.ipsos.fr/sites/default/files/attachments/europeennes_ipsos_comprendre_le_vote_des_francais_-_25_mai_2014_-_20h.pdf>. Acesso em: 01/04/2017.

dos “coletes amarelos”. Nesse contexto, quem tem crescido e se aproveitado da crise política instaurada no país é o FN, sobretudo Marine Le Pen.

É certo que, aproveitando-se de uma estrutura favorável de oportunidades, o FN criou um espaço que lhe permite um crescimento eleitoral sem grandes mudanças pragmáticas, mas com uma liderança inteligente de Marine Le Pen, que percebeu a necessidade de reinventar a imagem de seu partido e enviar uma nova mensagem à população, conseguindo se estabelecer como força política no país.

Será que o FN conseguirá sustentar seu crescimento atual? Essa onda conservadora e sua margem de crescimento tem limites? E quais mecanismos podem favorecer Marine Le Pen e, ao mesmo tempo, quais podem fazer com que o partido afunde de uma vez só e retorne ao ostracismo da década de 1970. Pensando nessas questões, deixarei algumas considerações que acredito serem importantes para refletirmos.

Embora seja verdade e estatisticamente comprovado que o FN, através do apoio eleitoral, apresentou um crescimento considerável, é verdade também que nas eleições de 2017, 66% dos eleitores rejeitaram o partido, mesmo diante de uma nova realidade ideológica e discursiva. Muitos eleitores ainda enxergam Marine Le Pen e seus companheiros como um partido de extrema direita. Até mesmo os membros do FN, representantes da velha guarda, não se identificam com essa nova visão proposta por Marine Le Pen.

Existe também uma carga negativa que ainda acompanha o FN — eleitores que oficializam sua filiação ao partido, ou declararam seu voto nas redes sociais, podem desencadear reações negativas e discriminação em seu meio social, pois o partido ainda é visto por muitos como racista, xenófobo e fascista.

Outro ponto importante para pensarmos no futuro do partido é a base eleitoral. Em certo sentido, a bipolaridade nas sociedades ocidentais, entre direita e esquerda, sobretudo na França, em termos de eleitores, é bastante limitada, restrita principalmente a indivíduos com baixa escolaridade, trabalhadores e indivíduos insatisfeitos que simpatizam com pensamentos alinhados à direita-liberal ou que sejam mais conservadores. Dificilmente o FN irá conseguir avançar em direção a grupos progressistas e simpatizantes com partidos de esquerda.

Se os próximos governos conseguirem controlar a crise, melhorando os níveis de educação, aumentando as oportunidades de emprego e controlando a crise da imigração, o partido perderá muitos eleitores, porque o nível de descontentamento

diminuirá em vez de aumentar, de modo que a insatisfação dos indivíduos com a democracia e com o sistema político também diminuirá. Além disso, o fator do crescimento econômico do país pode diminuir a capacidade de crítica do FN.

Devemos ressaltar, entretanto, que o FN tem como principal faixa do seu eleitorado as camadas jovens, o que pode ser algo benéfico para o futuro do partido. Se Marine Le Pen conseguir convencer mais jovens a votar no FN e se esses jovens se tornarem seus eleitores habituais, o futuro do FN, em termos de sucesso eleitoral, pode continuar a parecer promissor. No entanto, ainda é cedo para prever o voto de longo prazo dos jovens.

Na questão ideológica, o programa do FN apresenta diversas contradições, que devem ser resolvidas. Existe uma divisão estrutural no FN, nas questões sociais e morais; a ideologia do partido se caracteriza por valores autoritários, nacionalistas e conservadores. No lado econômico, ele se apresenta como um Estado controlador, intervencionista, assistencialista, com expansão do Estado de bem-estar social, atraindo os eleitores das classes trabalhadoras, ou seja, na questão econômica o FN é mais parecido com partidos de esquerda.

Se pensarmos em relação à construção política, o partido é ideologicamente ligado a uma extrema direita, mas economicamente rejeita o livre mercado, é protecionista, contrário à austeridade e aos cortes sociais. Ideologicamente esses dois elementos não são necessariamente compatíveis.

Por exemplo, eleitores tradicionais do FN, a pequena burguesia e a classe média, podem ser atraídos pelo lado autoritário, conservador, moralista e pelo componente social do programa do FN, mas não necessariamente pelo componente econômico. Em contraste, indivíduos com uma ideologia decididamente de esquerda podem ser atraídos pelo programa econômico do FN, mas podem se esquivar das propostas sociais do partido. Pessoalmente acredito que na situação atual, essas contradições estão escondidas por trás de uma retórica de crise, discurso extremista maquiado na desdiabolização, de crescimento eleitoral. Porém, se as várias crises enfrentadas pela França se resolverem ou se houver uma possível eleição do partido, a natureza real fascista do FN provavelmente ressurgirá.

Neste sentido, apesar de todo o esforço para modificar a imagem do partido, dos discursos menos agressivos e da reinvenção da retórica mais aveludada de Marine Le Pen, é gritante o lado extremista e xenófobo que o partido continua mantendo, quando no campo social todas as aplicações são restritas aos cidadãos

franceses. Grande parte de suas proposições ainda são vistas como muito radicais, até mesmo para os indivíduos conservadores ou de centro-direita. Por exemplo, apesar de 85% dos eleitores de centro-direita serem favoráveis a punições mais severas para pequenos delitos, apenas 23% são favoráveis à restauração da pena de morte. Da mesma forma, 63% dos eleitores da UMP defendem os valores tradicionais e a soberania nacional, mas apenas 18% apoiam a saída da França da UE.⁵⁰⁴ Portanto, para atrair os votos da direita liberal, o partido teria que mudar seu programa, algo improvável de acontecer.

Outro fator importante, que me faz pensar nas limitações de crescimento do FN, diz respeito à carência de alianças políticas com partidos consolidados no cenário político, ou seja, a falta de alianças nas eleições diminui as oportunidades do partido de conseguir cargos importantes e demonstrar sua força ou competência administrativa. Noutros termos, o FN não tem quase nenhuma experiência de governo e carece de representação, bem como carece de militantes dispostos a concorrerem a cargos políticos e de bons exemplos administrativos. Enquanto oposição, o partido tem se mostrado forte, agora faltam resultados concretos para serem utilizados como exemplos para a sociedade.

Outro ponto que devemos assinalar diz respeito à necessidade de vencer as eleições em que alcança o segundo turno. Nas eleições distritais o FN ganhou 25,2% dos votos no primeiro turno das eleições, porém seus votos caíram para 22,5% no segundo turno. Não apenas a votação caiu do primeiro para o segundo turno, mas, ainda mais importante, parece que o FN não tem uma fórmula vencedora. Nas últimas eleições distritais, o partido lançou 1107 candidaturas, vencendo em 307 distritos no primeiro turno, e ser partido do primeiro turno, com mais votos em porcentagem, o FN não conseguiu capitalizar esses sucessos e não conquistou nenhuma região no segundo turno.

Existem também outras questões que me fazem ser cético em relação ao futuro do FN. Por exemplo, o partido não é moderno, apesar da tentativa de modernização e dos esforços para se profissionalizar, ele possui estruturas arcaicas, que dificilmente são concebíveis para um partido que concorre à presidência da França. Marine Le Pen é a líder absoluta do FN, assim como seu pai. Ela tanto nomeia seus fiéis,

⁵⁰⁴ TNS Sofres. Baromètre d'image du front national. Disponível em: <<http://www.tns-sofres.com/sites/default/files/2015.02.16-baro-fn.pdf>>; TNS-Sofres. Disponível em: <http://www.tns-sofres.com/_assets/files/2012.01.13-lepen.pdf>. Acesso em: 05/04/2017.

sobretudo seus amigos da família para posições importantes do partido, como também o dirige com punhos de ferro, assim como seu pai. Qualquer um que se oponha a ela ou à doutrina oficial é ameaçado de expulsão ou de fato expulso. Talvez esta seja a lição que a maioria dos partidos fascistas e de extrema direita não aprenderam até hoje, que o culto à personificação do ídolo faz com que o partido se limite, em detrimento de experiências de lideranças diferentes. Apesar de toda a admiração e do culto à personalidade em torno de seu nome, é necessário que novas personalidades tenham espaço no partido para que ele tenha capacidade de crescer organicamente. Em outras palavras, enquanto os quadros se limitarem a pessoas escolhidas a dedo, dificilmente o partido atrairá pessoas capazes de levar suas ideias para outro patamar.

Durante a presidência de Jean-Marie Le Pen, que também controlava o partido com mãos de ferro, ele lidou diversas vezes com alas insatisfeitas e com membros que buscavam maior espaço. Na década de 1990, por exemplo, Jean-Marie Le Pen foi desafiado pessoalmente por Bruno Mégret na maior crise do FN, o que levou a cisão do partido e fuga de parte considerável de seus militantes, o que também poderia acontecer com Marine Le Pen. Durante a crise dos Le Pen, vimos que Jean-Marie Le Pen atacou, ironicamente, a liderança de Marine Le Pen, que controlou a crise interna e expulsou o próprio pai do FN.

Tudo isso não quer dizer que o FN não permaneça influente. Em particular, se as múltiplas crises continuarem, Marine Le Pen e seu partido continuarão a encontrar um ambiente propício à prosperidade. Se o ambiente estrutural continuar sendo benéfico, é provável que o FN continue a desempenhar um papel importante na política francesa. A atual crise de refugiados, com centenas de milhares de refugiados atingindo as costas da UE, poderia dar ao FN um pretexto adicional não apenas para instrumentalizar seu programa anti-imigração, mas também para recrutar seguidores.

No entanto, prevejo que, mesmo que o ambiente estrutural continue a ser benéfico, o destaque do FN na opinião pública, o aumento de seus membros e dos resultados eleitorais estão chegando ao limite. Em sua composição atual, o FN provavelmente alcançou o maior número possível de pessoas. Em particular, em termos eleitorais, dificilmente ampliará seu apelo, além do sucesso atual. Isso não quer dizer, entretanto, que mais de 80 mil membros e 25% dos votos não sejam impressionantes para um partido de extrema direita, que foi, e provavelmente continuará a ser, um partido à margem do sistema político francês.

FONTES

BARDÈCHE, Maurice. La Nouvelle Droite. *Défense de l'Occident*, n. 167. Paris, jul-aug. 1979, p. 3-16.

_____. Le drame de l'Algérie. *Défense de l'Occident*, n. 32. Paris, apr. 1956, p. 3-9.

_____. *Qu'est-ce que le Fascisme?* Paris: Les Sept Couleurs, 1961.

BENOIST, Alain. *Pour un "Gramscisme de droite"*. Paris: GRECE; Éléments, 1977.

DUPRAT, François. *Les Mouvements d'extrême-droite en France depuis 1944*. Paris: Albatros, 1972.

_____. *Revue d'Histoire du fascisme*. Paris: Année Zéro, 1976.

FAYE, G. Pour un "Gramscisme de droite". Actes du XVIème Colloque national du G.R.E.C.E., Palais des congrès de Versailles, 29 nov. 1981.

FRONT NATIONAL DE LA JEUNESSE. Encore de l'incurite, toujours de l'insécurité, 2013. Disponible em: <<http://fn66.fr/tag/insecurite/>>. Acesso em: 15/07/2018.

_____. Nos Valeurs, 2011. Disponible em: <<http://www.fnjeunesse.fr/charte/nos-valeurs/>>. Acesso em: 19/02/2018.

_____. Pas de racaille dans nos quartiers, 2011. Disponible em: <<http://faj.hautetfort.com/archive/2010/12/21/nouvel-autocolant-faj-pas-de-racaille-dans-nos-quartiers.html>>. Acesso em: 25/03/2018.

_____. Retour the Nicolas a Toulouse: Les Jeunes avec Marine lui disent Merci, 2014. Disponible em: <<http://www.fnjeunesse.fr/2014/10/09/retour-de-nicolas-a-toulouse-les-jeunes-avec-marine-lui-disentmerci/>>. Acesso em: 15/07/2018.

FRONT NATIONAL. *Afin d'absorber notre dette: abroger la loi de 1973!* Paris: Front National, 2010. Disponible em: <<http://www.frontnational.com/videos/,Afin-d'absorber-notre-dette:-abroger-la-loi-de-1973!/>>. Acesso em: 12/12/2014.

_____. *Comment redresser les services publics*. Paris: Front National, 2010. Disponible em: <<http://www.frontnational.com/videos/comment-redresser-les-services-publics/>>. Acesso em: 09/11/2014.

_____. Défendre les Français. C'est le programme du Front National. *Supplement to Front National*, n. 3, feb. 1973.

_____. *Droite et démocratie économique*. Doctrine économique et sociale du Front National, 2nd edn (first published 1978). Paris: National Hebdo, 1984.

_____. Élection Présidentielle 2007: Programme, 2007. Disponible em: <<http://ipolitique.free.fr/francepolitique/lepen2007.pdf>>. Acesso em: 03/09/2016.

_____. En avant pour la révolution patriotique: La tournée de France Jamet en pays d'Oc. 2011. Disponible em: <<http://frontnational81.over-blog.com/article-en-avant-pour-la-revolution-patriotique-65722763.html>>. Acesso em: 23/02/2017.

_____. *Face à la crise, Sarkozy le président de l'inaction!* Paris, 2012.

_____. *Français passionnément.* Front National, une force pour la France, Paris, n.d. 2002.

_____. Gilbert Collard interpelle le gouvernement sur la situation d'insécurité de la ZUS de Saint-Pierre-du-Mont, 2013. Disponible em: <<http://www.frontnational.com/2013/10/gilbert-collard-interpelle-legouvernement-sur-la-situation-dinsecurite-de-la-zus-de-saint-pierre-du-mont/>>. Acesso em: 23/07/2016.

_____. Immigration les vrais chiffres. Paris: Front National, 2011. Disponible em: <<http://www.frontnational.com/videos/immigration-les-vrais-chiffres/>>. Acesso em: 03/01/2015.

_____. *Immigration: 50 mesures concrètes.* Les Français ont la parole. Paris, n.d. 1991.

_____. *Institut de Formation Nationale, Militer au Front.* Paris: Editions Nationales, 1991.

_____. Intervention de Marion Marechal Le Pen sur le mariage homosexuel, 2011. Disponible em: <<http://www.frontnational.com/videos/intervention-de-marion-marechal-le-pen-sur-le-mariage-homosexuel/>>. Acesso em: 13/08/2017.

_____. *La grande alternance em 2012, se construit em 2011.* Nations Press, 2011.

_____. *Le Grand Changement. Et si on essayait le Front National?* Paris, 1997.

_____. *Le National*, v. 14, 1980.

_____. *Le National*, v. 7, 1979.

_____. *Le National*, v. 8, 1979.

_____. *Le projet complet du Front National*, 2012. Disponible em: <<http://www.frontnational.com/le-projet-de-marine-le-pen/>>. Acesso em: 17/11/2015.

_____. Le ramadan arrêtons la compassion, 2014. Disponible em: <<http://www.frontnational86.fr/les-journalistes-et-le-ramadan-arretons-la-compassion/>>. Acesso em: 19/09/2018.

_____. L'islamisation du Loiret, 2014. Disponible em: <<http://www.fn-45.net/juin-septembre-2014/>>. Acesso em: 29/04/2017.

_____. Maastricht – Avant d'aller voter. Les questions que vous vous posez. Les réponses que vous recherchez. *Europe et Patries*, n. 46, sep. 1992.

_____. Maire de Lyon: je ne célébrerai pas de mariage gay, 2014. Disponible em:

<<http://www.fn69.fr/2013/06/maire-de-lyon-je-ne-celebrerai-pas-de-mariage-gay/>>.
Acesso em: 20/11/2017.

_____. *Marine Le Pen devant la tour Dexia*. Paris: Front National, 2010. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/videos/marine-le-pen-devant-la-tour-dexia/>>.
Acesso em: 18/12/2014.

_____. *Marine Le Pen lance le débat sur l'avenir du FMI*. Paris: Front National, 2010. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/?p=6965>>. Acesso em: 03/11/2014.

_____. *Militant*, v. 86, 1977.

_____. *Militant*. v. 99, 1978.

_____. *Militant*. v. 54, 1973, p. 89.

_____. *Militant*. v. 73, 1975.

_____. *Militant*. v. 98, 1978.

_____. *Militer au Front*. L'institut de Formation Nationale - Ifn, Editions Nationales, 1991.

_____. *Mon projet: pour la france et les français*. Paris, 2012.

_____. *Notre projet, Programme Politique du Front National*. Paris, 2012.

_____. *Pour la France. Programme du Front National*. Paris: Albatros, 1985.

_____. *Pour un avenir français. Le Programme de gouvernement du Front National*. Paris: Editions Godefroy de Bouillon, 2001.

_____. *Pour un avenir français: Le programme de gouvernement du Front national*. Paris: Godefroy de Bouillon, 2002.

_____. *Pour un référendum sur l'immigration*. Paris, n.d. 1985.

_____. *Privatisation de la poste: la position de Marine Le Pen*. Paris: Front National, 2010. Disponível em: <http://www.frontnational.com/videos/privatisation-de-la-poste-la-position-de-marine-le-pen/>>. Acesso em: 09/11/2014.

_____. *Programme du Front National*. Paris, 1974.

_____. *Programme du Front National: Europe*. Paris, n.d. 2002.

_____. *Programme pour la france des departements français d'outre-mer*. Paris, 2012.

_____. *Retraites: Sarko organise le chaos!* Paris: Front National, 2010. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/videos/retraites-sarko-organise-le-chaos/>>. Acesso em: 19/12/2014.

_____. Secrétariat Général du Front National. *Le Guide du responsable*, v. 1. Organisation, Paris: Editions Nationales, n.d.

_____. *Tournons la page. En avant pour la 6e République*, Paris, n.d. 1995.

_____. *Tout ce qu'il faut savoir sur la fin de l'euro*. Paris, 2012.

_____. *300 mesures pour la renaissance de la France*. Programme de gouvernement. Paris: Editions Nationales, 1993.

_____. 300 mesures pour la renaissance de la France, 2008. Disponível em: <www.frontnational.com/doc_id_immigration.php, 2008>. Acesso em: 13/05/2016.

_____. *UMP: un projet économique et social aux conséquences catastrophiques*. Paris, 2012.

_____. *Une âme pour la France: pour en Finir avec le Génocide Culturel*. Paris: Albatros, 1988.

_____. Le Front National de l'Indre: Défendons nos couleurs, 2013. Disponível em: <<http://frontnat36.hautefort.com/tag/immigration>>. Acesso em: 23/06/2018.

_____. Maire de Lyon: je ne célébrerai pas de mariage gay, 2014. Disponível em: <<http://www.fn69.fr/2013/06/maire-de-lyon-je-ne-celebrerai-pas-de-mariage-gay/>>. Acesso em: 15/10/2017.

_____. Programme Fraternité – Emploi, 2006. Disponível em: <http://www.frontnational.com/doc_frater_emploi.php 2006>. Acesso em: 27/10/2018.

_____. Réaction du Front National a la levée de l'immunité parlementaire de Marine Le Pen, 2013. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/2013/07/reaction-du-front-national-a-la-levée-de-limmunitéparlementaire-de-marine-le-pen/>>. Acesso em: 23/06/2018.

_____. Sécurité et Justice, 2008. Disponível em: <<http://frontnational.com/programmesecurite>>. Acesso em: 23/06/2018.

_____. Sécurité Sociale, 2008. Disponível em: <<http://frontnational.com/programmesecu.php>>. Acesso em: 23/06/2018.

_____. Tribune de Julien Glos. 2013. Disponível em: <<http://www.fn06.net/tribunede-julien-clos>>. Acesso em: 23/06/2018.

LE MONDE. 15 de maio de 1970. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/archives/article/1970/05/15/le-mouvement-ordre-nouveau-consacre-son-congres-au-regroupement-de-l-extreme-droite_2667748_1819218.html?xtmc=ordre_nouveau&xtcr=7>. Acesso em: 16/06/2014.

_____. 15 de maio de 1970. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/archives/article/1970/05/15/l-election-legislative-du-xiiearrondissement_2666922_1819218.html?xtmc=ordre_nouveau&xtcr=8>. Acesso em: 16/06/2014.

LE PEN, Jean-Marie. Conferência inaugural do Instituto de Formação Nacional. Discurso em 25 jan. 1989.

_____. Dossier Pour un vrai code de la nationalité. *National hebdomadaire*, n. 140, 26 mar au 1er avril 1987.

_____. Editorial, Identité, 1991, n. 1-2.

_____. *Etats et libertés: le défi*. Paris: Editions Albatros, 1989.

_____. *Les Français d'abord*. Paris: Carrère, 1984.

_____. *Volontaire*, v. 6, 1983.

LE PEN, Marine. Discurso de 13/03/12. Hénin Beaumont, 2012.

_____. Disponível em: http://www.nytimes.com/2014/04/02/world/europe/moderation-pays-off-for-a-far-right-party-in-france.html?_r=0. Acesso em: 10/05/2014.

_____. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/may/25/marine-le-pen-confidence-proves-vindicated-front-national> Acesso em: 10/05/2014.

_____. *À Contre flots*. Paris, Grancher. 2011

_____. *Mon Project Pour la France et les français: la voix du peuple, l'e esprit de la France*. Paris: Front National, 2012.

_____. *Pour que Vive La France*. Paris: Grancher, 2012.

LE PEN, Marion Márechal. Discurso de 09/06/2012. Vaucluse, 2012.

LEGISLAÇÃO FRANCESA. Code de l'entrée et du séjour des étrangers et du droit d'asile. Paris, 2014. Disponível em: <http://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do?cidTexte=LEGITEXT000006070158>. Acesso em: 19/12/2014.

_____. loi sur le voile. Paris, 2010. Disponível em: www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000023654701. Acesso em: 21/12/2014.

_____. loi sur le voile. Paris, 2011. Disponível em: <http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000022911670&categorieLien=id>. Acesso em: 21/12/2014.

MARCHI, Riccardo. Movimento Sociale Italiano, Alleanza Nazionale, Popolo della Liberta: do neofascismo ao pós-fascismo em Italia. *Análise Social*, v. XLVI (201), 2011, p. 697-717.

MÁRECHAL, Samuel. *Ni droite, ni gauche... Français! Contre la pensée unique: l'autre politique*. Paris: Première Ligne, 1994.

MÉGRET, Bruno. *L'Alternative nationale. Les priorités du Front National*. Editions

Nationales, Saint-Cloud, 1997.

_____. *La Flamme - Les voies de la renaissance*. Paris: Editions Robert Laffont, 1990.

_____. *La Nouvelle Europe. Pour la France et l'Europe des nations*. Editions Nationales, Saint-Cloud, 1998.

_____. *La troisième voie: pour un nouvel ordre économique et social*. D.E.F.I., Boulogne-Billancourt, 1997.

_____. *Le Chagrin et l'Espérance - Du FN au MNR*. Paris: Editions Cité Liberté, 1999.

_____. Le fiasco majeur de Balladur. *National-Hebdo*, v. 12, 1993.

MINISTÉRIO DO INTERIOR. Les résultats, 2015. Disponible em: <<http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats>>. Acesso em: 10/10/2017.

_____. Résultats des élections européens 2014, 2014. Disponible em: <[http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Lesresultats/Europeennes/elecresult__ER2014/\(path\)/ER2014/index.html](http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Lesresultats/Europeennes/elecresult__ER2014/(path)/ER2014/index.html)>. Acesso em: 10/10/2017.

_____. Résultats des élections régionales, 2015. Disponible em: <[p://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Regionales/elecresult__regionales-2015/%28path%29/regionales-2015/index.html](http://www.interieur.gouv.fr/Elections/Les-resultats/Regionales/elecresult__regionales-2015/%28path%29/regionales-2015/index.html)>. Acesso em: 10/10/2017.

NATIONAL HEBDO. Dossier Pour un vrai code de la nationalité. *National Hebdomadaire*, n. 140, 26 mars au 1er avril 1987.

_____. *L'Avenir nous appartient*. Paris: Editions National Hebdo, 1988.

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE, *Rapport d'activité 2010 de l'Office Français de l'Immigration et de l'Intégration*. Paris: OFII, 2010.

_____. *Rapport d'activité 2011 de l'Office Français de l'Immigration et de l'Intégration*. Paris, OFII, 2011.

_____. *Rapport d'activité 2012 de l'Office Français de l'Immigration et de l'Intégration*. Paris: OFII, 2012.

SERVICE PUBLIC. *Loi Regroupement Familial*. Paris, 2014. Disponible em: <<http://vosdroits.service-public.fr/particuliers/N11165.xhtml>>. Acesso em: 23/06/2015.

TNS_Sofres. 2013. Disponible em: <http://www.tns-sofres.com/_assets/files/2012.01.12-barofn.pdf>. Acesso em: 05/04/2017.

_____. 2013. Disponible em: <http://www.tns-sofres.com/_assets/files/2012.06.01-fn.pdf> 2013. Acesso em: 05/04/2017.

_____. 2015. Barome`tre d'image du front national. Disponible em: <<http://www.tns-sofres.com/sites/default/files/2015.02.16-baro-fn.pdf>>. Acesso em:

05/04/2017.

_____. 2012. <Disponível em: <http://www.tns-sofres.com/_assets/files/2012.01.13-lepen.pdf>. Acesso em: 05/04/2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Jacques. *The Jews of Paris and the Final Solution. Communal Response and Internal Conflicts, 1940-1944*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

ALBERTINI, Dominique & DOUCET, David. *Histoire du Front national*. Paris: Editions Tallandier, 2013.

ALGAZY, Joseph. *L'Extrême-droite en France de 1965 à 1984*. Paris: L'Harmattan, 1989.

_____. *La Tentation néo-fasciste en France de 1944 à 1965*. Paris: Fayard, 1984.

ANDERSON, M. *Conservative Politics in France 1880–1958*. London: George Allen & Unwin, 1974.

ART, David. *Inside the Radical Right: The Development of Anti-Immigrant Parties in Western Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BALENT, Magali. *Le Monde Selon Marine: La Politique Internationale du Front National*. Paris: Armand Colis, 2012.

BARBOSA, Jefferson. R. *Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma*. Marília, 2012, p. 199. Tese (Doutoramento em Ciências Políticas) – Universidade Estadual Paulista, 2012.

BARILLER, Damien & TIMMERMANS, Franck. *20 ans au Front: l'Histoire vraie du Front National*. Paris: Editions Nationales, 1994.

BASTOW, Steve. Front National economic policy: from neo-liberalism to protectionism? *Modern and Contemporary France*, v. 5, n. 1, 1997, p. 61-73.

BEGLEY, L. *O Caso Dreyfus: Ilha do Diabo, Guantánamo e o pesadelo da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BELL, David S. The French National Front. *History of European ideas*, v. 18, n. 2, 1994, p. 225-240.

BETZ, Hans-George. *Radical Right-Wing Populism in Western Europe*. New York: St. Martin's Press, 1994.

_____. The New Politics of Resentment: Radical Right-Wing Populist Parties in Western Europe. *Comparative Politics*, v. 25, n. 4. New York, 2011, p. 413-427.

BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.

BIRENBAUM, Guy. *Le Front National em Politique*. Paris: Balland, 1992.

_____. Les stratégies du front national. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 16, 1987, p. 3-20.

BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BOURSEILLER, Christophe. *Extrême Droite: l'enquête*. Paris: Editions François Bourin, 1991.

BRANDALISE, Carla. A Europa de direita radical. *Revista Humanas*, v. 22, n. 1/2. Porto Alegre, 1999, p. 77-108.

_____. Europes des patries: histórico da extrema direita europeia. *Revista Cena Internacional*, ano 7, n. 1. Brasília: UNB, 2005.

CAMBADÉLIS, Jean-Christophe; OSMOND, Eric. *La France blafarde. Une histoire politique de l'extrême Droite*. Paris: Plon, 1998

CAMUS, Jean-Yves. *Le Front National: Histoire et analyses*. Paris: O. Laurens, 1996.

_____. *Le Front Nationale*. Paris: Milan, 1998.

_____. Le nouvel ennemi: le monde arabo-musulman ou l'Islam. *Le Monde*, 23 jan. 2005.

_____. *Les Familles de L'extrême-droite*. Paris: Projet. 1985, 193, p. 29-38

_____. *L'extreme Droite Aujourd'Hui*. Paris: Editions Milan, 2003.

_____. Origine et formation du Front National (1972-1981). In: MAYER, N. & PERRINEAU, P. *Le Front National à découvert*. Paris: Presses de la FNSP, 1989.

_____ & MONZAT, Rene. *Les Droites nationales et radicales en France*. Répertoire critique. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1992.

CARVALHO, João. Promessas quebradas do Presidente Sarkozy políticas de controlo da imigração e integração francesas entre 2007 e 2012. Disponível em: <http://www.academia.edu/30871371/Promessas_quebradas_do_Presidente_Sarkozy_pol%C3%ADticas_de_controlo_da_imigra%C3%A7%C3%A3o_e_integra%C3%A7%C3%A3o_francesas_entre_2007_e_2012.pdf>. Acesso em: 23/05/2015.

CHIROUX, René. *L'Extrême-droite sous la Ve République*. Paris: Librairie Générale de Droit et de Jurisprudence, 1974.

CRÉPON, Sylvain. *Enquête au coeur du nouveau Front national*. Paris: Edition, Nouveau Monde Editions, 2013.

_____. *La nouvelle extrême droite – Enquête sur les jeunes militants du Front National*. Paris: L'Harmattan, 2006.

DAVIES, Peter. *France and the Second World War: Occupation, collaboration and resistance*. New York and London: Routledge, 2001.

_____. *The Extreme Right in France, 1789 to the Present: From the Maistre to Le Pen*. New York and London: Routledge, 2002.

_____. *The National Front in France: Ideology, Discourse, and Power*. New York: Routledge, 1999.

_____ & LYNCH, Derek. *The Routledge Companion to Fascism and the Far Right*. London: Routledge, 2002.

DECLAIR, Edward. *Politics on the Fringe: The People, Policies and Organization of the French National Front*. Durham: Duke University Press, 1999.

DELWIT, Pascal. *Le Front national. Mutations de l'extrême droite française*. Bruxelles: Université de Bruxelles, 2014.

DÉLY, Renaud. *Histoire secrète du Front National*. Paris: Éditeur Bernard Grasset, 1999.

DÉZÉ, Alexandre. *Le front national: à la conquête du pouvoir?* Paris: Armand Colin, 2012.

DIAS, Edmundo Fernando. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: DIAS, E. F. (Org.). *O Outro Gramsci*. 3ª ed. São Paulo, 1996, p. 9-59.

EATWELL, Roger. The rebirth of the extreme right in Western Europe. *Parliamentary Affairs*, v. 53, n. 3, 2000, p. 407-425.

_____ & MUDDLE, Cas. *Western Democracies and the New Extreme Right Challenge*. New York and London: Routledge, 2004.

FLECKER, Jörg. *Changing Working Life and the Appeal of the Extreme Right*. Great Britain: Ashgate, 2007.

FLORENTÍN, Manuel. *Guía de la Europa negra. Sesenta años de extrema derecha*. Madrid: Anaya & Mario Muchnik, 1994.

FONTES, Virginia. A sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e lutas teóricas na década de 1980. In: LIMA, J. C. & NEVES, L. M. W. *Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006.

_____. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.

FOURMAGE, Maxime. Le FN est-il un parti fasciste? *Que faire*. Paris, nov.-déc. 2010.

FRANCO DE ANDRADE, Guilherme I. *Uma nova Frente Nacional? O projeto político*

de *Marine Le Pen*. 1ª. ed. Porto Alegre: Edipuc, 2017.

_____. *François Duprat, l'homme qui inventa le Front National*. *Aedos* (Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, on-line), v. 5, p. 290-294, 2013.

_____. *O mundo visto da mais extrema-direita, do fascismo ao nacionalismo revolucionário*. *Cadernos do Tempo Presente*, v. 12, n. 1, p. 1-3, 2013.

GAUTIER, Jean-Paul. *Les extrêmes droites en France: De la traversée du désert à l'ascension du Front National (1945-2008)*. France: Editions Syllepse, 2009.

GILDEA, Robert. *France since 1945*. New York and Oxford: Oxford University Press, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Cadernos do cárcere*. Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. *Cadernos do cárcere*. Volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HAINSWORTH, Paul. *The Extreme Right in Western Europe*. New York: Routledge, 2008.

_____. *Far-right Parties and discourse in Europe: A challenge for our times*. Brussels: ENAR Foundation, 2012.

_____. *The Extreme Right in Europe and the USA*. London: Pinter, 1994.

_____. The extreme right in France: The rise and rise of Jean-Marie Le Pen's Front National. *Representation*, 40, 2004, p. 101-114.

_____. *The Politics of the Extreme Right: From the Margins to the Mainstream*. London: Pinter, 2000.

HANLEY, David L. *Contemporary France - Politics and society since 1945*. New York and London: Routledge, 1979.

HARRIS, Geoffrey. *The Dark Side of Europe*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1994.

HARVEY, Gene. S. *The French National Front: The Extremist Challenge to Democracy*. Boulder: Westview Press, 1996.

HEWLETT, Mark. Voting in the shadow of the crisis. The French presidential and parliamentary elections of 2012. *Modern and Contemporary France*, v. 20, n. 4, 2012, p. 403-420.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo:

Companhia das Letras, 1995.

_____. O Presente como História. In: HOBBSAWM, E. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 8ª Edição. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003.

HORNE, A. *A Savage War of Peace*. London: Penguin, 1985.

IGNAZI, Piero. *Extreme Right Parties in Western Europe*. New York and Oxford: Oxford University Press, 2003.

IGOUNET, V. *Le Front National. le parti, les hommes, les idées de 1972 à nos jours*. Paris: Seul, 2014.

IRVINE, William. French Royalists and Boulangism. In: *French Historical Studies*, v. 15, n. 3. Duke University Press, 1988, p. 395-405.

_____. *Royalism, Boulangism, and the Origins of the Radical Right in France*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1989.

JACKSON, Julian. *France: The Dark Years 1940–1944*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

JAMIN, Jaime. *L'imaginaire du Complot: Discours d'extrême droite en France et aux Etats-Unis*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009.

JAUFFRET, J.-C. & VAÏSSE, M. *Militaires et guérilla dans la guerre d'Algérie*. Bruxelles: André Versaille éditeur, 2012.

KEDWARD, Roderick. *Occupied France: Collaboration and Resistance (1940-1944)*. Oxford: Blackwell, 1989.

KITSCHOLT, H. Review Article: Growth and Persistence of the Radical Right in Postindustrial Democracies: Advances and Challenges in Comparative Research. *West European Politics*, v. 30, n. 5, 2007, p. 1176-1206.

_____. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. University of Michigan Press, 1995.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

LALLEMAND, Myriam. La métaphore sexuelle de Jean-Marie Le Pen. In: LESSELIER, Claudie & VENNÉ, Fiammetta (Eds.). *L'extrême droite et les femmes*. Villeurbanne: Golias, 1997.

LAROCHE, Françoise. Maréchale nous voilà! Le Cercle national des femmes d'Europe. In: LESSELIER, Claudie & VENNÉ, Fiammetta (Eds.): *L'extrême droite et les femmes*. Villeurbanne: Golias, 1997.

LEBOURG, Nicolas. Le monde vu de la plus extrême droite: Du fascisme au

nationalisme-révolutionnaire. P U DE PERPIGNAN edition, 2010.

_____. & BEAUREGARD, Joseph. *Dans L'ombre des Le Pen: Une Histoire des numéros 2 du FN*. Paris: Nouveau Monde edition, 2012.

_____. *François Duprat, l'homme qui inventa le Front National*. Paris: DENOEL edition, 2012.

LE MONDE. Ebola pour « régler » les problèmes d'immigration, une simple « observation ». Disponible em: <https://www.lemonde.fr/europeennes-2014/article/2014/05/21/pour-jean-marie-le-pen-le-virus-ebola-peut-regler-en-trois-mois-les-problemes-d-immigration_4422584_4350146.html>. Acesso em: 09/09/2018.

_____. Propos sur la « fournée » : Jean-Marie Le Pen renvoyé en correctionnell. Disponible em: <https://www.lemonde.fr/politique/article/2017/07/18/propos-sur-la-fournee-jean-marie-le-pen-renvoye-en-correctionnelle_5162005_823448.html>. Acesso em : 25/09/2018.

LESSELIER, Claudie & VENNER, Fiammetta (Eds.). *L'extrême droite et les femmes*. Villeurbanne: Golias, 1997.

LISZKAI, Laszlo. *Marine Le Pen: Um nouveau Front National?* Lausanne: Éditions Favre, 2011.

LOFF, Manuel. *O Nosso Século É Fascista! O Mundo Visto por Salazar e Franco (1936-1945)*. Porto: Campo das Letras, 2008.

LOWY, Michael. *Dez teses sobre a extrema direita na Europa*. Europe Solidaire sans Frontières, 2014. Disponible em: <<http://www.europe-solidaire.org/spip.php?article32128>>. Acesso em: 15/01/2015.

LUKÁCS, György. *El asalto a la razón La trayectoria de Irracionalismo desde Schelling hasta Hitler*. México: Fundo de Cultura Economica, 1959.

MARCILLY, Jean. *Le Pen sans bandeau*. Paris: Jacques Grancher editions, 1984.

MARCUS, Jonathan. *The National Front and French Politics: The resistible rise of Jean-Marie Le Pen*. London: Macmillan, 1995.

MARRUS, Michael & PAXTON, Robert O. *Vichy France and the Jews*. Stanford: Stanford University Press, 1995.

MATHIOT, Cédric. *Non, la France n'est pas le pays d'Europe qui accueille le plus d'immigration*. Paris: Libération, 2012.

MAYER, Nonna & MORRIS, Rosemary. *Is France Racist? Contemporary European History*, v. 5, n. 1, 1996, p. 119-127.

_____. & PERRINEAU, Pascal. *Le Front National à découvert*. Paris: Presses de la FNSP, 1989.

_____. & SINEAU, Mariette. *France: The Front National in Helga Amsberger, Rechtsextreme Parteien*, Leverkusen, Leske & Budrich, 2002.

MAZRUI, Ali & WOMDJI, Christophe. *História geral da África*, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.

MENY, Yves & SUREI, Yves. *Democracies and the populist challenge*. New York: Palgrave, 2002.

MESTRE, Abel & MONNOT, Caroline. *Le système Le Pen: enquête sur les réseaux du Front National*. France: Éditions Denoel, 2011.

MILZA, Pierre. *Fascisme français: passé et présent*. Paris: Flammarion, 1987.

_____. *L'Europe en chemise noire. Les extrêmes droites européennes de 1945 à aujourd'hui*. Paris: Fayard, 2002.

_____. Le Front national: droite extrême... ou national-populisme? In: SIRINELLI, J.-F. *Histoires des droites en France*, v. 1. Paris: Gallimard, 1992, p. 691-729.

MINKENBERG, Michael. *The radical right in Europe: a overview*. Bielefeld: Verlag Bertelsmann Stiftung, 2011.

_____. & PERRINEAU, Pascal. The Radical Right in the European Elections 2004. *International Political Science Review* (Revue internationale de science politique), v. 28, n. 1, 2007, p. 29-55.

MONNERET, J. *La guerre d'Algérie en trente-cinq questions*. L'Harmattan, 2008.

MONTAGNON, P. *La Guerre d'Algérie: genèse et engrenage d'une tragédie*. Paris: Pygmalion/Gérard Watelet, 1984.

MONZAT, Rene. *Enquêtes sur la droite extrême*. Paris: Le Monde-Éditions, 1992.

MUDDE, Cas. In the Name of the Peasantry, the Proletariat, and the People: Populisms in Eastern Europe. In: MENY, Y. & SUREL, Y. (Eds.). *Democracies and the populist challenge*. New York: Palgrave, 2002, p. 214-232.

_____. *Populist radical right parties in Europe*. New York: Cambridge University Press, 2007.

_____. *The ideology of the extreme right*. Manchester and New York: Manchester University Press, 2000.

_____. The war of words: defining the extreme right party family. *West European Politics*, 1996, p. 225-248.

NORRIS, Pippa. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Marketplace*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ÖZKIRIMLI, U. *Contemporary Debates on Nationalism: A Critical engagement*. England: Houndmills; New York: Palgrave, 2012.

_____. *Theories of Nationalism: A Critical Introduction*. Basingstoke; New York: Palgrave Macmillan, 2010.

PADRÓS, Enrique S. Os desafios do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. *Anos 90* (UFRGS), v. 11, n. 19/20. Porto Alegre, 2004, p. 199-223.

PAXTON, Robert. O. *Vichy France: Old Guard and New Order 1940-1944*. New York: Columbia University Press, 2001.

PERRINEAU, Pascal. *La France au Front*. Paris: Fayard, 2014.

_____. La renaissance électorale de l'électorat frontiste. Élections 2012, les électorats politiques, note n. 5, 2012. Disponível em: <<http://www.cevipof.com/fr/les-publications/notes-de-recherche/bdd/publication/966>>. Acesso em: 29/09/2014.

_____. Le Front National: un électorat autoritaire. *Reveu politique et parlementaire*, v. 87, 1985, p. 24-31.

_____. *Le Symptôme Le Pen: Radiographie Des Electeurs Du Front National*. Paris: Fayard, 1998.

_____. *Les croisés de la société fermée. L'Europe des extrêmes droites*. Paris: Editions de l'aube, 2001.

_____. *Politics in France and Europe*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

_____. The conditions for the re-emergence of an extreme right wing in France: the National Front 1984-98. In: ARNOLD, E. (Ed.). *The Development of the Radical Right in France: From Boulanger to Le Pen*. New York: St. Martin's Press, 2000.

PERRINEAU, P. & ROUBAN, L. (Dir.). *La politique en France et en Europe*. Paris: Les Presses de Science Po, 2007.

PERTUSOT, Vivien & RITTELMAYER, Yann-Sven. *The European elections in France: The paradox of a more European yet more Eurosceptic campaign*. EPIN Commentary n. 16, 2014. Disponível em: <<http://www.ceps.eu/book/european-elections-france-paradox-more-european-yet-more-eurosceptic-campaign>>. Acesso em: 03/10/2017.

PERVILLE, G. *Pour une histoire de la guerre d'Algérie*. France: Picard, 2002.

PETITFILS, Jean-Christian. *L'Extrême droite en France*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura: a III internacional face ao fascismo*. Volume I. Porto: Portucalense Editora, 1972.

_____. *Fascismo e Ditadura: a III internacional face ao fascismo*. Volume II. Porto: Portucalense Editora, 1972.

PROUST, Sarah. *Le Front National: Le hussard brun contre le République*. Paris: Le Bord de L'eau, 2013.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RÉMOND, René. Action française. In: KRITZMAN, Lawrence D. (Ed.). *The Columbia History of Twentieth-Century French Thought*. New York: Columbia University Press, 2006.

REUTERS. Comentários sobre Holocausto atingem candidatura presidencial de Marine Le Pen, 2017. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKBN17U311-OBRWD>>. Acesso em: 05/02/2018.

ROLLAT, Alain. *Les Hommes de l'extrême droite: Le Pen, Marie, Ortiz et les autres*. Paris: Calmann-Lévy, 1985.

ROUSSO, Henry. Sobre a história do tempo presente. *Revista Tempo e Argumento*, v. 1, n. 1. Florianópolis, 2009, p. 201-202.

RYDGREN, Jens. Immigration Sceptics, Xenophobes or Racists? Radical Right-Wing. In: *European Journal of Political Research*, v. 47, n. 6, 2008, p. 737-765.

_____. *The populist challenge: Political protest and ethno-nationalist mobilization in France*. New York and Oxford: Berghahn Books, 2004.

_____. The Sociology of the Radical Right. *Annual Review of Sociology*, v. 33, 2007, p. 241-262.

SAFRAN, William. State, Nation, National Identity, and Citizenship: France as a Test Case. *International Political Science Review* (Revue internationale de science politique), v.12, n. 3, 1991, p. 219-238.

SCHAIN, Martin. The impact of the French National Front on the French political system. In: SCHAIN, M.; ZOLBERG, A.; HOSSAY, P. (Eds.). *Shadows over Europe: The Development and Impact of the Extreme Right in Western Europe*. New York: Palgrave Macmillan, 2002.

_____. The National Front and the French party system. *French Politics and Society*, v. 17, p. 1-16, 1999.

SHIELDS, James G. Marine Le Pen and the "New" FN: A Change of Style or of Substance? *Parliamentary Affairs*, v. 66, n. 1, 2013, p. 179-196.

_____. Political Radicalism in France: Perspectives on a Protean Concept. *Introduction to above special issue of French Politics, Culture and Society*, v. 29, n. 3, 2011, p. 1-11.

_____. Political Representation in France: A Crisis of Democracy? *Parliamentary Affairs*, v. 59, n. 1, 2006, p. 118-37.

_____. Radical or Not So Radical? Tactical Variation in Core Policy Formation by the Front National. *French Politics, Culture and Society*, v. 29, n. 3, 2011, p. 78-100.

_____. Support for Le Pen in France: Two Elections in Trompe l'œil. *Politics*, v. 30, n. 1, 2010, p. 61-69.

_____. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York, Routledge, 2007.

_____. The Far-Right Vote in France: From Consolidation to Collapse. *French Politics, Culture and Society*, v. 28, n. 1, 2010, p. 25-45.

_____. The FN Industry – No Recession Here. *Modern and Contemporary France*, v. 7, n. 3, 1999, p. 377-82.

_____. The Front National at the polls: Transformational elections or the status quo reaffirmed? *French Politics*, v. 13, n. 4, 2015, p. 415-433.

_____. The Front National: From systematic Opposition to Systemic Integration. *Modern and Contemporary France*, v. 22, n. 4, 2014, p. 491-511.

_____. The Sarkozy Effect: France's New Presidential Dynamic. *Georgetown Journal of International Affairs*, v. 9, n. 1, 2008, p. 103-12.

SILVA, Glaydson José da. O mundo antigo visto por lentes contemporâneas: as extremas direitas na França nas décadas de 1980 e 90, ou da instrumentalidade da Antiguidade. *História*, v. 26. São Paulo, 2007, p. 98-118.

SILVERMAN, Maxim. *Deconstructing the Nation – Immigration, racism and citizenship in modern France*. London: Routledge, 1992.

SIMMONS, Harvey G. *The French National Front: The Extremist Challenge to Democracy*. Oxford: Westview, 1996.

SPEKTOROWSKI, Alberto. Ethnoregionalism: The Intellectual New Right and the Lega Nord. *The Global Review of Ethnopolitics*, v. 2, n. 3. Tel Aviv University, 2003, p. 55-70.

STERNHELL, Zeev. *Ni droite ni gauche. L'idéologie fasciste en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

STOCKEMER, Daniel & LAMONTAGNE, Bernadette. Right wing Extremism in France – Departmental differences in the vote for the national front. *Romanian Journal of Political Science*, v. 7, n. 2, p. 45-65, 2007.

STORA, B. *Les mots de la guerre d'Algérie*. Presses Universitaires du Mirail, 2005.

TAGGART, Paul. New populist parties in Western Europe. *West European Politics*, v. 18, n. 1, 1995. p. 34-51.

_____. Populism and representative politics in contemporary Europe. *Journal of Political Ideologies*, v. 9, n. 3, 2004, p. 269-288.

TAGUIEFF, P. A. *Le Nouveau National-Populisme*. Éditions CNRS, 2012.

_____. *O racismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

TROJANOWSKI, Elodie. *Le "nouveau" Front National: Etude de la nouvelle ligne du parti à travers le discours de Marine Le Pen*. Saarbrücken: Editions Universitaires Européennes, 2014.

VAN DER BRUG, Wouter. Why some anti-immigrant parties fail and others succeed: A two-step model of aggregate electoral support. *Comparative Political Studies*, v. 38, n. 5, p. 537-573.

VEUGELERS, John W. P. Right-Wing Extremism in Contemporary France: A "Silent Counterrevolution"? *The Sociological Quarterly*, v. 41, n. 1, 2000, p. 19-40.

_____. Social Cleavage and the Revival of Far-Right Parties: The Case of France's National Front. *Acta Sociologica*, v. 40, n. 1, 1997, p. 31-49.

VIVAS, Maxime & VIVAS, Frédéric. *Marine Le Pen amène le Pire*. Villeurbanne: Éditions Golias, 2014.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. (Org.). *Neonazismo, Negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

_____. O ressurgimento da extrema-direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional. In: MILMAN, Luis & VIZENTINI, Paulo F. (Org.). *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

VON MERING, Sabine & MCCARTY, Timothy W. *Right wing radicalism today. Perspectives from Europe and the US*. London: Routledge, 2013.

WARNER, Geoffrey. *Pierre Laval and the Eclipse of France*. New York: The Macmillan Company, 1968.

WIEVIORKA, Michel. *La France Raciste*. Paris: Le Seuil, 1992.

_____. *Le Front National: entre extrémisme, populisme et démocratie*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2013.

_____. *Une société fragmentée? Le multiculturalisme en débat*. Paris: La Découverte, 1997.

WILLIAMS, Michelle. A new era for French far right politics? Comparing the FN under two Le Pens. *Análise Social*, v. XLVI (201), 2011.

_____. *The Impact of Radical Right-Wing Parties in West European Democracies*. New York: Palgrave, 2006.

WINOCK, Michel. *Histoire de l'extrême-droite en France*. Paris, Éditions du Seuil, 1994.

_____. *Nationalism, Anti-Semitism, and Fascism in France*. California: Stanford University Press, 1998.

_____. *Nationalisme, antisémitisme et fascisme en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.

_____. Populismes français. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 56, 1997, p. 77-91.

WRIGHT, G. *France in Modern Times: From the Enlightenment to the Present*. New York: Norton, 1981.

ZUQUETE, José Pedro. Novos tempos, novos ventos? A extrema-direita europeia e o Islão. *Análise Social*, v. XLVI (201), 2011, p. 653-677.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br